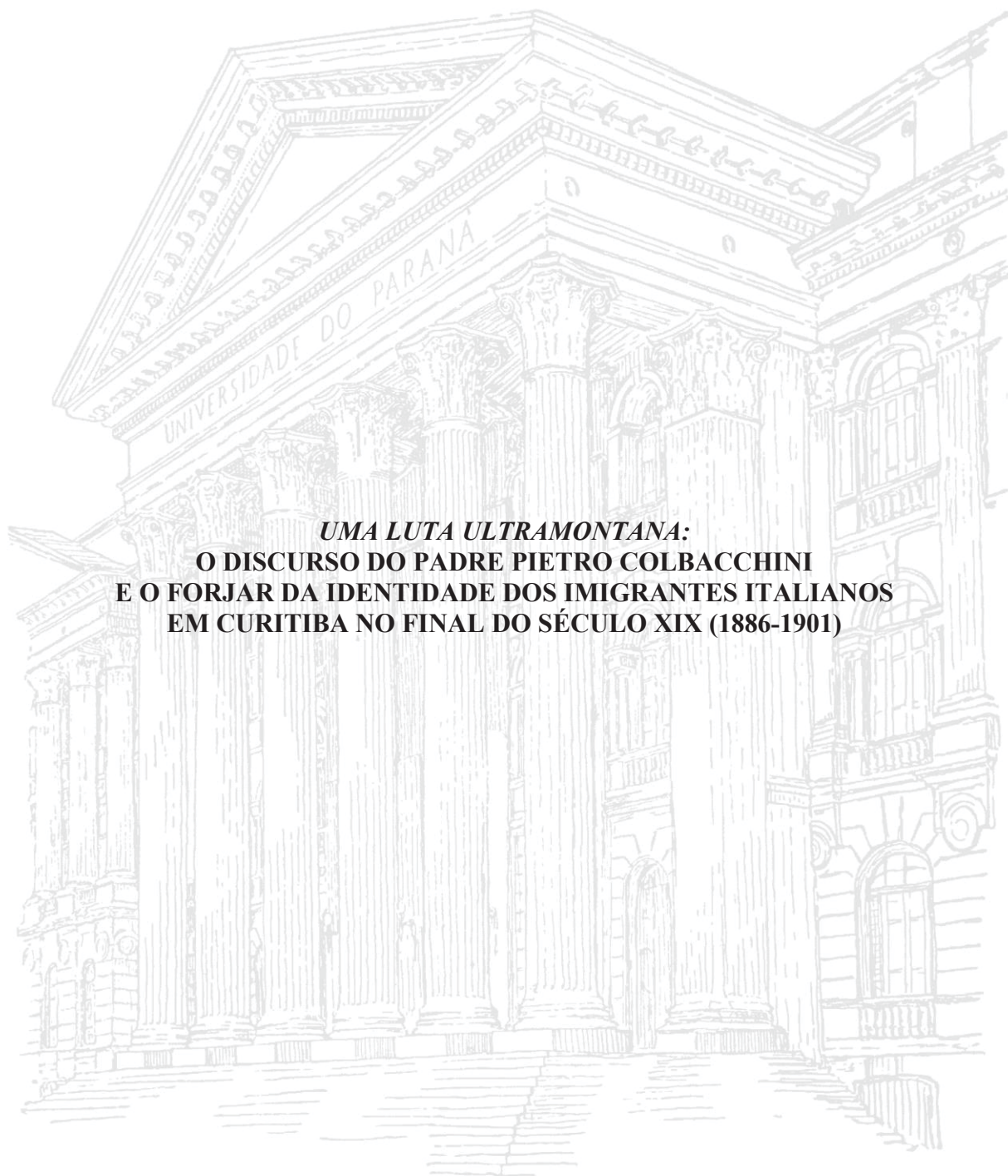


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FÁBIO LUIZ MACHIOSKI



***UMA LUTA ULTRAMONTANA:
O DISCURSO DO PADRE PIETRO COLBACCHINI
E O FORJAR DA IDENTIDADE DOS IMIGRANTES ITALIANOS
EM CURITIBA NO FINAL DO SÉCULO XIX (1886-1901)***

CURITIBA

2018

FÁBIO LUIZ MACHIOSKI

UMA LUTA ULTRAMONTANA:
O DISCURSO DO PADRE PIETRO COLBACCHINI
E O FORJAR DA IDENTIDADE DOS IMIGRANTES ITALIANOS
EM CURITIBA NO FINAL DO SÉCULO XIX (1886-1901)

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Gonçalves.

CURITIBA
2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/ UFPR
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO (A) AUTOR(A)
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
Bibliotecário: Rita de Cássia Alves de Souza – CRB-9/ 816

Machioski, Fábio Luiz.

Uma luta ultramontana: o discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901). / Fábio Luiz Machioski. – Curitiba, 2018.

201 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História.
Orientador: Prof. Dr. Marcos Gonçalves.

1. Imigrantes italianos – Paraná - História. 2. Paraná – População - História.
I. Gonçalves, Marcos (Orient.). II. Título. III. Universidade Federal do Paraná.

CDD 929.2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FABIO LUIZ MACHIOSKI**, intitulada: **UMA LUTA ULTRAMONTANA: O DISCURSO DO PADRE PIETRO COLBACCHINI E O FORJAR DA IDENTIDADE DOS IMIGRANTES ITALIANOS EM CURITIBA NO FINAL DO SÉCULO XIX (1886-1901)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Março de 2018.



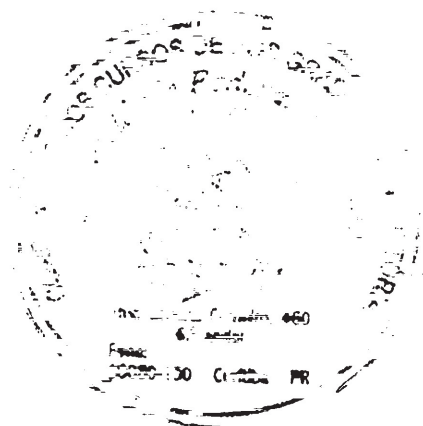
MARCOS GONÇALVES(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)



FABIO AUGUSTO SCARPIM(Uniandrade)



ROSELI TERÉZINHA BOSCHILIA(UFPR)



Em memória de minha nonna Aurora,
que muito me ensinou sobre italianidade.
Aos meus pais Miguel e Cleonice,
que sempre me incentivam a continuar.
Aos meus amores, Renata e Cecília,
que são a inspiração do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de me renovar a cada dia, mesmo diante dos imprevistos que surgem durante o caminhar. Enfim, por me ensinar que existe um tempo para cada coisa.

Ao meu orientador professor Marcos Gonçalves que acreditou na elaboração da presente pesquisa e colaborou de várias maneiras, seja partilhando seu conhecimento por meio das indicações de leituras e correções, ou mesmo, através de suas conversas e brincadeiras. Agradeço pela sua acolhida, seu profissionalismo e paciência.

Ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão da bolsa de estudos durante este período de 2 anos.

A todos os professores do curso de Pós-graduação em História da UFPR, principalmente aos que integram a linha de pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História, por terem aceito o meu projeto. De maneira especial as professoras Karina Kosicki Bellotti, Marionilde Dias Brepohl Magalhães e Renata Senna Garraffoni, e novamente ao professor Marcos, pelo conhecimento dispensado por meio das disciplinas que pude frequentar durante o curso. Da mesma forma, ao professor visitante Paulo Augusto Tamanini pelas suas aulas sobre religião e a construção das sociabilidades privadas. Também ao professor Sergio Odilon Nadalin, que depois de ter me orientado na graduação, teve a oportunidade de fazer suas contribuições ao presente trabalho junto à disciplina de Seminário I.

Aos professores Fábio Augusto Scarpim e Roseli Boschilia, dois grandes estudiosos da história da imigração no Paraná, pelas valiosas observações, sugestões de leituras e indicações de fontes oferecidas no momento da qualificação desta dissertação.

Aos colegas que tive a oportunidade de conhecer: Alexandre, Ana Luísa, Barbara, Camila, Gabriel, Gilvani, Lourenço, Luan, Luis Felipe, Matheus, Naiara e Rhuan. Obrigado pelo apoio, convívio, sugestões e trocas de ideias, tenham certeza que cada um me ajudou à sua maneira. De modo especial a Barbara, Gilvani, Luan, Luis Felipe e Rhuan, por partilharem momentos de expectativa e ansiedade diante das atividades a se cumprir.

Meu mais sincero agradecimento também ao padre Giovanni Terragni, responsável pelo Arquivo Geral da Congregação Scalabriniana em Roma, que gentilmente disponibilizou o acesso a sua obra que reuniu todos os escritos do missionário italiano Pietro Colbacchini. Grazie Mille!

A Maria Cristina Parzwski que sempre foi muito atenciosa e prestativa em resolver as questões burocráticas junto à secretaria da pós-graduação.

Aos meus colegas de trabalho do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Colombo. Em especial a Lucile de Carvalho Motin por ter acompanhado de perto a elaboração desta dissertação e me ajudado de todas as maneiras possíveis. Também a Bruno, Douglas, Junior, Kauan, Lucas e Raul, estagiários que passaram pelo Museu Municipal Cristoforo Colombo neste período.

Aos meus amigos Alexsandro, Guilherme, Roberson e Roberto por compreenderem meus momentos de renúncias e torcerem por mim. A Amerisa que sempre esteve pronta a escutar meus receios para depois dar sempre os melhores conselhos.

Aos membros da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia e da Associazione Veneti nel Mondo – Colombo. Sobretudo, agradeço a Bernadete, Caio, Maristela, Marta, Rafael e Rosangela, pela dedicação em preservar a memória dos imigrantes italianos. De forma muito especial, aos meus amigos e compadres, Edilson e Elaine, Diego e Francieli, pela paixão que mantém pelo estudo da história e da cultura da imigração italiana, pelas leituras e sugestões, por compartilharem suas fontes de pesquisa, meu muitíssimo obrigado. Com certeza o apoio, a amizade e o exemplo de vocês se fez presente de muitas formas nas linhas deste trabalho.

Àqueles que eu considero minha segunda família, Renato e Cleide, Augusto e Madalena, agradeço pelo respeito e incentivo de todas as horas.

Aos meus queridos e amados pais, Miguel e Cleonice, e meus irmãos Gian, Giovanni e Guilherme. Obrigado por me encorajarem, por acreditarem em mim, por me incentivarem a não desistir, por partilharem dos momentos de angústia, incertezas e dificuldades. Obrigado por toda dedicação e amor, graças a vocês pude chegar até aqui.

A minha amada esposa Renata que percorreu comigo todo o caminho em busca desta realização. Agradeço pelo seu companheirismo, por estar sempre ao meu lado, por me incentivar e sonhar os meus sonhos. Enfim, por tudo que vivemos neste tempo, principalmente pela chegada de nossa filha, a pequena Cecília, a quem amamos a cada dia mais. Sem vocês para amar nada disso teria sentido. Allora, attraverssiamo!

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades, pessoais e singulares, entram como que no palco do mundo onde antes não eram visíveis.

HANNAH ARENDT

RESUMO

A presente dissertação tem como principal objetivo investigar o processo de construção da identidade etnocultural dos imigrantes italianos que se fixaram no entorno de Curitiba no final do século XIX. Mais especificamente, almeja compreender como o discurso do padre Pietro Colbacchini, missionário católico que exerceu a função de líder espiritual junto aos colonos de origem italiana instalados na região, influenciou no processo de identificação coletiva dos indivíduos que pertenciam a este determinado grupo étnico. Sendo assim, a elaboração deste trabalho se deu, sobretudo, por meio do estudo dos escritos produzidos por este sacerdote italiano durante os anos de 1886 e 1901. Nessa direção, foi adotada como metodologia de pesquisa a análise do discurso, a fim de identificar qual modelo específico de identidade étnica o referido representante do catolicismo difundia nas colônias italianas do Paraná. Desta maneira, foi possível perceber as disputas que se deram por meio das relações de poder criadas entre o discurso particular deste religioso e as demais formas de construção da italianidade que também eram promovidas em meio a coletividade italiana de Curitiba naquele período. Assim, pode-se constatar que a identidade etnocultural dos imigrantes italianos foi construída pela afirmação da diferença, ou seja, pela produção de alteridade, da dicotomia nós/eles, tendo como marca identitária a prática religiosa, que serviu como um signo de etnicidade para o grupo. Contudo, ao verificar que existiram também outros modelos de representação discursiva de como afirmar a identidade italiana na região, pode-se compreender, que mesmo a maioria dos imigrantes dessa origem étnica tendo se apropriado do modelo de italianidade pautado na catolicidade, isso não aconteceu de maneira passiva, mas sim por meio de um processo de negociação e de resistências. Portanto, esta pesquisa histórica procurou demonstrar como o discurso promovido por Colbacchini, que se apoiava na prática da religião católica e no ultramontanismo, teve que disputar a adesão dos colonos italianos com outras formas de representar a italianidade a fim de forjar a identidade cultural dos imigrantes que pertenciam a este grupo étnico.

Palavras chaves: Discurso Ultramontano, Pietro Colbacchini, Imigração Italiana, Identidade Etnocultural, Relações de Poder.

RIASSUNTO

La presente dissertazione ha come obiettivo principale quello di indagare sul processo di costruzione dell'identità etnoculturale degli immigrati italiani insediati nei dintorni di Curitiba alla fine del XIX secolo. Più specificamente, desidera capire come il discorso del prete Pietro Colbacchini, missionario cattolico che ha esercitato la funzione di capo spirituale insieme ai coloni di origine italiana installati nella regione, ha influenzato nel processo di identificazione collettiva dei individui che appartenevano a questo gruppo etnico particolare. Così, l'elaborazione di questo lavoro è avvenuta principalmente attraverso lo studio degli scritti prodotti da questo sacerdote italiano tra gli anni 1886 e 1901. In questa direzione, l'analisi del discorso è stata adottata come metodologia di ricerca per identificare qual'è stato il modello specifico di identità etnica che il suddetto rappresentante del cattolicesimo ha diffuso nelle colonie italiane del Paraná. In questo modo, è stato possibile percepire le dispute che hanno avute attraverso le relazioni di potere creati tra il discorso particolare di questo religioso e le altre forme di costruzione dell'italianità che anche sono state promosse insieme il collettivo italiano di Curitiba di quel periodo. Così, si è potuto vedere che l'identità etnoculturale degli immigrati italiani è stata costruita dall'affermazione della differenza, cioè dalla produzione di alterità, nella dicotomia noi/loro, avendo come indizio di identità la pratica religiosa, che ha servito come segno di appartenenza etnica per il gruppo. Tuttavia, mentre si è verificato che c'erano altri modelli di rappresentazione discorsiva di come affermare l'identità italiana nella regione, si è potuto capire che la maggior parte degli immigrati di questa origine etnica si è adattato al modello di italianità basato sulla cattolicità, ma che questo non è accaduto in modo passivo, ma attraverso un processo di negoziazione e resistenze. Dunque, questa ricerca storica ha cercato di dimostrare come il discorso promosso da Colbacchini, basato sulla pratica della religione cattolica e nel ultramontanismo, ha dovuto di disputare l'adesione dei coloni italiani con altre forme di rappresentazione dell'italianità al fine di forgiare l'identità culturale degli immigrati che appartenevano a questo gruppo etnico.

Parole chiavi: Discorso Ultramontano, Pietro Colbacchini, Immigrazione Italiana, Identità Etnoculturale, Relazioni di Potere.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - REGIÕES SETENTRIONAIS ITALIANAS FORNECEDORAS DE EMIGRANTES.....	68
MAPA 2 – PROVÍNCIAS DA REGIÃO DO VENETO PÓS-UNIFICAÇÃO.....	72
MAPA 3 – REGIÃO ITALIANA DO VÊNETO E SUAS PROVÍNCIAS.....	92

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – PROCEDÊNCIA DOS IMIGRANTES ITALIANOS DE COLOMBO.....	93
---	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PROSPECTO DAS COLÔNIAS ITALIANAS DO PARANÁ.....	91
FIGURA 2 – FOTO DE PADRE PIETRO COLBACCHNI.....	102
FIGURA 3 – CAPA DO “DISCORSO DI CONGEDO” DE 1894.....	161
FIGURA 4 – CAPA DA “GUIDA SPIRITUALE PER L’IMIGRATO ITALIANO” DE 1896.....	162

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1.1 A CONSOLIDAÇÃO DO ULTRAMONTANISMO NO SÉCULO XIX.....	27
1.1 A Revolução Francesa e as raízes do pensamento ultramontano.....	28
1.2 A unificação italiana e a Questão Romana.....	41
1.3 O ultramontanismo clássico e a afirmação do modelo tridentino de Igreja.....	49
2. A IMIGRAÇÃO E A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO PARANÁ.....	61
2.1 A grande emigração na região italiana do Vêneto.....	63
2.2 A colonização Vêneta no Paraná.....	78
2.3 Um missionário em favor dos vênnetos em Curitiba.....	94
3. O DISCURSO ULTRAMONTANO DE COLBACCHINI E O FORJAR DE UMA IDENTIDADE ITALIANA EM CURITIBA.....	108
3.1 Entre católicos e liberais: o confronto entre diferentes modelos de italianidade...109	
3.2 O perigo do catolicismo brasileiro.....	126
3.3 A luta contra os inimigos da catolicidade imigrante.....	145
3.4 A construção da identidade entre representação e resistências.....	166
3.4.1 <i>A negociação, a transitoriedade e a pluralidade da identidade imigrante</i>	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
FONTES.....	187
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	190
ANEXOS.....	197

INTRODUÇÃO

A presente dissertação almeja ampliar a discussão historiográfica sobre os estudos imigratórios, particularmente sobre a colonização italiana no Paraná. Mais especificamente, tem como foco investigar como se deu o processo de construção da identidade étnica dos imigrantes italianos que se instalaram no entorno da capital paranaense no final do século XIX.

Sendo assim, o principal objetivo desta pesquisa é perceber quais foram os confrontos que se deram no campo discursivo que permitiram aos estrangeiros da referida origem étnica se apropriar de um sentimento de identificação coletiva e, conseqüentemente, dessa forma organizar a vida social no novo mundo. Em outras palavras, procurou-se detectar os meios pelos quais se deu o forjar da identidade etnocultural desses italianos que imigraram para as terras paranaenses.¹

Podemos afirmar, que se trata de uma temática clássica para historiografia brasileira, já que vários trabalhos se dedicaram ao estudo dos diversos grupos imigrantes que aqui se instalaram. Particularmente, em relação aos italianos, muitas pesquisas abordando as mais variadas temáticas foram e vem sendo realizadas, sobretudo nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, onde a imigração desses estrangeiros ocorreu em maior número.

No Paraná, de forma mais ou menos exaustiva, desde a década de 1970, os imigrantes italianos, ao lado dos alemães, poloneses, ucranianos, e outros grupos étnicos, também são objeto de investigação.² A princípio esses estudos foram desenvolvidos por meio de análises demográficas, pois havia naquele momento uma tentativa por parte da historiografia de reconstituir a formação populacional da sociedade paranaense.³

De certa maneira, as reflexões que serão apresentadas no presente trabalho têm como ponto de partida os resultados desses primeiros estudos realizados sobre o tema da imigração regional. Isso porque, ao realizarmos uma pesquisa anterior, sobre a preservação da identidade cultural dos imigrantes italianos que se instalaram nas colônias que deram origem ao município

¹ Optamos pelo uso do termo etnocultural, pois, acreditamos ser um conceito que define o processo de identificação social por meio do qual um grupo de indivíduos, de uma mesma origem étnica, constrói um sentimento de pertença coletiva com o objetivo de se auto reconhecer e diferenciar em meio a diversidade existente em uma sociedade multicultural. Sendo assim, estamos considerando, que a construção de uma identidade étnica, é uma forma, dentre outras, de identificação sociocultural.

² ANDREAZZA, Maria Luiza & NADALIN, Sergio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 11, n.1: pp. 61-87, jan/jun. 1994, p. 62.

³ Sobre os estudos de imigração realizados no Paraná por meio da metodologia da Demografia Histórica, a partir da reconstituição de famílias, podemos citar: NADALIN (1974); BALHANA (1977); RANZI (1996) e ANDREAZZA (1999).

de Colombo, na região metropolitana de Curitiba, também nós fizemos uso da metodologia da reconstrução de famílias conforme é utilizada pela Demografia Histórica.⁴

Naquela ocasião, pudemos perceber como a religião foi o principal elemento para a constituição da identidade étnica daquele grupo imigrante, fato que certamente serviu de inspiração para elaboração do presente trabalho. Porém, o que se pretende é lançar um novo olhar sobre o tema, problematizando o discurso religioso frente aos demais discursos que estavam presentes no processo imigratório, a fim de perceber neles as disputas de poder que proporcionaram o forjar da identidade dos italianos no Paraná.⁵

Especificamente, sobre a investigação histórica da presença italiana em território paranaense, devemos destacar os estudos desenvolvidos pela historiadora Altiva Pilatti Balhana, que do final dos anos 50 ao início dos anos 90, produziu diversos trabalhos sobre o tema, tendo como espaço privilegiado de suas análises a colônia de Santa Felicidade em Curitiba.⁶

Mais recentemente, ainda no que se refere a imigração italiana no Paraná, os estudos elaborados por outros dois pesquisadores merecem ser citados. Primeiramente, podemos destacar o trabalho desenvolvido pela professora Elaine Cátia Falcade Maschio, que tem se dedicado à temática da educação nas colônias italianas instaladas no entorno da capital paranaense.⁷ Por meio de sua tese defendida em 2012, intitulada “A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de *italianità* e *brasilità* (1875 – 1930), a pesquisadora analisou como se deu o processo de escolarização nos núcleos coloniais criados na região.

Como resultado de sua pesquisa, Maschio constatou que se fizeram presentes vários modelos de escolas entre os imigrantes italianos, entre elas instituições públicas, étnico-comunitárias, italianas laicas e confessionais católicas. Essa realidade nos levou a considerar que, conseqüentemente, haviam também uma variedade de discursos institucionais, entre eles

⁴ MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A preservação da identidade cultural em um grupo imigrante italiano, Curato de Colombo, 1888-1910.** Monografia (Graduação em História) - UFPR, Curitiba, 2004.

⁵ Segundo o historiador Paulo Augusto Tamanini, o discurso religioso tornou-se ‘fonte’ e ‘documento’ importantes para a historiografia, pois permitem observar mecanismos de poder num contexto de dominação, vigilância, normas, preceitos, na formação dos sujeitos. TAMANINI, Paulo Augusto. Silêncio que fala - discurso de disciplinarização na formação religiosa institucional. In: FLORES, Maria Bernardete R.; BRANCHER, Ana Lize. (Org.). **Historiografia 35 anos.** Florianópolis: Letras Contemporâneas Oficina Editorial Ltda, 2011, p. 164.

⁶ Destacamos aqui os seguintes trabalhos da pesquisadora: BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade:** um processo de assimilação. Curitiba: 1958; e **Santa Felicidade:** uma paróquia vêneta no Brasil. Curitiba: 1978; assim como seus demais estudos reunidos nos três volumes de **Un Mazzolino di Fiori**, organizados por WESTPHALEN, 2002.

⁷ Como fruto de sua dissertação de mestrado a pesquisadora publicou o livro: MASCHIO, Elaine C. F. **Escolarização Pública e Imigração Italiana:** A constituição do ensino elementar das colônias ao município (1882 – 1912). Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

o laico e o religioso, que por sua vez influenciavam a constituição identitária desses estrangeiros alocados no entorno da capital paranaense.

É exatamente sobre os contrastes que existiram entre esses diferentes discursos, o católico, especificamente a sua vertente ultramontana, e os seus divergentes, e conseqüentemente, a influência que eles exerceram no processo de formação do sentimento de pertença coletiva, que se deu entre esses imigrantes italianos vindos para o Paraná, que vamos nos ocupar aqui. Entre os projetos divergentes podemos citar de antemão o modelo de catolicismo brasileiro, que se afastava do modelo ultramontano difundido na Itália, como também os discursos laicos com conotações fortemente nacionalistas, liberais e anticlericais, também trazidos pelos imigrantes dessa origem.

Um segundo trabalho que queremos destacar é o realizado pelo historiador Fábio Augusto Scarpim. Recentemente este pesquisador defendeu sua tese, intitulada “O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – Paraná, 1937-1965)”.⁸ Neste estudo, o autor investigou o modelo de família adotado pelos estrangeiros e descendentes desta etnia que se instalaram nas colônias criadas no município paranaense de Campo Largo.

Em sua pesquisa, Scarpim percebeu a relevância que o discurso promovido pela Igreja Católica teve durante o processo de reconstrução identitária do grupo imigrante. Segundo ele, a vivência do modelo de catolicismo pregado pelos representantes da referida instituição contribuiu para a reconstituição do modelo de “civilização paroquial” trazido pelos imigrantes da pátria de origem. Este modelo, reconstruído no local de destino, adquiriu características pautadas no binômio fé/italianidade, que exerceu papel fundamental no processo de identificação desses italianos instalados no Paraná.

Essas afirmações nos motivaram a investigar as especificidades do discurso religioso do padre italiano Pietro Colbacchini. Como veremos, este missionário, mesmo não sendo o primeiro, foi um dos mais expressivos representantes do catolicismo a atuar junto dos imigrantes dessa origem, isso quando os mesmos ainda se fixavam no entorno de Curitiba.⁹

⁸ SCARPIM, Fábio Augusto. **O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – Paraná, 1937-1965)**. Tese (Doutorado em História) – UFPR, Curitiba, 2017.

⁹ Ao longo do texto, ao fazer referência a função desempenhada por Pietro Colbacchini, faremos uso de três termos: padre, aquele que recebeu ordenação sacerdotal pela instituição católica, ou seja, sacerdote comum que foi ordenado nesta igreja; sacerdote, autoridade ou ministro religioso, habilitado para dirigir ou participar em rituais sagrados de uma religião, com poder instituído de administrar os ritos religiosos; e missionário, aquele que se dedica a ensinar e pregar uma religião. Sendo assim, todo padre é sacerdote, e eventualmente, pode ser também missionário, como veremos ter sido o caso de Colbacchini, mas nem todo sacerdote e missionário é padre. Portanto, estamos conscientes de que se tratam de funções distintas, por isso alertamos os leitores que os mesmos não estão

Nessa direção, começamos a nos questionar que modelo específico de discurso esse sacerdote católico propagava, e se era aceito como hegemônico, ou de que maneira ele disputava a adesão dos italianos com outros modelos discursivos presentes durante o processo de construção da identidade etnocultural desses indivíduos.

Também nós, em um outro estudo realizado anteriormente, por meio de entrevistas com descendentes dos italianos que se fixaram nas colônias de Colombo, pudemos constatar entre eles um forte sentimento de pertença baseado na simbiose entre catolicidade e italianidade.¹⁰ Essa afirmação identitária, com base no binômio constituído pela religião e pela etnicidade, estava presente no depoimento daqueles descendentes da seguinte maneira: católicos porque italianos e italianos porque católicos. Em outras palavras, a manutenção da italianidade estaria condicionada a prática da fé católica, e a vivência do catolicismo era uma característica fundamental do sentimento de pertença para aquele determinado grupo étnico.

Paralelamente, as leituras de outras produções historiográficas sobre o processo de construção da italianidade em terras brasileiras, especialmente no sul do país, também serviram de motivação para este trabalho.¹¹ Sobretudo o estudo de Clarícia Otto, realizado em Santa Catarina, que evidencia que a ideia de que o imigrante italiano caracterizado como profundamente católico foi uma construção histórica, resultado do choque entre vários discursos institucionais que tinham diferentes concepções sobre as bases da identidade étnica desses indivíduos, despertou o nosso interesse em verificar como se deu esse processo na região de colonização italiana do Paraná. Desta maneira, é que fomos conduzidos a conceber a presente pesquisa.

Para realização da mesma, estabelecemos como baliza temporal inicial o ano de 1886, data da chegada de Colbacchini em Curitiba, e conseqüentemente, do início da promoção de seu discurso na região com o objetivo de fornecer assistência religiosa aos italianos que aí já haviam se instalado em grande número. Porém, adiantamos que esse marco temporal não foi adotado por nós de maneira rígida, já que a fim de visitar os antecedentes e perceber todo processo migratório, tivemos que recuar até a década de 1870, época em que se iniciou a

sendo usados como sinônimos, mas sim são intercalados pelo fato de Colbacchini ter acumulado em sua ação religiosa as três atividades.

¹⁰ MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A prática da religião católica e a preservação da identidade étnica italiana no Município de Colombo, Paraná, 1878-2008**. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) - UTP, Curitiba, 2008. Parte da pesquisa foi publicada In: MASCHIO, Elaine C. F. (Org.). **Memórias de uma colônia italiana: Colombo – Paraná (1878-2013)**. Porto Alegre: EST Edições, 2013.

¹¹ Entre elas podemos citar as obras: POSSAMAI, Paulo. **Dall'Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)**. Passo Fundo: UPF, 2004. Também OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

criação das colônias italianas no Paraná, primeiramente no litoral e logo depois no entorno da capital da província.

Por sua vez, definimos o ano de 1901 como limite final para o nosso estudo, já que as principais fontes que adotamos para a nossa investigação foram produzidas até esta data. Tratam-se principalmente de cartas, relatórios, uma homilia e um guia espiritual, escritos pelo próprio padre Pietro Colbacchini, sacerdote católico que, como já citamos, organizou a prática religiosa dos imigrantes que se estabeleceram nas colônias italianas instaladas ao redor da capital paranaense. O referido missionário, que chegou ao Paraná em meados da década de 1880, rapidamente se tornou o líder religioso dos italianos que se estabeleceram na região.

Nesse sentido, o principal objetivo desta dissertação foi analisar as relações de poder que existiram entre o discurso deste legítimo representante de um modelo específico de catolicismo, denominado ultramontano, e os discursos divergentes que também estavam presentes no momento em que se dava a reconstrução da identidade etnocultural dos imigrantes de origem italiana que se fixaram na região de Curitiba. Em outras palavras, buscamos compreender como se deram as disputas de poder por meio dos diferentes discursos e de que forma os indivíduos que viviam o processo de imigração se apropriaram, ou seja, fizeram uso deles para construir sua etnicidade no novo contexto social no qual estavam se inserindo.

Sendo assim, a fim de investigar as relações de poder existentes naquele contexto, utilizamos como método de pesquisa a análise do discurso nos moldes em que vem sendo adotada pela historiografia, sobretudo pela Nova História Política. Estamos considerando, que esta metodologia, na sua vertente francesa, fortemente influenciada pela linguística e pela psicanálise, procura não somente compreender uma mensagem, ou seja, fazer uma análise das palavras, mas antes, pretende reconhecer qual é o seu sentido, ou seja, perceber que ideologia está presente em um determinado discurso, com o objetivo de analisar sua relação e sua dependência com a sociedade na qual o mesmo foi produzido.

Nessa direção, estamos nos apoiando em Dominique Maingueneau, linguista francês que se concentrou em desenvolver a análise do discurso como um método de estudo social. Este autor nos apresenta a ideia de que há na sociedade produtores e receptores de discurso, ou seja, enunciadores e enunciatários, e que é na relação entre eles que podemos encontrar as ações e efeitos desejados pelos primeiros, assim como, perceber as práticas discursivas produzidas por eles nos indivíduos pertencentes ao segundo grupo.¹² Por essa razão, acreditamos que por meio da análise do discurso, compreendida como metodologia útil também para a historiografia, foi

¹² MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

possível desenvolver nosso estudo sobre a construção da identidade dos imigrantes italianos, empregando-lhes a condição de enunciatários, que foram fortemente influenciados pelo discurso do padre Pietro Colbacchini, assumindo este último o papel de enunciador.

Junto desta ideia, estamos considerando também o que defende Eni Orlandi, que classifica o discurso religioso como autoritário, onde o padre fala em nome de Deus, e por essa razão adquire autoridade de produtor diante dos receptores de discurso. Segundo a autora, essa relação, pautada pela religiosidade, é fortemente marcada pela não-reversibilidade, pois de um lado está sempre a onipotência divina, e de outro, a submissão humana.¹³ Nosso desejo, portanto, é perceber como essa autoridade estava presente no discurso católico empregado por Colbacchini e como ela foi utilizada a fim de impor um modelo de identidade étnica aos imigrantes italianos estabelecidos no Paraná.

Por sua vez, como já citamos rapidamente, estamos nos apoiando também na Nova História Política, que vem se desenvolvendo desde a segunda metade do século XX, e que propõem a superação da história política tradicional, que se baseava no feito dos grandes homens, demonstrando a necessidade de vincular ao trabalho do historiador o estudo das massas e da coletividade. Esta vertente historiográfica defende que o político, não é uma categoria isolada, mas sim que possui relações com os outros domínios, vinculando-se das mais variadas formas a todos outros aspectos da vida coletiva. Assim, a noção de poder político, não se constitui num setor separado, mas sim, uma modalidade da prática social. Nas palavras de René Remond, “se o político deve explicar-se antes de tudo pelo político, há também no político mais que o político”.¹⁴

Nessa perspectiva, o político alcança a todos os indivíduos e se apresenta como um elemento existente em todas as relações sociais, sejam elas de ordem econômica, cultural, religiosa e ideológica. Essa abordagem nos permite analisar os diferentes discursos sociais como instrumentos de ação política, ou seja, de disputa de poder. Da mesma forma, estamos considerando que os discursos, sendo instrumentos políticos, também são meios utilizados para o forjar da identidade coletiva de um determinado grupo social.

Creemos que essa nossa ideia encontra sustentação na noção de discurso elaborada pelo filósofo e historiador Michel Foucault. Segundo este intelectual, que desenvolveu o que podemos chamar de uma *história dos discursos*, não são as sociedades em si que devem ser estudadas, mas sim os discursos que nela são produzidos e as práticas sociais decorrentes dos

¹³ ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

¹⁴ REMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996, p.34.

mesmos. Sendo assim, a noção de discurso passa a ser organização da sociedade, ou nas palavras do referido autor, “a ordenação dos objetos [...] não como grupo de signos, mas como relações de poder”.¹⁵

Por essa razão, é que adotamos como método para esta pesquisa a análise do discurso, pois acreditamos que as relações de poder presente nas práticas sociais, ganham vida por meio dos discursos. As práticas discursivas assumem uma importância fundamental nas disputas de poder, pois assim como define Foucault se tornam

... um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde a sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”) a questão do poder, um bem que é por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.¹⁶

Estamos assumindo, portanto, que o discurso é um instrumento de poder presente nas relações sociais, que é ao mesmo tempo produto e produtor da sociedade. Este processo dialético faz com que o discurso seja visto também como uma categoria constituinte de identidade social, ou seja, um elemento utilizado para que se crie o sentimento de pertença de um indivíduo a uma determinada coletividade. De acordo com Michel Foucault, isso acontece porque

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.¹⁷

Assim, entendemos, que quando um sujeito se apodera de um discurso, ou seja, quando assume uma prática discursiva específica, ele está definindo sua identidade social, porque deseja se identificar com um grupo, ao mesmo tempo que, quer se afastar de outros. Em outras palavras, os discursos criam processos de identificação, conforme nos explica Stuart Hall:

Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade – ou melhor, a questão da *identificação*, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar - volta a aparecer.¹⁸

¹⁵ FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1972, pp. 48-49.

¹⁶ Ibidem., p. 139.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014, pp. 9-10.

¹⁸ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 105.

Por essa razão, no presente estudo adotamos a ideia de que discurso é um instrumento de luta presente nas relações de poder, que é usado para a construção e afirmação do modo particular de existência de um grupo, ou seja, de uma cultura específica. Nessa direção, estamos nos baseando também na ideia de identidade cultural formulada por Denys Cuche, que afirma que as identidades culturais nascem de disputas e de contrastes, de relações sociais desiguais, e que deixariam de existir se não houvesse esse choque entre elas, ou seja, se não ocorresse um processo de inclusão e exclusão.¹⁹ O referido sociólogo afirma que “é preciso então fazer uma análise polemológica das culturas, pois elas se revelam nos conflitos; elas se desenvolvem na tensão, às vezes na violência”.²⁰

Nessa perspectiva, percebemos que o discurso é uma arma usada de forma estratégica nos confrontos presentes nas relações de poder existentes entre instituições e grupos que possuem ideologias divergentes. Ele pode ser usado de várias maneiras, para atacar, para se impor, para defender, para marcar fronteiras, etc., como numa verdadeira guerra. Por esse motivo, acreditamos que o discurso é usado para afirmar identidades, e conseqüentemente, pode ser analisado para perceber o modo em que as mesmas se formaram.

Fica evidente que a ideia de identidade que estamos adotando aqui, não é aquela em que ela é concebida como preestabelecida e estática, definida como algo dado, pronto e acabado, que é passado de geração para geração dentro de um grupo social e preservada através do isolamento do mesmo. Pelo contrário, a definição de identidade que assumimos para nossa pesquisa é aquela que surge por meio da alteridade, ou seja, dos contrastes que aparecem por meio dos contatos culturais que imprimem nela um caráter de mobilidade, conforme o contexto social em que os indivíduos se inserem.

Portanto, concebemos que “identidade e etnicidade são sempre construções históricas, e não heranças recebidas como parte de algum tipo de essência cultural ou biológica”.²¹ Nessa direção, a etnicidade, ou seja, a identidade étnica de um grupo, é fruto dos contatos interétnicos. Essa ideia é apresentada por Poutignat e Streiff-Fenart, que foram fortemente influenciados pelo pensamento do antropólogo social Fredrik Barth. Esses autores afirmam que

[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna saliente as identidades étnicas [...]²²

¹⁹ CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 177.

²⁰ Ibidem., p. 144.

²¹ LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, pp. 20 e 21.

²² POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 124.

Nessa direção, estamos considerando, que são exatamente as diferenças, que vêm à tona por meio dos contatos culturais, que ativam os traços identificadores dos grupos étnicos através da organização da dicotomia nós e eles. Cremos que é no processo de diferenciação, no qual os sujeitos assumem, símbolos, marcas, práticas específicas como sendo suas, para criar fronteiras com outros indivíduos, que surge a identificação étnica, e conseqüentemente, os grupos étnicos. Assim estudar a etnicidade de um grupo é estudar

[...] processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores identificam-se e são identificados pelos outros na base de dicotomizações Nós/Eles, estabelecidos a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma origem comum e realçados nas interações [...]²³

Acreditamos, portanto, que a identidade de um grupo étnico se estabelece por meio da produção de fronteiras simbólicas que se formam ao assumirem práticas e representações apresentadas por determinados discursos impregnados de traços e marcas específicas. Segundo Chartier, as representações coletivas dos grupos sociais devem ser consideradas como as matrizes de práticas que constroem o próprio mundo social.²⁴ Assim, ao assumir uma representação discursiva, determinado grupo social está agindo para estabelecer uma identidade coletiva, uma forma de mundo social particular. De acordo com o mesmo autor, é por essa razão que as representações sociais estão sempre postas

[...] num campo de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio.²⁵

Nesta direção, são os próprios indivíduos, que ao apropriarem-se de determinada representação social produzida por determinado discurso, definem a sua identidade. Conseqüentemente, os sujeitos são disputados pelos modelos de representação identitária produzidos pelos discursos. Porém, os sujeitos não assumem nenhum modelo sem antes perceber quais as vantagens que tal identificação trará para eles. Portanto, os discursos que geram representações identitárias são assumidos pelos indivíduos perante uma negociação prévia.

²³ Ibidem., p. 141.

²⁴ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 72.

²⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988, p. 17.

Dessa forma, a identidade dos sujeitos pode se deslocar conforme as necessidades sociais dos mesmos. Nessa direção, Cuche vai afirmar que há uma estratégia de identidade, explicada da seguinte maneira:

... a identidade é vista como um meio para a atingir um objetivo. Logo a identidade não é absoluta, mas relativa. O conceito de estratégia indica que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade da maneira estratégica. Na medida que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através de estratégias dos atores sociais.²⁶

Diante disso, cremos que os discursos que produzem representações sociais precisam disputar a preferência dos indivíduos, a fim de construir a identidade do grupo social de acordo com os seus interesses particulares. Em outras palavras, para que determinada representação identitária seja assumida ela precisa satisfazer os interesses tanto do produtor de determinado discurso, como também daqueles que se apropriam das práticas discursivas que provêm do mesmo.

Segundo Poutignat e Streiff-Fenart, essa relação entre discurso e apropriação dos mesmos perante certa negociação pode ser percebida nos estudos sobre a constituição da identidade dos grupos étnicos:

A análise situacional da etnicidade liga-se ao estudo da produção e da utilização das marcas, por meio das quais os membros das sociedades pluriétnicas identificam-se e diferenciam-se, e ao estudo das escolhas táticas e dos estratagemas que acionam para se safarem do jogo das relações étnicas. Entre essas táticas figuram especialmente a alternância de identidades.²⁷

Sendo assim, ao possuírem a oportunidade de escolha estratégica de sua identidade os indivíduos exercem o seu poder diante dos discursos que são impostos a eles. Aí cabe a habilidade de cada discurso convencer os sujeitos da sua apropriação ou não, disputando com outros a hegemonia, havendo o que podemos chamar de luta discursiva. Disso são decorrentes as disputas de poder por meio dos discursos divergentes. Cada discurso apresenta o seu modelo de representação identitária pronto e acabado, mas isso não se significa que os indivíduos ao se apropriarem dele o façam de maneira integral. O sujeito pode apropriar-se de um discurso de maneira parcial, dando-lhe novos usos conforme os seus próprios interesses.

²⁶ CUCHE, Roger. Op. Cit., p. 196.

²⁷ POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. Op. Cit., p. 117.

Dessa maneira, as fronteiras fixadas pelos discursos podem ser ultrapassadas e recriadas pelos sujeitos que deles se apropriam. Segundo Silva, essa ação pode ser vista como uma quebra de barreiras, que ele chama de “cruzamento de fronteiras”.

A possibilidade de “cruzar fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas. O “cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação de identidade.²⁸

Com base em todos esses referenciais teóricos percebemos que, tanto os produtores de discurso, como os indivíduos que deles se apropriam, têm um poder de escolha e de ação, que são colocados em prática no momento da construção de uma determinada representação identitária. Portanto, na nossa concepção existe uma luta discursiva, tanto entre discursos divergentes, como também de convencimento e de negociação para que um discurso específico seja assumido pelos indivíduos de um grupo social como sendo seu modelo identitário.

Assim, ao investigarmos esse processo no objeto da presente pesquisa, procuramos perceber como se deram as disputas entre o discurso do padre Pietro Colbacchini e os demais modelos discursivos, sobretudo os secularizados, que estavam presentes no momento de construção da identidade dos imigrantes italianos que se instalaram em Curitiba.

Da mesma forma, constatamos que houve um processo paralelo de negociação que esse discurso católico específico realizou com os indivíduos desse determinado grupo imigrante. Conseqüentemente, percebemos que houve diferentes apropriações, como também resistências, que os sujeitos de origem italiana faziam a esse discurso religioso que tentava se impor como único modelo de representação identitária para o referido grupo étnico.

Nessa direção, nossos objetivos ao realizar essa investigação foram reunidos em dois grandes eixos:

1. Analisarmos como se deram as relações de poder, os embates, os confrontos, as tensões, entre as diferentes formas de pensamento de como devia se dar a constituição da identidade etnocultural dos imigrantes italianos que se instalaram em Curitiba no final do século XIX.

²⁸ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). Op. Cit., p. 89.

Para isso, primeiro foi preciso classificar qual era de fato o discurso religioso do padre Pietro Colbacchini e de que forma ele pretendia impor seu modelo de representação identitária.

Num segundo momento, houve a necessidade de detectar quais eram os contradiscursos, ou seja, os discursos contrários ao modelo concebido pelo referido representante da religião católica, que também se articulavam na tentativa de cooptar os imigrantes. Entre esses últimos podemos citar: a italianidade apoiada no nacionalismo e em ideais liberais; as demais formas de catolicismo, entre eles o brasileiro que contrastava com o modelo italiano; e os partidos políticos que surgiam no Brasil naquele contexto.

2. Um outro eixo foi identificar as formas de adesão e de resistência que os imigrantes italianos manifestaram em relação ao discurso promovido pelo missionário católico Pietro Colbacchini. Aqui foi possível encontrar diferentes usos do discurso católico promovido pelo sacerdote; a transitoriedade entre as formas de representações de italianidade promovidas pelos discursos contrários; e modos diferenciados de resistência àquele discurso religioso específico.

Tanto os contradiscursos, as formas de adesões, quanto também as resistências, foram encontradas em meio aos próprios escritos elaborados por Colbacchini, no momento em que ele denunciava e combatia os mesmos. Da mesma forma, esses contradiscursos e resistências puderam ser encontrados em outras fontes que serviram de apoio para nossa pesquisa, sobretudo notícias a respeito da organização da coletividade italiana que foram divulgadas nos jornais que circulavam em Curitiba naquele período.²⁹

Também pudemos complementar nossa investigação por meio de documentos produzidos por outros representantes da Igreja Católica³⁰, por autoridades civis da época³¹, como também por membros de associações étnicas que existiram em Curitiba³².

Porém, salientamos novamente que os escritos do referido sacerdote foram, como já citamos acima, as principais fontes para nossa pesquisa. Esta documentação, formada por mais

²⁹ Os periódicos locais da época aos quais nos referimos são: Dezenove de Dezembro, Gazeta Paranaense, A República, O Democrata e L'Italia. Todos se encontram na Hemeroteca Digital Brasileira, acervo mantido pela Fundação Biblioteca Nacional e foram acessados pelo endereço eletrônico <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> durante os anos de 2016 e 2017.

³⁰ Os documentos pertencentes à Igreja Católica foram encontrados nos Arquivos da Cúria de Curitiba e de São Paulo. Já as bulas e encíclicas papais foram acessadas por meio do site oficial do Vaticano, <http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>.

³¹ Tratam-se dos relatórios dos presidentes e da correspondência oficial da então Província do Paraná. Essa documentação se encontra junto ao Arquivo Público do Paraná.

³² Aqui estamos fazendo menção ao acervo da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi de Curitiba.

de 300 cartas, 2 relatórios, uma homilia e mais um guia espiritual, foram escritos entre os anos de 1886 e 1901 (ver ANEXO 1). A primeira data, como já apresentamos, diz respeito ao ano em que o missionário se estabelece entre os imigrantes italianos em Curitiba, e a segunda, ao ano em que o mesmo falece, já distante das colônias em que atuou ao redor da capital paranaense, mas ainda fazendo menções a elas.

A maior parte desse conjunto documental, composto sobretudo de missivas epistolares, tão precioso para a elaboração do presente trabalho, encontra-se no *Archivio Generale Scalabriniano* (AGS), localizado em Roma, Itália. Assim como a outra parte, em menor escala, também foi recolhida junto a órgãos ligados à Igreja Católica e localizados na mesma cidade: *Archivio Segreto Vaticano* (ASV), *Archivio Affari Ecclesiastici Straordinari* (AAES) e *Archivio Propaganda Fide* (APF). Porém, recentemente o responsável pelo acervo da Congregação Scalabriniana, o arquivista Giovanni Terragni, depois de um longo trabalho de compilação e transcrição dos originais, reuniu-os em uma única obra.³³ O acesso a esta publicação, gentilmente cedida pelo seu organizador, foi o que possibilitou a realização de nossa pesquisa.

Já a organização da escrita do presente trabalho se deu da seguinte maneira:

Um primeiro capítulo onde discutimos o surgimento e a consolidação do discurso religioso do qual era adepto padre Pietro Colbacchini. Nesse momento, pudemos analisar como se deu o nascimento e o fortalecimento do ultramontanismo no século XIX. Vimos como esse discurso político doutrinário promovido pela Igreja Católica visava combater o liberalismo, a modernidade e a secularização que se deram sobretudo no período pós-Revolução Francesa. Analisamos como esse discurso religioso ganhou força com a promoção da romanização do catolicismo e a reafirmação dos dogmas católicos elaborados no Concílio de Trento. Da mesma forma, salientamos de maneira particular, como o pensamento ultramontano se fortaleceu durante as lutas pela unificação italiana.

O segundo capítulo foi dedicado à análise do processo migratório dos italianos para o Paraná. Nele discutimos como ocorreu a partida dos imigrantes de sua pátria de origem, analisando a influência que a religião teve na decisão de emigrar desses indivíduos. Também pudemos perceber a origem regional desses colonos e quais eram os seus costumes e valores no momento da emigração. Da mesma forma, analisamos como se deu a criação das colônias

³³ Estamos nos referindo a TERRAGNI, Giovanni. **P. PIETRO COLBACCHINI con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paranà e Rio Grande do Sul, 1884-1901**, Corrispondenza e Scritti. Napoli: Gráfica Elettronica, 2016.

italianas em terras paranaenses e a vinda do missionário Pietro Colbacchini para prestar atendimento espiritual a esses colonos.

No terceiro e último capítulo desta dissertação, por meio da aplicação metodológica da análise do discurso, pretendemos detectar quais foram os discursos divergentes daquele de Colbacchini e os embates que se deram entre eles. Dessa forma, visamos apresentar os contrastes existentes entre as diferentes formas de representação identitária que foram assumidas pelos imigrantes italianos que se instalaram na região de Curitiba. Neste momento, buscamos evidenciar também as formas de adesão e resistência ao discurso religioso. Enfim, nesta última parte do nosso trabalho tentamos compreender de fato como esses estrangeiros de origem italiana construíram sua identidade étnica por meio de práticas e representações discursivas, assumidas por meio da apropriação, porém sem antes passar por um processo de negociação. Procuramos perceber, sobretudo, que papel teve o discurso de padre Pietro Colbacchini nesse contexto.

A CONSOLIDAÇÃO DO ULTRAMONTANISMO NO SÉCULO XIX

‘Noi dunque, in tanta perversità di depravate opinioni, ben memori del Nostro apostolico ufficio e massimamente solleciti dela santissima nostra religione, della sana dottrina e della salute delle anime affidateci da Dio, e del bene della stessa società umana, abbiamo ritenuto di dovere nuovamente elevare la Nostra apostolica voce.’ (PAPA PIO IX)³⁴

Neste primeiro capítulo pretendemos apresentar, e ao mesmo tempo procuraremos compreender, a voz da Igreja Católica Apostólica Romana que reverberou fortemente no século XIX. Esse discurso político doutrinário, conhecido como ultramontanismo, determinou a forma de pensar e de agir de muitos dos representantes do catolicismo Romano deste período, papas, cardeais, bispos e padres, entre eles o sacerdote italiano Pietro Colbacchini, cujos escritos são nosso objeto de estudo.

Sendo assim, nesta primeira parte do presente trabalho, tentaremos responder a algumas indagações referentes ao aparecimento, a afirmação e a expansão desse discurso específico promovido pela referida instituição religiosa, tanto anteriormente, como também durante o período histórico estudado, a fim de perceber quais foram as suas características e as suas finalidades. Cremos que percorrer este caminho se faz necessário porque, tanto o discurso como a política, adotados pela instituição Católica Romana não foram sempre os mesmos durante os seus mais de 2000 anos de existência.

Segundo aponta Augustin Wernet (1987), esses discursos e políticas se transformaram de tempo em tempo, conforme as compreensões que a Igreja fazia de si mesma e a forma de organização que ela assumia em determinados períodos no decorrer dos seus 20 séculos de permanência. Essas variações e oscilações das autocompreensões do catolicismo, que estão longe de serem estáticas e homogêneas, “demonstram como cada uma delas tem características específicas, produzidas pelo seu respectivo tempo histórico”.³⁵ Essa realidade mostra como a instituição Católica Romana se modificou ao longo da história. Em outras palavras, podemos

³⁴ ‘Nós portanto, diante de tanta perversidade de depravadas opiniões, bem conscientes da Nossa função apostólica e maximamente comprometidos com a nossa santíssima religião, com a sã doutrina e com a saúde das almas confiadas por Deus, e pelo bem da mesma sociedade humana, nos sentimos no dever de novamente levantar a Nossa apostólica voz’. Papa Pio IX, *Quanta Cura*, 18 de dezembro de 1864, pp. 4-5. <http://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembri-1864.html>. Ao longo do trabalho adotaremos sempre esse mesmo padrão: a citação original em italiano será apresentada no texto e a tradução em português aparecerá em nota de rodapé.

³⁵ MANOEL, Ivan A. **O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá: Eduem, 2004, p. 8.

dizer que não se tratou sempre da mesma Igreja, mas de modelos específicos assumidos conforme as exigências de cada momento.

Nesta direção, entre as questões para as quais buscaremos respostas nesta primeira parte do nosso trabalho estão as seguintes: de que modo essa voz específica, que ganhou o nome de ultramontana, se formou na Igreja? Quais acontecimentos e contexto histórico fizeram com que ela surgisse neste determinado período? O que fez com que essa voz adquirisse uma tonalidade tão forte e característica? Quais objetivos esse discurso pretendia alcançar?³⁶

Na intenção de encontrar respostas para essas e outras indagações, vamos investigar os principais acontecimentos do período histórico que influenciaram o pensamento católico, não só da Europa, mas de todo o Ocidente, e conseqüentemente contribuíram com a formulação do discurso religioso que estudamos. Como afirmamos anteriormente, e constataremos mais adiante, ele foi o tipo de discurso empregado pelo padre Pietro Colbacchini na defesa de um modelo de catolicismo que acreditamos ter influenciado fortemente a construção da identidade étnico cultural dos imigrantes italianos que se instalaram no Paraná.

1.1 A Revolução Francesa e as raízes do pensamento ultramontano

A Revolução Francesa é considerada, e com toda razão de ser, o marco do avanço do pensamento liberal, que se iniciou no século XVIII, e que ganhou força no desenrolar do século XIX. Sem sombra de dúvida, uma das principais inovações deste evento histórico, que o caracteriza como revolucionário, foi o anúncio radical da ruptura dos laços entre o Estado e a Igreja, que era uma das marcas do Antigo Regime vigente na Europa.³⁷

De fato, o ideário revolucionário francês apresentou uma nova organização da sociedade, que se definia como a-religiosa, ou seja, totalmente independente de instituições religiosas e desapegada em relação ao passado e suas tradições. Esse ideário é bem explicado por Alphonse Dupront:

O mundo do Iluminismo e da Revolução Francesa se apresenta como duas manifestações (ou epifenômenos) de um processo maior – o processo de definição de

³⁶ O termo ultramontano, como veremos mais adiante, aponta para o reforço e a defesa do poder papal em matéria de disciplina e de fé. Mesmo que os membros do Catolicismo Apostólico Romano, que adotaram as suas práticas assim não se autodenominassem, o termo é usado por historiadores e demais estudiosos da Igreja para os classificar devido as suas características conservadoras.

³⁷ Isto desde que Teodósio tomou a decisão de fazer do cristianismo a religião oficial do Império Romano mediante o Édito de Tessalónica de 380 d.C., tornando a religião cristã a única legítima e acabando com o apoio do Estado à religião romana tradicional por meio da proibição da "adoração pública" dos antigos deuses.

uma sociedade de homens independentes sem mitos ou religiões (no sentido tradicional do termo); uma sociedade “moderna”; uma sociedade sem passado e sem tradições; [uma sociedade] do presente, totalmente aberta para o futuro.³⁸

Desse modo, as ideias que agitaram a França, e conseqüentemente toda a Europa, e que trouxeram transformações definitivas para todo o Ocidente, questionaram as bases da tradição contidas no pensamento da Igreja³⁹ e da cristandade, pois acentuavam uma visão de mundo extremamente secular, propondo uma reorganização da sociedade e do Estado sem os preceitos da religião.

Tal discurso representava o caos para a instituição católica, já que era um desvio do significado de mundo estabelecido por sua tradição, que até o momento era hegemônico entre os europeus. A novidade era encarada como uma verdadeira heresia porque, conforme nos explica Zulian, a cristandade sempre havia concebido, pelo menos até aquele momento histórico, que “sociedade civil e comunidade dos fiéis formam um corpo único, agindo os poderes civis e religiosos em íntima colaboração”.⁴⁰

Em tal concepção da cristandade, que foi fortemente aplicada durante o Antigo Regime, a Igreja Católica funcionou como um sustentáculo do absolutismo, já que nela “o monarca aparece como o chefe efetivo da sociedade sacral e assim é reconhecido pelas autoridades eclesiásticas”.⁴¹ Tratava-se, portanto, de um regime de união dos poderes civis e eclesiásticos, no qual toda a sociedade era considerada sagrada, ou seja, era o sagrado o responsável pela organização de todo o corpo social, englobando tanto o civil como o religioso, de maneira que os dois se mesclavam e se completavam, pois havia o entendimento que a ordem terrestre seria uma extensão, uma reprodução, do modelo celeste. É por essa razão que, Azzi vai afirmar que “o aspecto mais expressivo da Cristandade é justamente a sacralidade que perpassa toda a organização social, desde seus chefes supremos até os últimos súditos”.⁴²

O fato é que, diante do abandono desta concepção de mundo sagrado, do processo de dessacralização da sociedade, a instituição Católica Romana, que já vinha perdendo forças desde a Reforma Protestante do século XVI e da constante propagação das ideias iluministas nos dois séculos seguintes, se viu ainda mais enfraquecida e ameaçada. Dessa forma, podemos

³⁸ DUPRONT, 1983, p. 21 Apud CHARTIER, 2009, p. 283.

³⁹ Ao escrever Igreja com letra maiúscula ao longo do texto estaremos sempre nos referindo a instituição Igreja Católica Apostólica Romana.

⁴⁰ ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o Aggionamento e a Solidão**: práticas discursivas de D. Antônio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa-PR (1930-1965). Tese (Doutorado em História) - UFSC, Florianópolis, 2009, p. 34.

⁴¹ RAMBO, Arthur B. A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional. In: DREHER, Martin N. **Populações rio-grandenses e modelos de igreja**. Porto Alegre: Edições EST, 1998, p. 147.

⁴² AZZI, Riolando. **O estado leigo e o projeto ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994, p. 7.

afirmar que frente ao ideário e as ações revolucionárias francesas, que defendiam a promoção da secularização, sobretudo a de afastar a religião do Estado e construir uma organização sociopolítica separada de valores religiosos, a Igreja finalmente se deu conta de que seu poder estava sendo minado.

Diante desse contexto, as lideranças católicas perceberam que estavam perdendo forças, já que a religião vinha sendo colocada em segundo plano e direcionada para um caminho de exclusão total, correndo o risco de perder a sua hegemonia. Dessa maneira, podemos compreender, como descreve Souza, que a Revolução Francesa foi um marco decisivo para a redefinição do *status* e do papel da Igreja, já que ela redirecionaria as ações políticas e doutrinárias da instituição para combater essa nova concepção de mundo na qual se via excluída.

Desde então, a hierarquia [da Igreja] trabalharia para garantir não os seus privilégios, de acordo com ela, e sim aquilo que de acordo com a nova compreensão da ordem social e política ela justificaria como sendo seu direito frente a sociedade que não só se dessacralizava rumo à secularização, mas que propunha a liberdade de culto e de crença. Neste sentido, a Igreja, que era contrária à liberdade de crença, afirmava que a mesma liberdade de culto estava apenas no discurso, pois para ela o Estado destinava perseguição, controle e exclusão.⁴³

Portanto, frente ao discurso liberal dos revolucionários franceses, que se propunha laico em oposição direta ao religioso, a Igreja se deu conta de que precisava se defender e reagir. As formas de defesa e de reação encontradas foram a afirmação da doutrina e da identidade católica, por meio de um conjunto de discursos políticos doutrinários que ficaram conhecidos como ultramontanismo e romanização.⁴⁴

Pelo fato desses pensamentos, o ultramontano e o romanizador, terem surgidos e sido moldados sobretudo em decorrência dos acontecimentos da Revolução Francesa, acreditamos que para entendermos suas origens e suas motivações precisamos partir das ideias revolucionárias que incitaram a reação da Igreja por meio da promoção de tais discursos políticos e doutrinários. O que pretendemos é perceber como surgiram tais discursos, frutos de uma reorganização eclesial, que representava uma nova autocompreensão da Igreja frente a um

⁴³ SOUZA, Wlaumir D. de. Imigração italiana e Igreja: ultramontanismo e neo-ultramontanismo. In: DREHER, Martin N. (Org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: Edições EST, 2002, 280.

⁴⁴ Ultramontanismo pode ser definido como o discurso claramente contrário a concepção de mundo moderno, de Estado e de governo sem a participação da religião empreendidos pelo liberalismo, ao mesmo tempo que buscava a recristianização e clericalização da sociedade. Romanização, por sua vez, caracteriza-se como discurso de fortalecimento da instituição Católica, de sua doutrina e hierarquia. Processos distintos, que no intuito de fortalecer ambos, foram colocados lado a lado no discurso da Igreja durante o século XIX. Segundo Souza, Ultramontanismo e Romanização poderiam ser definidos como “as duas faces de uma mesma moeda”, ou de um projeto único em resposta às novas conjunturas da época. SOUZA, W. Op. Cit., pp. 75-76.

contexto social específico. Qual era este contexto histórico, como e por que ele influenciou o pensamento católico?

Primeiramente, pensamos ser importante salientar que o pensamento liberal não surgiu somente no final do século XVIII em meio ao movimento revolucionário que eclodiu na França, e que da mesma forma, o discurso de secularização não apareceu assim, de uma hora para outra. Ambos os movimentos foram se organizando durante os anos do setecentos, ou seja, “no curso de longo prazo das mudanças culturais que transformaram os atos e pensamentos dos franceses do Antigo Regime”.⁴⁵

Essas lentas transformações ocorreram paralelamente ao enfraquecimento do modelo de cristianismo elaborado pela Reforma Católica. De início, a contrarreforma conseguiu impor a vivência do catolicismo por meio do comparecimento nas missas dominicais e da obrigatoriedade da participação nos sacramentos da confissão e da comunhão ao menos no período da páscoa.

Essas práticas difundidas, por mais elementares que fossem, sem dúvida moldaram uma identidade básica entre os fiéis, uma identidade em que a repetição dos mesmos gestos implantava em todos uma consciência direta de pertencimento e embutia um ponto de referência vital que emprestava significado ao mundo e à existência.⁴⁶

Essa vivência, imposta pela instituição Romana, tornava possível caracterizar a França não só como cristã, mas como um dos países mais católicos da Europa. Segundo Roger Aubert, em meados do século XVIII o país “contava com cerca de 50.000 sacerdotes a serviço das paróquias e havia também de 20.000 a 25.000 religiosos e de 30.000 a 40.000 religiosas. No total o clero francês estava formado por umas 120.000 pessoas.”⁴⁷ Esse clero, que conservava privilégios por meio de um foro eclesiástico, estava dividido em 135 dioceses, e possuía cerca de 10 por cento do território de todo país.

Porém, a prática do catolicismo estava mais ligada a uma tradição cultural, sobretudo nas regiões mais urbanas, do que a um fervor religioso, como queria a Igreja, de modo que o zelo cristão dos franceses variava de região para região. Essa realidade demonstra a fragilidade em que se encontrava a religião cristã na França pré-revolucionária, o que favoreceu o avanço do processo de secularização, entendido como mudança de pensamentos e transformações culturais. Conforme escreve Roger Aubert,

⁴⁵ CHARTIER, Roger. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 277.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 151.

⁴⁷ AUBERT, Roger. La Iglesia Católica y la Revolución. In: JEDIN, Hubert. **Manual de Historia de la Iglesia**. Tomo VII, La Iglesia entre la revolución y la restauración. Barcelona: Editorial Herder, 1978, p. 61.

No cabe duda de que la gran multitud de la población cumplía todavía exteriormente sus deberes religiosos. Sin embargo, la práctica religiosa era debida con frecuencia, más que a verdadera convicción, a adaptación a una estructura global de tradiciones de la sociedad. Sobre todo la nobleza y la burguesía culta se emanciparon cada vez más bajo el influjo de la ilustración.⁴⁸

Nessa direção, devido à forte influência iluminista, o século XVIII foi um tempo difícil para o cristianismo, onde muitas práticas e ritos católicos foram caindo em desuso, não só na França, mas em toda a Europa. Um primeiro exemplo que podemos citar, é a decadência das devoções ligadas a redução das penas no purgatório, sobretudo a doação de bens e pagamentos em dinheiro para a realização de missas em favor das almas. Segundo Chartier, boa parte da população francesa em meados do século XVIII divergia dessa crença imposta pela Reforma Católica que colocava a Igreja na posição de intercessora capaz de expiar os sofrimentos após a morte.

Da mesma forma, esse autor aponta o uso de práticas contraceptivas e um controle de natalidade crescente entre os franceses no passar dos anos de 1700, que demonstram um declínio de padrões de comportamento ligados a moralidade religiosa e ao controle clerical. Portanto, estava ocorrendo um rompimento com a ética sexual católica, que defendia que o sexo deveria servir unicamente a intenção da procriação. Na mesma direção, aumentaram as concepções pré-nupciais e o nascimento de ilegítimos no século XVIII, que confirmam também uma libertação por parte da população da moral cristã pregada pela Igreja.

Outro fator, que também indica o processo de fragilização que o catolicismo da França sofria nesse período, é a crise das vocações religiosas e a consequente diminuição dos membros das congregações, fraternidades e instituições católicas. Conforme aponta Roger Chartier, a razão fundamental desses acontecimentos reside “na secularização da estrutura mental do povo, que fez que as pessoas abandonassem os compromissos religiosos mais evidentes”.⁴⁹ Porém, esse processo não era geral, pois houveram regiões do país em que os preceitos tridentinos inculcados pela Reforma Católica se mantiveram, sobretudo em áreas mais afastadas dos centros urbanos.⁵⁰

As mudanças de pensamento evidenciadas ocorreram primeiramente na capital e depois nas províncias, assim como se deram antes nas cidades do que no campo. O que com certeza

⁴⁸ Ibidem, p. 45.

⁴⁹ CHARTIER, Roger. Op. Cit., p. 159.

⁵⁰ Por preceitos tridentinos entendemos o conjunto de regras e princípios impostos pela Igreja a partir do Concílio de Trento para uma boa vivência dos compromissos e da profissão da fé católica. Estes eram vividos, sobretudo, por meio do comparecimento aos sacramentos e ritos sagrados da instituição, como também pela submissão ao clero.

colaborou com esse processo foi a produção e distribuição de material impresso. Houve um forte declínio da circulação de livros religiosos e uma popularização de obras científicas e filosóficas que continham textos que minavam ou ignoravam o cristianismo, e que conseqüentemente abalavam as estruturas tradicionais e influenciavam o pensamento da população.

É certo que durante as décadas finais do século XVIII o desenvolvimento de longo prazo de um processo de secularização ou “civilização” (termo da época) atingiu seu pico. Sua tendência básica foi exaurir os mitos sagrados, eliminar todos os mistérios, de modo a manifestar uma sociedade ‘civil’, perfeitamente homogênea, onde a quintessência do ato social devia se tornar pública.⁵¹

Dessa forma, os franceses foram rompendo lentamente com a forma de catolicismo que era um dos fundamentos da tradição do Antigo Regime. A divisão da Igreja colaborou muito com esse processo de descrédito e secularização. Da mesma forma, a série de conflitos que se deram ao longo do século XVI entre católicos e protestantes, fenômeno conhecido como guerras religiosas, contribuiu com o clima de desconfiança para com os representantes religiosos. Sendo assim, tanto a Reforma Protestante e o aparecimento de várias vertentes do protestantismo, como as divisões internas do catolicismo, fizeram crescer a descrença nas instituições cristãs.

... o caráter absoluto da crença transformou-se numa simples opinião que, uma vez passível de contestação, podia ser rejeitada. A unidade da doutrina e da disciplina perdeu-se de vez, abrindo caminho para incerteza, afastamento e rompimento.⁵²

Segundo Certeau, essas divisões, causadas pela pluralidade religiosa que surgiram neste momento histórico, confirmam o desaparecimento de uma certa unidade, o que colocou em dúvida a própria experiência dos crentes. Essa incerteza colaborou com o processo de dessacralização e secularização nesse período, já que abriu espaço para o surgimento das ideias revolucionárias que propunham deixar de lado o religioso e “buscar na política, ou mesmo na ciência, alhures ainda, um outro ‘meio de unir’ que desempenhará, daí por diante, o papel até então representado pela religião”.⁵³

Além da divisão da Igreja, outra causa que corroborou com o processo de secularização foi o declínio da paróquia como ponto de referência essencial para a vida das pessoas.⁵⁴ Isso se

⁵¹ DUPRONT, 1983, p. 21 Apud CHARTIER, 2009, p. 161.

⁵² CHARTIER, Roger. Op. Cit., p.162.

⁵³ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 157.

⁵⁴ A paróquia pode ser definida como um território no qual está inserido uma comunidade de fiéis subordinados à liderança de um pároco, cura das almas, aos quais os fiéis estão subordinados. Ao afastar-se desse espaço físico, conseqüentemente, o fiel se desliga da autoridade clerical por ele responsável. Cremos que a migração, sobretudo para o meio urbano, desencadeou esse processo de desligamento do modelo paroquial.

deu porque a segunda metade do século XVIII foi marcada por uma forte migração populacional, na qual os indivíduos começaram a deixar as suas aldeias e se dirigir para as cidades em busca de trabalho, tanto em caráter temporário como de forma definitiva. Acreditamos que o deslocamento em busca da sobrevivência, ou mesmo de enriquecimento fácil, levou as populações camponesas tradicionais a se preocuparem mais com o trabalho do que com a religião, afastando-se do modelo *ora et labora* que estavam inseridos em suas aldeias rurais.

De certa maneira, esse processo era imposto pelo novo contexto no qual o migrante era inserido, sobretudo pelas novas conjunturas de trabalho impostas pela relação patrão e empregado. Podemos verificar que essa preocupação estava presente no discurso de Colbacchini ao criticar a imigração italiana para o trabalho nas fazendas cafeeiras do Brasil no final do século XIX. O sacerdote, cujo discurso estamos investigando na presente pesquisa, vai responsabilizar os fazendeiros pela promoção do esmaecimento da vivência religiosa dos colonos, como podemos conferir no trecho a seguir:

Quanto al morale poi, non solo non se curano, la maggior parte dei fazendeiros, ma non pochi coi loro mali esempi e colle parole trascinano i poveri coloni a perdere la religione ed abbandonarsi alla licenza. [...] Ve ne sono anche che non permettono al Sacerdote di occuparsi del bene spirituale del coloni, ché, dicono, sono nelle Colonie per lavorare e non per fare i frati. In poche fazende è costruita la Chiesa. [...] Quanto poi l'avvenire morale di queste Colonie, puossi dire che senza la pratica della religione, nel giro di 6 o 8 anni, i coloni si abbandonerebbero alla vita del senso, e perderebbero ogni sentimento di religione.⁵⁵

Portanto, cremos que o processo migratório contribuiu para que muitos abandonassem a disciplina e quebrassem os elos de dependência criados nas áreas rurais com as obrigações paroquiais sob a autoridade do clero local. O modelo de sociedade tradicional do campo, atrelado ao clericalismo, foi sendo deixado de lado, pelo desencadeamento do processo de secularização movido pelo capitalismo e pelo pensamento liberal.

Segundo Roger Aubert, em todos os lugares e extratos sociais haviam adeptos do liberalismo, inclusive entre a burguesia rural, “mas foi sobretudo a população urbana a que

⁵⁵ Quanto a moral, não só não se interessam a maior parte dos fazendeiros, mas não poucos com seus maus exemplos e com suas palavras levam os pobres colonos a perder a religião e a abandonarem-se a seu bel-prazer. [...] Existem também aqueles que não permitem ao Sacerdote ocupar-se do bem espiritual dos colonos, porque dizem que eles estão nas Colônias para trabalhar e não para se fazer frades. Em poucas fazendas foi construída a Igreja. [...] Portanto, no que se refere ao futuro moral dessas Colônias, pode-se dizer que sem a prática da religião, no prazo de 6 ou 8 anos, os colonos abandonarão sua vida aos seus caprichos, e perderão todo sentimento de religião. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. **P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul, 1884-1901**, Corrispondenza e Scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016, p. 173.

começou verdadeiramente a distanciar-se da Igreja”.⁵⁶ Os próprios clérigos do meio urbano foram se diferenciando daqueles das zonas rurais, já que foram se afastando da política e do modelo de catolicismo Romano e tridentino, o que evidencia, além de uma ruptura na Igreja, um sinal do progresso e amplitude que a secularização estava atingindo. Esse processo também é evidenciado nos escritos de Colbacchini ao se referir aos imigrantes italianos vindos para o Brasil que se instalaram no meio urbano.

Nella città di S. Paulo sono più di 10.000 gli italiani, e ben pochi praticano la religione, avegnaché i Padre Salesiani colà stanziati forniscano a loro comoda occasione. Così in Campinas di 6 a 8000 Italiani, quasi non se trova che compia gli atti di religione. Così in Pelotas, Porto Allegro, S. Caterina, e nelle altre città. La nessuna cura che di loro hanno i Sacerdoti, che se pur domandati si esimono dal prestar loro le cose della religione; gli scandali che molti di loro danno, e la indifferenza e corruzione del popolo col quale vivono frammisti fa loro dimenticare ben presto, e perdere, ogni senso di religione. Il male, da questo lato, è quase insanabile.⁵⁷

Portanto, o padre Pietro Colbacchini evidencia o abandono da religião vivido pelos italianos que se instalaram no meio urbano ao emigrarem para o Brasil. Por esse motivo, o referido missionário será um defensor da imigração para as colônias rurais criadas no Sul do país no final do século XIX, sobretudo aquelas criadas no Paraná, como veremos mais adiante. Por ora, queremos salientar a forte crítica que o sacerdote faz aos padres do meio urbano, como expõe no escrito acima apresentado. Conforme aparece no texto, os clérigos presentes nas cidades não prestavam o devido cuidado aos fiéis se comparados aos padres do meio rural das comunidades de origem dos imigrantes. Essa diferenciação interna existente entre os próprios membros da Igreja denota a crise que a mesma estava vivendo, inclusive internamente. Portanto, o avanço do pensamento liberal, iniciado na Europa, havia criado um desconcerto e uma confusão doutrinal que demonstrava a desintegração do catolicismo tradicional.⁵⁸

Todo esto debía reforzar todavia en los contemporáneos la impresión de que el catolicismo tenía que hacer frente a una crise doblemente seria, ya que a los ataques venidos de fuera se añadía una grave desazón interna.⁵⁹

⁵⁶ AUBERT, Roger. Op. Cit., p. 62.

⁵⁷ Na cidade de São Paulo são mais de 10.000 os italianos, e bem poucos praticam a religião, mesmo os Padres Salesianos estando lá presentes e oferecendo para eles a cômoda oportunidade. Também em Campinas, onde há de 6 a 8000 Italianos, quase não se encontra quem cumpra com os atos religiosos. Assim também em Pelotas, Porto Alegre, Santa Catarina, e nas outras cidades. O nenhum cuidado que deles tem os Sacerdotes, que mesmo sendo chamados se eximem de prestar a eles as coisas da religião; os escândalos que muitos deles dão, e a indiferença e corrupção do povo com os quais vivem misturados faz com que eles se esqueçam bem rápido, e percam, todo sentido da religião. Esse mal, é quase que irreparável. COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 176.

⁵⁸ Exatamente por essa razão que os discursos promovidos pela Igreja contrários a esse processo, o Ultramontanismo e a Romanização, vão pautar também pelo fortalecimento da doutrina, sobretudo na formação dos clérigos e das novas congregações religiosas.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 46.

Essa realidade nos faz começar a compreender duas situações que apontam para o estado de caos e de crise que o catolicismo enfrentou durante o processo de secularização desencadeado no continente Europeu. Primeiro, a divisão que se deu em plena Revolução entre padres constitucionais, adeptos do galicanismo e que estavam presentes sobremaneira no meio urbano, e padres refratários, que permaneceram fiéis a Roma, negando-se a prestar o juramento a constituição civil, que por sua vez conseguiram manter a religião católica viva nos cantões da França. Segundo, que o processo de secularização de que estamos tratando e que tanto ameaçava a Igreja, ao qual ela vai se propor a enfrentar com todas as suas forças, não significava somente uma dessacralização total, entendida como o abandono da fé por parte dos fiéis, mas sim uma negação do modelo de catolicismo que era estabelecido pela tradição Romana, em outras palavras, se tratava de uma secularização que estava invadindo e dividindo a própria instituição católica, abalando suas estruturas internas.

Nessa direção, assistia-se a um movimento de descentralização, e mesmo de dispensabilidade da Igreja, da sua forma institucional, da sua hierarquia que pode ser traduzido como uma ‘descatolização Romana’ do cristianismo, ou ainda, como uma ‘desromanização do catolicismo’. É exatamente a esses dois processos, que o ultramontanismo e a romanização irão combater, o primeiro externamente e o segundo internamente. Podemos considerar que, boa parte destes movimentos contrários ao catolicismo eram impulsionados por influência da Reforma Protestante, que propagava uma relação mais individual com a divindade, dispensando a presença de um intermediador especializado, no caso da Igreja Católica, de padres e bispos.

Percebemos, portanto, que se havia instaurado na Europa, primeiramente entre os franceses, um clima cultural sensível e propício para a secularização que foi empregada lentamente pelo discurso liberal crescente, ameaçando a estabilidade da Igreja durante todo o século XVIII. Porém, com a eclosão da Revolução Francesa no final do século, mais especificamente em 1789, e as repercussões no transcurso dos anos seguintes, se iniciou um período de combate ainda mais forte à Igreja Católica no geral e à Santa Sé em particular.

Assim, em agosto daquele ano, por meio da Assembleia Nacional Constituinte, aboliram-se os direitos feudais e proclamaram-se os direitos do homem e do cidadão. Da mesma maneira, movidos pelo programa dos ideários iluministas, a referida Assembleia, formada sobretudo pela burguesia francesa, propôs o confisco e a venda dos bens da Igreja no dia 10 de outubro do mesmo ano. Tal proposta foi aprovada em poucos dias, e dessa forma os bens eclesiásticos foram tomados pelas mãos do Estado, que passou a leiloá-los a fim de financiar a Revolução.

Essa atitude do movimento revolucionário teve a intenção de enfraquecer ainda mais a instituição Católica Romana na França, que passou a ser considerada pela burguesia como uma inimiga, já que sempre esteve aliada aos interesses da elite aristocrata. Desta maneira, a “Igreja e a aristocracia estavam colocadas no mesmo nível, como inimigas da Revolução e, em poucos meses, a riquíssima Igreja da França viu-se destituída de seus bens”.⁶⁰

Já no início de 1790, a Assembleia francesa decidiu pela supressão das ordens religiosas no país e em 12 de julho aprovou uma Constituição Civil para o clero. Apesar do protesto da Santa Sé, na pessoa do papa Pio VI, esta nova Constituição, que iria estabelecer um novo formato para a Igreja na França, passou a valer já em agosto do mesmo ano. O referido documento estabelecia uma nova organização das dioceses, um estipêndio estatal aos ministros do culto e a eleição popular dos bispos e dos párocos sem investidura canônica alguma por parte do papa, ou seja, sem a necessidade de nenhuma confirmação por parte da Cúria Romana. Este acontecimento denota o processo de “desromanização do catolicismo” que a Igreja estava enfrentando.

A diminuição do número de dioceses é um exemplo claro do prejuízo que essa nova Constituição causava para a instituição católica. Segundo a nova organização estabelecida pela Assembleia Nacional Constituinte francesa “somente haveria 83 bispados, correspondentes ao número de departamentos, o que implicava o desaparecimento de 52 dioceses, e uma forte redução do número de paróquias”.⁶¹ O que demonstra, além da decadência de poder e de influência que a Igreja vivia nesse momento, o tamanho do enfrentamento que a mesma estava tendo com a nova forma de Estado que surgia na França. Esse último aspecto do confronto, fica ainda mais evidente pela exclusão da autoridade do papa no momento da nomeação dos novos bispos.

Consagrava-se [...] a tendência a uma igreja nacional, que pagava o preço, porém, de uma grande subordinação da Igreja ao Estado. E tudo acontecia sem ao menos uma tentativa de acordo com Roma, ou seja, de modo totalmente unilateral.⁶²

O próximo passo foi a imposição do juramento de fidelidade à Constituição Civil a todos os bispos, párocos e demais membros do corpo eclesiástico. Diante dessa exigência, a maioria dos bispos se recusou a cumprir com o juramento e deixou o território francês, enquanto que metade do baixo clero se submeteu a nova ordem constitucional. Com a desaprovação do papa

⁶⁰ BIASOLI, Vitor O. F. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010, p. 24.

⁶¹ AUBERT, Roger. Op. Cit., p. 73.

⁶² MARTINA, 1996, p. 13. Apud BIASOLI, Op. Cit., p. 25.

Pio VI aos padres que acataram as determinações dos revolucionários, o clero ficou dividido na França, e as relações com a cúria Romana foram seriamente rompidas. Definitivamente Roma se colocava como inimiga da Revolução, enquanto assistia à desestruturação da Igreja francesa.

Os padres que ficaram conhecidos como refratários, por se negarem a jurar fidelidade a nova Constituição, eram destituídos de seus cargos e presos, deixando muitas paróquias vagas ou ocupadas por párocos eleitos. Quando os refratários não eram encarcerados, eles fugiam para o interior, onde escondidos mantinham uma espécie de igreja clandestina. Essa última realidade fez com que o catolicismo romano se mantivesse vivo no território francês, sobretudo nas áreas rurais mais afastadas.

De fato, o que se via mesmo era uma divisão, devido a coexistência de dois tipos de clero na França, um que tentava se manter fiel a Roma e o outro ao Estado. Conforme Aubert, essa divisão era profunda porque estava pautada em três aspectos, pois haviam razões religiosas, socioculturais e políticas por trás de tal ruptura. Diante de tal conjuntura, o sumo pontífice Romano foi obrigado a se pronunciar, o que fez em dois momentos:

El 10 de marzo de 1791, con el breve *Quot aliquantum*, condenó la constitución civil del clero, pues con sus disposiciones relativas a la institución canónica de los obispos, a la elección de los pastores de almas y a la institución de los consejeros episcopales hería de muerte la constitución divina de la Iglesia. Y en un segundo breve, *Caritas*, de 13 de abril declaraba sacrílegas las consagraciones de los nuevos obispos, prohibía a éstos toda acción propia del cargo y amenazaba con suspensión a todos los sacerdotes que hubiesen prestado el juramento y no se retractasen.⁶³

O papa Pio VI aproveitou as oportunidades para condenar severamente a declaração dos direitos do homem promulgada pela Assembleia Civil francesa. Segundo ele, os princípios sobre a autoridade civil e a liberdade religiosa, contidos na declaração, estavam em total contradição com a verdade, que por sua vez se encontrava na doutrina católica.

A partir dessas declarações a situação do clero se agravou ainda mais na França, e em 1792 por ocasião do assassinato de cerca de 1.100 presos que eram acusados de contra-revolucionários, foram executados entre eles em torno de 300 padres e 3 bispos. Daí por diante o pensamento liberal se radicalizou fortemente, e o Estado revolucionário que antes era somente contrário a Igreja Romana, passou a considerar toda forma de religião cristã como sua inimiga.

Isso evidencia que a Igreja perdia a sua posição central na determinação dos princípios socialmente aceitos e hegemônicos ou dominantes em algumas sociedades, frente ao avanço da modernidade, da ciência, do pensamento liberal e a sua prática republicana que enfatizava a liberdade individual e tinha como princípio de legitimação do poder o povo e não Deus.⁶⁴

⁶³ AUBERT, Roger. Op. Cit., p. 78-79.

⁶⁴ SOUZA, Wlaumir D. Op. Cit., p. 280.

A partir deste momento se deparou realmente com uma tentativa de secularização total da França. A pretensão da Revolução agora era que o cristianismo cedesse lugar a uma ‘nova religião’, na qual a fé estaria depositada na deusa Razão e no natural, tanto que o calendário cristão foi substituído por outro, no qual os meses do ano ganharam nomes correspondentes aos ciclos da natureza. Com a abolição da monarquia e a instalação da República, em 21 de setembro de 1792, foi oficializado o culto à Razão e ao Ser Supremo, assim muitas das igrejas cristãs foram transformadas em espaços dedicados a essas novas devoções. O ponto máximo desse processo de secularização e instalação desse novo tipo de culto, ocorreu em maio de 1794, quando a Convenção Nacional da França designou o chefe do novo Estado republicano, Robespierre, como sumo sacerdote da nova espécie de religião devotada ao Ser Supremo.

O resultado, na França, foi a divisão entre clericais e anticlericais – na verdade, a formação de duas culturas hostis: a nova cultura leiga e republicana militante da burguesia liberal dominante e a profundamente arraigada contracultura ou subcultura conservadora-católica, clerical e realista, depois papista da Igreja. A marcha da Igreja Católica oficial para um gueto cultural começara.⁶⁵

Na verdade, essa divisão era reflexo da separação do Estado e da Igreja que ocorreu por meio da revolução. O Estado, agora laico, teria obrigação de garantir o bem-estar material do cidadão, enquanto que a Igreja, por sua vez, caberia zelar pelo bem-estar espiritual dos fiéis. Essa ideia de separação total, onde uma instituição não deveria interferir na ação da outra não se deu por completo, pois ambas em determinados momentos tentavam se sobrepor e garantir vantagens e privilégios em relação a outra.

Acreditamos, que a exposição dos episódios promovidos pela Revolução Francesa demonstra a dimensão do impacto causado nas estruturas de pensamento e de ação da Igreja Católica na Europa. Assim cremos, que os acontecimentos promovidos pelo ideário revolucionário francês, causaram tamanha perplexidade para os católicos, sobretudo para os líderes da instituição em Roma, que promoveram uma reflexão interna, e conseqüentemente uma forte reação por parte da Igreja.

Por essa razão, defendemos que os combates ao catolicismo promovidos pela Revolução de 1789 são as raízes de uma reestruturação de pensamento e reorganização da Igreja Romana. Foi por meio dos embates contrários a ela que a Igreja precisou se repensar, e dessa revisão surgiu uma nova compreensão de si mesma, dotada por sua vez de novos discursos políticos

⁶⁵ KÜNG, Hans. **A igreja católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, pp. 196 e 197.

doutrinários pelos quais o catolicismo devia continuar sua missão. Nascendo dessa forma, o que podemos classificar como a autocompreensão ultramontana da Igreja.

De acordo com Manoel, “as autocompreensões da Igreja representam aqueles momentos em que uma determinada forma de organização, de tarefas auto-atribuídas e de auto-entendimento se torna dominante e, durante um certo tempo, direciona toda a atividade católica”.⁶⁶ Por sua vez, Wernet irá definir essas autocompreensões como

... ‘tipo ideais’, ou seja, ‘construções mentais’ ou ‘imagens mentais’ para cuja elaboração se faz necessário, exagerando elementos específicos da realidade, selecionar características dela e as ligar entre si num quadro mental relativamente homogêneo.⁶⁷

Portanto, cremos que a Revolução Francesa influenciou o surgimento de uma nova autocompreensão por parte da Igreja que foi pautada na promoção de uma forma de pensamento com características homogeneizantes e centralizadoras que ficou conhecido como ultramontanismo. Segundo Rambo,

Foi neste contexto que surgiu o conceito de Ultramontanismo. Ultramontanos (da expressão ‘ultra monte = além das montanhas) são ou foram os teólogos, o clero, os religiosos e o povo em geral, que combatiam o galicanismo dos católicos franceses que desejavam uma composição com o poder civil. Os ultramontanos reivindicavam como autoridade máxima aquela que tinha sua sede ‘ultra-montes, além das montanhas’, o papa em Roma.⁶⁸

Assim, o termo ultramontano, que foi utilizado primeiramente no século XII, em Bolonha na Itália, para designar o estrangeiro e fazer oposição aos citramontanos, que eram os cidadãos locais, ganha outra conotação. No contexto pós Revolução Francesa, foi adotado para definir o discurso político doutrinário elaborado pelos católicos em reação contrária ao avanço do liberalismo e da modernidade. Trata-se de um posicionamento político-teológico de defesa, criado pela Igreja para fazer frente ao mundo moderno e liberal, que irá perdurar por um bom tempo, atravessando todo o século XIX até meados do século XX.

Augustin Wernet, que é um dos estudiosos adeptos da autocompreensão ultramontana como instrumento de interpretação e análise da História da Igreja, define o termo da seguinte maneira:

Etimologicamente falando, ultramontano ou *outremontagne* foi a expressão usada no início do século XIX, na França e na Alemanha, para indicar, na rosa-dos-ventos, o

⁶⁶ MANOEL, Ivan A. Op. Cit. p. 9.

⁶⁷ WERNET, Augustin. **A igreja paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987, p. 12.

⁶⁸ RAMBO, Arthur B. Op. Cit., p. 148.

ponto escolhido de referência e fidelidade: ele está para lá das montanhas, além dos Alpes. Seu nome é Roma, é Pedro, o papa.⁶⁹

Da mesma forma, o autor aponta que:

A reação ultramontana se desenvolveu sobre um plano duplo: tendência a reconhecer no Papa da Igreja uma autoridade espiritual total, e a reivindicação para a Igreja da independência a respeito do poder civil, e mesmo de um certo poder ao menos indireto sobre o Estado.⁷⁰

Essa centralização política e doutrinária na Cúria Romana será umas das características mais latentes do discurso ultramontano que repercutirá durante os anos do 1800. Ao lado desse centralismo em Roma e na pessoa do papa, outra marca do ultramontanismo vai ser a rejeição à filosofia racionalista e à ciência moderna. Ambas características, que na nossa concepção são reações tanto aos ideários iluministas, como também ao movimento liberal, promovidos pela Revolução Francesa, estarão fortemente presentes nos discursos da hierarquia e dos agentes católicos ao longo do século XIX como veremos mais adiante.

Particularmente, no discurso do padre Pietro Colbacchini, tanto em seus escritos como na sua atuação junto aos imigrantes italianos instalados no Paraná, a adesão ao discurso ultramontano é evidente. Em muitos momentos o sacerdote vai declarar de maneira entusiasmada: “Anzi questa è la mia speranza, “levavi oculos meos in montem unde veniet auxilium”... ma dai monti di Roma.”⁷¹ cremos que o processo de unificação vivido pela Itália no decorrer do século XIX, do qual trataremos a seguir, também influenciou a apropriação desse discurso por parte do referido sacerdote.

1.2 A unificação italiana e a Questão Romana

Desde 1792, data da instalação da primeira república, o Estado francês promoveu uma forte campanha de conquista na Europa. Essas campanhas se tornaram emblemáticas, pelo fato de que não se limitaram simplesmente a conquista dos territórios e dos reinados europeus, mas porque acima disso, estavam marcadas pela disputa ideológica. Ou seja, tratavam-se de batalhas voltadas para o convencimento e a transformação da mentalidade dos povos do Ocidente, e

⁶⁹ WERNET, Augustin. Op. Cit., p. 178.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ De fato, esta é a minha esperança, “elevo meus olhos para o monte de onde me vem auxílio”...mas dos montes de Roma. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 26 de setembro de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 287.

principalmente de seus agentes políticos, do progresso e das vantagens que eram oferecidas pelo novo modelo de governo liberal e constitucional que a Revolução havia inaugurado.

De fato, esta nova forma de governar fazia frente ao conservadorismo, representado pelo absolutismo, que imperou durante todo o Antigo Regime e que ainda estava vigente na maior parte da Europa. Dentro desse conservadorismo, que ainda se fazia presente, podemos incluir a velha concepção de cristandade que unia Estado e Igreja. Essa característica tratou de impulsionar ainda mais a ação dos republicanos e liberais, que tinham a intenção de libertar os europeus da submissão imposta, tanto pelos soberanos absolutistas como pelos eclesiásticos, já que ambos eram os maiores inimigos dos ideais revolucionários de liberdade, igualdade e fraternidade.

Nessa direção, acreditamos que o lugar onde o combate ao Antigo Regime se tornou mais característico foi na península italiana. Isso porque era na Itália que se localizava a Santa Sé católica, onde estava o papa, o maior símbolo da união entre Estado e Igreja. De fato, lá o sumo pontífice Romano, além de líder máximo da instituição religiosa, era também um soberano europeu, um legítimo representante do absolutismo, pois possuía o poder temporal sobre uma boa parcela do território italiano.⁷² Por acumular essas duas funções podemos afirmar que a figura do papa representava o maior inimigo dos ideais surgidos com a Revolução.

Essa forte presença da Igreja fazia com que a maior parte da população italiana dessa época fosse de fato portadora de uma mentalidade compatível com a ideia da cristandade, que unia governo e religião católica. Porém, já haviam muitos italianos, adeptos dos ideais do liberalismo propagados pela França, que almejavam reformas que contrastavam com os princípios ultramontanos defendidos por Roma. Estes liberais italianos, acreditavam que com a ajuda dos franceses poderiam, não só se ver livres da dominação estrangeira, mas também depor os governantes locais absolutos e conservadores, porém sabiam que para isso precisariam da adesão do povo católico.

Nessa direção, acreditamos que a separação entre Estado e Igreja na península italiana vai ser um processo mais complexo, pois muitas vezes os novos estados constitucionais e republicanos lá instalados vão aceitar a religião católica oficialmente em seus programas para assim garantir o apoio popular de que precisavam. Por esta razão, desde os reflexos da Revolução, quando vão se iniciar as intervenções francesas, na pessoa de Napoleão Bonaparte,

⁷² Os Estados Pontifícios eram formados por um aglomerado de territórios no centro da península italiana, que se mantinham sob a direta autoridade civil dos papas, e cuja capital era Roma.

por meio das instalações das primeiras repúblicas na Itália, esta preocupação com a catolicidade do povo italiano esteve sempre presente. Conforme explica Aubert (1978),

... los militares franceses – como, por lo demás, también muchos patriotas italianos que querían introducir con su ayuda el sistema republicano de gobierno – ponían empeño en no exasperar a la gran masa de la población, pues sabían cuán adicta era al catolicismo (si no por profunda convicción, al menos por adhesión a tradiciones seculares).⁷³

Por sua vez, na visão da Igreja, a instalação das novas formas de governo, que culminariam no desejo da unificação italiana, representava unicamente uma coisa, a perda de seu poder temporal. Nessa direção, acreditamos que o processo de unificação da península italiana influenciará fortemente na consolidação da política de ultramontanismo promovida pela instituição Católica. Ambos avançarão juntos durante o século XIX, pois conforme a unificação da Itália se tornava mais real, mais a Igreja se fechava e fortalecia seu discurso conservador ultramontano contrário ao nacionalismo. É por isso que cremos que visitar os acontecimentos do *Risorgimento* italiano seja importante para a presente pesquisa.

Segundo o historiador John Gooch (1991), o domínio francês na Itália, que durou de 1796 até 1815, e o estabelecimento de algumas repúblicas na península deixaram um importante legado para os patriotas italianos. De acordo com este autor, “a consequência mais importante do domínio francês foi implantar na cabeça das pessoas a ideia de que a Itália podia tornar-se um Estado unitário”.⁷⁴ Porém, essa unificação teve de se dar com muita cautela e lentidão, pois a Igreja, com sua influência, era contrária a esse processo que promoveria a extinção de muitos reinos católicos, sobretudo o fim dos Estados papais.

Ainda em 1796, Napoleão Bonaparte, à frente das tropas francesas, obrigou o papa Pio VI a ceder os territórios da Bolonha, Ferrara e Ancara, que faziam parte dos Estados Pontifícios. Como ação contrária o sumo pontífice exortou os católicos franceses a permanecerem fiéis à Cúria Romana. A situação apaziguou-se um pouco, quando Napoleão chegou à conclusão que a religião católica poderia servir para um melhor governo do povo francês, isso porque boa parcela da população e do clero da França atendeu ao apelo do papa e queria continuar católica e fiel a Roma, sobretudo no campo.

Assim, houve uma renúncia do projeto de secularizar totalmente a França por parte de Napoleão, que nesse momento estava interessado em obter um entendimento com os franceses e com os líderes políticos dos outros países católicos da Europa. Por sua vez a Cúria Romana

⁷³ AUBERT, Roger. Op. Cit., p. 101.

⁷⁴ GOOCH, John. **A unificação italiana**. São Paulo: Editora Ática, 1991, p. 16.

queria a oportunidade de recristianizar a população francesa. O encontro dessas intenções resultou na assinatura de uma Concordata em 1801, entre o novo papa Pio VII e Bonaparte. Segundo Martina (1996), esse acordo

... reconhecia o catolicismo como a religião da maioria dos franceses e o benefício que lhe trazia o restabelecimento do culto católico e a particular profissão que dela faziam os cônsules da República. A Santa Sé renunciava [...] à posição privilegiada do *Ancien Regime* [...] [e] prometia não perturbar de modo algum os que tinham comprado os bens eclesiásticos alienados.⁷⁵

Porém, esse acordo limitava-se ao território francês e representava uma retomada de diálogo com o catolicismo unicamente com aquele país e somente para aquele determinado momento. O fato é que na Itália, que continuou sendo dominada pelas tropas francesas de Napoleão, a situação era bem mais complexa. Essa realidade, fica mais evidente quando este último se torna imperador, e depois de um período de entendimentos com Roma, vai travar um forte conflito com Pio VII. Essa batalha chegou ao seu auge em 1809, quando novamente os Estados Pontifícios são invadidos e anexados à França, Roma será então ocupada e o referido papa será levado para Fontainebleau e só retornará ao Vaticano depois da queda definitiva de Napoleão, em 24 de maio de 1814.

O conjunto desses acontecimentos revolucionários tornou-se matéria constante de reflexão para os católicos: era preciso barrar o processo de desmoralização da Igreja. Era preciso salvar o mundo do sagrado e sua maior instituição – a Igreja Católica -, assim como restabelecer o poder do Papa.⁷⁶

Conforme aponta Biasoli (2010), as disputas napoleônicas com Roma só fortaleceram o processo de formação e consolidação do discurso ultramontano. Isso porque, com a propagação dos ideais revolucionários, que sacudiram a Igreja, era preciso robustecer a instituição guardiã do catolicismo. Por outro lado, tais ideias foram capazes de despertar o início da luta pela unificação.

Com a queda de Napoleão e a realização do Congresso de Viena em 1815, os Estados Pontifícios foram restabelecidos na Itália, mas era por pouco tempo. Isso porque algumas das várias revoltas e insurreições que surgiram na península italiana nesse período, além da luta contra a dominação francesa e austríaca e os soberanos locais, assumiram também uma posição fortemente anticlerical. Segundo John Gooch (1991), esse foi o exemplo dos Carbonari e as ações por eles promovidas para libertar o Reino das Duas Sicílias nos anos de 1820 e 1821.

⁷⁵ MARTINA, 1996, pp. 20-21. Apud BIASOLI, Op. Cit., p. 27-28.

⁷⁶ BIASOLI, Vitor O. F. Op. Cit., p. 28.

Estes, além do desejo de se verem livres do exército Bourbon, tinham como alvo principal a Igreja.⁷⁷

Esse também seria o caso das revoltas promovidas pelo italiano Giuseppe Mazzini, que funda a sociedade patriótica e revolucionária *Giovani Italia* em 1832. De acordo com Gooch, esse líder revolucionário tinha forte crença no progresso e que os italianos podiam converter-se num Estado-Nação, por isso seu programa de ação estava pautado nos seguintes objetivos: “libertar a Itália da ocupação austríaca, do controle indireto exercido por Viena, do despotismo principesco, do privilégio aristocrático e da autoridade clerical”.⁷⁸

Neste interím, o Piemonte ganhava uma posição de destaque, onde seguindo os rastros da Revolução Francesa, “aristocratas liberais e burgueses moderados conspiravam para introduzir um regime constitucional e unificar a província com a Lombardia e Veneza em um reino da Alta Itália”.⁷⁹ Num primeiro momento, esse grupo queria o apoio de Pio VII, pois precisava que o povo católico dessas regiões estivesse de acordo com os seus ideais. Porém, o maior representante da Igreja era defensor da monarquia tradicional e reconhecia nessa intenção uma tentativa de iniciar um processo de unificação da península italiana. O historiador Vitor Biasoli vai explicar esse momento da seguinte forma:

O papado ganhava fortes aliados entre as monarquias restauradoras, especialmente a Áustria. No entanto, tinha que lidar com os grupos liberais que almejavam a unificação da Itália, os quais pretendiam, num primeiro momento, ter no papa um dos seus aliados. Roma, no entanto, não se sentia confortável nessa aliança. Sua simpatia era pelas monarquias tradicionais, especialmente a da Áustria.⁸⁰

Essa política conservadora da Cúria Romana será mantida pelo papa Gregório XVI, sucessor de Pio VII, que assumirá uma postura fortemente contrária ao liberalismo e a modernidade, reafirmando o ultramontanismo como o discurso de defesa adotado pela Igreja Católica neste momento. Nessa direção, o movimento do *Risorgimento*, que almejava a unidade italiana por meio de um enfrentamento direto ao domínio austríaco, continuou não tendo o pontífice Romano como um aliado, pois o novo papa também não se alinhou com os liberais contrários a monarquia.

Quando Pio IX tomou posse do governo da Igreja Católica em 1846, os italianos liberais ainda tinham certa esperança de conseguirem uma aliança com ele, e assim obter o apoio de Roma para o projeto de unificação da Itália. Porém, com a Revolução de 1848, o novo sumo

⁷⁷ GOOCH, John. Op. Cit., p. 16.

⁷⁸ GOOCH, John. Op. Cit., p. 18.

⁷⁹ Ibidem, p. 17.

⁸⁰ BIASOLI, Vitor O. F. Op. Cit., p. 34.

pontífice negou-se a prestar auxílio na disputa contra os austríacos, pois na sua concepção não podia combater uma nação católica. Da mesma forma, condenou o projeto de unificação e pediu para o povo fazer o mesmo.

Diante da não ajuda do papa os patriotas liberais, liderados por Mazzini e Giuseppe Garibaldi, invadiram Roma pela primeira vez, e fizeram dela novamente uma república. O pontífice teve de fugir para o reino de Nápoles, retornando a Roma somente em 1850, com o apoio das tropas francesas de Napoleão III. Dessa forma, ficou evidente mais uma vez que o papado era contrário à unificação, e daí por diante os revolucionários perceberam que para unir a Itália precisavam fazer guerra a Igreja Católica.

Nessa direção, o processo de unificação da península italiana assumiu um caráter de combate à Cúria Romana e ao clericalismo. Assim, os revolucionários se uniram em torno do projeto de Vitorio Emanuele II, rei do Piemonte, que passou a tomar várias medidas contra a Igreja em seu território, acabando com os privilégios e extinguindo muitos conventos e mosteiros. Rapidamente a luta pela unidade política da península ganhou um caráter anticlerical, já que o papa permanecia ao lado da Áustria e era protegido pelos franceses.

Houve um período de certa estabilidade, onde a população dos Estados Pontifícios se mostrava satisfeita com o governo paternalista de Pio IX. Ao contrário da burguesia, que não suportava mais que os cidadãos civis não tivessem nenhuma responsabilidade política, já que os cargos eram sempre abastecidos pelos clérigos. Tal era a situação que quando estourou a Guerra da Itália em prol da unificação em 1859, “várias províncias exigiram sua incorporação ao Reino do Piemonte, já que nele, desde o Norte até o Sul da península, depositavam sua esperança todos aqueles que queriam ver uma Itália unida, governada conforme os modernos postulados constitucionais”.⁸¹

O Piemonte se apressou para tirar a maior vantagem possível da situação, e o rei Vitorio Emanuele tratou logo de requerer ao papa Pio IX que reconhecesse o domínio piemontês sobre a região da Romagna, e que entregasse as de Marche e Umbria, sem a necessidade de uma batalha armada. O pontífice Romano não só se negou a entregar esses territórios, como também declarou como heréticos os que atentavam contra a soberania da Igreja Católica, tanto que excomungou os promotores de tal afronta à Santa Sé.

Porém, a realidade dos acontecimentos políticos não era favorável aos Estados Pontifícios, já que com o avanço do reino piemontês, Vitorio Emanuele cada vez mais ganhava o apoio da população. O fato é que, o rei do Piemonte, por meio da conquista dos territórios e

⁸¹ AUBERT, Roger. Op. Cit., p. 897.

do apoio popular tornava cada vez mais real o sonho da unificação da Itália. Por outro lado, a posição da Cúria Romana por meio do firme discurso da Igreja, que era radicalmente contrária a esse processo, fez com que a figura do papa estreitasse cada vez mais os laços com os católicos mais comprometidos.

Dando continuidade à guerra de unificação no Norte, Vitorio Emanuele conseguiu anexar ao seu reino os territórios das regiões da Toscana, Emília e Lombardia, permanecendo somente a Veneza sob o domínio austríaco.⁸² No Sul, Garibaldi e seu exército derrotaram os soldados Bourbons e tanto a região da Sicília como de Nápoles foram anexadas ao Piemonte. Segundo Aubert (1978), alguns meses depois da queda do reino de Nápoles, as tropas piemontesas ocuparam os territórios das regiões de Marche e Umbria, reduzindo os Estados papais ao território Romano. “O Estado pontifício ficou então reduzido a Roma e seu contorno (algo mais de 700.000 habitantes, frente aos 3 milhões de antes), e havia poucas esperanças de voltar a recuperar outra vez as províncias perdidas”.⁸³

De fato, em 17 de março de 1861, quando o Reino da Itália passou a existir formalmente, Roma era a única cidade da região central da península que não pertencia ao novo reinado. O novo estado-nação que surgia declarava publicamente que Roma devia ser a capital italiana, porém, “a barreira aparentemente insuperável para isso era o fato de o papado não abrir mão de seu poder temporal”.⁸⁴ O papa Pio IX enxergava que a perda de Roma seria uma perda para a religião, já que para ele a unificação se deu de uma forma violenta e sob a direção anticlerical do Piemonte. O pontífice Romano considerava o conflito da seguinte maneira:

El conflicto entre Italia liberal y el poder temporal se transformaba a sus ojos en una guerra de religión, en la que la resistencia contra lo que él gustaba más y más de designar como *la revolución*, no era ya asunto de equilibrio de las fuerzas diplomáticas, militares o políticas, sino una cuestión de oración y de confianza en Dios.⁸⁵

Portanto, para Pio IX a tomada de seu poder temporal era também uma derrota espiritual para o catolicismo. Do outro lado, Vitorio Emanuele queria completar a unificação e só lhe faltavam Roma e Veneza, esta última continuava sob o domínio austríaco. Assim, quando a Prússia declarou guerra à Áustria em 1866, o rei da Itália viu nisto a sua oportunidade de avançar com seu plano e conquistar o que lhe faltava no Norte da península.

⁸² A Veneza correspondia aos atuais territórios da província de Mantova, da região do Veneto e parte do que é hoje a região de Friuli-Venezia-Giulia.

⁸³ Ibidem., p. 899-900.

⁸⁴ GOOCH, JOHN. Op. Cit., p. 58.

⁸⁵ AUBERT, Roger. Op. Cit. p. 901.

A guerra começou em junho daquele ano, e o exército italiano foi derrotado na batalha de Custoza. Porém, a Itália recusou-se a interromper suas operações, pois almejava também na oportunidade conquistar o Trentino, mas novamente foi derrotada em Lissa, o que fez com que ela suspendesse sua participação na guerra. No entanto, com o Tratado de Paz de Viena, a Áustria, sob influência política da França, cedeu a região de Veneza e reconheceu o novo Reino da Itália.

Dessa forma, após a guerra de 1866, somente a questão Romana permaneceu num impasse por conta da firme posição política adotada pelo papa, que considerava que o poder temporal representava uma instituição imprescindível para o bem da Igreja. Por sua vez, a população católica se encontrava dividida, haviam aqueles que permaneciam fiéis ao papa, porém muitos se tornaram simpatizantes da causa da unificação. “Até os sacerdotes italianos que, em um doloroso conflito de consciência, se sentiam vacilantes entre suas aspirações patrióticas e as diretrizes da Igreja.”⁸⁶

Diante desses fatos, depois de várias tentativas diplomáticas, Vitório Emanuele II e Garibaldi resolveram por um fim na questão Romana por meio da força. O único impedimento era que para isso teriam de enfrentar as tropas francesas que faziam a proteção do papa. “Os franceses afirmavam publicamente que a Itália jamais se apoderaria de Roma e os italianos proclamavam que, mais cedo ou mais tarde, ela se tornaria a capital da Itália.”⁸⁷

A oportunidade de furar o bloqueio francês apareceu com a deflagração da guerra franco-prussiana em julho de 1870, momento em que as tropas francesas se retiraram de Roma. Encontrando-se a cidade sagrada dos católicos desprotegida, o exército italiano a dominou facilmente na manhã de 20 de setembro daquele ano. Assim, Roma foi feita a capital italiana e o papa se tornou prisioneiro do Vaticano.

Perante a narração do processo de unificação italiana, que consequentemente levou a perda do poder temporal do papa, somos levados a refletir sobre a consolidação do discurso ultramontano da Igreja do século XIX. Sem as suas terras, seus Estados Pontifícios, agora o papa teria de buscar uma outra forma de impor-se, e para isso precisaria manter um discurso voltado para o poder espiritual e doutrinário da Igreja. Isso era necessário, porque assim como na França do final do século XVIII, a população italiana agora estava dividida entre clericais e anticlericais, de forma que a instituição católica corria o risco de perder boa parte de seus fiéis.

⁸⁶ AUBERT, Roger. Op. Cit. p. 902.

⁸⁷ GOOCH, Roger. Op. Cit. p. 62.

Entendemos que é por essa razão que a Cúria Romana vai intensificar o discurso ultramontano nesse momento.

O que nos chama bastante a atenção também, é o fato de que a última região a ser anexada ao Reino da Itália, antes da tomada de Roma, é a mesma região que vai fornecer a maioria dos imigrantes italianos para o Brasil, sendo inclusive o local de origem de Pietro Colbacchini, sacerdote do qual o discurso estamos estudando. Acreditamos que esse fator intensificou a característica ultramontana antinacionalista desses personagens históricos.

Na nossa concepção, isso se deu porque a região do Vêneto manteve-se por bastante tempo sob o domínio da Áustria, que como nação católica permitiu à Igreja, que era a sua fiel aliada política na Itália, propagar ali fortemente o modelo ultramontano de catolicismo aos seus fiéis. Por sua vez, a noção de identidade italiana que estará no discurso de padre Pietro Colbacchini, não será aquela ligada a Itália como Estado-nação, mas pelo contrário, a italianidade na concepção do sacerdote estará atrelada ao forte sentimento de catolicidade.

1.3 O Ultramontanismo clássico e a reafirmação do modelo tridentino de Igreja

Frente aos ataques sofridos, sobretudo no final do século XVIII, e que vai continuar sofrendo ao longo do século seguinte, a Igreja se deu conta de que havia perdido a influência sobre o poder temporal que antes possuía por meio da velha concepção de cristandade mantida durante o Antigo Regime.

Dessa maneira, ao reavaliar-se, a instituição católica percebeu a necessidade de empregar seus esforços na tentativa de buscar retomar uma posição de destaque, o que fez por meio de um projeto pautado na recuperação dos seus aspectos doutrinários. Ou seja, já que havia perdido o seu poder sobre o temporal a Igreja precisava redefinir-se sob outras bases, se assim quisesse se manter viva, por isso resolveu reforçar o seu discurso de detentora do poder espiritual e divino.

Essa foi a forma encontrada pelo catolicismo de reagir, de rever sua missão, de reencontrar, ou poderíamos dizer, de recriar sua identidade, para assim combater os inimigos que pretendiam não só sua exclusão, mas sua eliminação da sociedade moderna. Esses esforços empregados culminaram na formação do catolicismo ultramontano propagado pelos líderes da Igreja durante todo o século XIX, que vai perdurar até a metade do século XX. De acordo com Ivan Manoel,

Com a expressão “Catolicismo Ultramontano”, a literatura se refere àquela autocompreensão da Igreja vigente entre o pontificado de Pio VII (1800-1823), quando a doutrina conservadora e restauradora da Igreja inicia sua consolidação, e o pontificado de João XXIII (1958-1963), quando o Concílio Vaticano II criou as condições para a instauração de uma nova autocompreensão, que propiciou o desenvolvimento de posicionamentos políticos e pastorais, na América Latina, que se manifestaram na Teologia da Libertação e na “opção preferencial pelo pobres”.⁸⁸

Portanto, o discurso batizado de ultramontano é conhecido como a voz que a Igreja Católica reverberou por um período longo de sua história, cerca de 160 anos. Porém, por se fazer presente durante todo este espaço de tempo, acreditamos que tal discurso não conseguiu se manter sem sofrer algumas variações no seu conteúdo e na sua forma.⁸⁹ Na nossa concepção, essas mudanças dependeram de dois fatores: primeiro dos enfrentamentos que a Igreja estava tendo diante dos acontecimentos externos de cada período e, segundo do caráter assumido por sua liderança, sobretudo pelo seu líder máximo, o sumo pontífice Romano.

Nessa direção, Manoel (2004) vai afirmar que mesmo sendo um modelo fixo, construído como um “tipo ideal”, onde prevalecem as permanências, o ultramontanismo pode ser subdividido em três fases. A primeira fase se inicia com Pio VII (1800-1823) e vai até Pio IX (1849-1878), na qual houve a consolidação da doutrina conservadora da Igreja, voltada mais para a afirmação do discurso do que para a ação; o segundo momento é marcado pelo pontificado de Leão XIII (1878-1903), que por sua vez fortaleceu o discurso de doutrinação contra a modernidade, porém, estabelecendo uma política que, ao partir para a prática, foi capaz de intervir em realidades mais concretas e; uma terceira fase que vai de Pio X (1903-1914) a Pio XII (1939-1958), na qual a Igreja deixou um pouco de lado o discurso e partiu para a práxis de fato, desenvolvendo programas que ficaram conhecido como Ação Católica.⁹⁰

Creemos que com essas diferenças, apresentadas assim de forma tão esquemática e rígida, o referido autor teve a pretensão de pensar em uma subdivisão dentro do catolicismo ultramontano. Isso fica mais evidente com a seguinte afirmação:

... não é de todo descabido pensar, diante das dificuldades arroladas, ser necessário estabelecer-se um novo conceito o qual demonstre que, entre Pio X e Pio XII, o catolicismo viveu uma fase de transição do Ultramontanismo para um catolicismo mais progressista, uma fase em que muito do *Ultramontanismo clássico* [grifo nosso] sobrevivia na doutrina e na prática da Igreja, mas que outras práticas – a atuação do

⁸⁸ MANOEL, Ivan A. Op. Cit., p. 11.

⁸⁹ Portanto, defendemos a ideia de que cada sacerdote que adotou esse projeto se apropriou dele de maneira diferente. Por essa razão acreditamos ser importante o estudo da especificidade de como o discurso ultramontano adotado por Pietro Colbacchini se desenvolveu.

⁹⁰ Cabe salientar que o combate ao modernismo nunca deixou de estar presente em todas as fases, somente adquiria tonalidades variadas, adaptando-se as diferentes conjunturas. Ibidem, p.12.

laicato e seu maior engajamento junto à população e seus problemas, por exemplo – acabaram por forçar mudanças doutrinárias e mesmo teológicas.⁹¹

Portanto, compreendemos que Ivan Manoel (2004) quis de fato separar a última fase do ultramontanismo dos seus dois primeiros momentos, tanto que a esses últimos afirmou pertencerem a um *Ultramontanismo Clássico* e mais adiante vai escrever sobre a possibilidade de chamar a terceira fase de um período “Pós-Ultramontano”.

Nessa perspectiva, a segunda fase vinculada ao pontificado de Leão XIII, seria uma fase de transição, que começaria inserida no modelo clássico de ultramontanismo, e terminaria dando lugar a uma nova forma de discurso. Nas palavras de Souza (2002), “Leão XIII a princípio seria um ultramontano transigente que superou inclusive essa postura ao abordar uma relação mais dinâmica e política com o Estado e a sociedade”.⁹²

Acreditamos que tal proposição tem fundamento, porque tanto o citado papa Leão como o seu sucessor, papa Pio X, eram mais transigentes sob alguns aspectos, e tiveram atitudes mais diplomáticas em algumas ocasiões, sobretudo no campo da política, ou seja, houve uma maior aproximação e aceitação das novas formas de governo que se estabeleceram durante o século XIX, para com as quais os pontífices anteriores se fecharam ao diálogo, por vezes as criticando, e outras inclusive as condenando.⁹³ Nessa direção, o que se assiste de fato é uma transição,

... de uma posição apolítica, se não antipolítica, terminou a Igreja ultramontana-romana a se enfronhar cada vez mais em tal arena, passando da perspectiva ultramontana para a de cooptação do Estado Republicano e que, portanto, viabilizaria a partir mesmo de Leão XIII a se falar em neo-ultramontanismo que culminaria com a ação católica.⁹⁴

Portanto, a ideia elaborada por Manoel (2004) vai ao encontro, em certa medida, com a defendida por Souza (2002), que afirma que com a maior diplomacia presente no pontificado de Leão XIII se inicia uma nova forma de ação da Igreja, mais aberta ao diálogo em relação aos novos sistemas políticos. A essa nova fase, de um pós-ultramontanismo clássico, este último autor vai chamar de neo-ultramontanismo. Segundo ele, a novidade ficaria por conta da implantação de uma visão mais transigente e menos estrema.

O neo-ultramontanismo partiria como processo consolidador e unificador das vertentes romanizadoras e ultramontanas em prol de maior transigência em relação,

⁹¹ Ibidem.

⁹² SOUZA, Wlaumir D. Op. Cit., p. 287.

⁹³ Com isso não estamos afirmando que esses pontífices não foram intransigentes e reacionários em muitas de suas ações, sobretudo no que diz respeito a rigidez referente a questões hierárquicas e conservadoras internas da instituição católica. O que queremos evidenciar é que houveram diferenças dentro do discurso ultramontano.

⁹⁴ Ibidem., p. 291.

se não ao mundo moderno [grifo nosso], ao menos em relação à forma de estado implementada, assumindo uma relação hierárquica na qual o padre deveria passar obrigatoriamente pelo bispo, evitando alegações de romanização estremada onde por vezes se tinha um impasse.⁹⁵

Contudo, apesar de adotar algumas posturas mais transigentes, Souza, diferentemente de Manoel, vai considerar que Leão XIII continuou a ser intransigente em relação ao mundo moderno. É o que aponta também Roseli Boschilia (2002), ao afirmar que o referido pontífice estabeleceu uma negociação com alguns aspectos da modernidade adaptando-se às transformações da sociedade apenas como uma estratégia para garantir a sobrevivência institucional da Igreja. Segunda a historiadora, com essa postura, aliada ao princípio de que cultura e Estado eram entidades autônomas ao lado da Igreja, o papa modificou as relações entre o Vaticano e a sociedade para obter uma série de conquistas morais.⁹⁶

Com base nessa perspectiva, apresentada acima pelos três autores citados, acreditamos ter existido, portanto, ao menos duas formas de discurso ultramontano intransigente, um clássico e um estratégico. O primeiro, caracterizado pela intransigência estremada com relação às inovações da modernidade, da política e do liberalismo, e por uma romanização radical, ou seja, pela submissão direta e total a Cúria Romana; e o segundo modelo, que apesar de se abrir ao diálogo em relação a alguns aspectos da modernidade, continuou sendo intransigente à maioria das ideologias surgidas com o mundo moderno.

Nosso interesse, em particular, ao investigar essas diferenças existentes no discurso ultramontano, é perceber por qual dessas fases o padre católico que estudamos foi mais influenciado. Tendo o padre Pietro Colbalcchini nascido em setembro de 1845 e morrido no início de 1901, poderíamos afirmar de antemão que o sacerdote teria sido influenciado por ambos os modelos de ultramontanismo. Porém, cremos que a influência exercida pelo primeiro modelo superou a do segundo, isto porque no nosso entendimento o missionário teria definido sua forma de discurso durante o período de seus estudos e formação, como também em seus primeiros anos como sacerdote católico, e estes se localizam na década de 1860 e 1870.

Por sua vez, esse período corresponde ao pontificado de Pio IX (1846-1878), marcado pelo forte discurso ultramontano intransigente. Por essa razão, acreditamos que o discurso do missionário católico que estamos investigando pode ser definido como um exemplo de ultramontanismo clássico, fortemente marcado pela intransigência e pela recusa das inovações políticas da modernidade e do liberalismo.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ BOSCHILIA, Roseli T. **Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos** (Curitiba 1925-1965). Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 2002, pp. 19 e 20.

Dessa maneira, como veremos mais adiante, o discurso de Colbacchini era fortemente marcado pela submissão rígida dos leigos ao sacerdote, que era o único que podia ditar as regras, não podendo os primeiros agirem ou tomarem qualquer decisão na comunidade sem antes ter a aprovação do padre. Da mesma forma, destaca-se no discurso do dito sacerdote uma romanização estremada, de modo que ele não se submetia a autoridade do bispo local, mas sim diretamente ao papa. Estas seriam algumas das características do ultramontanismo radical e intransigente presentes no discurso de Pietro Colbacchini.

Para esse momento, cabe a nós afirmar a existência de um ultramontanismo clássico, definido como discurso católico que começou a se colocar em prática desde o início do século XIX, e que vai entrar em declínio somente no encerramento do mesmo. Discurso que, além da forte negação da modernidade e da centralidade declarada em Roma, irá também ser caracterizado por uma revitalização do modelo de Igreja definido pelo Concílio de Trento.

Esse concílio, que foi realizado entre os anos de 1545 e 1563, foi um marco para a instituição Católica, pois ele possibilitou definir as ações de defesa e de combate, ou seja, de Contrarreforma, diante da repercussão da Reforma Protestante do início do século XVI. Já no século XIX, os desafios eram outros, a Igreja precisava reencontrar tais definições de si mesma a fim de combater as ameaças do mundo moderno e do liberalismo advindas do Iluminismo e da Revolução Francesa.

É com essa intenção, de enfrentar os novos obstáculos modernos e de reagir, que o catolicismo vai resgatar e reforçar as decisões tomadas no Concílio de Trento. Essa atitude, reforça a ideia de que a Igreja se colocava em uma posição contrária ao discurso de modernização, pelo fato que ela se volta para o seu passado e sua tradição para então se reorganizar, caminho exatamente inverso ao do Estado.

O fato é que, para superar tanto a crise interna, como também os ataques externos, pelas quais estava passando, a instituição Católica Romana irá buscar recriar sua identidade por meio da reafirmação da sua doutrina. Por isso que os discursos ultramontano e romanizador terão como característica fundamental o fortalecimento das práticas doutrinárias definidas pelo Concílio de Trento.

Por meio do resgate das decisões tomadas naquele concílio é que a Igreja irá reconstruir sua identidade católica na tentativa de se fazer não só homogênea, mas também hegemônica, e assim se fortalecer para combater os ideários modernos e liberais. Nas palavras de Zulian, “Trento funcionou como força aglutinante e elemento inspirador na tarefa de recriar a imagem

da Igreja, empreendendo a construção de uma instituição sólida e compacta, capaz de suportar as vicissitudes dos séculos”.⁹⁷

Portanto, o modelo tridentino de Igreja era um símbolo, na medida que ele representava a identidade pela qual a instituição católica buscava não somente se manter perante os ataques do mundo moderno, mas mais que isso, se sobrepor a ele, como também se impor aos seus fiéis. Ao definir como o catolicismo devia ser vivido, a partir dos paradigmas definidos em Trento, a Igreja pretendia se diferenciar e se opor a modernidade, e assim ditar a maneira de como os seus adeptos deveriam se comportar, ou seja, ela almejava retomar o papel de condutora da consciência dos povos. Essa posição adotada pela instituição lhe proporcionaria a reafirmação de uma identidade própria e única.

Esse posicionamento da Igreja Católica fortalece na instituição uma identidade própria. O “Eu” Igreja Católica Apostólica Romana e “os outros”, ou seja, os males advindos do mundo moderno. [...] Calcada em uma identidade que a diferenciava e a encaminhou para o resgate de sua doutrina e tradição, a partir do século XIX, o ideal da Igreja Católica foi romanizar seu rebanho, desviando-o dos caminhos trevosos do mundo moderno.⁹⁸

Dessa forma, a instituição Católica Romana se reerguia, se colocava em pé, com a pretensão de inabalável, pronta para ser seguida pelos seus fiéis, que por sua vez, segundo as regras dela, deveriam rejeitar aos desvios da verdade propostos pelo mundo moderno. Portanto, por meio da sua autocompreensão ultramontana, impregnada do modelo tridentino, a Igreja se auto afirmava como a detentora da verdade, a única responsável pela salvação do homem, o único caminho a ser seguido.

Assim, a forma tridentina se torna dentro do discurso ultramontano a marca primordial do catolicismo, ela se estabelece como a norma que mantinha a identidade da Igreja, ou seja, a maneira pela qual ela se auto definia com a finalidade de se impor aos diferentes discursos surgidos com o avanço do liberalismo e que se multiplicaram ao longo do século XIX.

Diante disso, podemos perceber que o ultramontanismo se utilizou do discurso de normalização para reconstruir sua identidade ao mesmo tempo que se opunha a modernidade. Segundo Silva (2014), a normalização é um processo pelo qual se busca estabelecer um poder por meio da identidade e diferença. O autor explica o processo da seguinte maneira:

⁹⁷ ZULIAN, Rosângela W. Op. Cit., p. 26.

⁹⁸ VIEIRA, Matheus Machado. **"Viciadas e perversas ou honestas e respeitadas?" A representação do matrimônio, da mulher e da família no discurso religioso e judiciário: Ponta Grossa (1930-1945).** Tese (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2014, pp. 23-24.

Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade.⁹⁹

Acreditamos, portanto, que ao eleger o modelo tridentino de catolicismo como a sua identidade a Igreja estava normalizando a sua forma de ser. E por esse processo passou a identificar e a propagar a si própria como um modelo ideal, ou seja, passou a autocompreender-se como um corpo místico perfeito, uma instituição única, acima das demais. Para isso fortaleceu o apego a sua tradição e a sua doutrina que haviam sido formalizadas no Concílio de Trento. Essa foi a forma encontrada pela instituição católica para se defender e se manter, frente a nova sociedade ocidental que se estabeleceu no século XIX, e que estava calcada na separação entre o Estado e a Igreja e na valorização da razão e da ciência.

Nessa direção, podemos afirmar que o ultramontanismo foi um discurso de normalização pelo qual a Igreja buscou se colocar acima do Estado e do racionalismo moderno, ou seja, sobre o poder temporal, reforçando o seu caráter espiritual e divino. Por meio do modelo estabelecido em Trento é que a instituição Católica Romana auto reafirmou sua identidade de legítima representante de Deus na terra, e sua missão de responsável pela recristianização do mundo, e assim, pela salvação da humanidade.

Segundo Zulian, a Igreja se apegou a ideia de que era a única portadora da verdade, conforme havia sido definido já no Concílio de Trento, por isso julgava que a salvação temporal da humanidade e eterna do homem dependia da recristianização do mundo, e que essa tarefa era de exclusiva competência da instituição católica.

O projeto católico, no caso, era o desdobramento da sua leitura de modernidade. Entendendo esta como o ápice da perdição do gênero humano e se lhe atribuindo a tarefa e o direito de resgatar a humanidade decaída, a alta hierarquia se propôs a desmontar o mundo moderno, recristianizá-lo e reconstruí-lo em conformidade com seus princípios.¹⁰⁰

Portanto, percebemos que o discurso ultramontano tridentino colocava a tradição católica como a única verdade pela qual a humanidade poderia alcançar a salvação, sendo que o contrário, a perdição, estava posta nos ideais surgidos com a modernidade. A forma de se

⁹⁹ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 83.

¹⁰⁰ ZULIAN, Rosângela W. Op. Cit., p. 45.

defender, de proteger os seus fiéis, dos males e dos erros modernos, foi se reorganizar em torno de suas tradições. Entre essas tradições se destacou de sobremaneira a vivência sacramental, conforme havia sido definida em Trento e, que o ultramontanismo do século XIX vai fortemente propagar em seu discurso. Portanto, para o entendimento católico ultramontano era por meio da vivência sacramental que os fiéis estariam a caminho da salvação e protegidos das ameaças modernas.

Com base nas definições de Trento, os sacramentos, que para os protestantes eram só dois, o batismo e a eucaristia, foram decretados sete para os católicos: batizado, eucaristia, crisma, penitência, casamento, ordem e unção dos enfermos. Dentre eles, se deu maior ênfase na eucaristia e na penitência (confissão), isso porque se reafirmou que o padre era o único que poderia consagrar o pão e absolver os pecados dos homens.

Assim, a vivência da catolicidade, na sua forma tridentina, era sacramental e dependia diretamente da presença de um sacerdote, que era o legítimo representante, não só da instituição Romana e da catolicidade, mas de Deus. Dessa forma, a Igreja declarava que o seu clero era detentor de um poder espiritual e divino. Com base, e por meio, desse poder clerical, os seus padres deveriam atuar, tendo como meta a salvação das almas. Dessa maneira, como descreve Souza (2002), “a ordem era um privilégio ministerial e hierárquico da igreja, não admitindo o sacerdócio universal, comparando o clero a um exército pronto para a batalha”.¹⁰¹

Esses postulados, que lá no Concílio de Trento tinham a intenção firme de combater a Reforma Protestante, agora no século XIX, no intuito de fazer frente ao liberalismo moderno, almejavam a ascensão do poder da instituição Católica Romana em meio a sociedade, assim como a uniformização dos seus representantes e seus fiéis. Por essa razão, uma das preocupações fortemente presente no discurso ultramontano dessa época vai ser a moralização do clero, assim, como a formação dos mesmo por meio de uma submissão radical à hierarquia.

Tridentino e clerical eram termos que se colocavam um ao outro. Ser clerical era estar atrelado aos princípios tridentinos de combater os hereges, repreender os eclesiásticos em erro, fazer do clero modelo aos leigos por meio de uma formação adequada, propiciada sobretudo em seminários e conventos, examinando-se os candidatos ao sacerdócio antes da ordenação, e a obrigatoriedade da prática catequética e pastoral para os padres...¹⁰²

Dessa maneira, percebemos que o ultramontanismo defendia a Cúria Romana com todas as forças, por meio do projeto de romanização da Igreja, que por sua vez eram definidos pela

¹⁰¹ SOUZA, Wlaumir D. Op. Cit., p. 279.

¹⁰² Ibidem., 280.

imposição do catolicismo tridentino caracterizado como clerical. O reforço do clericalismo foi a maneira que a Igreja encontrou para se opor aos discursos modernos e anticlericais que eram propagados pelos liberais.

Outra característica da romanização presente no discurso ultramontano, resgatada das definições do Concílio de Trento, foi o fortalecimento da devoção a Maria, mãe de Jesus. Naquela ocasião, a intenção era fazer frente direta ao protestantismo, agora além disso, a ideia era reafirmar a tradição popular em torno do culto a Maria, e assim criar uma unidade interna entre as devoções populares. Cremos, que um bom exemplo de que a Igreja agiu para reforçar a devoção mariana neste período foi a proclamação do dogma da Imaculada Conceição em 8 de dezembro de 1854 pelo Papa Pio IX. Dessa forma, o culto a mãe de Jesus representava também ele, por meio da tradição que mantinha junto ao catolicismo, uma força contra os avanços da modernidade. Hans Küng (2002) sintetiza bem essa ideia:

... a fortaleza católica medieval da Contra-Reforma agora era construída contra a modernidade com todos os poderes disponíveis. A frieza da indiferença religiosa, a hostilidade à igreja e uma falta de fé talvez imperem fora da igreja no mundo moderno. Mas, dentro, o papismo e o marianismo disseminaram o calor do lar: segurança emocional através de todo tipo de devoção popular, desde peregrinações, passando pelas devoções pelas missas até as celebrações de maio, quando Maria é homenageada com velas e flores.¹⁰³

Portanto, podemos afirmar que parte do discurso ultramontano serviu para homogeneizar e reorganizar a Igreja internamente, e que isso se fez por meio de um retorno as suas tradições, conforme haviam sido definidas no Concílio de Trento, das quais ganharam destaque a vivência sacramental, a importância clerical e a devoção a Maria, mãe de Jesus. Assim, podemos dizer que a instituição Católica reencontrou sua identidade a fim de se fortalecer e se defender, e que isso se fez por meio de uma tridentinização do catolicismo.

Mas, o ultramontanismo não ficou somente na ação defensiva, uma outra parte do seu discurso partiu para o contra-ataque. A forma que a Cúria Romana encontrou para contra-atacar foi por meio da elaboração de acusações e condenações, que eram feitas pelos seus sumos pontífices no momento em que redigiam seus documentos oficiais. Dessa forma, ao longo do século XIX, várias das bulas e encíclicas papais eram escritas para classificar as inovações da modernidade e do liberalismo como verdadeiras heresias, e da mesma maneira condenar aqueles que queriam rejeitar e excluir a religião católica da sociedade.

¹⁰³ KÜNG, Hans. Op. Cit., p. 203.

Com certeza o maior exemplo que podemos dar, dessa ação de atacar a modernidade, que caracterizou o discurso ultramontano por meio das condenações feitas nos documentos oficiais da Igreja, foi o elaborado pelo papa Pio IX. Este pontífice Romano, legítimo representante do ultramontanismo clássico, publicou em 18 de dezembro de 1864 a encíclica intitulada *Quanta Cura*, contendo um anexo intitulado como *Syllabus errorum*, onde continha a acusação a aquilo que ele chamou de 80 erros do mundo moderno.

De fato, nestes documentos Pio IX reafirmou todas as acusações e condenações que a Igreja já havia feito, por meio dele e de seus predecessores, aos ideais modernos propagados durante o século XIX. O referido papa justifica a publicação da encíclica com as seguintes palavras:

... per dovere del Nostro Apostolico Ministero, seguendo le vestigia illustri dei Nostri Predecessori, alzammo la Nostra voce e con parecchie Lettere Encicliche divulgate per mezzo della stampa, con le Allocuzioni tenute nel Concistoro e con altre Lettere Apostoliche condannammo i principali errori della tristissima età nostra...¹⁰⁴

Portanto, o principal objetivo da Encíclica, conforme afirma Pio IX, era reforçar a condenação dos principais erros da época, que já haviam sido elencados pelos papas anteriores, e que já haviam sido novamente condenados durante o seu próprio pontificado. Por essa razão, o anexo intitulado *Syllabus errorum* se tratava de um índice de diversos itens do mundo moderno que já tinham sido condenados anteriormente nos discursos, cartas, palestras e encíclicas pontificias de Pio IX.

De fato, a *Syllabus* era uma espécie de catálogo que continha 80 erros considerados inadmissíveis pela Igreja Católica conforme deixa explícito seu subtítulo: “[Elenco] dei Principali Errori dell’età nostra, che son notati nelle allocuzioni concistoriali, nelle encicliche e in altre lettere apostoliche del SS. Signor Nostro Papa Pio IX”¹⁰⁵ Segundo Roger Aubert (1978) neste documento a Igreja Católica, por meio de seu líder máximo condenava:

... el panteísmo y el racionalismo, el indiferentismo que asigna igual valor a todas las religiones, el socialismo que niega el derecho de propiedad y subordina la familia al Estado, las ideas erróneas sobre el matrimonio cristiano, la francmasonería, el repudio del poder temporal del papa, el galicanismo, que quiere que el ejercicio de la autoridad

¹⁰⁴ ... por dever do Nosso Apostólico Ministério, seguindo os ilustres passos dos Nossos Predecessores, levantamos a Nossa voz e por meio de semelhantes Cartas Encíclicas divulgadas por meio da imprensa, com as Alocuções feitas no Consistório e com outras Cartas Apostólicas condenamos os principais erros da nossa tristíssima época. Papa Pio IX, *Quanta Cura*, 18 de dezembro de 1864, p. 2. <http://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembri-1864.html>

¹⁰⁵ Elenco dos Principais Erros da nossa época, que foram registradas nas alocuções consistoriais, nas encíclicas e em outras cartas apostólicas de Sua Santidade Senhor Nosso Papa Pio IX. Papa Pio IX, *Quanta Cura*, 18 de dezembro de 1864, p. 7. <http://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembri-1864.html>

eclesiástica sea dependiente de la autorización por la potestad civil, el estatismo, que insiste en el monopolio de la enseñanza y suprime las órdenes religiosas, el naturalismo, que considera como progreso el que las sociedades humanas no estimen la religión y que postula como ideal la laicización de las instituciones, la separación entre Iglesia y el Estado y la absoluta libertad religiosa y de prensa.¹⁰⁶

Nessa direção, percebemos que o discurso ultramontano carregava sobretudo um caráter de combate a tudo aquilo que a Igreja Católica classificava como sendo as mazelas dos tempos modernos, que tiveram suas bases lançadas com a Revolução Francesa. Em outras palavras, o ultramontanismo combatia a tudo que negava ou limitava o poder da instituição Romana, seja ele de ordem temporal ou espiritual e divina. Por isso é que, o movimento ultramontano reunia forças para combater a todos os inimigos da Igreja por meio de um só discurso, na qual estava contido a voz oficial de Roma. Assim, por meio de um discurso único, reconhecido na história como ultramontanismo, o catolicismo Romano combatia o mundo moderno, o liberalismo, a maçonaria, a república, o comunismo, o protestantismo, etc.

A fim de afirmar uma vez mais a adesão a esse discurso intransigente da Igreja presente no modelo de ultramontanismo clássico transcrevemos a seguir o trecho de uma carta de Pietro Colbacchini, escrita em 1890, onde fica evidente seu combate ao modernismo e suas mazelas no momento em que a República estava sendo implantada no Brasil.

... mi ripromettevo che questa repubblica non fosse figlia di quella di Francia; fosse sorta per un caso felice, colle vere intezione di prosperare il paese. Le prime promesse ingannarono molti. È sempre l'idra della rivoluzione – la massoneria – l'ateismo – l'anticristo che prevale. Si è cominciato e si andrà alla fine. Il clero è poco, è debole, e senza influenza sopra popolazioni che di religione hanno appena il nome. I mezzi umani mancano tutti. C'è l'elemento della distruzione nel grado il più eccessivo; e manca affatto quello della ristorazione! Iddio abbia pietà di questa disgraziata nazione.¹⁰⁷

Percebemos que o sacerdote afirma que a república que estava sendo implantada no Brasil era filha da Revolução Francesa. Com certeza ao fazer essa referência Colbacchini temia que a separação Igreja e Estado trouxesse grandes danos a religião católica da mesma forma que ocorreu na Europa. Da mesma maneira, ele acusa o novo modelo político de estar impregnado da maçonaria, de ateísmo e do discurso anticristão, os inimigos clássicos do

¹⁰⁶ AUBERT, Roger. Op. Cit., p. 963-964.

¹⁰⁷ Tentei me convencer de que esta república não fosse filha daquela da França; que tivesse surgido com um propósito feliz, com verdadeiras intenções de fazer o país prosperar. As primeiras promessas enganaram a muitos. Mas é sempre hidra da revolução – a maçonaria – o ateísmo – o anticristo que prevalece. Se começou irá até o fim. O clero é pouco, é fraco, e sem influência sobre a população que de religião tem apenas o nome. Os meios humanos faltam todos. Existe o elemento da destruição no grau mais avançado; e falta de fato aquele da restauração! Deus tenha piedade desta desgraçada nação. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 21 de julho de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 277-278.

ultramontanismo, que provocariam a destruição da fé católica entre os brasileiros. Para o referido missionário a presença desses elementos na política brasileira, que ele julgava como inimigos da Igreja, somada a exclusão da religião, causariam a ruína do país.

Nesse contexto, notamos que tudo que estava fora da aprovação da Igreja era visto por ela como heresia e perdição. Esse também era o posicionamento de Colbacchini como representante intransigente do modelo ultramontano. O único discurso verdadeiro a ser seguido, segundo ela mesma, era o da instituição Romana, que por sua vez era promovido pelo seu representante máximo. Esse discurso era perfeito e pelo seu caráter divino estava desprovido de erros. Era exatamente isto que pensava a Igreja Católica, tanto que com Concílio Vaticano I, realizado nos anos de 1869 e 1870, proclamou o dogma da infalibilidade papal.

Segundo Biasoli (2010), “com a decretação da infalibilidade papal, o concílio alcançava seu ponto máximo: o papa adquiria o estatuto de governante absoluto, ápice da hierarquia da Igreja, e sua autoridade era inquestionável”.¹⁰⁸ Com a proclamação do referido dogma da infalibilidade a Cúria Romana consolidou o discurso ultramontano, na sua forma romanizada e tridentina, como sendo a sua opção político doutrinária no século XIX.

Nos escritos de Colbacchini a adesão a infalibilidade papal também aparece como uma forte característica do discurso ultramontano adotado por ele, como podemos perceber na seguinte afirmação feita por ele de maneira entusiasmada: “La mia causa è quella della Chiesa, la Chiesa è rappresentata dal Papa, ed il Papa ispirato dallo Spirito Santo”.¹⁰⁹

Enfim, ao verificarmos como o discurso ultramontano surgiu, assim como de que forma se deu o seu fortalecimento na Igreja, sobretudo diante das particularidades vividas em território italiano, cremos que podemos entender diante de quais contextos o sacerdote que investigamos optou em fazer apropriação do mesmo. Cabe a nós agora, conscientes das características desse discurso adotado por Colbacchini de maneira intransigente, analisar como sua atuação interferiu na reconstrução da identidade étnica dos imigrantes italianos que se instalaram no Paraná no final do século XIX.

Com que intuito o referido missionário veio para prestar atendimento religioso aos seus conterrâneos que se instalaram no outro lado do oceano? Portanto, para dar continuidade a nossa análise, precisamos compreender também, como se deu o processo de imigração e colonização italiana no Paraná, tema do qual nos ocuparemos no segundo capítulo deste trabalho.

¹⁰⁸ BIASOLI, Vitor O. F. Op. Cit., p. 39.

¹⁰⁹ A minha causa é aquela da Igreja, a Igreja é representada pelo Papa, e o Papa inspirado pelo Espírito Santo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 30 de abril de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 306.

A IMIGRAÇÃO E A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO PARANÁ

‘Non è grossa, non è pesante
 la valigia dell’emigrante...
 C’è un po’ di terra del mio villaggio
 per non restare solo in viaggio...
 Un vestito, un pane, un frutto,
 e questo è tutto.
 Ma il cuore no, non l’ho portato:
 nella valigia non c’è entrato.
 Troppa pena aveva a partire,
 oltre il mare non vuol venire.
 Lui resta, fedele come un cane,
 nella terra che non mi dà pane:
 un piccolo campo, proprio lassù...
 ma il treno corre: non si vede più.’¹¹⁰

Na primeira parte do nosso trabalho, procuramos apresentar tanto o surgimento do discurso ultramontano no final do século XVIII, como também o seu fortalecimento na Europa, mais detalhadamente diante do processo de unificação da península italiana, no decorrer do século XIX. Pudemos perceber, como esse discurso político e doutrinário surgiu, e como foi sendo aperfeiçoado pela Igreja Católica, como uma forte reação, uma verdadeira luta, contra o liberalismo e a crescente secularização presente no período pós-Revolução Francesa. Vimos como o avanço do pensamento liberal obrigou a referida instituição a se reformular para assim tentar manter sua hegemonia perante à sociedade.

Acreditamos ter evidenciado a especificidade do caso italiano, devido à forte influência que o catolicismo exercia sobre a sua população. cremos que sobretudo os camponeses, ou seja, a população mais rural da península italiana, muitas vezes isolada em vales localizados entre as regiões montanhosas, foi aquela que permaneceu mais ligada à Igreja e aos seus preceitos religiosos. Da mesma maneira, consideramos que as últimas regiões a serem anexadas ao novo reino da Itália foram, exatamente por essa razão, as que mais conservaram os valores da catolicidade.

Tendo essa ideia em mente, neste segundo capítulo, pretendemos discutir sobre como a população camponesa da região do Vêneto, que como sabemos, foi uma das últimas a ser

¹¹⁰ ‘Não é grande, nem é pesada a mala do emigrante... Tem um pouco de terra do meu vilarejo, para não ficar só durante a viagem... Uma troca de roupa, um pão, um fruto, e isso é tudo. Mas o coração não, não o trouxe, na mala não entrou. Muito sofrimento teria ao partir, além-mar não quer vir. Ele fica, fiel como um cão, na terra que não me dá pão: um pequeno campo, bem lá no alto... mas o trem corre: não se vê mais. LA VALIGIA DELL’EMIGRANTE, poesia de GIANNI RODARI. **Il Treno delle Filastrocche**. Roma: Ed. di Cultura Sociale, 1952.

anexada ao reino italiano, manteve seu modelo de sociedade no período em que a península se unificava e se declarava independente da Igreja Católica. Diante desse processo, teria a instituição Romana conseguido manter viva a fé no catolicismo entre os camponeses vênets? A vivência da fé católica nesta região obedecia ao modelo ultramontano imposto pela Igreja naquele momento? De que forma essa religiosidade influenciava a vida dessa população na época da grande emigração?

Também objetivamos perceber quais foram as consequências da unificação e como elas influenciaram o processo de emigração dos italianos dessa região. Ou seja, pretendemos elencar as razões que fizeram com que uma grande parcela da população rural vêneta deixasse a península italiana rumo à América. Da mesma maneira, almejamos apontar quais foram os motivos que atraíram esses estrangeiros para o território brasileiro, em particular para as terras paranaenses, e como eles aqui se instalaram e se organizaram.

Creemos que a história de populações que se deslocam, como é o caso do nosso objeto de estudo, possuem sempre dois momentos cruciais que precisam ser investigados: o antes e o depois do ato de migrar. “Cabe então ao historiador social essa tarefa complexa e delicada de reuni-las, porque debruçar-se sobre apenas uma delas seria correr o risco de uma avaliação incorreta”.¹¹¹

Sendo assim, procuramos traçar aqui a trajetória dos italianos que se fixaram no Paraná no final do século XIX, desde o local de partida até a organização dos mesmos na terra de adoção. Para isso, vamos adotar como fio condutor da história desses imigrantes o aspecto religioso, a fim de perceber o papel deste durante os processos de expulsão e de atração.

Nossa preocupação é investigar de que forma a Igreja e seus representantes acompanharam e influenciaram esse processo migratório. Como os portadores do discurso católico do período agiram diante do deslocamento de parte significativa de seus fiéis da Itália em direção à América? Teria a grande imigração contribuído com a propagação do ultramontanismo nos lugares de destino? Como isso se deu com o grupo imigrante que estudamos?

De forma mais específica, queremos evidenciar como esse processo foi encarado e vivido por um dos representantes da compreensão ultramontana da Igreja Católica, que acompanhou os imigrantes italianos no Brasil. Assim sendo, almejamos perceber com que intuito o sacerdote Pietro Colbacchini também migrou e veio para o Paraná para prestar atendimento espiritual aos imigrantes italianos que aqui se instalaram. Nossa maior intenção,

¹¹¹ ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)**. Brasiliense: 1986, p.11.

portanto, é investigar como a religiosidade católica se fez presente, de que forma influenciou a emigração, e posteriormente a construção identitária desses migrantes por meio do discurso do referido missionário.

2.1 A grande emigração na região italiana do Vêneto

Antes de verificarmos quais os motivos que atraíram os italianos para o Brasil, e de maneira específica para o Paraná, e junto com eles o missionário cujo discurso estamos analisando, temos que evidenciar as condições que fizeram da Itália, e sobretudo da região do Vêneto, um dos maiores fornecedores de imigrantes no final do século XIX. Da mesma maneira, tentaremos ressaltar quais eram os hábitos e os costumes que pautavam a sociedade desses homens e mulheres no momento em que partiram da terra natal.

O contexto em que a Itália expulsora se inseriu foi o do avanço do capitalismo e da transição demográfica¹¹². Neste período, em que os países europeus tornavam-se industrializados, o grande avanço demográfico gerou uma série de desarranjos econômicos e sociais. Foi devido à penetração do sistema capitalista, que proporcionou a modernização agrícola, que muitos camponeses ficaram sem ocupação e foram expulsos do campo. Como consequência, um dos principais problemas surgidos, foi que as áreas urbanas de países que tiveram uma industrialização tardia como a Itália, que até este momento possuía uma população majoritariamente formada por camponeses, foram incapazes de absorver o grande excedente de mão de obra que provinha das áreas rurais.

Da mesma forma, o avanço do pensamento liberal e do capitalismo fez com que boa parte desses camponeses afrouxasse os laços com as tradições que os ligava à terra de seus ancestrais.¹¹³ Na verdade, ocorreu que as populações do campo se depararam com uma conjuntura nova, fruto do avanço do liberalismo, que sacudiu as estruturas antigas sob as quais pautavam muitos aspectos da sua vida social.

Até então, a sociedade camponesa das regiões setentrionais da Itália, como em muitos outros lugares da Europa, caracterizava-se pelo trabalho familiar ligado à terra. Por sua vez, era

¹¹² Transição demográfica é a designação dada ao fenômeno populacional que ocorreu inicialmente na Europa e que se refere à passagem de uma sociedade que se equilibrava com níveis elevados de natalidade e mortalidade, para uma fase que anunciava outro equilíbrio com níveis baixos de natalidade e mortalidade. Como a natalidade manteve-se durante algum tempo nos antigos níveis, e a mortalidade diminuiu, o fenômeno gerou excedentes populacionais na Europa. ANDREAZZA, Maria L. & NADALIN, Sergio O. **Imigrantes no Brasil: Colonos e Povoadores**. Curitiba: Nova Didática Editora, 2000, p. 27.

¹¹³ HOBBSBAWN, Eric. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 245.

a Igreja, por meio de seu representante local, que determinava a moral dessa sociedade, por meio de normas que deviam ser seguidas à risca. Portanto, o guia dessas famílias que viviam isoladas no campo não era nem o Imperador, nem o intelectual liberal, mas sim o padre da aldeia, o líder religioso ligado à Igreja oficial, ou seja, à Roma, e a sua autoridade máxima, o papa.¹¹⁴

De acordo com o historiador Renzo Grosseli, era sob os pilares da terra, família e catolicidade que se apoiava a sociedade dos camponeses das regiões setentrionais da península italiana deste período.

Uma sociedade, enfim, profundamente permeada de um espírito religioso totalizante que se confundia, até o ponto de identificar-se, com moral e ética social e que, também por essa razão, confiava às estruturas eclesiásticas tarefas que iam além da “cura das almas” e que, em última instância, eram também administrativas e, mais ainda, políticas.¹¹⁵

Portanto, a Igreja era para os italianos do campo o que o novo Estado nacional era para a burguesia emergente, ou aquilo que os sindicatos e partidos políticos passaram a ser para o proletariado do meio urbano. Em outras palavras, era no meio eclesiástico que se encontravam as lideranças, ou seja, o quadro de dirigentes dos camponeses. Para esses últimos, o padre não era somente um representante religioso, mas também um líder intelectual, social e político. Enfim, a moral para essas comunidades rurais era a moral católica, na qual os clérigos eram as verdadeiras autoridades da sociedade.¹¹⁶

Nesta direção, podemos afirmar que a apropriação do discurso católico também influenciou fortemente na decisão de migrar desses camponeses. Queremos dizer, que aos fatores sociais e econômicos, nós estamos acrescentando a forte ligação com a tradição católica, na forma do discurso ultramontano e romanizado que existia na região, como promotora do fenômeno emigratório. O fato é que, não aceitando, mas também não se revoltando diante da situação imposta pelas novas conjunturas, a alternativa encontrada foi partir para o além-mar com a esperança de reconstruir em outras terras o modelo de sociedade no qual queriam permanecer. Sobre este aspecto Grosseli afirma:

A moral camponesa era a moral católica do “dá a César o que é de César”, do “ama teu próximo como a ti mesmo”. E a Igreja tinha ensinado ao camponês a não rebelar-se, porque isto sintonizava com os seus dogmas, substancialmente pacifistas e não violentos... Os camponeses europeus emigraram porque a sociedade em que viviam

¹¹⁴ GROSSELI, Renzo M. **Vencer ou morrer**: camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987, p. 16.

¹¹⁵ Ibidem, p. 15.

¹¹⁶ POSSAMAI, Paulo César. “Dall’Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2004, pp. 27-28.

tinha assumido ou estava assumindo características tais que não mais permitiam a sobrevivência de formas de vida e de valores que tinham sido os deles durante séculos.¹¹⁷

Neste sentido, o referido autor vai inferir que a revolta dos camponeses ao ser contida pelo discurso católico desencadeou na emigração. Assim, a “revolução” camponesa pode ser entendida como a recusa de uma sociedade e construção de uma nova, mas não sobre as ruínas da sociedade recusada, e sim num contexto geográfico novo.¹¹⁸ Isto explica, em certa medida, porque as tentativas de solucionar a questão da falta de trabalho por meio da migração interna, do campo para a cidade, e da sazonal, aquela temporária, que ocorria somente em determinadas épocas do ano, que até então bastavam para resolver o problema do ponto de vista econômico, passaram a não surtir mais efeito.

Este fato nos permite afirmar que o fenômeno emigratório europeu, e o italiano em particular, em direção à América, podem ser vistos tanto como uma continuidade da migração continental do campo para a cidade, como também uma procura por novas terras onde o modelo de sociedade tradicional campesina, apoiado na catolicidade, que se manteve intacto por séculos, pudesse se refazer. Portanto, a solução encontrada foi a emigração intercontinental, deixar definitivamente o país de origem e atravessar o Oceano Atlântico, partir rumo ao continente americano em busca da posse da terra, de oportunidades de trabalho e da reconstrução do modelo tradicional de sociedade.

Torna-se evidente, portanto, que o crescimento populacional, a modernização por meio da expansão do capitalismo, da mecanização e da indústria, o contraste do pensamento liberal com a sociedade tradicional camponesa e a grande emigração europeia formam um conjunto de processos interligados igualmente no tempo e no espaço.

O próprio missionário Pietro Colbacchini, cujo discurso estamos investigando, em um dos seus relatórios enviados ao Marquês Volpe Landi¹¹⁹, ao expressar sua opinião sobre o fenômeno emigratório, citando os fatores elencados anteriormente como as principais causas da grande emigração italiana, vai classificá-la como necessária, diante da conjuntura econômica e social na qual a Itália se encontrava naquele momento:

¹¹⁷ GROSSELI, Renzo M. Op. Cit., p. 17.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ O referido relatório, sobre as condições dos emigrados italianos no Estado do Paraná, foi redigido pelo padre Pietro Colbacchini, assim como a maioria de suas cartas, em Curitiba, e foi enviado em 13 de outubro de 1892 para o Marquês Giovanni Battista Volpe Landi, Presidente da Sociedade Italiana San Raffaele de Patronato para os Emigrantes italianos. Este documento foi publicado originalmente por Francesco Macola na obra “**L’Europa alla conquista dell’America Latina**”, Venezia, Ongania, 1894.

Ho sempre tenuto per certo ed i fatti me lo comprovano che l'emigrazione, sia per l'accrescimento della popolazione, sia per il fatto delle macchine sostituite al lavoro manuale, e che hanno resa superflua l'opera di molte braccia, sia per altre ragioni d'ordine sociale e morale che rendono difficile la vita nella nostra bella Penisola, è divenuta una necessità ed una disposizione della Provvidenza a sollievo di molte miserie.¹²⁰

Portanto, na leitura que fazia Colbacchini, as razões de ordem social e moral também influenciaram e corroboraram para o fenômeno, e mais que uma escolha, a emigração era uma necessidade para os camponeses e havia surgido como uma providência divina diante da nova conjuntura em que se encontravam. Ou seja, na visão do sacerdote católico, adepto do discurso ultramontano, o fenômeno não tinha somente a aprovação de Deus, mas mais que isso, era resultado da própria ação divina.

Por esse motivo, o referido missionário defendia que a emigração era um acontecimento natural, que devia ser cuidado de perto, mas de forma alguma, impedido pelas autoridades governamentais, como escreve em outro trecho de um de seus relatórios:

Quello che si è fatto fin qua direttamente del Governo, od indirettamente da particolari, animati taluni da ottimi sentimenti ed altri da interessi peculiari, al fine di arrestare o diminuire la corrente emigratoria italiana verso l'America, ed in specie verso il Brasile, sebbene non abbia che in parte ottenuto l'intento, a me sembra essere stata opera inconsulta, illogica, diretta più al danno che al vantaggio della nazione e degli emigranti.

Una legge di Provvidenza vige nel governo dei popoli che i poteri umani e l'influenza degli individui non varranno a mutare. Vi sono dei fenomeni così nell'ordine fisico come nell'ordine sociale che non si possono intendere e meno impedire.¹²¹

De fato, o governo italiano, assim como os de outros países europeus, não conseguiu impedir a grande emigração, até porque poucas foram as ações dele voltadas para isso. O discurso antiemigrantista do governo, que coadunava com o pensamento dos grandes proprietários, ficava mais no âmbito das palavras do que da prática, sobretudo na primeira fase do êxodo, que vai durar até meados da década de 1880.

¹²⁰ Sempre tive por certo e os fatos me comprovam que a emigração, seja pelo crescimento da população, seja pelo fato de máquinas substituírem o trabalho manual, e que tornaram supérflua a mão-de-obra de muitos braços, seja por outras razões de ordem social e moral que tornam difícil a vida na nossa bela Península, se transformou em uma necessidade e uma disposição da Providência em socorro de muitas misérias. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. *Le condizioni degli emigrati nello stato del Paraná in Brasile*, (1892). In: TERRAGNI, Giovanni. **P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul, 1884-1901**, Corrispondenza e Scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016, p. 554.

¹²¹ O que tem sido feito até aqui diretamente pelo Governo, ou indirettamente por particulares, animados alguns por ótimos sentimentos e outros por interesses particulares, no intuito de parar ou diminuir a corrente emigratória italiana em direção a América, e em especial rumo ao Brasil, embora tenha atingido o objetivo somente em parte, no meu parecer foi ação imprudente, ilógica, que causa mais danos do que vantagens para a nação e para os imigrantes. Uma lei da Providência impera no governo dos povos que os poderes humanos e a influência dos indivíduos não conseguem alterar. Existem alguns fenômenos tanto de ordem física como de ordem social que não podem ser promovidos, e menos ainda impedidos. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. *Intorno alle condizioni presenti dell'emigrazione italiana negli Stati Uniti del Brasile* (1895). In: TERRAGNI, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 582.

Neste contexto, as diversas ondas emigratórias que surgiram no continente europeu, que atingiram seu apogeu na passagem do século XIX para o XX, acompanharam, de certa forma, o avanço da transição demográfica e do capitalismo, expandindo-se sucessivamente do Noroeste para o Sul da Europa.¹²²

Isso explica, no caso da emigração italiana, o fato de que entre as maiores levas que primeiramente deixaram a península, durante o último quartel do século XIX, predominem aquelas que saíram das suas regiões setentrionais.¹²³ O Sul da Itália, por sua vez, assistiria a um intenso fluxo emigratório de massa, somente anos mais tarde, já no início do século XX.¹²⁴

Portanto, são das regiões do Norte e Nordeste italiano, sobretudo do Vêneto, que provém a maioria dos imigrantes italianos instalados no Brasil, e particularmente no Paraná, durante o período que estamos estudando, entre 1878 e 1901.¹²⁵ De acordo com Angelo Trento, dos emigrantes italianos que se destinaram para o Brasil durante este período, 53% saíram do norte da península italiana, sendo que mais de 35%, o correspondente a 329.498, eram somente das regiões do Vêneto e Friuli. Segundo o mesmo autor, já no ano de 1881, o censo dos italianos no exterior apontava que de um total de 82.196 indivíduos dessa origem registrados no Brasil, cerca de 50% eram de vênnetos e lombardos.¹²⁶

Essa forte emigração vênneto para o Brasil também pode ser constatada por meio dos dados estatísticos apresentados pelo historiador Emilio Franzina. Estes apontam que, entre os anos de 1876-1901, período que corresponde ao recorte temporal de nossa pesquisa, dos 431.617 emigrantes vênnetos que deixaram a Itália, tendo como destino certo a América, 326.793, mais de 3/4 do total, dirigiram-se para as terras brasileiras. Destaque para os anos de 1888, no qual se registrou que de 85.944 emigrantes vênnetos, 71.796 desembarcaram no Brasil, e de 1891, que de 74.978 emigrados da mesma região, 70.010 tiveram como destino o solo brasileiro.¹²⁷ Estes números nos autorizam privilegiar a nossa análise sobre as particularidades do processo emigratório que ocorreu naquela região.

¹²² ANDREAZZA, Maria L. & NADALIN, Sergio O. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 11 (1): 61-87, jan/jun, 1994, p. 63.

¹²³ As regiões setentrionais da Itália se dividem em duas partes, a Zona Norte Ocidental ou Noroeste, da qual fazem parte Liguria, Valle d'Aosta, Piemonte e Lombardia, e a Zona Norte Oriental ou Nordeste, a qual pertencem a Emilia-Romagna, Veneto, Trentino-Alto Adige e Friuli-Venezia Giulia.

¹²⁴ A emigração do Sul italiano foi direcionada para a América do Norte, sobretudo para os Estados Unidos.

¹²⁵ Mais adiante veremos que foi esta realidade que atraiu para o Paraná o missionário Pietro Colbacchini, também ele tendo nascido na região do Vêneto.

¹²⁶ TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1988, pp. 38 e 39.

¹²⁷ FRANZINA, Emilio. **A grande emigração: o êxodo dos camponeses italianos do Vêneto (1876-1902)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p. 110-111. Conferir dados na tabela 11 - "Emigrantes vênnetos partidos para a América no período de 1876-1901, de acordo com os países de destino".

MAPA 1 - REGIÕES SETENTRIONAIS ITALIANAS FORNECEDORAS DE EMIGRANTES¹²⁸



Este último historiador italiano, que nos fornece esses dados estatísticos e que se dedicou em evidenciar os motivos do êxodo que ocorreu no Vêneto, faz também um alerta importante por meio de seus estudos. O pesquisador categoricamente afirma que, o arranjo econômico formado pelo grande salto populacional e pela industrialização, que atingiu primeiramente a parte setentrional da Itália, deve ser encarado como uma causa geral, mas não única e decisiva para a emigração de massa. Essa indicação nos leva a considerar ainda mais o choque que existiu entre o pensamento liberal e a sociedade tradicional camponesa, como também entre o governo anticlerical e as comunidades conservadoras ligadas à Igreja, como fatores que contribuíram decisivamente com a emigração vêneta.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que além da conjuntura econômica, demográfica e sociocultural, a forma como se deu o processo de unificação italiana, que foi impregnado de um discurso liberal e anticlerical, também contribuiu e foi responsável por favorecer a grande

¹²⁸ Mapa elaborado pelo autor. Destaque para as regiões do Trentino, que na época da grande emigração pertencia ao império Austro-Hungaro, e do Veneto e do Friuli, que por sua vez formavam uma única região.

emigração. Essa influência estava presente nas considerações que Colbacchini fazia sobre o fenômeno, como podemos conferir no trecho a seguir:

La causa del sensibile aumento di popolazione – sebbene presente – mente non ultima – non è la ragione precipua del movimento emigratorio cominciato fra noi dopo le vicende del 1848. Furono esuli forzati o compromessi politici che salparono i primi per l'Argentina in quel tempo, ed essi furono che aprirono la via de facile uscita agli spostati, che sempre più crebbero qui in Italia.¹²⁹

Portanto, para o missionário católico, representante do clero ultramontano, as agitações políticas do processo de unificação da península italiana influenciaram, tanto quanto o crescimento demográfico, o surgimento de uma emigração de massa. O fato é que a soma desses fatores criou um clima e um sentimento de crescente desconforto para muitos camponeses. Essa opinião do sacerdote, fica muito clara na continuidade do relatório, no momento em que Colbacchini escreve sobre quais foram as principais causas do fenômeno emigratório italiano:

Lo sviluppo delle arti e delle industrie coi progressi della meccanica, che in gran parte supplisce alla mano dell'uomo e privò tanti operai di loro onesta mercede; la unificazione in un solo dei varii Stati italiani; le speciale condizioni politiche che obbligarono il governo a gravissime spese e perciò ad imporre enormi balzelli di ogni maniera che in molta parte colpiscono i meno favoriti della fortuna, ed esauriscono molte fonti di produzione, l'altra necessità della leva militare che non risparmia quasi persona e che soprattutto grava sui figli del popolo; l'istruzione più diffusa fra le masse che aprì loro un orizzonte ignoto e più vasto; la facilità delle comunicazioni e dei trasporti, l'estensione che presero le relazioni del commercio, i nuovi bisogni creati od imposti da nuove circostanze; l'incontentabilità sorta in molti, in cui la condizione umile e disagiata riesce insopportabile; e diciamo pure – giacché mi sono proposto di dire la verità senza reticenze – l'infievolimento nella fede e nella morale cristiana che aperse il varco ad aspirazioni che non erano certo quella dei pacifici nostri vecchi, i quali facilmente si sottomettevano alle disposizioni della divina Provvidenza, nella speranza di mutare in meglio la loro sorte nella vita futura... e molte altre cause, che non è necessario tutte enumerare, dopo queste precipue, influiscono e sempre più influiranno a tener vivo in molti il desiderio, e spesso il reale bisogno, di abbandonare la propria terra per cercarne una, a loro credere più clemente e benigna.¹³⁰

¹²⁹ A causa do significativo aumento da população – embora presente – e importante – não é a razão principal do movimento emigratório que começou entre nós depois dos acontecimentos de 1848. Foram os exilados por força ou os com comprometimentos políticos que partiram primeiro para a Argentina naquela época, e foram esses que tornaram fácil o caminho de ida aos deslocados, que crescia cada vez mais aqui na Itália. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. *Intorno alle condizioni presenti dell'emigrazione italiana negli Stati Uniti del Brasile* (1895). In: TERRAGNI, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 583.

¹³⁰ O desenvolvimento das fábricas e das indústrias com os progressos da mecânica, que em grande parte substituiu a mão do homem e privou tantos trabalhadores de seus honestos salários; a unificação em um só dos vários Estados italianos; as especiais condições políticas que obrigaram o governo a gravíssimas despesas e por isso a impor pesados impostos de todos os tipos que em muitos lugares afetam os menos favorecidos de bens, e dissipam muitas fontes de produção, além da obrigação do alistamento militar que não dispensa pessoa alguma e que pesa sobre os filhos do povo; a instrução mais difundida entre as massas que lhes abriu um horizonte ignorado e mais vasto; a facilidade de comunicação e de transporte, a extensão que tomou as relações de comércio, as novas necessidades criadas ou impostas pelas novas circunstâncias; o descontentamento surgido em muitos, para os quais a condição de humildes e de desfavorecidos se tornou insuportável; e digamos também – já que me propus a dizer a verdade sem reticências – do enfraquecimento da fé e da moral cristã que abriu a porteira à aspirações que com certeza não eram aquelas dos nossos pacíficos velhos, os quais facilmente se submetiam às disposições da Providência divina, na esperança de tornar melhor a sua sorte na vida futura... e muitas outras causas, que não é necessário enumerar

Podemos perceber a complexidade do fenômeno, e que vários fatores, conforme descreve o sacerdote, devem ser considerados como suas causas. Porém, fica evidente o clima de insatisfação e de descontentamento de grande parte da população, causado pelas inúmeras transformações decorrentes do avanço do pensamento liberal no período, sejam elas de ordem política, econômica, demográfica, como também, de ordem ética, social, moral e religiosa. Entre essas transformações, ainda no campo da política, as ações adotadas pelo governo liberal italiano pós-unificação devem ser também somadas àquelas promotoras do êxodo, sobretudo daquele que ocorreu na Região do Vêneto na primeira fase emigratória.

... estamos diante de fenômenos que abalaram toda a fisionomia demográfica e econômica, toda a geografia humana do mundo contemporâneo e que, como tais, transcenderam muito as capacidades e as possibilidades de ação e de reação dos governos dos maiores países do mundo, inclusive as de um pequeno e frágil país como a Itália.¹³¹

Nessa direção, é importante percebermos como a política adotada pelo novo Estado italiano não só negligenciou o problema da crise agrária, como também o fortaleceu, contribuindo para o aumento da miséria dos camponeses, e conseqüentemente, para o avanço da emigração de massa. Como exemplos dessas ações políticas, podemos evidenciar que foi depois da unificação e do advento do liberalismo, que houve um aumento das taxas tributárias e a perda dos direitos comunais de pastagem e de recolhimento de lenha.¹³²

Diante desses fatos, identificamos que o fortalecimento da emigração vêneta se deu também devido às escolhas políticas feitas pelos governantes do recém-unificado Estado italiano. Este último, de conotação liberal e anticlerical, criou um grande afastamento para com a população camponesa, por sua vez caracterizada como tradicional e clerical.

O fato é que, a fim de gerir a máquina estatal, o novo governo necessitado de uma maior quantidade de recursos financeiros, aumentou a carga tributária, atingindo diretamente a parcela menos abastada da sua população. Um segundo fator, foi que a política italiana, no intuito de conquistar o apoio das classes dirigentes e ricas, dedicou seus esforços em favorecer a indústria e os latifundiários, em detrimento dos pequenos proprietários e trabalhadores do campo.¹³³

todas, depois destas principais, influenciam e sempre mais influenciarão a manter vivo em muitos o desejo, e mesmo a real necessidade, de abandonar a própria terra para buscar uma, que acreditam ser mais clemente e benigna. (Tradução nossa). Idem.

¹³¹ GALASSO, 1975, p. 361 Apud FRANZINA, Op. Cit., p. 66.

¹³² POSSAMAI, Paulo César. Op. Cit., p. 43.

¹³³ SCARPIM, Fábio Augusto. **Bens simbólicos em laços de pertencimento**: família, religiosidade e identidade étnica em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo-PR, 1878-1937). Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2010, p. 16.

Diante deste contexto, podemos compreender por que entre os primeiros a emigrar da região italiana do Vêneto estavam os pequenos proprietários e os arrendatários. A princípio, isso se deve a soma de dois fatores, primeiro pela penetração do sistema capitalista no campo por meio da concentração e do estímulo dado a grande propriedade, que passou a ofertar produtos a preços inferiores, eliminando a concorrência dos pequenos agricultores e, segundo, como já citamos, pelas altas taxas de impostos cobradas pelo novo governo a estes últimos.¹³⁴

A respeito desse último fator, ou seja, das cobranças sobre os produtos, que arruinaram muitos pequenos proprietários que se viram obrigados a emigrar, podemos citar a cobrança do *macinato*¹³⁵. O não pagamento desta taxa tributária podia resultar na perda da terra. De acordo com Trento, de 1875 a 1881 foram confiscadas cerca de 61.831 pequenas propriedades, e entre 1884 a 1901, em torno de 215.759 delas.¹³⁶ Portanto, aqui cabe analisar também as características físicas das propriedades rurais da região que forneceu o maior contingente emigrante e de que forma elas estavam distribuídas geograficamente em seu território no período da grande emigração.

Na prática, a região do Vêneto se dividia em duas: áreas mais isoladas entre colinas e montanhas, nas províncias de Vicenza, Treviso, Belluno e Udine¹³⁷; e áreas de planícies mais próximas de centros urbanos, como Verona, Rovigo, Padova e Venezia. Por sua vez, a divisão da propriedade obedecia ao seguinte critério: pequenas e médias propriedades nas regiões de montanhas e colinas; e grandes propriedades, que rapidamente adquiriram características capitalistas, nas regiões de planície.¹³⁸

¹³⁴ ALVIM, Zuleika M. F. Op. Cit., p. 22.

¹³⁵ “O *macinato* era o imposto sobre a moagem dos grãos e cereais em geral, adotado pelo Reino da Itália em 07/07/1868. Também chamado de *dazio sulla macina* foi criado com o objetivo de sanar o déficit da balança comercial. Esta taxa calculada sobre os cereais moídos pelos moinhos foi introduzida em julho de 1868 e atingiu, sobretudo, a base da alimentação popular.” POSSAMAI, Paulo César. Op. Cit., p. 43.

¹³⁶ TRENTO, Angelo. Op. Cit., pp. 31-32.

¹³⁷ Atualmente a província de Udine integra a região de Friuli-Venezia Giulia.

¹³⁸ ALVIM, Zuleika M. F. Op. Cit., p. 28.

MAPA 2 – PROVÍNCIAS DA REGIÃO DO VENETO PÓS-UNIFICAÇÃO¹³⁹



Portanto, fica evidente que são originárias das pequenas propriedades e das médias locações, existentes nas províncias mais montanhosas do Vêneto, as maiores cotas de emigrantes que embarcaram rumo às Américas nas décadas seguintes a unificação, pois foram exatamente essas as que mais sofreram e mais foram atingidas pela crise agrícola.¹⁴⁰ Basta nos aprofundarmos um pouco nas condições de vida que essa parcela da população italiana levava nos anos pós-unificação para compreendermos por que preferiram partir de sua terra natal.

Segundo Alvim, os camponeses vênéticos dessas províncias sobreviviam da terra e também de indústrias domésticas, onde produziam através do trabalho de toda a família. Essa forma de trabalhar, atrelada ao núcleo familiar, estava ligada a hábitos milenares que caracterizavam a produção na pequena propriedade, o que criava a ilusão de independência para esses camponeses. As famílias vênéticas desse período contavam com doze a quinze membros, compostos pelo chefe de família, seus pais, filhos, genros e noras, e netos. Esse grande arranjo familiar se mantinha enquanto a propriedade fornecia os recursos necessários para a manutenção de todo grupo.¹⁴¹

Toda essa população campesina se alimentava basicamente de polenta preparada com a farinha de milho produzida na região. Quando a mesa era farta se tinha peixe, ovo, salame e verduras. E quando se comia carne, era de aves, porco, carneiro ou cabrito, animais que eram criados pela própria família. A carne de gado e a farinha de trigo, por seus altos preços, muito

¹³⁹ Mapa elaborado pelo autor.

¹⁴⁰ SCARPIM, Fábio Augusto. Op. Cit. p. 18.

¹⁴¹ ALVIM, Zuleika M. F. Op. Cit., p. 30.

raramente apareciam no cardápio nessas regiões. A bebida comum era o “vinhete”, ou “*vin piccolo*¹⁴²”, um vinho bem inferior obtido através da segunda prensa das uvas. Para manter essa dieta os pequenos camponeses tinham pouco dinheiro para gastar, em média, somente duas ou três libras diárias.¹⁴³

Também o vestir dessa população era precário. As roupas, tanto as dos homens como das mulheres, eram grosseiras e tecidas em casa, geralmente feitas de lã mista ou algodão cru. Os calçados, sapatos e tamancos, também eram de confecção caseira, feitos de madeira e um pedaço de couro qualquer. A grande maioria vivia descalça e só cobriam os pés no inverno.¹⁴⁴ Da mesma maneira, a moradia desses camponeses deixava muito a desejar, como podemos verificar na descrição a seguir:

“casebres baixos, cheios de frestas, caindo aos pedaços, que deixavam transparecer, pelos buracos usados como janelas e pelas fissuras dos muros, a mais triste miséria; no interior poucos cômodos imundos, onde se chega por escadas precárias e que quase desmontam sob o peso do corpo (...), as paredes revestidas de pó secular, enegrecidas e úmidas pelas chuvas que descem livremente do teto, infiltrando-se entre as pedras; o chão do térreo é de terra ou de pedras mal ajustadas, aqui e ali arrebitadas ou incompletas; o plano superior é formado por tabuleiros bamboleantes, as pequenas janelas onde normalmente faltam os batentes são tapadas por vidros ou folhas de papel, os únicos móveis são um leito ou dois sobre cavaletes, um baú e os utensílios indispensáveis para cozinha e a agricultura. Alguns santos vermelhos ou azuis, algumas vezes um calendário (...) o número de cômodos de uma casa é variável, mas sempre muito inferior às necessidades da família (...) cada quarto serve a três ou quatro pessoas, (...) O leito mais comum é uma enxerga ou catre cheio de casca de milho, mais raramente, de palha. Quem pode, coloca sobre a palha um colchão de lã ou pluma. O chamado ‘banheiro’ não existe, o hábito é fazer as necessidades corporais no modo que Mantegazza chama ‘poético’, mas que por mais que contenha a luz do sol – ou do astro prata – e as carícias da livre aragem, não deixa de ser, por isso mesmo, anti-higiênico para a medicina, indecente para a limpeza e ainda lúbrico para a moral (...). Assim como descrevemos são quase todas as casas dos trabalhadores da terra”.¹⁴⁵

Como consequência dessa precariedade e das duras condições de vida, da escassa alimentação e da falta de higiene, surgiam ainda os problemas de saúde que também se somaram aos motivos que provocaram o grande êxodo Vêneto. Portanto, junto da situação de miséria apareceram, conseqüentemente, várias pestes e doenças que assolavam os pobres do campo nesse período. Problemas de saúde como escrófula, raquitismo e bronquite alcançavam índices elevados nessas regiões. A cólera, a malária e a pelagra eram doenças correntes, diretamente ligadas às péssimas condições sanitárias e de má alimentação.

¹⁴² A tradução literal é vinho pequeno.

¹⁴³ ALVIM, Zuleika M. F. Op. Cit., p. 31.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 32.

¹⁴⁵ Cit. in: FRANZINA, E. Apud: ALVIM, Z., Op. Cit. pp. 31-32.

A dieta restrita, composta quase somente de polenta, era a principal causadora de diarreia, dermatite, demência, delírios e distúrbios motores e sensoriais, todos os sintomas característicos da pelagra. Segundo dados informados pelo jornal *La Gazzeta di Treviso*, publicado no ano de 1885, “em 1879, no Vêneto, existiam 29.800 pelagrosos, esse número sobe para 55.983 em 1881. Em toda a Itália os pelagrosos eram da ordem de 97.855 em 1879 e 104.000 em 1881”.¹⁴⁶

Diante dessa triste paisagem, o que observamos é que essa porção da população italiana vivia num estado de total miséria e empobrecimento causado pela crise agrária, e que gastavam todos os seus esforços unicamente na luta pela sobrevivência. Sendo assim, podemos imaginar o porquê o mundo desses homens e mulheres ligados a terra era formado pelos limites da comunidade, e que o ideal econômico dessa gente era o da autossuficiência. Conseqüentemente, a organização social e familiar era estritamente local, onde o cotidiano variava do trabalho para a Igreja. Era o discurso religioso católico que fornecia um alento para esses camponeses.

Portanto, a forma de viver que predominava no mundo rural vênето era a do *campanilismo*, ou seja, aquela onde a vida social se limitava ao *paese* de nascimento, na qual o indivíduo se identificava com sua aldeia natal.¹⁴⁷ Os valores que eram impregnados desde a infância por essa vivência camponesa, eram sem dúvida, o amor a terra e a prática da religião católica. Tais valores, que impulsionavam a existência desses camponeses, os faziam dedicar a vida inteira para a manutenção de seu pedaço de terra e de sua família.

Porém, essa tarefa de manter a sobrevivência do núcleo familiar por meio da pequena propriedade se tornou cada vez mais difícil. Além do descaso dos governantes, boa parte dessa dificuldade era devida ao problema da divisão contínua da terra, pois esses pequenos proprietários tinham há muito tempo o hábito de dividir a terra quando os filhos se casavam. Porém, diante do novo contexto, muitos filhos se viram forçados a trabalhar como *braccianti*, trabalhadores braçais nas grandes fazendas, ou a procurar ocupação em áreas urbanas.¹⁴⁸ As filhas, por sua vez, foram obrigadas a procurar ocupação junto às indústrias têxteis que surgiam.

Essa situação, somada à pobreza, era vista como calamitosa para os camponeses, pois rompia com a ideia de independência que eles mantinham por séculos. Essa insatisfação levou muitas famílias a decidir pela emigração transoceânica, sobretudo diante da propaganda da

¹⁴⁶ SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. Apud SCARPIM, Fábio A. Op. Cit. p. 22.

¹⁴⁷ A palavra *campanilismo* faz referência à *campanile*, em português campanário, torre da Igreja, que normalmente era enxergada de todos os pontos da aldeia e onde ficavam os sinos que chamavam os indivíduos para o cumprimento de suas obrigações religiosas.

¹⁴⁸ Os *braccianti* eram trabalhadores temporários, aqueles que não possuíam um pedaço de terra, que trabalhavam nas grandes propriedades alheias e que recebiam por dia ou por cota.

existência de abundância de terra na América, em particular no sul do Brasil. Muitos vendiam sua pequena propriedade e tudo que tinham na Itália, a fim de pagar a viagem para toda família, na esperança de conseguir um pedaço de terra maior no além-mar, o que para eles traria a sensação de liberdade e independência.

Portanto, não foram somente os que não tinham nada que emigraram, pelo contrário, num primeiro momento foram os pequenos proprietários das regiões montanhosas do Vêneto que partiram em busca de terra em abundância. Essa forma de emigração, dos não tão miseráveis, mas que queriam melhorar suas condições, era incentivada por Colbacchini, como podemos ver a seguir:

(...) Non intendo con ciò di affermare che solo i miserabili abbiano ad emigrare, quelli cioè a cui tutto manca per poter vivere. Anche a coloro che gravati da numerosa famiglia non possono ripromettersi i mezzi sufficienti per mantenerla onoratamente è talora conveniente tentare migliore fortuna fuori della pátria. A questa categoria appartengono molti agricoltori i quali o per avere terre insufficienti a mantenerli, o per caro prezzo degli affitti, o per perversità di stagioni, o per crudeltà di padroni veggono fosco l'avvenire.¹⁴⁹

De fato, não foram os miseráveis que num primeiro momento deixaram a península italiana rumo às províncias do sul do Brasil. Até porque, foi somente a partir de 1885, que o governo brasileiro passou a subsidiar a vinda dos imigrantes. Mas foram sim, os pequenos proprietários, movidos pelo desejo de adquirir maiores porções de terras no além-mar, e assim oferecer melhores condições de vida aos seus familiares, que primeiramente partiram com a esperança de reconstruir seu modelo tradicional de sociedade em solo brasileiro. Esse sonho de fazer a vida na América foi fortemente influenciado pela propaganda que dela faziam os agentes de emigração. Esses últimos retratavam os países americanos como verdadeiros paraísos, o que só aumentava o vislumbre pelo enriquecimento fácil que se teria no outro lado do Atlântico.

Nessa direção, queremos evidenciar que também os padres das aldeias, que mantinham de fato um vínculo de proximidade com os camponeses, exerceram uma forte contribuição na divulgação da América como melhor alternativa para fugir da crise. Assim como os recrutadores das agências de emigração, o baixo clero teve grande responsabilidade por incentivar a “febre americana” entre os pobres do campo. Segundo Possamai, o clero rural, assumindo o papel de legítima liderança desses camponeses, a fim de defender o seu rebanho

¹⁴⁹ (...) Não pretendo com isso afirmar que somente os miseráveis devem emigrar, isto é, aqueles aos quais tudo falta para poder viver. Também para aqueles que por serem possuidores de numerosa família não conseguem garantir os meios suficientes para mantê-la dignamente se torna conveniente tentar melhorar sua sorte fora da pátria. A essa categoria pertencem muitos agricultores os quais ou por terem terras insuficientes para se manter, ou pelo caro preço do arrendamento, ou devido a rigorosidade das estações, ou pela crueldade dos patrões, assistem a um futuro incerto. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. Le condizione degli emigrati nello stato del Paraná in Brasile, 1892. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 554.

das ameaças da modernidade e do pensamento liberal, assim como dos abusos econômicos do novo governo, encorajava a emigração nas áreas camponesas onde atuavam. De acordo com o autor,

... o clero idealizava o Brasil meridional como o espaço onde era possível reconstruir uma sociedade camponesa e clerical protegida do avanço das ideias liberais e socialistas que progrediam na Europa, os emigrantes sonhavam encontrar na América o país da fartura, onde todos se converteriam em proprietários.¹⁵⁰

Essa influência dos padres na decisão de emigrar dos pequenos proprietários das aldeias rurais nas áreas montanhosas do Vêneto se deve tanto ao descaso que o governo italiano tinha para com a situação de miséria dessa parcela da população, como também pelo discurso contrário que a Igreja assumiu em relação ao novo reino da Itália. Embora, nessa primeira fase do fenômeno, não houvessem ainda iniciativas oficiais por parte da cúpula da instituição Católica Romana, o baixo clero soube catalisar esse sentimento, incentivando a emigração de seus paroquianos.¹⁵¹

Por vezes, além de incentivarem os seus fiéis, os próprios padres serviam como agentes ou subagentes de emigração. Em outras, abandonavam sua paróquia para conduzir eles mesmos seu rebanho rumo à América. Nessas ocasiões, o elo que havia entre o sacerdote e os camponeses se fortalecia ainda mais, aumentando o sentimento de segurança dos emigrantes através da identificação que criavam com a catolicidade por meio do representante divino que se colocava ao lado deles.

Como exemplo, desse tipo de ação dos sacerdotes no meio rural Vêneto, podemos evidenciar a trajetória de Don Angelo Cavalli. Esse padre católico foi o responsável pelo recrutamento de mais de 200 famílias emigrantes da região do ValBrenta, entre as cidades de Bassano del Grappa e Arsié, nas províncias vênetas de Vicenza e Belluno. A atuação de Cavalli é narrada pelo italiano Deliso Villa da seguinte maneira:

Em 1877, por iniciativa de uma estranha figura do *padre-recrutador* que tinha montado sua central de recrutamento no canal do Brenta, perto de Bassano, haviam sido encaminhados ao Brasil mais de 2000 camponeses daquela área. Formarão um dos primeiros estabelecimentos italianos no Paraná, em Curitiba.¹⁵²

Mesmo que a quantidade de emigrantes, que no final do citado ano embarcou rumo ao Brasil, não tenha atingido o número apontado pelo referido autor, já que as famílias vênetas que

¹⁵⁰ POSSAMAI, Paulo César. Op. Cit., p. 47.

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² VILLA, Deliso. Storia Dimenticata. Porto Alegre: EST, 2002, p. 117.

partiam naquele momento não eram tão numerosas assim, sabemos que esta leva tornou-se uma das maiores a se estabelecer no Paraná, sendo responsável pela fundação das primeiras colônias de italianos em torno de Curitiba, como veremos mais adiante.

Porém, o fato que nos interessa por ora, é que o padre Cavalli exercia a função de pároco junto à localidade de Oliero, na comune de Valstagna, apenas alguns quilômetros de Bassano del Grappa, cidade natal de Pietro Colbacchini. Segundo documentação estudada por Chiara Cucchini, os camponeses da região descreviam aquele sacerdote como “un pastore zelante, assiduo al confessionale, premuroso ad assistere i poveri malati, ogni domenica fa la spiegazione evangelica e il catechismo per i fanciuli e gli adulti con le funzioni di consuetudine”.¹⁵³

Creemos que ao cumprir suas atividades, não só de cura das almas, mas também de líder social, o referido padre diariamente ouvia os lamentos dos seus paroquianos, que devido à situação de miséria que estavam enfrentando, procuravam uma alternativa para sobreviver. Segundo relata Moletta, a própria família de Angelo Cavalli era da região e estava passando por sérias dificuldades econômicas, fato que levou o sacerdote a fazer algo mais que simplesmente incentivar a partida de seus fiéis em busca de melhores oportunidades. Resolveu ele mesmo buscar informações e organizar a emigração dos camponeses da região, decidindo ele próprio emigrar junto de sua família e seu rebanho.¹⁵⁴ Neste contexto, vivido por este padre em particular, percebemos claramente que além de motivos religiosos, os interesses econômicos também motivaram membros do baixo clero italiano a emigrarem junto de seus fiéis.

O jovem imigrante vêneto Julio Lorenzoni, em suas memórias, descreve que padre Angelo Cavalli atuou como recrutador, a serviço de Claudiomiro di Bernardis. Este último, agente de emigração de Gênova, havia instruído o sacerdote a arregimentar o maior número de famílias possível. Com esse intuito Cavalli passou a organizar encontros nas localidades próximas a sua paróquia, descrevendo como se daria a viagem e as vantagens de emigrar, sobretudo pela oportunidade de adquirir terras em solo brasileiro. Lorenzoni narra a atuação do padre da seguinte maneira:

... comparava o Brasil a uma segunda Canaã, dizendo que lá a vegetação era exuberante, que a terra produzia extraordinariamente, sem muito trabalho: que superados os maiores obstáculos, depois do primeiro ano de instalação, uma família poderia ficar descansada sobre seu bem-estar e prosperidade.¹⁵⁵

¹⁵³ Um pastor zeloso, assíduo no confessionário, atencioso em ajudar os pobres doentes, que todos os domingos tem como hábito fazer a explicação do evangelho e ensinar o catecismo para as crianças e os adultos. (Tradução nossa). CUCCHINI, Chiara. **A Proposito di Agente di Emigrazione**: La vicenda di Don Angelo Cavalli, Parroco, Agente ed Emigrante (1872-1879). Università degli Studi di Padova, 1996-1997, p. 57.

¹⁵⁴ MOLETTA, Susete. **Da Itália para o Brasil**. Porto Alegre: EST, 2002, p. 40.

¹⁵⁵ LORENZONI, Júlio. **Memórias de um Imigrante Italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975, p. 16.

Acreditamos, portanto, que é facilmente perceptível o grau de influência que a religiosidade teve na emigração veneta, que por meio da atuação dos representantes da Igreja, sobretudo do baixo clero, assumiu um papel de liderança e de direção, diante da negligência dos governantes italianos, para com a situação de empobrecimento dos camponeses da região. Assim, podemos entender melhor o porquê que ao se tornarem imigrantes, a maioria desses vênetsos, irá desejar, ou ao menos aceitar, negociar a reconstrução da nova identidade social em torno da figura e do discurso de um sacerdote católico.

2.2 A Colonização Vêneta no Paraná

Depois de vermos os principais fatores que promoveram a saída de milhares de vênetsos da península italiana no final do século XIX, e evidenciarmos o papel que teve o discurso católico nesse processo, cabe agora apresentarmos como se deu a atração e a instalação desses imigrantes em terras paranaenses. Nessa direção, queremos aqui descrever como se deu a formação da região de colonização italiana no Paraná, a qual foi o campo de atuação do missionário Pietro Colbacchini e da promoção de seu discurso ultramontano junto ao processo de identificação desses imigrantes em solo paranaense.

Com a emancipação política do Paraná, ocorrida no ano de 1853, a cidade de Curitiba passou a gozar da condição de capital da então recém-criada província. Consequentemente, começou a atrair um maior número de pessoas para o desenvolvimento do comércio, o exercício das profissões liberais e, sobretudo, a produção de gêneros alimentícios.

Sendo assim, a cidade teve um enorme crescimento populacional, processo que se fortaleceu ainda mais por meio das políticas imigratórias adotadas pelo governo provincial. Tal dinâmica imigratória ganhou grande impulso a partir da década de 1870, quando os presidentes da jovem província adotaram um plano de colonização baseado no assentamento de colonos estrangeiros em núcleos agrícolas próximos aos centros urbanos.

Isso aconteceu porque os governantes da época acreditavam existir um desprezo manifestado pelo brasileiro, e pelo paranaense em particular, ao trabalho agrícola, assim, “a vinda de colonos morigerados e laboriosos passou a ser considerada como único meio adequado para solucionar o problema da crise de escassez e carestia de produtos agrícolas”.¹⁵⁶ Essa falta

¹⁵⁶ BALHANA, Altiva Pilati. História Demográfica do Paraná. In: Westphalen, Maria Cecília (Org.). **Un Mazzolino de Fiori**. Vol I. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002, p. 275.

de produção de alimentos de primeira necessidade, que tomava conta de boa parte do país, era um problema também no Paraná, como podemos observar através de um trecho do Relatório do Presidente da Província do ano de 1858:

É para se lamentar que esta província, cujos terrenos produzem com abundância a mandioca, o arroz, o café, a cana, o fumo, milho, o centeio, a cevada, o trigo e todos os gêneros alimentícios, compensando tão prodigiosamente os trabalhos do agricultor, receba da marinha e por preços tão exagerados a maior parte daqueles gêneros. Este estado de cousas porém tenho que continuará e que só quando colonos morigerados e laboriosos vierem povoar vossas terras vastas e fecundas, aparecerá abastança dos gêneros alimentícios e abundantes sobras do consumo irão dar nova vida ao comércio de exportação dos produtos agrícolas.¹⁵⁷

Portanto, ao contrário de outras regiões do Império, como era o caso da província paulista, onde a imigração se destinava a suprir a carência de mão de obra na grande lavoura de exportação, sobretudo na de café - depois do esmaecimento do modelo escravista -, no Paraná, a não ser a eventual introdução de trabalhadores para as obras públicas, sobretudo a construção de estradas, o problema imigratório foi desde logo colocado no sentido de se criar uma agricultura de abastecimento.¹⁵⁸

Essa política imigratória adotada pelo governo da província do Paraná foi responsável pela atração de famílias de estrangeiros que vieram exclusivamente para se dedicar à agricultura. Por esse motivo, o solo paranaense passou a ser desejado pelos pequenos proprietários que deixavam a Europa em busca de terra, como era o caso dos camponeses italianos da região do Vêneto.¹⁵⁹

Somada a esta questão, da necessidade de braços para a produção agrícola, a proposta de introduzir o imigrante europeu, pacífico e trabalhador, visava também o branqueamento da raça brasileira.¹⁶⁰ Outros dois fatores, que também favoreceram a implantação de colônias em terras paranaenses, assim como em toda a região Sul, foram as características de clima e de solo, que aqui se apresentavam de maneira mais semelhante aqueles da Europa. Dessa maneira, acreditamos que seja fácil compreender como o território da Província do Paraná se inseriu na política imigratória brasileira.

¹⁵⁷ Relatório do Presidente Francisco Liberato de Matos, apresentado na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, em 7 de janeiro de 1858. Curitiba, Typografia Paranaense, 1957, p.21.

¹⁵⁸ BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P. e WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná**. 1º vol. Curitiba: GRAFIPAR, 1969; p.162.

¹⁵⁹ Apesar do desejo manifestado pela política governamental de atrair para a província imigrantes que se dedicassem à agricultura de subsistência, também um bom número de europeus, entre eles os italianos, vieram para o Paraná para se dedicar a atividades urbanas.

¹⁶⁰ NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001, p. 74.

Sendo assim, o governo da província paranaense desenvolveu uma política de atração de estrangeiros, sempre visando à criação de núcleos coloniais voltados para a agricultura de abastecimento, que atraiu uma diversidade de europeus, oriundos de diversas regiões. Primeiramente vieram contingentes alemães, suíços, franceses e ingleses e, mais tarde, italianos e poloneses e, finalmente, ucranianos e holandeses, entre outros. Dentre esses grupos, os que mais se destacam na contribuição demográfica do Paraná, em termos de densidade, são os seguintes: Poloneses (49,2%), Ucranianos (14,1%), Alemães (13,3%) e, finalmente, Italianos (8,9%), formando as outras etnias apenas 14,5%.¹⁶¹

Segundo dados estatísticos, apresentados por Romário Martins, o Paraná recebeu, no longo período de 1829 a 1934, cerca de 47.731 poloneses, 19.272 ucranianos, 13.319 alemães e 8.798 italianos.¹⁶² Portanto, o grupo específico que estamos estudando, representado pelos imigrantes italianos, é classificado por esse historiador paranaense como o quarto principal contingente colonizador estabelecido no Estado.

Porém, acreditamos que em número de indivíduos a contribuição italiana seja um pouco maior que a apontada por esses estudos anteriores. Isso porque somente durante o período conhecido como “rusch italiano”, por ter sido aquele no qual houve mais entradas de indivíduos dessa origem, que durou apenas 4 anos, de 1875 a 1878, se fixaram no Paraná cerca de 4.350 italianos.¹⁶³

O que fortalece essa nossa hipótese são os dados apresentados nos escritos feitos pelo missionário Pietro Colbacchini. Em um deles, uma carta relatório escrita ainda no ano de 1889, ao passar informações sobre a situação da imigração italiana no Brasil para o Núncio Apostólico, representante da Santa Sé no país, o sacerdote afirma que às primeiras famílias dessa origem que aqui se estabeleceram na década de 1870, “si congiunsero poi altre negli anni successivi, fino a giungere alla cifra di circa 10.000 gli italiani ora domiciliati in Paraná”.¹⁶⁴

Ainda segundo Martins, foi a partir de 1875 que os estrangeiros dessa origem começaram a chegar em grandes levadas, sendo a maioria italianos procedentes do Vêneto.¹⁶⁵ No que diz respeito a essa última questão, estamos de acordo com o autor, pois de fato a data corresponde aos primeiros anos do processo emigratório de massa na citada região do norte da

¹⁶¹ BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P. e WESTPHALEN, Cecília M. Op. Cit., p.184.

¹⁶² MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos**. Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Grafica Paranaense, 1941. p. 56.

¹⁶³ Ibidem., p. 72.

¹⁶⁴ ... se juntaram depois outras nos anos sucessivos, até atingir a cifra de 10.000 italianos agora domiciliados no Paraná. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.170.

¹⁶⁵ MARTINS, Romário. Op. Cit., p. 176.

península italiana. Antes do referido ano, foram poucas as famílias dessa origem a se estabelecerem na província paranaense. As que o fizeram, foram colocadas em colônias mistas, junto a imigrantes de outras nacionalidades, como as colônias Argelina, Pilarzinho e Assungui. Esta última colônia por exemplo, que foi criada na década de 1860, contava com a presença de somente 70 italianos no ano de 1874, em meio a alemães, ingleses, franceses e suíços.¹⁶⁶

Nessa direção, podemos afirmar que, durante a primeira metade da década de 1870, as poucas famílias procedentes da península italiana que se fixaram no Paraná, se instalaram ou no centro urbano de Curitiba ou nas colônias mistas criadas no seu entorno. Por sua vez, os primeiros núcleos coloniais, criados especificamente para acolher imigrantes italianos foram localizados no litoral da província. Tratam-se das colônias Alexandra e Nova Itália, respectivamente instaladas nos municípios de Paranaguá e Morretes, nos anos de 1875 e 1877.

A colônia Alexandra foi o primeiro empreendimento destinado exclusivamente aos italianos. Ela surgiu como um núcleo colonial agrícola particular, por meio de um contrato firmado, no ano de 1871, entre o governo provincial, cujo presidente era Venâncio José Lisboa, e o agenciador e concessionário de terras Savino Tripoti.¹⁶⁷ Tal empreendimento foi posto a 14 quilômetros do meio urbano de Paranaguá e contava com uma sede e mais três núcleos, São Luis, Piedade e Tournal. A proximidade do porto teria sido o motivo pelo qual o empresário italiano resolveu investir em um núcleo agrícola no litoral, assim teria menos despesa com o transporte dos colonos.

Segundo Maschio, os agenciadores como Tripoti enxergavam na imigração uma oportunidade econômica muito lucrativa, por isso se responsabilizavam pela propaganda de atração e pelo recrutamento de colonos, como também pela preparação dos lotes, instalação e administração da colônia.¹⁶⁸ Com esse intuito, o referido agenciador e proprietário da colônia Alexandra, a fim de atrair para o seu empreendimento o maior número de imigrantes possível, mandou distribuir na Itália cópias de uma carta intitulada ao “Amico Colono”, datada de 19 de julho de 1873, onde propagandeava de modo exagerado as vantagens que aguardavam esses estrangeiros no Brasil.¹⁶⁹

Assim, apesar de haver recebido algumas famílias avulsas anteriormente, 1875 foi o ano em que a referida colônia recebeu a primeira leva de imigrantes de fato. Conforme afirma

¹⁶⁶ Ibidem., p. 71.

¹⁶⁷ CAVANHA, Jussara Nena. **Colônia Alessandra**. Curitiba: Progressiva, 2012, p. 39.

¹⁶⁸ MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de italianità e brasilità (1875 – 1930)**. Tese (Doutorado em Educação) - UFPR, Curitiba, 2012, p. 49.

¹⁶⁹ BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade: uma paróquia vêneta no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978, p. 25.

Balhana, os primeiros colonos italianos chegaram em fevereiro daquele ano, e um segundo grupo somente em setembro de 1876.¹⁷⁰ Neste ano a população do lugar já era de 307 italianos.¹⁷¹ Porém, o fato de o empresário ter apresentado falsas promessas, ou seja, uma série de vantagens que não existiam no seu empreendimento, causou grande descontentamento entre os imigrados, de forma que muitas reclamações chegavam à administração da província em Curitiba, entre elas a de que muitos desejavam inclusive retornar para a Itália.

O governo provincial acusava Savino Tripoti da má administração da colônia. O empresário, ao contrário, culpava a província pelo não pagamento do valor do repasse acertado no contrato. Devido a estes desentendimentos e a insatisfação dos colonos, esse primeiro núcleo colonial italiano não prosperou como desejado e o contrato foi rompido em 1877. Em virtude desta questão, o governo da província do Paraná decidiu ele mesmo administrar a instalação dos colonos italianos no litoral. Com esse intuito, criou no mesmo ano a Colônia Nova Itália, tanto para receber aqueles que se recusavam a permanecer em Alexandra, como também as novas levas de italianos que continuavam a chegar.

Esse novo empreendimento, agora governamental, tinha a sua sede em Morretes, nas proximidades do porto de Barreiros, e se estendia até os municípios vizinhos de Antonina e Porto de Cima. Portanto, era uma colônia com dimensões bem maiores que a primeira, pois além da sede, possuía mais 12 núcleos coloniais: Rio do Pinto, Sesmaria, América, Sítio Grande e Carí, Marques, Ipiranga, Entre Rios, Prainha, Rio Sagrado, Graciosa, Zulmira, Turvo e Cabrestante. De acordo com Romário Martins, já no ano de sua criação, a Colônia Nova Itália recebeu cerca de 2.300 imigrantes italianos, número que se elevou no ano seguinte para mais de 800 famílias, ultrapassando 4.000 pessoas, procedentes em sua maioria da região do Vêneto.¹⁷²

Foi exatamente no mês de novembro de 1877, que desembarcaram no porto de Paranaguá, tendo como destino os núcleos da Nova Itália, cerca de 730 italianos de origem vêneta. Tratavam-se dos primeiros que vieram por meio do estímulo feito pelo padre Angelo Cavalli, sacerdote do Canal do Brenta, que como vimos anteriormente serviu de recrutador de famílias emigrantes naquela região.¹⁷³ Sobre esse episódio Colbacchini escreve:

Nel novembre del 1877 sbarcarono i primi coloni italiani a Paranaguà, porto di Paraná.
In varie riprese ne vennero circa due mila, quase tutti per iniziativa di um sacerdote

¹⁷⁰ Ibidem., p. 23.

¹⁷¹ MARTINS, Romário. Op. Cit., p. 71.

¹⁷² Ibidem., Op. Cit., p. 73-74.

¹⁷³ AZZI, Rioldo. **A igreja e os migrantes**. Vol. 1. A imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil, 1884-1904. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 213.

del Canal di Brenta, presso Bassano, il quale aveva stipulato contratto con una Agenzia di emigrazione di Genova.¹⁷⁴

Apesar de outras levas de imigrantes italianos terem se estabelecido anteriormente no litoral, essa é descrita por Colbacchini como o primeiro grande grupo de estrangeiros dessa origem a se fixar no Paraná. Acreditamos que essa afirmação se deve a 3 fatores: primeiro, pelo maior número de indivíduos que compunham o grupo, cerca 2000 pessoas, que chegaram em várias remessas entre o final de 1877 e o início de 1878; segundo, pela organização do mesmo, já que era dirigido por um sacerdote católico, que serviu como recrutador e líder ainda durante a sua formação em terras italianas, nos meses anteriores a partida; e terceiro, por se tratarem de colonos provenientes da região do Vêneto, de lugarejos da província de Vicenza, próximos de Bassano del Grappa, cidade de origem de Colbacchini, onde o exôdo deste grande grupo certamente foi muito comentado.

A chegada desses italianos ao Paraná, que vinham acompanhados e tutelados por um sacerdote católico, foi rapidamente divulgada, como podemos observar por meio do telegrama que foi publicado já no segundo dia do acontecido:

"Telegramma - O Exm. Sr. Dr. Adolpho Lamenha Lins obsequiou-nos com o seguinte: Estação de Curityba, 16 de Novembro de 1877. Chegaram hontem a esta cidade 720 colonos lombardos que vão estabelecer-se na colonia "Nova Italia". Todos são agricultores mais ou menos abastados e trouxeram machinas e instrumentos agricolas. Dirige-os o padre Cavalli ex-cura da aldeia d'onde emigraram. Não se avalia das manifestações de alegria que os colonos aqui residentes fizeram aos recém-chegados. Com estes, eleva-se o numero dos colonos da "Nova Italia" á 2453 constituindo 620 famílias."¹⁷⁵

Nesse sentido, acreditamos que a figura do padre e a direção que ele oferecia aos imigrantes, era reconhecida como uma liderança que unia e trazia identidade para o grupo, tanto do lado interno, ou seja, entre os próprios recém-chegados, quanto do lado externo, ou seja, pelos outros estrangeiros que já se encontravam na colônia, como também pela sociedade receptora. Outra informação importante, que a fonte acima nos oferece, é que eram agricultores mais ou menos abastados que possuíam já máquinas e instrumentos agrícolas, o que confirma que se tratava de pequenos proprietários das regiões montanhosas do Vêneto.¹⁷⁶

¹⁷⁴ Em novembro de 1877 desembarcaram os primeiros colonos italianos em Paranaguá, porto do Paraná. Em várias levas vieram cerca de dois mil, quase todos por iniciativa de um sacerdote do Canal do Brenta, junto de Bassano, o qual tinha estabelecido contrato com uma Agencia de emigração de Gênova. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. Le condizione degli emigrati nello stato del Paranà in Brasile, (1892). In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 555.

¹⁷⁵ DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 17 de Novembro de 1877.

¹⁷⁶ Apesar do documento classificar os colonos como Lombardos sabe-se que eram imigrantes da região do Vêneto, das províncias de Vicenza e Belluno.

Além do reconhecimento interno e externo da identidade clerical do grupo imigrante, o próprio padre Angelo Cavalli tratou rapidamente de legitimar o seu papel de líder religioso de todos os colonos italianos do litoral. Fez isso ao assumir a função de capelão da Colônia Nova Itália, por meio da assinatura de um contrato com o governo, conforme afirma o expediente da presidência da província do dia 27 de novembro de 1877, que foi divulgado no jornal Dezenove de Dezembro: “Remeto a v. s, para fins convenientes, a inclusa cópia do contrato feito com o revm. Cavalli Sr. Angelo, para servir como capelão da colônia Nova Italia, em Morretes”.¹⁷⁷

Cremos, que com este ato, o referido sacerdote pode ser reconhecido oficialmente pelas autoridades provinciais como representante daqueles imigrantes, ao mesmo tempo, que se tornou um funcionário do governo, tendo direito a receber um salário mensal pelos serviços religiosos que prestava a eles. Este último fato, aponta para a ideia de que muitos padres, como era o caso de Cavalli, possuíam também interesses econômicos ao imigrar para América.

Fato é, que a vinda desse grupo específico, caracterizado pelo forte apego ao sentimento religioso como fator de identificação e também pelo grande desejo de melhores condições econômicas, determinou a maneira de como se conformaria o futuro da imigração italiana no Paraná. Isso porque esse grupo imigrante, por estar mais organizado, consciente de seus objetivos e contar com a liderança do padre Cavalli, foi o responsável por diversas reclamações e revoltas na Colônia Nova Itália, o que levou os governantes da província a direcionarem a implantação dos núcleos coloniais italianos também para o entorno da capital Curitiba.¹⁷⁸

Conforme aponta Maschio, o governo provincial almejava a instalação dos italianos no litoral pensando que estes poderiam desenvolver a produção açucareira na região, já que para a produção dos gêneros alimentícios de primeira necessidade contava com os alemães e poloneses já alocados no planalto curitibano. Porém, assim como na colônia Alexandra, o governo e os nomeados para administrar o novo empreendimento colonial não deram conta de oferecer as condições necessárias para que este plano prosperasse.

O atraso na medição e divisão dos lotes, que faziam muitas famílias imigrantes permanecerem aglomeradas em barracões; a falta de estradas para ligar os núcleos; a má distribuição da alimentação que era fornecida em pequena quantidade; a troca constante de administradores; a falta de condições de higiene; etc., e sobretudo, a pouca chance de prosperar economicamente, criaram um clima de instabilidade e de revolta entre os colonos que cobravam uma rápida ação do governo provincial. O trecho da correspondência a seguir, enviada pelo

¹⁷⁷ DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 5 de dezembro de 1877, nº 1864, p. 1.

¹⁷⁸ MASCHIO, Elaine C. F. Op. Cit., p. 50.

Inspetor da Colônia Nova Itália a administração da província no final de 1877, evidencia o envolvimento do grupo liderado pelo padre e a tensão que se havia criado: “... os distúrbios são feitos pela boa gente do Pe. Cavalli. Exigem entre muitos absurdos a minha retirada. Mande força de linha que esteja amanhã bem cedo, pois cada vez cresce mais a anarquia”.¹⁷⁹

Este último escrito nos revela que esses camponeses vindos do Vêneto, apesar de religiosos, não eram tão “morigerados”, dóceis e passivos como o governo paranaense os imaginava. O fato é que, diante da situação de abandono que se encontravam no litoral, reivindicavam melhores condições para que pudessem alcançar a terra, e dela a sobrevivência, motivo que os havia feito abandonar a sua terra natal. O litoral se tornou um castigo, ao contrário do paraíso que havia sido prometido para esses imigrantes.

No seu relatório, sobre as condições dos imigrados italianos no Estado do Paraná, escrito em 1892, Pietro Colbacchini relatou a situação difícil que viveram os colonos que se instalaram no litoral paranaense. Nele podemos perceber, que além da má administração, o clima, doenças e os insetos também foram motivadores da revolta dos imigrantes que haviam sido instalados nos núcleos coloniais litorâneos:

... gli intrighi degli speculatori, che non mancano in questa colonizzazione del Paraná, fecero sì che non si ebbe riguardo alle condizioni climatiche ed igieniche dei luoghi prescelti per quella prima colonizzazione.

Sono posti quei luoghi lungo il litorale, nei bassi fondi dello Stato: il clima è eccessivamente caldo, l'aria ammorbata cagiona le febbri; molte sono le molestie prodotte dalle zanzare e da altri insetti; le malattie frequente non esclusa quella che si chiama *mal della terra* – anemia e clorosi – fatale agli adulti e spaventosa quando colpisce i bambini.

Parlo con piena cognizione di causa, perché non ostante tante contrarietà, alcuni italiani o per cupidigia di facili guadagni, o per soddisfazione di ignobili passioni, forse alcuno per ignoranza o per inerzia, persistettero a risiedere in taluni di quei nuclei, e più fiute, per ragione del mio ministero, fui a visitarli.

[...] Questa la vera condizione di coloro, che abitano il litorale Paraná.

E perciò mi sento in dovere di gridare tanto alto, da essere udito al di là dei mari dai miei connazionali: voi che emigrate per il Paraná, guardatevi dai luoghi infetti di Paranaguà, Morretes ed Antonina e da tutto questo litorale, se pur volete evitare la più grande disgrazia che mai vi possa incogliere.¹⁸⁰

¹⁷⁹ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, 08 de dezembro de 1877. Ap. 517, doc. 97. Arquivo Público do Paraná.

¹⁸⁰ ... as intrigas dos especuladores, que não faltam nesta colonização do Paraná, fizeram com que não se observassem as condições climáticas e higiênicas dos lugares escolhidos para aquela primeira colonização. Foram colocados aqueles em lugares ao longo do litoral, nas baixadas do Estado: o clima é excessivamente quente, o mormaço do ar é causador de febres; muitas são as moléstias ocasionadas por mosquitos e outros insetos; as doenças são frequentes e não exclui aquela que se chama mal da terra – anemia e clorose – fatal aos adultos e assustadora quando atinge as crianças. Falo com pleno conhecimento de causa, porque mesmo diante de tantas contrariedades, alguns italianos ou pela cobiça de fáceis ganhos, o por satisfação hediondas paixões, talvez alguns por ignorância ou por inércia, persistem em residir em alguns daqueles núcleos, e várias vezes, em razão do meu ministério, fui visitá-los. Esta é a real condição daqueles que habitam o litoral do Paraná. E por isso me sinto no dever de gritar bem alto, para ser ouvido do outro lado do mar pelos meus conterrâneos: vocês que desejam emigrar

Portanto, Colbacchini nos revela a precariedade em que foram instalados os primeiros imigrantes italianos no Paraná, o que nos leva a compreender porque desejaram abandonar as colônias do litoral e remigrar para o planalto. Inclusive faz um grande alerta para que os italianos que quisessem vir para as terras paranaenses não se dirigissem mais para as cidades litorâneas.

Porém, da mesma maneira, o sacerdote escreve que algumas famílias de colonos de origem italiana insistiram em permanecer em alguns dos núcleos do litoral paranaense. Em suas cartas, como teremos oportunidade de observar mais adiante, o missionário irá escrever sobre suas visitas pastorais a esses núcleos coloniais, que serão denominados por ele de colônias marítimas.

No entanto, depois dessas experiências negativas com as colônias criadas no litoral, é a região do entorno de Curitiba que será constituída como a maior região de colonização italiana no Paraná. Segundo Balhana, entre os que chegaram no período forte da entrada de italianos no território paranaense, de 1875 a 1878, “foi pequeno o contingente que se fixou em definitivo na região litorânea. Os demais por iniciativa própria, ou com o auxílio governamental, foram transferindo-se para o planalto curitibano”.¹⁸¹

A instalação desses estrangeiros em Curitiba, a partir de 1878, deu-se de modo bem variado. Um bom número de famílias se fixou no centro urbano, na região das ruas América, São Francisco, Riachuelo, Presidente Farias e Aquibadan ou na região das Mercês, ou ainda, na região sul da cidade, à rua Ivaí, Iguaçú, Silva Jardim e Sete de Setembro.¹⁸² Também houve famílias que se estabeleceram nas localidades do Ahú e Bigorrião. Estes italianos que se fixaram no meio urbano eram comerciantes, industriais ou profissionais liberais, o que contradiz a ideia de que os imigrantes italianos vieram exclusivamente para trabalhar na agricultura.¹⁸³

Porém, sabemos que a maior parcela era sim formada por camponeses, e por essa razão se fixaram em núcleos coloniais agrícolas em torno da urbe curitibana. Esses núcleos eram

para o Paraná, evitem os lugares detestáveis de Paranaguá, Morrestes e Antonina e de todo esse litoral, se quiserem evitar a maior desgraça que vos possa acontecer. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. *Le condizione degli emigrati nello stato del Paraná in Brasile*, 1892. In: TERRAGNI, Giovanni. *Op. Cit.*, pp. 556-557.

¹⁸¹ BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade**: um processo de assimilação. Curitiba: João Haupt & CIA, 1958, p. 31.

¹⁸² Segundo Roseli Boschilia, os grupos étnicos que mais se destacaram na região central da cidade, no final do século XIX, eram formados primeiramente por alemães, depois por luso-brasileiros, ocupando os italianos a terceira posição. Em relação a esses últimos, especificamente entre a rua Riachuelo e a praça Generoso Marques, se estabeleceram as seguintes famílias italianas: os Carnascialli, Farani, Petrelli e Riva (negociantes); os Benvenuto, Grisolia e Muggiati (do ramo da sapataria); e os Guaita e Bevilaqua (profissionais liberais). **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Cores da cidade: Riachuelo e Generoso Marques. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n.110, mar. 1996.

¹⁸³ VECHIA, Ariclê. **Imigração e Educação em Curitiba (1853-1889)**. Tese (Doutorado em História) - USP, São Paulo, 1998, p. 120.

formados por meio da compra de terras feita pelo governo ou por um grupo de famílias imigrantes, e foram localizados a distâncias que variavam de 2 a um pouco mais de 30 quilômetros do centro.

As colônias criadas em meados de 1878, exclusivamente para a instalação dos imigrantes italianos, foram: Santa Maria do Novo Tirol (hoje Piraquara), Alfredo Chaves (hoje Colombo), Senador Santos (hoje bairro Água Verde), Santa Felicidade e Antonio Rebouças (Campo Largo). Já os núcleos coloniais mistos, nos quais haviam colonos de outras origens, mas onde também os italianos se fixaram neste momento foram: Orleans, Argelina, Muricy, Inspetor Carvalho e Zacarias (estes três últimos em São José dos Pinhais).¹⁸⁴ O trecho a seguir, tirado do relatório do presidente de província de 1879, atesta essa remigração dos colonos da Nova Itália para Curitiba:

Grande parte destes colonos, filhos de províncias do norte da Itália, não se podendo acomodar com o clima de Morretes, foi por mim transferida para as novas colônias Alfredo Chaves, Antonio Rebouças, Santa Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra, Muricy e Inspetor Carvalho; e outra parte, não pequena, retirou-se por conta própria para esta Capital, em cujo rocio se tem estabelecido.¹⁸⁵

Cronologicamente, o primeiro núcleo italiano a ser formado no planalto foi a Colônia Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra, instalada na antiga localidade de Deodoro, que pertencia a municipalidade de São José dos Pinhais, mas que a partir de 1890 foi elevada à categoria de município, sendo denominado Piraquara. Esta foi criada em agosto de 1878 e se diferencia das demais por ter sido formada por maioria de imigrantes tirolezes, provenientes da região de Trento.¹⁸⁶

No mês de setembro do mesmo ano, foram criadas as colônias de Alfredo Chaves, Antonio Rebouças e Senador Dantas, compostas exclusivamente por imigrantes provenientes da região do Vêneto. Assim como, a colônia de Santa Felicidade que por sua vez foi formada em novembro daquele mesmo ano. Portanto, foi nessas últimas quatro colônias que o grupo liderado pelo sacerdote católico padre Angelo Cavalli se dividiu e instalou ao reemigrar do litoral paranaense. Dessa forma, cremos que esses italianos vênnetos trouxeram para a região de Curitiba o modelo de sociedade tradicional, fortemente caracterizada pelo clericalismo, discurso do qual haviam se apropriado ainda em sua terra de origem.

¹⁸⁴ MARTINS, Romário. Op. Cit., p. 72.

¹⁸⁵ Relatório apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná no dia 4 de junho de 1879 pelo Presidente da Província Exm^o Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho. Curitiba: Typographia Perseverança, 1879, p. 44.

¹⁸⁶ Confer. TOMAZ, Antonio. **Colônia Imperial Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra: 120 anos de história: genealogia**. Curitiba: Editare, 1998; GROSSELI, Renzo Maria. **Dove cresce l'araucaria: dal Primiero a Novo Tirol**. Trento: Effe e Erre, 1985.

O fato é que, a fundação dessas cinco primeiras colônias exclusivamente para imigrantes italianos reemigrados do litoral estabeleceu a área do entorno de Curitiba, de clima mais ameno e próxima ao meio urbano, como a região de colonização italiana no Paraná. Assim, essa região continuaria a receber imigrantes dessa origem durante o final do século XIX até o início do século XX. Segundo consta em um dos relatórios do sacerdote Pietro Colbacchini, o número de italianos que se fixaram nesta região foi de cerca 17.000, que somados aos que se fixaram definitivamente nos núcleos remanescentes do litoral chegariam a quase 20.000 imigrantes dessa origem no Paraná.¹⁸⁷

Nello Stato del Paraná gli Italiani non giungono a 20.000 quasi tutti agricoltori indipendenti e proprietari di lotti di terreno avuti del Governo, o procacciatisi colle loro industrie mediante acquisti privati. Una parte di essi – non più di 3.000 – si fermarono nel litorale, ed attendono specialmente alla coltivazione della canna da zucchero dalla quale estraggono l'acquavite, che ne è quasi l'único prodotto. Gli altri 17.000 per la maggior parte hanno stanza nel circondario di Curityba, che è la Capitale dello Stato, entro un raggio di 20 a 40 kilm., ed attendono ala coltura dei cereali, degli ortaggi, della vite e dele frutta.¹⁸⁸

Portanto, Colbacchini afirma que o entorno de Curitiba, num giro de no máximo 40 quilômetros, foi de fato a região de colonização italiana no Estado do Paraná. Evidentemente, que o sacerdote católico está se referindo ao raio geográfico que ele percorria com frequência a fim de prestar assistência religiosa aos imigrantes. Porém, assim como vimos anteriormente, ele não descarta a presença de um bom número de colonos italianos que permaneceu no litoral.

De acordo com Romário Martins, entre a segunda metade da década de 1870 até meados de 1890, foram criados nessa região cerca de 20 núcleos coloniais onde se fixaram os colonos de origem italiana.¹⁸⁹ Esse número de colônias se aproxima da quantidade de núcleos elencados por Colbacchini no relatório enviado ao Núncio Apostólico do Brasil em 1889:

Nomenclatura dei Nuclei Coloniali Italiani
1° Agua Verde - ... a due Kil. da Coritiba, capitale della provincia; conta col circondario 150 famiglie.
2° S.a Felicidade dista 9 Kil. da Coritiba, conta 130 famiglie.
3° Alfredo Chaves; dista 24 Kil. conta 74 famiglie.
4° S. Maria do Novo Tirol 45 Kil. conta 72 famiglie.

¹⁸⁷ Cremos para chegar a cifra de quase 20.000 italianos, presentes no Estado em 1895, Colbacchini considerou como tais também os descendentes já nascidos em terras paranaenses.

¹⁸⁸ No Estado do Paraná os Italianos são pouco menos de 20.000, quase todos agricultores independentes e proprietários de lotes de terreno obtidos do Governo, ou adquiridos com seu trabalho por meio de compra particular. Uma parte deles – não mais que 3.000 – se fixaram no litoral, e vivem especialmente do cultivo da cana de açúcar do qual extraem a água ardente, que é para eles o único produto. Dos outros cerca de 17.000 a maior parte tem morada no entorno de Curitiba, que é a Capital do Estado, dentro de um raio de 20 a 40 quilômetros, e se dedicam ao cultivo de cereais, de verduras, de videiras e de frutas. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. *Intorno alle condizione presenti dell'emigrazione italiana negli Stati Uniti del Brasile* (1895). In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 585-586.

¹⁸⁹ MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

- 5° Timbituva a 28 Kil. conta 53 famiglie.
- 6° Rondina a 35 Kil. conta 82 famiglie.
- 7° Campo Largo due nuclei nuovi contano 78 famiglie.
- 8° Campo Comprido a 9 Kil. conta 46 famiglie.
- 9° Argelina a 7 Kil. conta 23 famiglie.
- 10° Gabriella a 8 Kil. conta 19 famiglie.
- 11° Antonio Prado a 20 Kil. conta 50 famiglie.
- 12° Faria a 26 Kil. conta 62 famiglie.
- 13° Zaccaria a 30 Kil. conta 24 famiglie.
- 14° Moroxi – 34 Kil. conta 16 famiglie.
- 15° S. José dos Pinhais a 20 Km. conta 80 famiglie.
- 16° Capivary a 36 Kil. conta 50 famiglie.
- 17° Nella Capitale circa 300 famiglie.
- 18° Disperse nei luoghi circostanti circa 200 famiglie.
- 19° Morretes in vari nuclei circa 300 famiglie.
- 20° Paranaguá in vari nuclei circa 150 famiglie.¹⁹⁰

Mais uma vez Colbacchini vai escrever que muitos italianos permaneceram no litoral, somando cerca de 450 famílias nos núcleos remanescentes de Morretes e Paranaguá. Neste mesmo documento, no qual elenca as colônias italianas, o referido sacerdote vai afirmar ainda que tanto os colonos do planalto quanto do litoral se encontravam numa boa situação econômica, o que os diferenciava era a saúde, que em torno de Curitiba era ótima, e péssima nas proximidades do mar. Independente disso, acreditamos que é correto afirmar que a região de colonização italiana no Paraná, apesar de ter se concentrado no planalto curitibano, também engloba esses municípios do litoral paranaense.¹⁹¹

Um outro documento elaborado pelo religioso corrobora com essa nossa hipótese. Trata-se de um mapa desenhado pelo próprio Colbacchini, intitulado “Prospecto das Colônias Italianas do Paraná”, que apresenta a localização dos núcleos italianos paranaenses, que contém

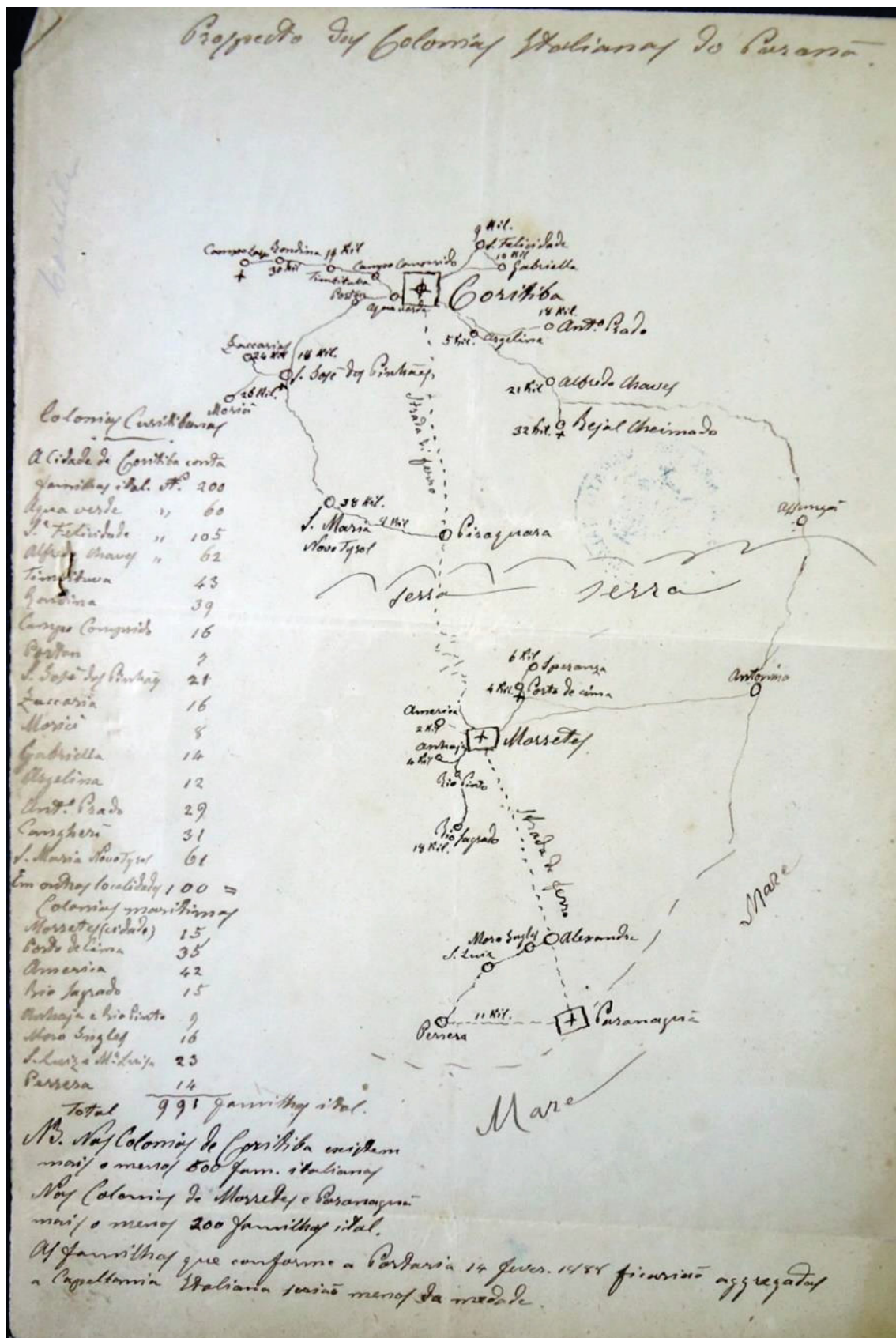
¹⁹⁰ Nomenclatura dos Núcleos Coloniais Italianos. 1° Água Verde – ... a dois Km. de Curitiba, capital da província; conta no seu entorno com 150 famílias. 2° Santa Felicidade distante 9 km. de Curitiba, conta com 130 famílias. 3° Alfredo Chaves; distante 24 km. conta com 74 famílias. 4° Santa Maria do Novo Tirol, 45 km. conta com 72 famílias. 5° Timbituva a 28 km. conta 53 famílias. 6° Rondinha a 35 km. conta com 82 famílias. 7° Campo Largo, os dois núcleos novos contam com 78 famílias. 8° Campo Comprido a 9 km. conta com 46 famílias. 9° Argelina a 7 Km. conta com 23 famílias. 10° Gabriela a 8 km. conta com 19 famílias. 11° Antonio Prado a 20 km. conta com 50 famílias. 12° Faria a 26 km. conta com 62 famílias. 13° Zacarias a 30 km. conta com 24 famílias. 14° Murici a 34 km. conta com 16 famílias. 15° São José dos Pinhais a 20 km. conta com 80 famílias. 16° Capivari a 36 km. conta com 50 famílias. 17° Na Capital cerca de 300 famílias. 18° Dispersas em outros lugares ao redor cerca de 200 famílias. 19° Morretes em vários núcleos cerca de 300 famílias. Paranaguá em vários núcleos cerca de 150 famílias. (Tradução nossa). (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 182-183.

¹⁹¹ Também podemos considerar como espaço de imigração italiana no Paraná a Colônia Bella Vista. Esse núcleo foi formado em 1896, a 177 km de Curitiba, hoje parte do município de Imbituva, por italianos que reemigraram das colônias dos arredores da capital paranaense e compraram terras formando naquela localidade uma colônia particular. Porém, este núcleo colonial não chegou a ser visitado por Colbacchini, pois o mesmo já não se encontrava no Paraná na data de sua formação. *Confer*: STADLER, Cleusi Teresinha Bobato. **Colônia Bella Vista**: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos em Imbituva-PR. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste.

tanto aqueles que se formaram no entorno de Curitiba, chamados colônias curitibanas, quanto as colônias marítimas, forma como o missionário chamava aquelas existentes no litoral.

Da mesma maneira, este mapa mostra o itinerário do sacerdote católico, ou seja, onde ele passava prestando atendimento espiritual aos colonos e espalhando o discurso ultramontano que portava, e conseqüentemente, influenciando na construção identitária dos imigrantes italianos instalados em solo paranaense.

FIGURA 1 – PROSPECTO DAS COLÔNIAS ITALIANAS DO PARANÁ¹⁹²



¹⁹² Prospecto das Colônias Italianas do Paraná. Pasta Paraná. Arquivo da Cúria Diocesana de São Paulo.

Ao percorrer as colônias italianas instaladas em terras paranaenses, a fim de prestar assistência religiosa aos seus conterrâneos, Colbacchini fazia a seguinte constatação: “La maggior parte dei coloni italiani del Paraná appartengono al Veneto, specialmente alle Diocesi di Vicenza, Treviso e Padova. [...] In generale i coloni italiani si conservano religiosi, e data occasione mostrano una fede fervorosa.”¹⁹³ A religiosidade e a veneticidade caminhavam lado a lado no discurso do sacerdote.

A origem regional desses imigrantes, provenientes da península italiana que se instalaram no planalto curitibano, já foi várias vezes comprovada por estudos anteriores. Normalmente essa comprovação, da região e da província de origem dos imigrados, foi possível por meio da consulta dos registros dos casamentos nas colônias, onde a via de regra aparece o local de nascimento dos noivos.

Em todos os estados do Sul do Brasil, onde houve imigração italiana, é sabido que a maior parte dos imigrados dessa origem vieram da região do Vêneto, atingindo em muitos lugares a representatividade de 90%.¹⁹⁴ Por exemplo, em seu estudo na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, Sabbatini constatou que os imigrantes procedentes das províncias de Vicenza, com 32%, e de Treviso, com 26%, formaram os grupos mais numerosos.¹⁹⁵

MAPA 3 – REGIÃO ITALIANA DO VÊNETO E SUAS PROVÍNCIAS¹⁹⁶



¹⁹³ A maior parte dos colonos italianos do Paraná são provenientes do Veneto, especialmente das Dioceses de Vicenza, Treviso e Padova. [...] Geralmente os colonos italianos se conservam religiosos, e em muitas ocasiões apresentam uma fé fervorosa. (Tradução nossa). Idem. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 182.

¹⁹⁴ BALHANA PILATTI, Altiva. Imigração italiana no Paraná. Curitiba: **Revista Panorama**, 1978, p.5.

¹⁹⁵ SABBATINI, Mario. **I Veneti in Brasile**. Edizioni Dell'Accademia Olimpica, Vicenza, 1977, p. 17.

¹⁹⁶ Mapa elaborado pelo autor.

De acordo com Balhana, a pesquisa realizada junto as atas matrimoniais dos jovens imigrantes da colônia italiana paranaense de Santa Felicidade, revelou que a maioria dos colonos que se estabeleceram naquele núcleo, eram oriundos sobretudo de Vicenza. Em escala decrescente, quanto a contribuição numérica, esses eram seguidos por aqueles provenientes de Padova, Treviso, Verona, Cremona, Belluno, Ceneda, Udine, Feltre e Veneza.¹⁹⁷ Portanto, a grande maioria era de imigrantes vênnetos.

Por sua vez, ao analisar a origem dos colonos italianos que se instalaram nas colônias de Campo Largo, também Scarpim constatou, por meio dos registros de casamento, que quase a totalidade dos imigrantes que lá se instalaram eram oriundos do Vênneto, alcançando a taxa de 95% de representatividade, vindos sobretudo das províncias mais montanhosas de Vicenza e Treviso.¹⁹⁸

Também nós, em um estudo anterior, pudemos constatar que nas colônias italianas que formaram o município de Colombo, na região metropolitana de Curitiba, a representatividade dos imigrantes vênnetos ultrapassou os 90%, conforme podemos conferir na tabela abaixo:

TABELA 1 – PROCEDÊNCIA DOS IMIGRANTES ITALIANOS DE COLOMBO¹⁹⁹

Região	PROVÍNCIA	NÚMERO	TOTAL	%
Vênneto	Vicenza	80	208	93
	Treviso	63		
	Padova	41		
	Udine (Friuli)	17		
	Belluno	4		
	Venezia	3		
Lombardia	Mantova	8	8	3
Piemonte	Torino	5	5	2
Trentino	Trento	5	5	2
TOTAL		226	226	100

Fonte: Registros de Casamento da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Colombo.

¹⁹⁷ BALHANA, Altiva Pilatti. Op. Cit., 1978, p. 56.

¹⁹⁸ SCARPIM, Fábio A. Op. Cit. p. 17.

¹⁹⁹ MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A preservação da identidade cultural em um grupo imigrante italiano curato de Colombo, Paraná, 1888 – 1910.** Monografia (Graduação em História) – UFPR, Curitiba, 2004, p. 10.

Cremos, que assim como para as colônias de Colombo e Campo Largo, e para o núcleo de Santa Felicidade em Curitiba, as demais colônias italianas do Paraná, com exceção somente daquela de Santa Maria do Novo Tirol, foram formadas por um número sempre maior de imigrantes vênnetos. Sobretudo, provenientes das regiões montanhosas localizadas nas províncias de Vicenza e Treviso. Acreditamos, que foi essa realidade que atraiu para cá, Pietro Colbacchini, representante da Igreja Católica e portador do discurso ultramontano. Este missionário, viria com o intuito de preservar o referido rebanho imigrante, já acostumado com o clericalismo, dos perigos do liberalismo e da modernidade, e tentaria ajudá-los na manutenção do modelo de sociedade tradicional à qual estavam habituados.

2.3 Um missionário em favor dos vênnetos em Curitiba

Como todo imigrante, os de origem italiana também trouxeram consigo para o Brasil suas tradições coletivas e seus ideais particulares. Para os italianos instalados nas colônias agrícolas do meio rural, que na maioria eram camponeses oriundos de pequenas localidades da região do Vêneto, a vida social girava em torno da religião católica e a privada se baseava no trabalho familiar. Os vênnetos, assim como os poloneses e outros europeus que se tornaram imigrantes, eram católicos fervorosos a ponto de dedicarem a maior parte do tempo principalmente para o trabalho e a religião.

Dessa forma, não é difícil compreendermos que, ao chegarem em uma terra desconhecida, seriam esses valores que pautariam a construção de suas novas vidas. Isso porque esses imigrantes encontravam “na fé religiosa e na assistência de seus pastores um elo de proximidade e de identificação cultural, que possibilitava ultrapassar o trauma da mudança e da adaptação às novas contingências e estruturas”.²⁰⁰ Foi o que constatou também Alvim ao afirmar que, “esses imigrantes não descansavam enquanto não construíssem uma capela e não tivessem um padre para rezar a missa”.²⁰¹ Foi exatamente o que ocorreu na região de colonização italiana dos arredores de Curitiba.

Nesse sentido, o primeiro passo depois de obterem uma pequena porção de terra para construir suas casas e desenvolverem sua atividade agrícola, era unir forças para a construção

²⁰⁰ BALHANA, Altiva Pilatti. *Religião e Imigração no Brasil Meridional*. In: Westphalen, Maria Cecília (org.). **Un Mazzolino de Fiori**. Vol III. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002, p. 295.

²⁰¹ ALVIM, Zuleika. *Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo*. In: SEVECENKO, N. (org.). **História da Vida Privada no Brasil: Da Belle époque a era do rádio**. Vol.3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 261.

de uma igreja na colônia. Este local serviria para o encontro dos moradores do núcleo colonial, onde além de cumprirem com seus preceitos religiosos poderiam conversar a respeito do seu dia-a-dia, trocar experiências, escapando assim do isolamento social.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que esse processo unia os moradores de uma determinada colônia e fortalecia os seus laços de vizinhança, criando assim uma identidade para o grupo. Isso na realidade era uma retomada da vida coletiva que era desenvolvida nos seus vilarejos de origem. Ou seja, através da prática religiosa os imigrantes queriam se reorganizar social e culturalmente, mantendo seus valores étnicos. Além da língua de origem, o que criava um sentimento de coletividade entre esses italianos e seus descendentes era o fato de que se consideravam católicos, e essa catolicidade permitia que eles se identificassem uns com outros.

Os colonos vênnetos que se estabeleceram no Paraná com certeza passaram por esse processo. Isso pode ser comprovado pelo documento que se apresenta a seguir. Trata-se de um abaixo-assinado no qual quarenta e um imigrantes italianos da Colônia Alfredo Chaves solicitam ao Presidente da Província a construção de uma igreja e um cemitério:

Nós, abaixo assinados, colonos residentes na colônia Alfredo Chaves, pedimos a V. Ex.^a que mande colocar a Igreja e o cemitério da dita colônia que muito precisamos para conseguir a nossa religião, o que esperamos em V. Ex.^a esse benefício moral e, outrossim, lembramos a V. Ex.^a que para a construção desses edifícios poderá o governo utilizar-se das madeiras de dois barracões existentes nesta colônia. Colônia Alfredo Chaves, 21 de janeiro de 1879.²⁰²

Por meio deste documento fica claro para nós que esses imigrantes consideravam indispensável para o seu *'benefício moral'* a existência de um local onde pudessem se reunir em comunidade para *'ter sua religião'*. Isso se explica pelo fato de que “o espaço vital do homem vai além das dimensões biológicas, ele amplia-se a um sistema de valores, ao qual chamamos de cultura”.²⁰³ E a religião fazia parte do sistema cultural daquele grupo.

O que estamos propondo é, que ao escolher a religião católica como principal elemento de pertença coletiva e forma de organização do seu novo mundo, esses imigrantes demonstraram na verdade um forte apego a uma tradição cultural, um *habitus* religioso. Essa tradição tinha como marca a vivência das práticas católicas, que seria uma herança medieval trazida por esses italianos; ela extrapolava o campo espiritual e adentrava o social, onde a religião era usada para organizar o mundo.

²⁰² CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro, 583, 1879, p. 20-21.

²⁰³ SANTIN, Silvino. Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Vol. 3. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p.599.

Segundo o filósofo e historiador Michel de Certeau, essa forma de pensamento, que reinou na Idade Média, admitia que a ética social, a moral e a religião têm uma mesma fonte, onde: “a referência ao Deus único organiza, em conjunto, uma revelação histórica e uma ordem do cosmos; ela faz das instituições cristãs a legibilidade de uma lei do mundo”.²⁰⁴

Dessa forma, entendemos que a prática religiosa preenchia não só um vazio espiritual para esses colonos, mas também, e sobretudo, social e cultural, já que era por meio dela que tais indivíduos pautavam seu modo de vida. Em outras palavras, acreditamos que esses imigrantes italianos faziam uso da religião também para organizar a vida social, ou seja, apropriavam-se de práticas espirituais dando-lhes uma função social. Pensamos, que essa maneira de usar, seria um procedimento de consumo, conforme aponta Certeau, uma reutilização, uma forma diferente de “uso que os meios ‘populares’ fazem das culturas difundidas e impostas pelas ‘elites’ produtoras de linguagem”.²⁰⁵ Isso, na nossa concepção, explica o porquê o discurso religioso serviu como elemento construtor da identidade cultural para essa maioria de imigrantes italianos que se fixaram ao redor de Curitiba no final do século XIX.

Portanto, estamos afirmando que era por meio da religião que, a maioria desses estrangeiros de origem italiana vindos para o Paraná, compreendia suas existências e pautavam suas relações sociais, ou seja, eram as práticas católicas que forneciam significado para suas vidas e constituíam a cultura social do grupo. Isto porque entendemos que “para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”.²⁰⁶

Em outras palavras, compreendemos que para haver verdadeiramente produção de cultura em um grupo social, seus indivíduos devem dar sentido as suas ações, ou seja, não devem se comportar como meros repetidores do que lhes é imposto, pelo contrário devem conferir um significado a mais nas atividades que realizam, produzindo assim para si próprios uma identidade cultural. Ou seja, apropriando-se de maneira proveitosa para si daquilo que lhes é imposto por outros. Ou ainda, ressignificando, de forma subjetiva, aquilo que é já dado como pronto.

Porém, toda essa dimensão e importância que a prática da religião tinha para o imigrante vindo das regiões setentrionais do norte da Itália, que era manifestada por esse forte sentimento de pertença à catolicidade, só fazia sentido se entre eles houvesse a presença de um

²⁰⁴ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p.153.

²⁰⁵ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 39.

²⁰⁶ CERTEAU, Michel de. **A Cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995, p.141.

intermediário, que era o transmissor do discurso pronto que seria posteriormente ressignificado pelos colonos. Esse personagem, indispensável para haver a ligação entre o grupo com a catolicidade, e em última instância com Deus, era o sacerdote, responsável pela ministração dos sacramentos católicos aos fiéis.

Como se apresentou anteriormente, uma grande parte do grupo específico de imigrantes italianos que se fixou em Curitiba e que estamos analisando, cerca de 200 famílias vênetas da região do Vale do Brenta na província de Vicenza, foi animada, e inclusive acompanhada, por um religioso no ato de emigrar. Com certeza, o migrar do padre recrutador, o sacerdote Angelo Cavalli, com o grupo imigrante foi uma razão a mais, algo decisivo, que fez com que muitas famílias se encorajassem em deixar a terra natal e embarcassem rumo a sua nova pátria. Isso porque, a vinda do mesmo aumentava a esperança de poder reorganizar a identidade social em torno da vivência da religião católica.

A permanência deste sacerdote entre os italianos que se fixaram nas colônias dos arredores de Curitiba pode ser comprovada por meio do extrato de fonte a seguir:

Fundada em setembro de 1878 por italianos do Padre Angelo Cavalli, que recusaram estabelecer-se no Piraquara, está situada em terrenos de boa qualidade e a pouca distância da Colônia Santa Cândida, arredores de Curitiba. Os colonos acham-se satisfeitos, a ponto de preferirem trabalhar em seus lotes, a aprontarem estradas...²⁰⁷

Podemos perceber, portanto, que de fato o padre Angelo Cavalli esteve presente e teve a oportunidade de exercer a função de líder espiritual e social junto ao grupo de imigrantes italianos instalados primeiramente na colônia Nova Itália e depois nos arredores de Curitiba, de forma que as suas práticas religiosas puderam ser mantidas nos primeiros anos após a chegada no Brasil, ou seja, em 1877 e 1878.

Porém, o referido sacerdote pode consolar espiritualmente o rebanho composto pelos seus conterrâneos por um período muito pequeno, já que um requerimento feito pela mãe do religioso, em 24 de novembro de 1879, revela que o mesmo já se encontrava morto algum tempo antes desta data. Eis o conteúdo deste requerimento: “A colona viúva Antônia Cavalli, estabelecida na Colônia Alfredo Chaves, depois da morte de seu filho Padre Dom Angelo e depois de outras funestas desgraças, acha-se na miséria, vem humildemente suplicar a V. Ex.^a que lhe conceda um auxílio qualquer...”²⁰⁸.

²⁰⁷ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro 567, 1879.

²⁰⁸ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro 588, p. 57.

De fato, o líder espiritual e social dos imigrantes vênets estabelecidos no Paraná, responsável pela vinda dos mesmos para o Brasil, havia falecido em maio daquele ano, como confirma o conteúdo do atestado de óbito a seguir, encontrado no cemitério São João Batista do Rio de Janeiro, onde o corpo do mesmo foi sepultado:

Eu abaixo assignado, doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

Attesto que o Rmo. Pe. Angelo Cavali, de 30 anos de idade, italiano, morador no Hospício de Jerusalém, à rua de Evaristo da Veiga, faleceu hoje as 5 e 3/4 horas da manhã de febre amarela.

Rio de Janeiro, 29 de maio de 1879.

Dr. Antonio Luciano Mendes de Sá²⁰⁹

Como consta no atestado de óbito de Angelo Cavalli a sua causa mortis foi a febre amarela. Nossa hipótese é que o referido sacerdote tenha contraído a doença no litoral paranaense, no período em que prestava atendimento religioso naquela região, e ido se tratar da mesma no Rio de Janeiro. O fato é que, com a morte de seu líder espiritual os imigrantes italianos, instalados nos arredores de Curitiba, se viram desamparados, pois, passaram a sofrer com a falta de um padre, e conseqüentemente, tiveram sua vivência da fé católica comprometida, já que dependiam de um sacerdote católico para exercer as práticas sacramentais. Desse momento em diante a participação nos sacramentos e a atualização da fé desses colonos passou a depender de duas situações: ou da visita esporádica de um sacerdote às colônias; ou da ida à paróquia de Curitiba, que se localizava a vários quilômetros dos núcleos coloniais.

A essa realidade se referiu também o padre Giuseppe Martini em 1908, no momento em que escrevia as memórias dos primeiros anos dos imigrantes italianos de outro núcleo colonial da região de Curitiba que da mesma maneira foi fundado em 1878, a Colônia Santa Felicidade: “...colocados em terras incultas e desabitadas, distantes das cidades e das vilas, pareciam eles estar exilados. Cheios daquela fé que distingue o povo vêneto, choravam a falta de igrejas e sacerdotes”.²¹⁰

Várias ações foram tomadas por parte dos italianos na tentativa de reverter essa situação calamitosa, que era a falta de um sacerdote católico para atender as necessidades espirituais do grupo. Normalmente essas ações eram materializadas em forma de abaixo-assinados dirigidos às autoridades da província do Paraná, como é o caso do documento que se apresenta logo a

²⁰⁹ Atestado de óbito de Padre Angelo Cavalli, 29 de maio de 1879. Arquivo do Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro. Segundo outro documento encontrado no local, o padre Angelo Cavalli, foi sepultado no mesmo dia no quadro 2 do dito cemitério.

²¹⁰ MARTINI, P. Giuseppe. Origine e sviluppo della colônia Santa Felicidade. Curitiba: 1908, p.6.

seguir. Neste, um abaixo-assinado elaborado no dia 05 de maio de 1879, os colonos de origem italiana dos arredores de Curitiba, que na ocasião já se encontravam desprovidos de assistência religiosa, solicitam ao presidente da Província que designe um padre para atendê-los:

Tendo absoluta necessidade dos socorros espirituais e havendo encontrado na pessoa do padre Antonio Joaquim Ribeiro não só um sacerdote zeloso e sim viva encarnação do verdadeiro ministro de Cristo... vêm, como V. Ex^a verá inclusa, pedir a designação do mesmo reverendo Ribeiro para nosso capelão...²¹¹

O que nos chama bastante atenção é o pedido se referir a um padre brasileiro, pois em geral os italianos, sobretudo os sacerdotes, julgavam a vida social e religiosa do povo brasileiro e seus padres como simplória e superficial e pouco convicta com relação à prática da fé.²¹² Para eles a cultura italiana oferecia melhores condições para manter uma fé pura e uma consciência ética e moral mais cristã. Contudo, cremos que não podendo ter um padre italiano, um brasileiro serviria para que os sacramentos continuassem a serem praticados. Mas devido à escassez de padres também para atender as paróquias brasileiras este pedido não pode ter uma resposta positiva.

Dessa forma, a alternativa adotada pelo grupo de imigrantes italianos, enquanto não podiam ter um sacerdote que se dedicasse exclusivamente a eles, foi participar das celebrações e liturgias na paróquia de Curitiba. Esse fato é evidenciado em uma matéria encontrada no jornal Dezenove de Dezembro do dia 05 de maio de 1880, que é apresentada a seguir:

Não é a primeira vez que temos assistido, nesta paróquia de Nossa Senhora da Luz de Curitiba, a um dos atos mais consoladores e tocantes para a alma do católico sincero, a um momento de gozos inefáveis para o sacerdote, para os bons pais de família... Damos uma breve notícia de duas primeira comunhões havidas na Igreja do Rosário que ora serve de matriz. Nos domingos, dias 18 e 25 de abril de 1880, o Revmo. Sr. Cônego José Jacintho de Linhares, digno e zeloso vigário de Morretes, deu a Sagrada Comunhão a um grande número de crianças de algumas das colônias italianas próximas da cidade. Os pais dessas crianças também participaram do mesmo fervor... O que mais impressionou-nos foi o canto do hino sacro Pange Lingua, entoado pela melíflua voz dos colonos italianos, sobressaindo a bela voz de um tenor, que fazia vibrarem, uma por uma, todas as fibras dos corações dos assistentes... Sirva de lição útil o edificante exemplo que os estrangeiros católicos acabam de dar-nos. Congratulamo-nos com os neocomungantes, saudamos os dois zelosos sacerdotes que, com essa primeira comunhão, promoveram um grande bem a esses que, deixando sua poética pátria, o belo céu azul da Itália, podem assim mais fácil e constantemente unir-se a nós pelos sagrados laços da religião, à sombra benéfica da igreja católica que ainda vive e floresce neste majestoso e augusto império dos palmares...²¹³

²¹¹ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro 578, p. 80-81.

²¹² AZZI, Riolando. Fé e Italianidade: a atuação dos Escalabrinianos e dos Salesianos junto aos imigrantes. In: DE BONI, Luiz A. (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Vol. II. Porto Alegre: EST, 1990, p.79.

²¹³ DEZENOVE DE DEZEMBRO, 05 de maio de 1880.

Podemos comprovar, portanto, por meio desta notícia, que os colonos de origem italiana que desejassem cumprir com os seus preceitos religiosos precisavam se deslocar até o perímetro urbano de Curitiba. Sendo assim, era na paróquia de Nossa Senhora da Luz que os italianos dos núcleos que estamos investigando celebravam os seus atos religiosos indispensáveis como batizados e casamentos. Porém, sacramentos mais constantes, como a confissão e a comunhão dominical, como também o da extrema unção, que também dependiam da presença de um sacerdote católico, ficavam comprometidos por causa da distância dos núcleos coloniais em relação à referida paróquia.

Como já citamos anteriormente, outra forma de solucionar o problema da falta de assistência religiosa nas colônias eram as visitas esporádicas de sacerdotes a esses núcleos agrícolas. Como exemplo de sacerdote, que costumava visitar esporadicamente as colônias italianas do Paraná, podemos citar a pessoa do missionário italiano Giovanni Cibeo. Este padre jesuíta que se deslocava de Santa Catarina para atender espiritualmente os conterrâneos imigrados nos arredores da capital paranaense durante a primeira metade da década de 1880.

Essa situação de precariedade religiosa vivida pela ausência de um sacerdote designado especialmente para suprir as necessidades espirituais dos colonos italianos da região de Curitiba só mudou a partir de 1886, ano em que o missionário apostólico, padre Pietro Colbacchini, passou a colocar em prática seu projeto de atendimento religioso dedicado aos vênets instalados nas colônias agrícolas do Paraná.

Isso se deu depois dele ter permanecido um ano e meio realizando seu trabalho em fazendas da região de Jundiá, São Paulo, nas quais haviam se estabelecido imigrantes italianos provenientes da província de Mantova. O sacerdote descreve a experiência da seguinte forma: “Un’anno e mezzo passai colà, con molto incomodo per mia parte, perche sai per alloggio che per il vitto, appena avea le cose necessarie, e mi toccava passar la vita con quella gente rude e testereccia che sono i Mantovani”.²¹⁴

Padre Pietro Colbacchini, era de origem vêneta, nasceu na cidade de Bassano del Grappa, província de Vicenza, no dia 11 de setembro de 1845. Durante os anos de 1857 e 1862 realizou seus estudos junto aos seminários diocesanos de Vicenza e Padova. No ano seguinte, tomou a decisão de entrar para a ordem dos jesuítas, à qual fez o pedido e foi aceito, de maneira que iniciou o noviciado em novembro de 1863, na cidade de Verona.

²¹⁴ Um ano e meio passei lá, com muito incomodo de minha parte, porque seja em relação ao alojamento como também à alimentação, tinha apenas as coisas necessárias, e devia passar a vida com aquela gente rude e difícil que são os Mantovanos. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In.: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.23.

Segundo Terragni, foi nesse período que passou junto aos jesuítas que ele adquiriu as características religiosas ultramontanas que marcaram sua atuação junto aos imigrantes italianos no Brasil, e conseqüentemente, moldaram o projeto de congregação que ele tinha em mente organizar. Os ensinamentos da congregação jesuíta da época eram pautados em uma “rígida disciplina com uma formação espiritual voltada ao intransigentismo e de indiscutível fidelidade ao Papa em todas as questões religiosas e políticas”.²¹⁵

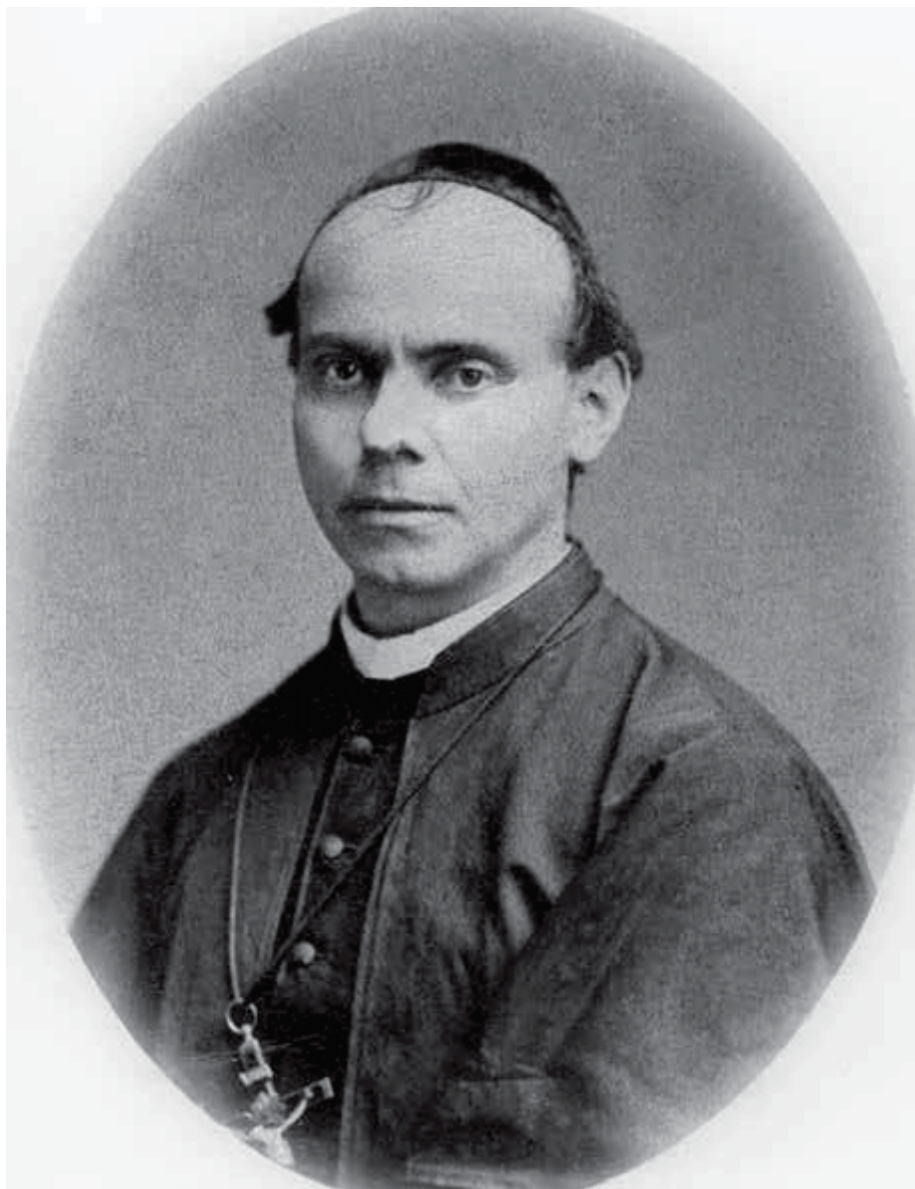
Portanto, com a idade de 18 anos Colbacchini ingressou na Companhia de Jesus, mas por motivos de doença se retirou por duas vezes dos seus estudos junto a esta ordem religiosa, sendo que a segunda vez foi em definitivo, antes mesmo de ter completado o noviciado. “Contudo, a breve permanência entre os jesuítas foi suficiente para lhe consolidar, ou imprimir, vários aspectos de sua personalidade empreendedora, independente e autoritária”.²¹⁶

Não podendo continuar sua formação religiosa junto aos jesuítas, Pietro Colbacchini decide então retornar ao seminário diocesano de Vicenza onde conclui os seus estudos e é ordenado sacerdote em 19 de dezembro de 1869, aos seus 23 anos de idade. Como padre exerce seus primeiros anos de missão em duas localidades da sua diocese, na Igreja de Santa Corona em Vicenza, e em Cereda, onde permanece como pároco até 1883. Desta data em diante se torna livre dos afazeres paroquiais e se dedica exclusivamente as missões populares como missionário apostólico, o que era, não só uma aspiração pessoal, como também, o que de fato combinava mais com as suas características religiosas adquiridas durante sua formação junto aos padres jesuítas, apesar de ter se tornado um padre secular.

²¹⁵ TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.6.

²¹⁶ RIZZARDO, Redovino. **Raízes de um povo**. Porto Alegre: EST, 1990, p.9.

FIGURA 2 – FOTO DE PADRE PIETRO COLBACCHINI²¹⁷



Esse anseio de ser missionário e não se fixar em uma paróquia é uma das importantes características, que desde já podemos afirmar, estava presente no modelo de organização religiosa que tinha em mente este sacerdote. Com certeza, foi este desprezo à vida paroquial e o desejo de realizar sua missão nas Américas que fez com que Colbacchini decidisse emigrar para socorrer espiritualmente os imigrantes italianos no Brasil. O momento desta decisão, como podemos conferir adiante, é narrado por ele mesmo em uma de suas cartas enviada ao representante da Santa Sé no Brasil, o internúncio apostólico Monsenhor Francesco Spolverini:

²¹⁷ Foto do Acervo do Arquivo Geral Scalabriniano em Roma.

Nel mese di Maggio de 1884 mi ritrovava in Feltre a predicare in quella Cattedrale. Un buon Sacerdote di Campo di Quero, località vicina, venne a mostrarmi diverse lettere che egli aveva ricevuto dai suoi compaesani che si ritrovavano nelle Province di Rio Grande e S. Caterina del Brasile, che lo eccitavano vivamente a portarsi a dar loro l'aiuto del suo ministero. Mi straziarono il cuore i lamenti che in quelle lettere si facevano dell'abbandono in cui si trovavano tanti disgraziati Italiani, e del pericolo in cui si versavano di perdere la loro fede. Da molti anni io aspirava alla missione italiana nel Brasile, ma da una le difficoltà che prevedeva, mi facevano sospendere di realizzare il mio desiderio, e le continue occupazioni di missioni in Italia mi toglievano d'altra parte il tempo ed il modo a pensarvi. Quelle lettere vennero a scuotermi, a togliermi ogni dubbio a decidermi di andare, ed al più presto.²¹⁸

Fica claro por meio desta carta que Pietro Colbacchini já planejava há alguns anos emigrar para o Brasil a fim de socorrer aos imigrantes italianos do *'perigo de perder a fé'*, e que não foi uma decisão de momento. O acontecimento narrado acima foi somente o empurrão que estava faltando. Isso explica o porquê ele não se dirigiu às províncias brasileiras do Rio Grande do Sul e nem de Santa Catarina citadas no documento acima, mas sim para a de São Paulo, desejando chegar aos italianos que estavam instalados na província do Paraná, que na época pertencia à jurisdição da diocese paulista. Esse desejo é explicitado por ele em uma de suas cartas dirigidas ao padre Domenico Mantese: “Anche prima di partire da Italia avea in mente il Paraná; sapea che là doveano trovarsi molti nostri condiocesani; il mio desiderio era sempre a loro volto”.²¹⁹

Portanto, defendemos aqui a ideia de que o referido sacerdote sabia que nos arredores da capital paranaense haviam se instalado imigrantes vênets provenientes de localidades da região do Brenta, ou seja, próximas de sua cidade de origem, Bassano del Grappa, e que era para esses conterrâneos que ele tinha um projeto particular de assistência religiosa. Na nossa opinião, esse seu desejo expressa o forte sentimento de pertença regional pelo qual os italianos construíam seu processo de identificação cultural. No caso de Colbacchini, essa hipótese é reforçada por esse ser um dos argumentos utilizados por ele, depois que já estava no Brasil, na

²¹⁸ No mês de maio de 1884, eu me encontrava em Feltre, pregando na catedral local. Um bondoso sacerdote de Campo di Quero, localidade vizinha, veio até mim apresentando-me diversas cartas recebidas de seus conterrâneos dispersos nas províncias brasileiras do Rio Grande e de Santa Catarina, os quais lhes pediam insistentemente que fosse até eles para lhes dar o auxílio de seu ministério. Cortaram-me o coração os lamentos que, nessas cartas, faziam sobre o abandono em que jaziam tantos desventurados italianos, e o perigo em que se encontravam de perder a fé. Havia muitos anos que eu aspirava à missão italiana no Brasil, contudo, as dificuldades presentes me levaram a suspender a realização desse projeto, e as contínuas ocupações com missões na Itália me tomavam o tempo e as preocupações. As cartas conseguiram sacudir-me e tirar-me qualquer dúvida, e decidi partir o mais rápido possível. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 143.

²¹⁹ Antes mesmo de partir da Itália tinha em mente o Paraná; sabia que lá deviam se encontrar muitos que pertenciam a nossa diocese; o meu desejo esteve sempre voltado para eles. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 23.

tentativa de arregimentar companheiros da diocese de Vicenza para sua missão. Isso fica evidente em outra carta enviada a Domenico Mantese, pároco da localidade de Poianela:

Nel Paraná le colonie sono libere indipendenti. Dietro mio impulso in tutte le colonie stansi costruendo le Chiese; sono composte di italiani quasi tutti della nostra diocesi e delle limitrofe, tutta gente che sente molto della religione e che soffre molto della privazione del sacerdote. [...] Voglia far il favore di interrogare o per iscritto o meglio in persona i seguenti sacerdote che pur so avrebbero disposizioni per la S. opera: D. Antonio Catelan Parroco di Lovertino, D. Pietro Micheli Curato a S. Vito di Bassano, D. Angelo Quarzo pur di Bassano ed altri che conoscete del caso. Il Signore la pagherà di tutto.²²⁰

Percebemos, portanto, que a questão geográfica e a identidade regional estava fortemente presente no modelo de congregação religiosa que Pietro Colbacchini almejava implantar, já que ele pretendia arregimentar colegas sacerdotes todos da diocese de Vicenza, para que unidos a ele viessem atender aos imigrantes vênnetos instalados no Paraná.²²¹ Essa ideia vigente na proposta do missionário estava relacionada também a fama de maus padres que os sacerdotes seculares da região sul da Itália haviam adquirido no Brasil, chamados genericamente de “napolitanos”, eram fortemente condenados por Colbacchini. “Bom e mau aqui tem sua definição baseada nas determinações do Concílio de Trento. O clérigo que atuasse segundo essas determinações era classificado como “bom”, ao passo que o outro, aquele que não seguisse plenamente as determinações tridentinas, era “mau”.²²²

Essa consonância com o modelo tridentino de igreja, que se pautava na importância dada aos sacramentos e na moral do sacerdote, mas sobretudo na fidelidade à Cúria Romana, ou seja, ao Papa, era outra característica marcante presente na ideia de congregação que Colbacchini planejava organizar, o que demonstra sua adesão ao discurso ultramontano intransigente. Essa ligação com a Santa Sé e com seus representantes também era usada para tentar convencer os colegas a se unirem a sua missão, como se confere em mais um trecho da carta que Colbacchini dirigiu a Mantese em junho de 1886:

²²⁰ No Paraná as colônias são livres e independentes. Depois do meu impulso se estão construindo igrejas em todas as colônias; são compostas de italianos quase todos da nossa diocese ou de seus limítrofes, gente que sente muito a falta da religião e que sofre muito por estarem sem um sacerdote. [...] Me faça o favor de interrogar ou por escrito ou melhor se pessoalmente os seguintes sacerdotes que também sei teriam disposição para esta santa obra: pe. Antonio Catelan pároco de Lovertino, pe. Pietro Micheli, cura de San Vito di Bassano, pe. Angelo Quarzo também de Bassano e outros se for o caso. O Senhor lhe pagará por tudo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, junho de 1886. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 19-20.

²²¹ Em outras cartas Colbacchini cita o nome de outros dois sacerdotes, padres B. Cuccato e Luigi Rossi, também ambos da diocese de Vicenza.

²²² ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos “nuvens de gafanhotos”. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Vol. 3. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p. 444.

Si tratterebbe ora di istituire nella città una missione permanente per i molti italiani che appartengono pure alle Colonie seminate nel circondario, con Paroco indipendente e missionari visitatori delle Colonie.

Mgr. Cocchia, Internunzio Pontificio, aprova ed appoggia il mio progetto, e mi assicura che se questo Vescovo (come si crede) volesse opporsi alla sua realizzazione, egli otterrà per forza della S. Sede ciò che è giusto e necessario.

[...] V.R. dunque si disponga al sacrificio. La recompensa sarà ben grande.²²³

Notamos, por meio do trecho da carta apresentado acima, que padre Pietro Colbacchini pensava em organizar uma missão permanente, formada por um pároco independente das paróquias brasileiras e missionários que se revezariam no atendimento espiritual dos núcleos coloniais das redondezas de Curitiba. Tal intenção é melhor explicada numa segunda carta dirigida ao mesmo sacerdote em 18 de agosto de 1886:

Sto ora per ottenere presso questo Ordinario di erigere una Parochia in Corityba per gli Italiani onde trarli della dipendenza del Paroco brasilero dal quale non possono sperare altro ajuto da quello di spendere molto denaro per le tasse dei battesimi e dei matrimoni.

Mia intenzione sarebbe di costituire un sacerdote come Paroco, e che due o tre altri lo coadiuvassero portandosi missionando nelle Colonie, nelle quali tutte si sta ora fabbricando le Chiese.

[...] Venga e le prometto che la sua presenza sarà cento volte più utile che nell'attuale sua parochia.²²⁴

Percebemos novamente, nesta outra carta, o caráter de independência em relação às paróquias e aos clérigos brasileiros que Colbacchini gostaria de imprimir na organização religiosa que queria implantar. Porém, diferentemente da carta anterior que falava de missão permanente, esta última fala em uma paróquia independente só para italianos. Já em meados do ano seguinte, o missionário declara ao seu fiel correspondente que se está referindo realmente a ideia de uma congregação religiosa:

É sempre inteso, (il che è necessario) che i tre o quattro Sacerdoti che formeranno questa missione, abbiano a formare un sol corpo, ossia una Cong.ne religiosa, che più tardi verrà approvata dalla Autorità Eccles.ca.

²²³ Tratar-se-ia agora de instituir na cidade uma missão permanente para os muitos italianos que pertencem as colônias espalhadas na redondeza, com pároco independente e missionários visitantes das colônias. O internúncio apostólico, Monsenhor Cocchia, aprova e apoia o meu projeto, e me assegura que se o Bispo (como se crê) quiser se opor a sua realização, ele intervirá com ajuda da Santa Sé naquilo que for justo e necessário. [...] Vossa reverendíssima portanto se disponha a este sacrificio. A recompensa será bem grande. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, junho de 1886. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 19-20.

²²⁴ Estou agora por obter a ordem de erigir uma paróquia em Curitiba para os italianos, onde se poderá tirá-los da dependência do pároco brasileiro do qual não podem esperar outra ajuda senão de gastar muito dinheiro com as taxas de batizados e de matrimônios. Minha intenção seria a de constituir um sacerdote como pároco, e que dois ou três outros o coadjuvassem missionando nas colônias, pois em todas se está construindo igrejas. [...] Venha e prometo que a sua presença será cem vezes mais útil que na sua atual paróquia. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 18 de agosto de 1886. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 20-21.

Nel primo tempo, sarà conveniente che io resti alla testa delle cose, per la conoscenza che ho dei luoghi, delle persone e delle circostanze, ma a suo tempo si elegerà altro Superiore.²²⁵

Vemos claramente a postura de liderança que o referido sacerdote assume na tentativa de organizar o atendimento espiritual dos italianos em Curitiba. Entretanto, a demora na vinda dos padres da diocese de Vicenza, para colaborarem com o projeto de congregação religiosa de Colbacchini, fez com que seu desejo não se concretizasse como o desejado.

Contudo, na mesma época em que ele pensava em fundar um instituto voltado para os vênnetos imigrados no Paraná, o bispo de Piacenza, Giovanni Battista Scalabrini, deu início a um projeto análogo, porém, destinado a atender espiritualmente todos os imigrantes italianos nas Américas.²²⁶ A notícia da criação desta nova congregação chegou por meio de uma carta enviada pelo seu correspondente, padre Mantese, em 20 de novembro de 1887, e fez com que Colbacchini aderisse prontamente a esse novo projeto, escrevendo logo à Scalabrini e se colocando a sua disposição como se pode ler logo a seguir:

Io ultimo di tutti nel mérito, ho diritto di chiamarmi dei primi nel desiderio della fondazione di questa necessaria missione.

[...] V. Eccellenza Rma si degnò comunicarmi che conta sulla mia cooperazione per la fondazione di una casa centrale di questa Associazione di Missionari per l'America io rispondo con tutto il cuore al suo desiderio, e mi faccio suo fedel servo per la vita e per la morte in una causa che in tutto risponde al fine per cui qui mi trovo.²²⁷

Podemos concluir, portanto, que o projeto de congregação, que Pietro Colbacchini pretendia implantar em favor dos imigrantes italianos instalados no Paraná, seria caracterizado pelos seguintes pontos que denotam as características de seu discurso ultramontano: uma total

²²⁵ Fica sempre entendido, (o que se faz necessário) que os 3 ou 4 sacerdotes que formarão esta missão, venham a formar um só corpo, ou seja, uma congregação religiosa, que mais tarde será aprovada pela autoridade eclesiástica. Num primeiro momento será conveniente que eu permaneça à frente das coisas, pelo conhecimento que tenho dos lugares, das pessoas e das circunstâncias, mas no seu tempo se elegerá outro superior. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 29 de junho de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.31.

²²⁶ O instituto organizado pelo Bispo de Piacenza, Giovanni Battista Scalabrini, para prestar assistência espiritual aos italianos emigrados, foi oficialmente criado em 1887, primeiramente, não como fundação diocesana, mas como uma obra vinculada à Propaganda Fide, órgão da Santa Sé. Somente em 1895 foi elevado à condição de Ordem Religiosa com a aprovação do papa e a elaboração de um regulamento próprio pelo seu fundador. Pietro Colbacchini, que antes era um sacerdote diocesano e missionário apostólico vindo para o Brasil com autorização da Cúria Romana, aderiu a essa organização, ou seja, se tornou um scalabriniano, já em 12 de agosto de 1888, ao fazer os votos religiosos quinquenais por meio das mãos dos primeiros padres enviados para o Paraná por Scalabrini, Domenico Mantese e Giuseppe Molinari. Conf. TERRAGNI, Giovanni. **Scalabrini e la congregazione dei missionari per gli emigrati**. Aspetti istituzionali 1887-1905. Roma: autorinediti, 2014.

²²⁷ Eu o último de todos no mérito, tenho o direito de colocar-me entre os primeiros no desejo de fundação desta tão necessária missão. [...] V. Excia. Revma. dignou-se comunicar-me que conta com minha colaboração para a fundação de uma casa central dessa associação de missionários para a América, e eu respondo com todo o coração ao seu desejo, tornando-me seu fiel servo para a vida e para a morte, em prol de uma causa que em tudo corresponde à finalidade pela qual aqui me encontro. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de dezembro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 39-40.

independência com relação às paróquias brasileiras, conseqüentemente, sem a participação do clero brasileiro; um projeto voltado para as missões nas colônias locais, sobretudo, por meio de visitas periódicas e construção de capelas; uma forte identidade étnica regional, voltada para os imigrantes vênéticos, ou seja, uma “veneticidade” e; um modelo em consonância com o catolicismo romanizado e tridentino, sobretudo no que diz respeito a moral dos sacerdotes e a fidelidade à Santa Sé, o que reforçava o ultramontanismo intransigente adotado pelo missionário.

Essas seriam as características presentes no discurso ultramontano de Colbacchini, além do forte combate à maçonaria, à participação dos italianos na política, à vida social fora do âmbito religioso, ao ambiente urbano, etc., como constataremos no próximo capítulo, onde veremos de que forma esse discurso influenciou na constituição da identidade etnocultural dos imigrantes italianos instalados em Curitiba no final do século XIX.

Por ora concluímos que, devido à demora em conseguir companheiros, Colbacchini abriu mão de seu projeto inicial em favor de outro maior, fundado por Scalabrini. Porém, podemos presumir que ele tentará imprimir as características apontadas anteriormente, que estão fortemente presentes no seu discurso, à nova congregação religiosa dos escalabrinianos, da qual ele passou a ser um dos primeiros representantes no Brasil.

O DISCURSO ULTRAMONTANO DE COLBACCHINI E O FORJAR DE UMA IDENTIDADE ITALIANA EM CURITIBA

‘... credono perché amano Iddio, e lo amano perché i loro affetti non sono corrotti dall’alito pestifero della moderna società che ha apostatato da Dio, perché crede di poter bastare a se stessa’
(COLBACCHINI)²²⁸

Conforme foi apontado na introdução deste trabalho, neste terceiro capítulo pretendemos investigar, por meio da análise do discurso, os embates que existiram entre o modelo de italianidade concebido pelo sacerdote católico Pietro Colbacchini e as demais formas de como se pretendia forjar a identidade etnocultural dos imigrantes italianos, no momento em que estes ainda se fixavam na região de Curitiba no final do século XIX.

Nessa direção, iremos evidenciar como o discurso desse representante da Igreja Católica, caracterizado como ultramontano e intransigente, pretendia controlar e moldar o comportamento dos indivíduos por meio da imposição da vivência radical das práticas do catolicismo como forma de combate as ideologias surgidas com o advento da sociedade moderna, ao mesmo tempo que procurava impor também um modelo único de italianidade.²²⁹ Nosso objetivo é perceber como os imigrantes se apropriaram desse discurso, ou como fizeram resistência a ele, ou seja, como por meio de estratégias de identidade foram capazes de assumir, rejeitar ou cruzar as fronteiras da representação étnica que lhes eram impostas pelo religioso.

Com esse intuito, ao longo desse capítulo, adotamos duas estratégias metodológicas que foram fundamentais para o êxito da nossa pesquisa. Primeiro procuramos encontrar os contra discursos dentro do próprio discurso de Colbacchini, contidos nas críticas e condenações que se fizeram presentes em seus escritos. Segundo, levantamos trajetórias individuais de alguns dos imigrantes que foram citados nas cartas do sacerdote ou se envolveram em suas disputas, a fim de investigar os diferentes comportamentos dentro do grupo étnico.

²²⁸ ‘... creem porque amam a Deus, e o amam porque os seus afetos não foram corrompidos pelo hálito pestífero da moderna sociedade que apostatou de Deus, porque crê poder bastar a si mesma.’ (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. Guida spirituale per l’emigrato italiano nell’America, 1896. In TERRAGNI, Giovanni, Op. Cit., p. 627.

²²⁹ Creemos que essa intenção está claramente exposta na epígrafe deste capítulo quando Colbacchini se refere ao sentimento e a prática religiosa dos imigrantes italianos.

3.1. Entre católicos e liberais: a disputa entre dois modelos de italianidade

Na primeira parte deste capítulo, vamos apresentar como se formaram os dois principais modelos de representação de italianidade em torno da capital paranaense e os embates que existiram entre eles. Isso porque, estamos considerando que os imigrantes italianos que se estabeleceram em Curitiba eram portadores de diferentes ideais, ou seja, não se tratava de um grupo homogêneo. Pelo contrário, havia diversidade de ordem social, regional, política, econômica e sobretudo religiosa, o que determinou que os imigrantes instalados no meio urbano e aqueles fixados em áreas rurais seguissem ritmos distintos de organização social e cultural.

Este fato, já nos permite afirmar que não estamos procurando encontrar, muito menos defender, a existência de uma cultura singular entre os imigrantes de origem italiana, mas sim perceber como se deu a construção de diferentes identidades, pautadas em várias formas de italianidade, como também de catolicidade, sempre no plural. Essa nossa ideia se apoia no que defende Beneduzi, que ao investigar a relação entre imigração e catolicismo na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul concluiu que

a partir de uma pluralidade de olhares divergentes, emerge a possibilidade da construção de uma nova maneira de ser e de se expressar como cristão-católico. Permite-se, a partir de então, vislumbrar expectativas diferentes entre os sujeitos, bem como respostas diferentes, pois não são mais massas compactas.²³⁰

Portanto, queremos evidenciar que os imigrantes italianos não formavam uma massa compacta e homogênea, ou seja, nem todos apoiavam a sua etnicidade na catolicidade, e que se uma grande parcela desses indivíduos o fez, isso se deu de formas variadas, e não de maneira normatizada, disciplinar e obediente como queria, e fez pensar que assim aconteceu, a Igreja e seus representantes.

Ainda segundo o autor citado anteriormente, a observância do catolicismo e a fidelidade à instituição católica constituem-se em uma das imagens criadas sobre a identidade do imigrante italiano, construída como parte do imaginário da imigração.²³¹ Cremos que é tarefa do historiador desmistificar essa ideia criada tanto pelo discurso católico como pela historiografia tradicional. O que queremos é fazer ressoar o que ensinou Certeau em sua obra *A Cultura no Plural*, na qual segundo Luce Giard, o autor pretendeu “substituir essa cultura no singular, que

²³⁰ BENEDUZI, Luis Fernando. **Imigração italiana e catolicismo**: entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 93.

²³¹ Idem, p. 102.

‘impõe a lei de um poder’, por uma outra concepção, centrada na ‘cultura no plural’ que conclama incessantemente pelo combate”.²³²

Acreditamos que esta espécie de combate, de luta, de choque entre culturas plurais, pode ser encontrada ao analisarmos mais de perto as relações de poder que existiram entre os dois principais modelos de imigrantes italianos que surgiram em Curitiba no final do século XIX. Um primeiro grupo, concentrado nas colônias rurais, apresentou uma italianidade que se configurou por meio da apropriação do discurso religioso, já trazido da Itália e reforçado pela atuação dos sacerdotes católicos junto aos imigrantes, sobretudo, como veremos aqui, pela ação do padre Pietro Colbacchini. Já um segundo agrupamento, que se estabeleceu no meio urbano, apoiou sua identidade étnica na nova conjuntura política italiana pós-unificação, na ideia de estado nação, ou seja, sobre a noção de nacionalismo independente da religião, inclusive com fortes características liberais e anticlericais.

Sendo assim, pretendemos apresentar as disputas que se deram entre esses dois discursos, ou seja, entre as marcas de representação étnica que foram assumidas por meio da criação e imposição de fronteiras, que geraram processos de inclusão e exclusão para que houvesse o processo de identificação. Com isso, não queremos afirmar que na prática os imigrantes italianos respeitassem cegamente a esse binarismo existente entre essas duas formas de italianidade, somente almejamos perceber como esses discursos pretendiam impor cada qual o seu modelo como sendo o único, o verdadeiro ou o melhor, em detrimento do outro.

De um lado havia a representação discursiva que apoiava a sua etnicidade na religião, tendo como representante e líder um padre, que defendia como forma da preservação da identidade dos imigrantes de origem italiana a vivência das práticas espirituais católicas e a fidelidade a cúria romana. Do outro lado, os italianos de posição liberal e nacionalista, que se identificavam etnicamente por meio dos símbolos da Itália recém-unificada e da instrução, e que viam na ação do missionário católico junto aos imigrantes um esforço de impedir sua conscientização política e social. Defendemos, que foi exatamente essa divergência, ou seja, a alteridade criada por esses dois modelos de italianidade, que gerou embates, tensões e conflitos, que permitiu que esses imigrantes vivenciassem um processo de identificação etnocultural na terra de adoção.

Como se afirmou anteriormente, foi a partir de 1886, mais especificamente setembro daquele ano, que os italianos instalados ao redor da capital paranaense passaram a contar com a liderança, tanto espiritual como também social, do sacerdote católico Pietro Colbacchini. Esse

²³² CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papirus, 1995, p. 11.

religioso descreve, nas primeiras cartas escritas após a sua vinda para Curitiba, que “nel Paraná era grande il bisogno di nuovi preti, e che le Colonie erano tutte sprovedutte”.²³³ Segundo o mesmo, os colonos italianos da região há algum tempo estavam carentes de assistência religiosa e esperavam ansiosos pela vinda de um padre que fosse da mesma origem regional, tanto que narra que a descoberta de sua chegada foi, além de comovente, muito comemorada por todos, especialmente pelo grande grupo de vênetsos vindo das cidades do entorno de Bassano del Grappa, que o teriam recebido calorosamente.

La mattina seguente fui a dir messa. Un *bassanese*, in un naltro tempo dipendente della mia famiglia, mi vide restò attonito, venne nella sagrestia, confuso piangente senza poter parlare della commozione. Egli avvisò altri, questi, altri ancora. In tre giorni tutte le Colonie d’intorno sapevano del mio arrivo, e venivano in fretta per vedermi, per udirmi, per confessarsi ecc. Cominciai subito il giro delle 12 colonie. Dappertutto sparse il Signore davanti e di dietro dei miei passi copiose benedizioni. Quasi non resto un solo italiano senza ricevere i SS. Sacramenti, e sono più di 6000 d’attorno a Curitiba.²³⁴

De acordo com a descrição anterior, Colbacchini afirma ter sido bem aceito por todos os italianos fixados no entorno de Curitiba, os quais teriam ido rapidamente ao seu encontro, desejando ouvi-lo e confessar-se com ele, chegando a escrever que quase não restou um conterrâneo na região sem receber os sacramentos católicos. Notamos facilmente que tal afirmação, feita no início de 1887, ou seja, poucos meses depois do estabelecimento do padre na cidade, além de exagerada, foi feita de maneira precipitada, pois logo o próprio sacerdote iria se dar conta que nem todos os imigrados de origem italiana, sobretudo aqueles instalados no ambiente urbano da capital paranaense, estavam dispostos a escutá-lo e a submeter-se ao seu discurso e aos seus ensinamentos morais e religiosos.

Por possuir um caráter ultramontano intransigente, pautado no discurso de romanização e europeização que era mantido pela Igreja Católica da época, além de se manifestar sobre as questões de fé, Colbacchini pretendia também doutrinar os imigrantes sobre o comportamento político e social. Conforme afirma Souza, “a ultramontanização e romanização da época, combatia ao mundo moderno, o liberalismo, a maçonaria, a república, o comunismo, os

²³³ ...no Paraná era grande a necessidade de novos padres, e que as Colônias estavam todas desprovidas. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 23.

²³⁴ Na manhã seguinte fui rezar a missa. Um *bassanese* [originário de Bassano del Grappa, mesma cidade de origem de Colbacchini], que por um tempo foi dependente da minha família, me viu e ficou atônito, veio na sacristia, confuso, chorando, sem poder falar por conta da comoção. Ele avisou outros, estes, mais outros. E em três dias todas as Colônias do entorno sabiam da minha chegada, e vinham correndo para me ver, para me ouvir, para se confessar, etc. Comecei logo a visita às 12 colônias. Por todo lugar espalhou o Senhor, antes e depois dos meus passos, copiosas bênçãos. Quase não restou um só italiano sem receber os Santíssimos Sacramentos, e são mais de 6.000 no entorno de Curitiba. (Tradução nossa). *Ibidem*, p. 24.

protestantes, entre outros”.²³⁵ Enfim, tudo que havia surgido nos últimos séculos e que tirava a hegemonia da referida instituição religiosa.

Nessa direção, cremos que ao se estabelecer em Curitiba, o referido sacerdote agiu de prontidão para impedir que os imigrantes instalados na região de colonização italiana do Paraná se envolvessem com tais ideologias, ao mesmo tempo que se apressou em organizar seu governo pastoral, a fim de reforçar a catolicidade dos italianos ali fixados.²³⁶ Com esse intuito, como ele mesmo narra, passou a visitar todos os núcleos coloniais da região, pregando e ensinando, de maneira intensa, a vivência do catolicismo aos seus conterrâneos.

Quando non sono nelle Colonie lontane, tutte le domeniche predico nella città agli italiani dei quali è sempre piena la Chiesa, perché i Brasileri vi vanno solo per eccezione. Passo i giorni ora in questa ora in quella Colonia, predicando mattina e sera facendo due volte al dì il catechismo. Passo da 8 a 10 giorni, o più secondo il bisogno per ogni Colonia.²³⁷

Podemos notar, que Colbacchini almejava direcionar o seu discurso não só aos italianos instalados nas colônias rurais, mas a todos os imigrantes dessa origem, inclusive os que haviam se fixado no meio urbano de Curitiba, que segundo ele lotavam a igreja todos os domingos para ouvir as suas pregações. Porém, sabemos que boa parte dos imigrantes italianos fixados no centro da capital paranaense, mesmo incluindo também alguns católicos, se organizava social e culturalmente não através da religiosidade, e sim por meio do amor pela pátria de origem, a Itália recém-unificada. Sobre estes, Azzi evidencia que, “carregavam a bandeira da italianidade, eram imigrantes de maior cultura, em geral maçons e liberais, e por vezes com espírito declaradamente anticlerical”.²³⁸

Portanto, para esse grupo urbano, composto por comerciantes, intelectuais de diferentes matizes políticas e ideológicas, liberais, carbonários, anarquistas e maçons, o sentimento de italianidade tinha um cunho nacionalista e deveria ser mantido pela exaltação dos valores patrióticos, e não por meio da catolicidade.

²³⁵ SOUZA, Wlaumir D. de. Op. Cit., p. 276.

²³⁶ De acordo com Foucault, a ideia de um governo dos homens é uma ideia cuja a origem deve ser buscada no Oriente, num Oriente pré-cristão primeiro, e no Oriente cristão depois. E isso sob duas formas: primeiramente, sob a forma da ideia e da organização de um poder de tipo pastoral, depois sob a forma da direção de consciência, da direção das almas. FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.166.

²³⁷ Quando não estou nas Colônias distantes, todos os domingos prego na cidade para os italianos, dos quais a Igreja está sempre cheia, porque os Brasileiros que vão são exceção. Passo os dias, ora nessa ora naquela Colonia, pregando manhã e tarde, fazendo duas vezes por dia o catecismo. Passo de 8 a 10 dias, ou mais, segundo a necessidade de cada Colônia. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 23.

²³⁸ AZZI, Rioldo In: DE BONI, Luiz A. (org.). Op. Cit., p.80.

Sendo assim, também haviam em Curitiba imigrantes italianos que não estavam dispostos a se apropriar do discurso de italianidade de Colbacchini, pois pautavam a sua identidade étnica no nacionalismo trazido da Itália unificada, onde os valores a serem preservados e exaltados eram a língua italiana culta, as datas comemorativas da pátria de origem e os personagens da unificação, como Vittorio Emanuele e Giuseppe Garibaldi. Foi apoiado sobre esses elementos simbólicos, ligados fortemente a ideia de nação, que esses italianos do meio urbano construíram sua identidade etnocultural em terras brasileiras.

Segundo Stuart Hall, sociólogo que se debruçou sobre os estudos culturais, as narrativas sobre a ideia de identidade de uma nação se apresentam como comunidades imaginadas, conforme apresentou Benedict Anderson²³⁹, já que se apoiam sobre elementos, que “fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação”.²⁴⁰

De acordo com Constantino, dentre os símbolos nacionalistas italianos adotados pelos imigrantes o de maior peso foi o culto a Garibaldi, considerado como herói da unificação italiana.²⁴¹ Esta afirmação se faz verdadeira para o caso estudado, ao observarmos que o famoso líder, reconhecido como um vulto na história da unificação da Itália, “emprestou” seu nome para a sociedade étnica fundada em Curitiba no ano de 1883. Uma notícia sobre o fato, veiculada em um jornal local da época, mais especificamente em julho daquele ano, revela, além da data exata da fundação da referida sociedade, o nome de alguns dos imigrantes que lideraram aquele momento de organização da coletividade italiana no Paraná:

Sociedade de Beneficiencia Italiana – No dia 2 de junho, reunirão os italianos estabelecidos nesta capital e organizarão uma sociedade de beneficiencia sob o título de *Giuseppe Garibaldi de Beneficiencia*. Foi eleito presidente o Sr. Giovanni Corghi. Foi também eleito um conselho administrativo composto dos Srs. Antonio Carnaciali, André Petrelli, Domingo de Luca.²⁴²

Outro exemplo da manutenção da italianidade, pelo viés patriótico e nacionalista, que se realizava frequentemente entre os imigrantes fixados no meio urbano de Curitiba, era a comemoração da conquista de Roma pelo exército italiano. Assim, ainda em 1883, os

²³⁹ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Companhia das Letras, 2008.

²⁴⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 52.

²⁴¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro. **O italiano da esquina**; imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST Edições, 2008, p. 152.

²⁴² GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 16 de julho de 1883, nº 262.

imigrantes pertencentes à recém-criada sociedade promoveram uma festa para comemorar o dia 20 de setembro. O evento foi assim registrado pela imprensa local:

A ilustre e patriótica Sociedade Beneficente Italiana desta capital, comemorando o aniversário da triunfante entrada das tropas italianas em Roma, reuniu-se na tarde de 20 do corrente para festejar aquela data gloriosa para o povo italiano. [...] Presidia aquela reunião o digno presidente da Sociedade Italiana de Beneficência, o Sr. João Corghi. Durante o *lunch* a confraternização entre todos era a mais perfeita; parecia que um sentimento íntimo de verdadeiro patriotismo prendia o coração de cada conviva à ideia de um feito glorioso para a Itália. Durante a refeição muitos e entusiásticos vivas foram erguidos; saudações diversas foram feitas e de cada coração sentia-se irromperem-se radiantes chamas do mais puro patriotismo. Ali, debaixo da maior ordem, comemorava-se uma gloriosa época para a Itália, cuja luz refletindo por sobre o mundo inteiro, ainda hoje ilumina os povos civilizados. Pelo ilustre Dr. Justiniano de Mello foi levantada uma saudação à memória do grande Garibaldi. Nesta ocasião o entusiasmo foi delirante, e os Srs. Pedro Bruni e Affonso Netto cantaram maravilhosamente o belo hino de Garibaldi.²⁴³

Podemos notar claramente, por meio da descrição do evento narrado por este outro extrato do jornal local da época, que o grupo ligado à Sociedade Giuseppe Garibaldi, era de fato formado pelos italianos de mentalidade liberal e nacionalista, fixados no centro urbano da capital paranaense, e que se identificavam etnicamente por meio dos símbolos patrióticos da unificação italiana. Estamos pautando essa nossa afirmação na ideia de que “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidade”²⁴⁴. Da mesma forma, a notícia nos proporciona saber o nome de outros componentes da referida sociedade, que preservavam a italianidade por meio do patriotismo devotado à nação de origem, seja através dos vivas, ou do cantar do hino, dedicados a figura heroica de Garibaldi (ver ANEXO 2).²⁴⁵

Assim, podemos afirmar que de fato o nacionalismo, referente à pátria de origem, a Itália, foi o elemento escolhido por esse agrupamento de imigrantes italianos, instalado no meio urbano de Curitiba, para construir seu processo de identificação cultural. Isso foi possível porque, segundo afirma Stuart Hall, “a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural, onde as pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional.”²⁴⁶

²⁴³ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 22 de setembro de 1883, nº 271, p. 4.

²⁴⁴ HALL, Stuart. Op. Cit., p. 5.

²⁴⁵ O “*Inno di Garibaldi*” é um hino patriótico surgido em meio ao contexto do *Risorgimento Italiano*. Foi escrito pelo poeta italiano Luigi Mercantini em 1858, a pedido do próprio Giuseppe Garibaldi, como uma homenagem as lutas que se travavam contra o domínio do império Austríaco e se tornou um símbolo das aspirações libertárias italianas, muito divulgado durante as comemorações da independência em 1871, e posteriormente, durante a expulsão dos nazistas no contexto da 2ª Guerra Mundial.

²⁴⁶ HALL, Stuart. Op. Cit., p. 49.

Dessa maneira, passaram a coexistir na capital da província do Paraná dois grupos diferentes de imigrantes de origem italiana, que conseqüentemente, defendiam pensamentos e formas distintas de como preservar a sua identidade étnica, um baseado na religiosidade católica que se apoiava no discurso do padre Pietro Colbacchini, e outro no nacionalismo, que por sua vez se organizou em torno de uma sociedade étnica.

Nessa direção, supomos que durante as visitas feitas às colônias italianas da região de Curitiba, com intuito de prestar-lhes atendimento espiritual, Colbacchini adotou como estratégia proferir discursos antiliberais contrários a Sociedade Giuseppe Garibaldi formada pelo grupo de imigrantes do meio urbano, acusando-lhes de maçônicos e inimigos da verdadeira italianidade, que na concepção do sacerdote deveria ser pautada primeiramente na catolicidade e não no nacionalismo.

Acreditamos, que não só as diferenças ideológicas, mas a diversidade regional dos membros da referida sociedade étnica também contribuiu para que o sacerdote adotasse tal comportamento. Isso porque podemos notar em seu discurso um forte preconceito em relação aos italianos provenientes das regiões centrais e meridionais da Itália. Pudemos constatar em nossa pesquisa, que diferentemente dos colonos instalados na área rural, que eram originários do norte da península italiana, sobretudo da região do Vêneto, entre os que se fixaram no espaço urbano, e que se fizeram membros da referida associação étnica criada em Curitiba, havia um grande número de imigrantes originários de regiões como a Campania, a Calabria, a Basilicata e a Toscana (ver ANEXO 3).²⁴⁷

Porém, o que mais instigou o discurso ultramontano do padre Colbacchini contra os italianos do meio urbano ligados a Sociedade Garibaldi, foi mesmo o fato de que entre eles haviam muitos que defendiam ideologias liberais e anticlericais, e declaravam ter apoiado a unificação italiana em detrimento do poder da Igreja Católica Romana e por essa razão não estavam dispostos a se submeter à sua liderança religiosa. Como explica Azzi, “tratava-se evidentemente daqueles que apoiaram e ou defenderam a unificação italiana consolidada em 1870, e contra os quais a Santa Sé havia respondido com ameaças e condenações eclesiásticas”.²⁴⁸

²⁴⁷ Conforme levantamento feito por nós junto ao acervo da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi cerca de 40% dos membros da referida associação étnica eram provenientes da parte central e meridional da Itália (ver ANEXO 4).

²⁴⁸ AZZI, Riolando. Op. Cit., p.76.

Esta constatação se torna evidente diante do seguinte discurso, que foi proferido pelo agente consular italiano Ernesto Guaita²⁴⁹ no dia 21 de julho de 1887, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do edifício que iria servir de escola e sede para o grupo da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi:

[...] Não posso deixar, nesta circunstância de deplorar como de passagem sobre o horizonte de Curitiba uma nefasta ave notívaga, que, com perfídia jesuítica abusando da influência que exerce sobre a ignorância, procura atravessar o desenvolvimento da Sociedade Giuseppe Garibaldi, acusando-a de maçônica e afastando dela os que mais precisam de instrução. [...] ²⁵⁰

Percebemos claramente, por meio deste trecho do discurso público feito por Guaita, que de fato Colbacchini adotava como estratégia acusar o grupo urbano de maçônico, e que fazia isso para afastar os italianos das colônias rurais das atividades organizadas pelos indivíduos da referida sociedade. Podemos perceber também, que por sua vez, no seu discurso anticlerical, o agente consular adotou duas estratégias, a de negar a acusação feita pelo religioso, e ao mesmo tempo, a de denegrir a imagem do sacerdote perante os imigrantes italianos de Curitiba.²⁵¹

Da mesma forma, acreditamos que Ernesto Guaita, ao se referir aos estrangeiros de origem italiana fixados nas colônias agrícolas como ignorantes necessitados de instrução, estava entrando no campo pertencente ao inimigo, adotando então como tática a educação escolar, a fim de atraí-los para o grupo da Sociedade Garibaldi. O que se torna evidente para nós, é que entre Colbacchini e Guaita houve uma disputa de poder simbólico, pois cada qual almejava ser reconhecido como o legítimo representante e porta-voz dos italianos instalados na capital paranaense. Segundo Bourdieu,

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá aquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe.²⁵²

²⁴⁹ Ernesto Guaita nasceu na cidade de Turim, na região do Piemonte, no ano de 1843. Diplomou-se como engenheiro pela Academia Militar na cidade natal em 1867, ingressando na Artilharia como subtenente. Em 1870 dá baixa, para dedicar-se à arquitetura e, alguns anos após integra uma missão técnica italiana enviada ao Brasil. Guaita não retorna para a Itália, fixando-se por volta de 1875 em Curitiba. Fazendo sociedade com Ludovico Taddei em 1882, monta escritório de engenharia, e em 1891 é contratado pelo governador Generoso Marques dos Santos para a construção do Palácio Rio Branco. Este trabalho fez de Guaita o arquiteto mais solicitado da cidade naquele período. Conf. SUTIL, Marcelo. **Arquitetura Italiana na construção de Curitiba**. Curitiba: M.V. G. Meschino, 2006.

²⁵⁰ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 30 de julho de 1887, nº168, p.2.

²⁵¹ Segundo Maschio a Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi irá definir-se como uma loja declaradamente maçônica somente no ano de 1917. Conf. MASCHIO, Elaine C. F. 2012, Op. Cit., p. 263.

²⁵² BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 188.

Portanto, o que Guaita e Colbacchini disputavam era o crédito de principal autoridade à qual os imigrantes de origem italiana na região de Curitiba deviam sujeitar-se. O primeiro, apoiado no cargo de agente consular do governo italiano, disputava com o segundo, sacerdote da Igreja Católica Romana, o domínio ideológico da coletividade dos italianos ali fixados. A esta altura, podemos fazer nossas as palavras de Claricia Otto, que estudou as relações de poder que existiram nas colônias italianas de Santa Catarina:

Ao tempo que um deles procura significar a realidade constituindo sujeitos católicos, o outro procura inculcar a ideia da italianidade, associada ao nacionalismo italiano. O que está em jogo nessa construção de identidades são as lutas pelo reconhecimento de autoridade. Os títulos, de cônsul, de padre, dentre outros, são propriedades simbólicas que propiciam e dão o direito ao reconhecimento. Dessa forma, as identidades, a começar pela identidade dos porta-vozes, são simbólicas e reais ao mesmo tempo porque são histórica e socialmente construídas.²⁵³

Nessa direção, o que estava acontecendo na região de colonização italiana do Paraná era a imposição de modelos de representação da italianidade que almejavam cooptar os imigrantes. Assim, a declaração pública de Guaita serviu como estopim dessa guerra ideológica que disputava os italianos no entorno de Curitiba, pois ela estabeleceu o grupo urbano nacionalista ligado à Sociedade Garibaldi como inimigo declarado do modelo de italianidade defendido e pregado pelo padre Pietro Colbacchini. Tanto que esse acontecimento gerou um contra-ataque em forma de protesto, um abaixo assinado organizado pelos colonos fixados nos núcleos agrícolas. Estes se manifestaram em defesa de seu líder espiritual, como podemos conferir no discurso a seguir:

Os abaixo assinados imigrantes italianos estabelecidos nos núcleos coloniais dos municípios da Capital, S. José dos Pinhais e Campo Largo nesta Província, tendo notícia de haver o seu compatriota o sr. Ernesto Guaita feito alusões ofensivas e manifestamente injustas e apaixonadas ao muito respeitável Missionário Apostólico o sr. padre Colbachini, em um discurso que pronunciou no dia 30 de julho passado, por ocasião de ser lançada a primeira pedra do edifício da escola italiana, cuja construção promove nesta cidade a sociedade Giuseppe Garibaldi, vêm cumprir o dever de protestar contra tão irregular procedimento do dito seu compatriota, que de nenhum modo exprime os sentimentos dos abaixo assinados, que estão acostumados a respeitar no padre Colbachini o verdadeiro apóstolo da religião de Cristo por seus sentimentos de caridade, de zelo, de desinteresse e amor ao próximo. [...] Os abaixo assinados sabem também que o mesmo Sr. Guaita, juntamente com outros, quer mostrar-se aqui e na Itália como representante da colônia Italiana desta província, e por sua parte aproveitam a ocasião para protestarem contra este fato, pois não têm esses senhores como seus representantes. E quando tivessem necessidade de se fazerem representar, procurariam para esse fim, alguém cujas crenças religiosas fossem idênticas as suas o que não se dá com os aludidos senhores.²⁵⁴

²⁵³ OTTO, Claricia. **Catolicidades e Italianidades**: jogos de poder no Médio Vale do Itajaí-Açu e no Sul de Santa Catarina. Tese (Doutorado em História) – UFSC, Florianópolis, 2005, p. 75.

²⁵⁴ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 11 de agosto de 1887, nº 178, p.2.

Esta manifestação pública em defesa de Colbacchini foi o contragolpe organizado em pouco mais de duas semanas depois das ofensas feitas ao sacerdote. Ela foi assinada por representantes das diversas colônias italianas do entorno da capital, de modo que o abaixo assinado conteve 422 assinaturas, inclusive adentrando no campo do adversário, pois continha cerca de 50 nomes de italianos do meio urbano. Podemos ler neste documento, antes parcialmente apresentado, que os colonos adotaram também duas estratégias no referido discurso, primeiro a de defenderem o proceder do padre, e segundo, a de repudiarem as declarações de Ernesto Guaita, afirmando que este último, apesar de estar na função de agente consular, não lhes representava, e que se necessitassem de algum representante escolheriam alguém que tivesse as mesmas crenças religiosas que as suas, e não entre os membros da Sociedade Garibaldi.

Com esta declaração os italianos das colônias agrícolas deixam evidente que consideravam o referido padre como seu legítimo representante, e passam a assumir, ao menos naquele contexto, a catolicidade como modelo de representação etnocultural. Notamos claramente, que com esta ação, os colonos visavam na verdade estabelecer uma fronteira entre os grupos por meio da religiosidade. Cremos que certamente essa iniciativa se deu sob a forte influência do discurso de Colbacchini sobre os colonos. Esta nossa hipótese é comprovada pela forma que o referido sacerdote descreve o acontecimento no trecho da carta a seguir:

Ora sto lottando terribilmente col Vice Console Italiano, certo Sr. Guaita Dr. Ing. il quale ebbe l'ardimento di pronunciare in un pubblico discorso di una inaugurazione di una società (massonica) intitolata Gius. Garibaldi, parole ingiuriose contro di me, implorando l'ajuto delle Autorità presenti, per ottenere la mia espulsione. Ciò ha dato causa a un pubblico protesto firmato da circa 1000 Coloni ital. il quale bastò a mostrare la perfidia del Sr. Guaita, e spero che l'affare terminerà senza inconvenienti, avendo l'appoggio di tutti gli onesti, stando già informato più di tutto il Console Italiano di Rio Janeiro. Le dico questo per mostrarle che al diavolo non piace questa missione e cerca di disturbarla [...] I nostri Coloni andrebbero alla morte in difesa mia e della religione.²⁵⁵

Podemos ler, que Colbacchini associava a ação do seu oponente, o engenheiro Guaita, com a do inimigo de Deus, ao escrever que por meio da ação do primeiro o diabo queria

²⁵⁵ Agora estou lutando terrivelmente com o Vice Cônsul Italiano, um tal Sr. Guaita, Dr. Engenheiro, o qual teve o atrevimento de pronunciar em um discurso público na inauguração de uma sociedade maçônica intitulada Giuseppe Garibaldi, palavras injuriosas contra mim, implorando a ajuda das autoridades presentes para obter a minha expulsão. Este fato causou a publicação de um protesto assinado por cerca de 1000 Colonos italianos, o que bastou para mostrar a perfídia do Sr. Guaita, e espero que a ação terminará sem inconvenientes, tendo eu o apoio de todos os honestos, e estando já informado sobre tudo o Cônsul Italiano do Rio de Janeiro. Lhe digo isso para lhe mostrar que o diabo não gosta desta missão e procura perturbá-la [...] Os nossos Colonos iriam até a morte em minha defesa e da religião. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 21 de agosto de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 34.

atrapalhar a sua missão. Daí por diante, em várias de suas missivas o religioso será ainda mais enfático, e ao se referir aos italianos do meio urbano ligados a Sociedade Garibaldi vai classificá-los sempre como *portati qui dal diavolo*²⁵⁶. Certamente, esse argumento foi utilizado pelo sacerdote para convencer os colonos a se posicionarem como seus defensores e contrários a citada sociedade étnica. Da mesma maneira, percebemos que o sacerdote faz uma divisão entre os italianos estabelecidos em Curitiba, ao afirmar que “*os nossos*”, ou seja, os católicos que estavam submissos a sua liderança, seriam capazes de morrer em defesa dele e da religião da qual ele era representante.

Nessa direção, a publicação desse abaixo assinado serviu para aumentar ainda mais a divisão e a tensão entre os dois grupos, já que agora os italianos do entorno de Curitiba eram conduzidos, por meio da disputa que se dava entre os representantes dos dois modelos de italianidade, a escolher de que lado ficariam. Desse modo, poucos dias depois alguns dos membros pertencentes à referida sociedade organizaram um contra protesto. Estes, por sua vez, saíram em defesa do agente consular:

Tendo os abaixo assinados com a maior surpresa e indignação visto aparecer no nº 178 da Gazeta Paranaense as próprias assinaturas abaixo de uma *verrina* estupidamente e indecorosamente escrita contra o Agente Consular da Itália sr. Dr. Ernesto Guaita, protestam energicamente contra a forma pérfida e indecorosa com que uma comissão composta dos Srs. Busato Francisco, Moletta Sebastião, Marco Mocelin, Marco Feracin, Luiz Bonato e outros poucos obtiveram as nossas assinaturas sem explicar o fim, perguntando apenas qual era a nossa religião, sem nem de longe indicar que as ditas assinaturas deviam servir para ofender o tão digno patriota pelo qual têm a honra de se ver nesta província representados e ao qual devem a mais sincera gratidão e dedicação pela desinteressada, enérgica e filantrópica maneira com que os auxiliou em qualquer circunstância.²⁵⁷

Neste documento, além de defenderem a moral do Sr. Ernesto Guaita, os 21 assinantes afirmavam terem se surpreendido ao verem os seus nomes no protesto publicado contra o agente consular. Afirmavam que se sentiam sim representados pelo Sr. Guaita, ao contrário do que havia sido dito no protesto elaborado pelos colonos. Segundo eles, os apoiadores de Colbacchini os extorquiram, pois não esclareceram o porquê colhiam as assinaturas, diziam somente estarem recolhendo as firmas daqueles que se consideravam católicos.

Percebemos, por meio desta declaração, que este grupo urbano possuía indivíduos que não viam nenhum problema em ser católico e, ao mesmo tempo, exaltar os símbolos da unificação italiana junto dos imigrantes ligados a Sociedade Garibaldi. Certamente esses

²⁵⁶ Trazidos aqui pelo diabo. (Tradução nossa). Como exemplo podemos citar as cartas de COLBACCHINI a SCALABRINI em 26 de dezembro de 1887 e em 26 de maio de 1888. Idem, pp. 42/62.

²⁵⁷ Chamamos atenção, sobretudo, para a citação dos italianos Sebastião Moleta e Francisco Busato como defensores de Colbacchini. GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 21 de agosto de 1887, nº 186, p. 3.

italianos seguiam o catolicismo de uma maneira diferenciada do modelo imposto pelo discurso ultramontano intransigente de Pietro Colbacchini, que condenava o apoio dos católicos à Itália unificada. O fato é que, o que unia esses diferentes indivíduos em torno da referida associação étnica era o sentimento comum de nacionalismo, independente da crença religiosa, podendo inclusive, seus membros se declararem como católicos.

Esta realidade nos permite observar que não se está diante de um simples binarismo, e que o grupo formado pelos italianos fixados no meio urbano pode, em certa medida, ser classificado como multicultural ou híbrido. Isso é realmente provável porque, segundo aponta Silva, o hibridismo surge frequentemente como resultado dos movimentos demográficos, como migrações, diáspora e cruzamentos de fronteiras, que permitem o contato entre diferentes identidades.²⁵⁸

Notamos também, que ao divulgarem a lista de cinco nomes, que foram acusados como os responsáveis pelo abuso cometido e chamados de hipócritas e pretenciosos especuladores, aparece mais uma vez no discurso a estratégia de denegrir o grupo opositor, agora com a tentativa de atingir os seus líderes. Os assinantes que elaboraram este contra protesto afirmavam ainda que: “podiam ser recolhidas mais assinaturas nos diversos núcleos fora da cidade, mas é inútil isto por ser notório que o abuso deu-se nesses núcleos”.²⁵⁹

Percebemos aqui, que a tática usada foi a tentativa de entrar no campo inimigo, e convencer aos italianos das colônias agrícolas dos arredores de Curitiba, que eles também teriam sido extorquidos pela citada comissão. Também acreditamos que com a indicação dos cinco nomes como responsáveis pela coleta de assinaturas dos colonos, o documento anterior nos revela que era um grupo reduzido que se colocava inteiramente ao lado do discurso de Colbacchini, e posteriormente, por serem vistos como amigos próximos do padre, tornavam-se lideranças e agiam em nome dele, influenciando a opinião dos demais italianos dos núcleos rurais.

O contra protesto exposto, estava acompanhado de uma declaração em favor do agente consular Ernesto Guaita, que foi ainda assinada por outros 53 imigrantes italianos não citados no protesto anterior. Junto a essas assinaturas, a maioria declarou também sua profissão, onde aparecem muitos negociantes e artistas, e apenas um lavrador.²⁶⁰ Isto confirma que o

²⁵⁸ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 87.

²⁵⁹ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 21 de agosto de 1887, nº 186, p. 3.

²⁶⁰ Dos 53 signatários, 34 declararam sua respectiva profissão, havendo entre eles: 11 negociantes, 8 artistas, 3 canteiros, 2 agrimensores, 2 empreiteiros, 1 engenheiro, 1 proprietário, 1 industrial, 1 desenhista, 1 pedreiro, 1 alfaiate, 1 padeiro e 1 lavrador.

agrupamento ligado a sociedade era formado por indivíduos instalados no centro urbano de Curitiba, mas que estava aberto a participação dos colonos instalados nos núcleos rurais, fato que aponta mais uma vez para a característica híbrida e multicultural deste grupo.²⁶¹ Entendemos que este fato corrobora com a ideia de que o sujeito imigrante tem sua identidade em trânsito, podendo cruzar fronteiras, não precisando obedecer aos limites impostos artificialmente pelos discursos de representações identitárias.

Essa nossa afirmação se confirma ao constatarmos que alguns imigrantes assinaram tanto o protesto a favor do padre, como o contra protesto, em defesa do discurso promovido pelo agente consular. Este foi o caso dos imigrantes Giovanni Battista Antoniacomi 1º e Giovanni Battista Antoniacomi 2º, cujo os nomes aparecem em ambos os abaixo assinados. Estes dois últimos eram canteiros, cortadores de pedra, italianos provenientes da região de Friuli, que pertenciam a colônia rural Santa Gabriela, mas pelo que parece simpatizavam com a representação da identidade italiana promovida pelo grupo de imigrantes do meio urbano. Da mesma forma que seu parente, Pietro Antoniacomi, que pertencia a outro núcleo rural, a colônia Antônio Prado, mas que também aparece na lista do contra protesto, junto com os italianos do centro urbano da capital paranaense.

Como já salientamos anteriormente, entre os italianos instalados no meio urbano haviam também muitos imigrantes originários das regiões centrais e meridionais da Itália, o que contribuía com o suposto hibridismo cultural do grupo. Essa realidade, se opunha ao processo de normatização desejado por Colbacchini, e motivava ainda mais o preconceito dele em relação àquele agrupamento, como podemos perceber no trecho a seguir no qual o religioso se refere ao contra protesto elaborado por esses italianos do meio urbano:

Hanno stampato (con 104 sottoscrizioni di pochi italiani, molti napoletani, alcuni brasileri, e una dozzina di tedeschi protestanti) un'articolo di reclame in un giornale della città, dove dopo deplorato l'infame abuso che io faccio del mio ministero, ricorrono al Poder competente perché con urgenti providenze lo arresti [...] Fin qua, né, furono puniti i triste, né c'è previsione che lo siano. Per questo dura l'inquietudine di tutti questi Coloni Italiani, che ad ogni modo non vogliono permettere che io mi sottragga da questa Provincia.²⁶²

²⁶¹ Na lista de matrícula dos sócios da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi, a qual tivemos acesso (ver ANEXO 3), dois dos seus membros também se declararam agricultores.

²⁶² Publicaram (com 104 assinaturas de poucos italianos, muitos napolitanos, alguns brasileiros, e uma dúzia de alemães protestantes) um artigo de protesto em um jornal da cidade, aonde depois de deplorado o infame abuso que eu faço do meu ministério, recorrem ao poder competente para que com urgentes providencias o proibam [...] Até o momento, não foram punidos os tristes, nem há previsão que o sejam. Por isso dura a inquietação de todos os Colonos Italianos, que de forma alguma querem permitir que eu me separe desta Província. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de janeiro de 1889. In TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 102.

Nesta última carta, ao fazer referência ao grupo de assinantes do citado contra protesto, Colbacchini afirma que ele era composto de poucos italianos, e sim de muitos napolitanos. Isso porque o referido religioso, preconceituosamente, não considerava os imigrantes procedentes das regiões centrais e meridionais da Itália como sendo verdadeiros italianos, e classificava a todos pejorativamente de napolitanos. Da mesma maneira, a fim de diminuir o efeito da ação movida contra ele e os seus defensores, dizia que ela teria sido assinada também por brasileiros e alemães protestantes, querendo que os colonos italianos, sobretudo católicos, não levassem o seu conteúdo em consideração e continuassem a defender a sua permanência como liderança religiosa em suas colônias.

Por sua vez, os cinco colonos acusados de organizar o abaixo assinado contra o agente consular italiano, se sentiram golpeados e partiram mais uma vez para o contra-ataque, e em apenas quatro dias elaboraram uma resposta ao contra protesto, na qual se defendiam das acusações feitas a eles da seguinte maneira:

Nada do que expõem os contra protestantes, sobre o modo porque foram obtidas as assinaturas é verdade. Os abaixo assinados afirmam que todos os que subscreveram o aludido protesto, o fizeram espontaneamente, e estão prontos a provar isso em juízo, ou por qualquer outro modo. Quem ignora que os colonos desejavam, por si, sem sugestão de quem quer que fosse, protestar contra o ousado procedimento do Sr. Guaita? A causa da religião era a do padre, contra o qual o Sr. Guaita dirigia tão insólita provocação. Qual pois a necessidade de artifício ou engano para conseguir assinaturas? [...] De mais não valia a pena virem em tão pequeno número manifestar-se levianos e inconsiderados em público. A sua manifestação de quase nada poderá servir ao Sr. Guaita pois que 21 nomes, tirados entre cerca de 400 importa em muito pouco ou quase nada, para os efeitos do protesto, a que os retirantes, sem pensar vieram dar toda a força. Diz-se em seguida as assinaturas do contra protesto que seria fácil recolher outros nos diversos núcleos fora da cidade. É simplesmente uma gabolice. Entre o dizer e o realizar vão grande distância. Se pelos meios que deram em resultado as assinaturas já publicadas no contra protesto poderem angariar uma ou duas dúzias de outras, nós poderemos oferecer ainda centenas em favor do protesto.²⁶³

Nesta resposta, assinada pelos colonos Francisco Busato, Sebastião Molleta, Marco Mocelin, Marco Feracin e Luiz Bonato, nega-se a existência de uma comissão que recolheu os nomes em favor de Colbacchini, e afirma-se que as assinaturas foram feitas todas espontaneamente. Fica entendido também, que os colonos ficaram do lado do sacerdote, com o argumento de que ele defendia a causa da religião. Mais uma vez a religiosidade é citada e usada para estabelecer a diferenciação entre os grupos opositores. Fazem isso sobretudo no momento no qual declaram que a maior parte dos imigrantes italianos estão sim do lado do

²⁶³ GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 25 de agosto de 1887, nº 189, p. 3.

religioso, ao afirmarem que conseguiriam ainda centenas de assinaturas em favor do protesto contra Guaita.

Depois desses acontecimentos que se deram entre os meses de julho e agosto de 1887, Ernesto Guaita foi deposto de seu cargo, e padre Pietro Colbacchini assumiu ainda mais em seu discurso a postura de combate ao grupo de italianos com características patrióticas e anticlericais do meio urbano ligados à Sociedade Garibaldi. Com essa atitude o sacerdote almejava ser legitimado cada vez mais como principal representante da coletividade italiana da região, ao mesmo tempo que induzia os colonos a assumirem uma italianidade pautada na catolicidade ultramontana.

Porém, mesmo que aparentemente tendo se saído vitorioso diante da batalha que se deu contra o citado representante consular, Colbacchini se deu conta que devia enfrentar frequentes oposições e perseguições. Diante deste fato, nossa hipótese é que o referido padre intensificou ainda mais seu discurso antiliberal nas colônias, pois o religioso descobriu enfim, que não eram todos os imigrantes de origem italiana que estavam dispostos a se submeter ao seu controle e ao modelo de representação étnica baseado nos moldes do catolicismo ultramontano. Consciente dessa realidade, em meados de 1888, o sacerdote escreveu ao representante da Santa Sé no Brasil:

Fra i nostri, ve ne sono portati qui dal diavolo. Da cotestoro, ho sofferto e soffro persecuzioni di ogni fatta. Ho combattuto e vinto contro l'ex Agente Consolare il Sen. Ernesto Guaita che in pubblico discorso mi qualificava come "Avis noctivaga periculosa" a Corityba. Uscirono parecchi articoli nel giornale, e la fine fu che venne imposto al Guaita di subire, e più tardi, di perdere il posto ufficiale che occupava, Ora qua e colà vi sono che mi vogliono morto, o perche ho strappata la concubina, o per avvisata la polizia delle turbolenze che inquietavano certe Colonie.²⁶⁴

Como declara Colbacchini, depois do enfrentamento vivido com o agente consular Guaita no ano de 1887, surgiram vários inimigos que iriam agir para vê-lo morto, ou ao menos, para afastá-lo de Curitiba. Essa situação de inimizade com parte da coletividade italiana do Paraná vai perdurar enquanto o religioso permanecer na capital paranaense devido às diferenças ideológicas que havia entre eles.

²⁶⁴ Entre os nossos, existem os trazidos pelo diabo. Da parte destes, sofri e soffro perseguições de todos os tipos. Combati e venci o ex Agente Consular o Sr. Ernesto Guaita que em discurso público me qualificava como "perigosa ave notívaga" para Curitiba. Saíram vários artigos no jornal, e finalmente foi imposto a Guaita de se ausentar, e mais tarde, de perder o posto oficial que ocupava. Agora aqui e ali existem aqueles que me querem morto, ou porque lhes tirei a concubina, ou por ter avisado a polícia das turbulências que inquietavam as colônias. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 24 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 58.

Em outras palavras, criou-se uma fronteira com marcas bem estabelecidas entre as formas de representação de italianidade na região. Sendo assim, o referido sacerdote continuou a atacar os italianos do meio urbano, com o intuito de afastar deles os imigrantes das colônias rurais. Da mesma forma, que o religioso irá ser constantemente atacado pelo grupo liberal e anticlerical que desejava denegrir a sua imagem diante dos colonos de origem italiana. Assim, passou a haver uma disputa de quem representava a verdadeira Colônia Italiana do Paraná.

Essa nossa afirmação se torna evidente ao nos depararmos com os acontecimentos que se deram durante as festividades de 20 de setembro de 1892. Naquela ocasião, as comemorações da conquista de Roma ganharam um caráter especial em Curitiba, devido a visita do cônsul italiano nomeado para os estados de São Paulo e Paraná à cidade.²⁶⁵ No citado dia houve vários discursos, desfiles, festividades, incluindo a nomeação do italiano Giovanni Silva como novo agente consular para a região, como também o envio do seguinte telegrama escrito pelo referido Cônsul ao rei italiano: “La colonia italiana riunita per commemorare questa data storica prega unanime per mio mezzo a Vostra Eccellenza far gradire a Sua Maestà amato Sovrano espressione di rispettoso e profondo affetto Reale che proclamò Roma intangibile.”²⁶⁶

Se lermos este telegrama isoladamente, fica entendido que toda a coletividade dos imigrantes de origem italiana estabelecidos no Paraná foi, de forma unânime, a favor da unificação da península e reconhecia o rei italiano como seu soberano. Porém, sabemos que a maior parcela dos colonos dessa origem, sobretudo os que habitavam as colônias rurais, sequer participou dessa manifestação, e que o documento foi elaborado por poucos, e assinado por somente 67 italianos, todos ligados a Sociedade Garibaldi.²⁶⁷

Diante do acontecimento, Colbacchini, que por sua vez também se considerava o legítimo representante da italianidade na região de Curitiba, sentiu-se não só excluído, mas profundamente ofendido, e referindo-se ao Cônsul escreveu ao seu superior:

Egli, anziché da Console fece da tribuno, e più rosso dei rossi, venne qui a far pompa della sua irreligione e del suo sporciloquio contro il Papa ed i Preti.
Contro di me poi proferì le parole più villane, sdegnando di accettare il mio concorso per poter avvicinare la vera Colonia Italiana del Paraná.²⁶⁸

²⁶⁵ Trata-se da figura diplomática do Sr. Conde Rozwadowski. A visita foi noticiada no jornal A REPUBLICA, de 24 de setembro de 1892.

²⁶⁶ A colônia italiana reunida para comemorar esta data histórica implora unânime por meio de mim que a Vossa Excelência se agrade por Sua Majestade e amado Soberano das expressões de respeitoso e profundo afeto real que proclamou Roma intangível. (Tradução nossa.) Telegramma a Sua Maestà Re d'Italia. Curitiba, 20 de setembro de 1892. Acervo da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi.

²⁶⁷ Entre as assinaturas do telegrama destacamos as dos imigrantes Sebastiano Moletta e Basilio Bacalfi, sobre os quais discutiremos mais adiante.

²⁶⁸ Ele, em vez de Cônsul, se fez tribuno, e do mais vermelho entre os vermelhos, vindo aqui para fazer pompa da sua irreligião e de sua retórica contra o Papa e os Padres. Contra mim proferiu as palavras mais vilãs, desdenhando

Portanto, o sacerdote católico afirmou que o Cônsul não se aproximou da verdadeira Colônia Italiana do Paraná, que na opinião dele era formada pelos italianos católicos estabelecidos nas colônias agrícolas do entorno de Curitiba submissos a sua liderança, e não pela minoria dessa origem fixada no meio urbano. Esses últimos, na concepção do religioso, seriam falsos e indignos italianos, “*italiani solo di nome*”²⁶⁹, e não representavam a coletividade dos imigrantes da região. Da mesma forma, Colbacchini destacou a postura anticlerical do diplomata ao participar das comemorações da tomada de Roma. Assim, no dia 26 de setembro de 1892, escreveu ao Cônsul em tom de protesto e pedindo uma reparação:

Egregio Sig.r Conte. Mi dispiace di non aver potuto accostarmi alla sua persona, nell'occasione della sua venuta e permanenza in Curityba, e, più molto, mi dispiace di dover ora, come a Regio Console Italiano, richiederle una riparazione. [...] perché egli abbia, di questi giorni, ricusato il mio intervento presso la maggiore e miglior parte dei Coloni Italiani, al fine di poter egli avere una legittima rappresentanza che potesse informarlo del vero stato e dei bisogni della stessa Colonia; [...] perché lo stesso Sig.r Console, in onta ai sentimenti professati dalla quase totalità di questi Italiani cattolici, abbia voluto scegliere od accettare di presiedere ad una manifestazione odiosa alla Chiesa cattolica nel giorno 20-7bre, in Curityba; [...] per aver egli ricevuto come rappresentanti della Colonia Italiana Paranaense, individui che se ne arrogarono il mandato che non avevano ricevuto né avrebbero potuto ottenere dalla vera Colonia Italiana.²⁷⁰

Percebemos claramente, que Colbacchini defendia que a verdadeira Colônia Italiana do Paraná era formada pelos imigrantes católicos localizados nos núcleos rurais do entorno da capital paranaense, que mantinham sua identidade cultural por meio da religiosidade. Da mesma forma, afirmava que os italianos do meio urbano de Curitiba eram minoria e não representavam a maior e melhor parcela dos colonos. Declarava também, que se o Cônsul, tivesse desejado saber do estado e das necessidades da coletividade italiana do Paraná deveria ter escolhido a ele como representante da mesma. O sacerdote encerrou a carta enviada ao referido diplomata com as seguintes palavras:

de aceitar o meu convite para poder aproximar-se da verdadeira Colonia Italiana do Paraná. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de setembro de 1892. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 352.

²⁶⁹ Italianos só de nome. (Tradução nossa). COLBACCHINI al CONSOLE DI SAN PAOLO, 26 de setembro de 1892. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 354.

²⁷⁰ Ilustre Sr. Conde. Me desagrada não ter sido possível me aproximar de sua pessoa, na ocasião da sua vinda e permanência em Curitiba, e, muito mais, me desagrada de dever agora, como Régio Cônsul Italiano, pedir-lhe uma reparação. [...] Porque vós tenha, naqueles dias, recusado a minha participação com a maior e melhor parte dos Colonos Italianos, a fim de poder vós ter uma legítima representação que pudesse informa-lo do verdadeiro estado e das necessidades da mesma Colônia; porque vós mesmo Sr. Cônsul, contrário aos sentimentos professados pela quase totalidade desses Italianos católicos, tenha preferido escolher ou aceitar de presidir a uma manifestação odiosa a Igreja Católica no dia 20 de setembro, em Curitiba. [...] por vós ter recebido como representantes da Colonia Italiana Paranaense, indivíduos que se arrogaram o mandato que não receberam e nem poderiam obter da verdadeira Colonia Italiana. (Tradução nossa). Idem.

Se poi il mio reato, che mi suscita tante ignobili ire ed il nobile sdegno di V.S. Illma, fosse quello del tener vivo fra questi Italiani l'amor patrio assieme all'amore della loro fede cattolica e del Papa, sappia che mi glorierei di questa colpa, e mi reputerei felice di trovare nell'odio dei nemici di Dio e del Papa, la più esplicita sanzione del compimento dei miei doveri. Non sarei per niente Miss. Ap.o fra gli Italiani del Paraná.²⁷¹

Fica evidente, diante dessa última declaração de Colbacchini, que o mesmo, por meio de seu discurso católico ultramontano, caracterizado pela total fidelidade ao sumo pontífice da Igreja Católica e pelo combate às ideologias contrárias a ela, almejava incutir e fortalecer o sentimento de italianidade baseado na catolicidade.

Dessa forma, compreendemos que a presença do referido padre foi responsável pelo forjar da identidade etnocultural dos italianos da região de Curitiba, imprimindo nos colonos ali estabelecidos um sentimento de pertença étnica por meio da fé católica. Em outras palavras, o modelo de italianidade promovido pelo discurso do sacerdote influenciou o processo de identificação dos imigrantes de origem italiana, sendo que boa parcela destes assumiu como representação identitária a catolicidade. Porém, como vimos, isso ocorreu por meio da alteridade, ou seja, da luta contra outro modelo de italianidade que coexistia na capital paranaense, que por sua vez se apoiava no nacionalismo, independente de religião.

3.2 O confronto com o catolicismo brasileiro

Neste segundo momento, almejamos perceber como o discurso ultramontano de Colbacchini, apoiado na romanização e no modelo tridentino de catolicismo, condenava a forma como se dava a prática da religião católica no Brasil no final do século XIX. Dessa maneira, o missionário considerava que o catolicismo à brasileira era um perigo para a preservação do modelo de representação étnica que ele pretendia estabelecer entre os imigrantes instalados na região de colonização italiana do Paraná. Sendo assim, como salientou Azzi, o referido padre “além do combate às ideias liberais, investira também com força contra as formas de organização e expressão do catolicismo luso-brasileiro”.²⁷²

²⁷¹ Pois se o meu crime, que suscita tantas repugnantes iras e o nobre desprezo de V. S. Ilustríssima, fosse aquele de manter vivo entre estes Italianos o amor pátrio unido ao amor da sua fé católica e do Papa, saibas que me gloriaria desta culpa, e me consideraria feliz de encontrar no ódio dos inimigos de Deus e do Papa, a mais explícita recompensa do cumprimento dos meus deveres. Não teria sido em vão Missionário Apostólico entre os Italianos do Paraná. (Tradução nossa). *Ibidem*, p. 355.

²⁷² AZZI, Riolando. *Op. Cit.*, 1987, p. 250.

Nessa direção, pretendemos apresentar aqui as críticas feitas por Colbacchini à forma de como a religião católica era praticada pelos nacionais, assim como os enfrentamentos que se deram entre o religioso e os dirigentes da Igreja local. Queremos evidenciar as disputas de poder que se deram entre ele e os clérigos nacionais, sobretudo a respeito da jurisdição das capelas que se formavam nas colônias italianas do entorno de Curitiba. Da mesma forma, temos a intenção de demonstrar, como o discurso do sacerdote italiano condenava a moral do clero brasileiro, pois essa não condizia com a moralização dos representantes da Igreja conforme pregava o ultramontanismo e a romanização da época.

Portanto, para que fosse preservada a italianidade dos imigrantes, Colbacchini entendia que eles não poderiam viver o catolicismo da maneira como era praticado no Brasil, e por isso acreditava ser necessário afastá-los das paróquias brasileiras e seus maus clérigos, que segundo ele não eram capazes nem mesmo de atender as necessidades espirituais dos nacionais. Ao escrever sobre a primeira impressão que teve do pároco de Curitiba, ao chegar no Paraná em 1886, o religioso afirma: “Il Paroco della città, che non è coadiuvato da nessun altro, non ha né tempo né voglia per occuparsi dei brasileri, e meno ancora degli italiani, dai quali si limita riscuotere le tasse dei battesimi e matrimoni, che sono enorme”²⁷³.

Percebemos, que ao se referir ao pároco da cidade o religioso italiano faz duas críticas, que serão constantemente feitas por ele aos padres brasileiros, o descaso para com os fiéis, sobretudo para com os imigrantes, e o forte apego ao dinheiro, deixando de lado as práticas espirituais. A respeito dessa segunda acusação, Colbacchini vai escrever em março de 1888:

Però non posso far molto conto di ajuto da chi, come son tutti qui, non considera nell'opera del Sacerdote che un buon mezzo per vivere. Né più né meno si possono considerare qui i parochi come impiegati governativi per i libri civili del movimento della popolazione. La Messa la dicono quando loro piace o ne hanno impegno, e quasi tutti se ne sbrigano in 10 o poco più minuti. Per confessare, neppure i moribondi. Su 100 muojono qui 99 senza sacramenti, in città e fuori. Appunto in questo momento sto aspettando persona che mi venne a chiedere di assistire una moribonda brasilera che dimora due leghe di qua. Dai preti brasileri non si va neppure a notificare il caso perche si sa che neppure si muove.²⁷⁴

²⁷³ O Pároco da cidade, que não é coadjuvado por nenhum outro, não tem nem tempo e nem vontade cuida dos brasileiros, e menos ainda dos italianos, dos quais se limita a recolher as taxas de batismo e matrimônio. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, junho de 1886. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 19.

²⁷⁴ Porém não posso esperar muita ajuda de quem, como são todos aqui, não considera na obra do Sacerdote mais que um bom meio para sobreviver. Nem mais nem menos se podem considerar aqui os párocos do que empregados governamentais para os livros civis de movimento da população. A Missa a dizem quando querem ou não apresentam empenho, e quase todos terminam em 10 ou pouco mais minutos. Para confessar, nem menos os moribundos. De 100 morrem 99 sem os sacramentos, na cidade e fora. Exatamente neste momento estou esperando uma pessoa que veio me pedir para assistir uma moribunda brasileira que mora duas léguas daqui. Aos padres brasileiros não se vai nem menos notificar o caso porque se sabe que nem se movem. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 10 de março de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 46.

Notamos, que Pietro Colbacchini faz uma generalização, pois considerava que todos os membros do clero brasileiro só exerciam a sua função em razão do salário que recebiam do governo. Da mesma forma, percebemos que ele critica a falta de zelo dos mesmos na ministração dos sacramentos católicos, pois cita que celebravam a missa muito rapidamente, não confessavam os fiéis e nem dispensavam a unção dos enfermos aos moribundos.

Ao fazer essas críticas, entendemos que o sacerdote italiano estava desdenhando o catolicismo brasileiro em favor do modelo tridentino, que se apoiava principalmente na prática sacramental, e que foi adotado pela compreensão ultramontana como modelo único de catolicidade a ser vivido. cremos, que ao impor esse modelo nas colônias italianas, ele almejava cooperar com o processo de normatização do catolicismo, que era um desejo do projeto de romanização da Igreja. Para que isso se tornasse realidade, esperava poder contar também com a colaboração dos imigrantes, que nessa direção, não podiam se deixar contaminar pelos brasileiros e deveriam assumir como expressão da religião a prática dos sacramentos e a obediência a Roma.

Da mesma forma, fica subtendido, que o religioso italiano não via nenhum problema em levar também os sacramentos aos nacionais, justificando que isso era necessário, pois, os padres locais não cumpriam essa obrigação. Isso acontecia, porque na concepção de Colbacchini, conforme podemos conferir no trecho de carta a seguir, a presença dele e dos colonos de origem italiana, trazidos pelo fenômeno imigratório, é que iria salvar a Igreja do Brasil.

Io credo che Iddio nella sua misericordia abbia disposto di questa emigrazione italiana nel Brasile, per suscitare in questo popolo quella fede che seminata un giorno dai sudori e dal sangue dei PP. della Comp. di Gesù ha quasi perduto ogni vestigio. Non si conosce qui pratica di religione. Un su cento va ad udir Messa alla festa, nessuno si accosta ai SS. Sacramenti, e solo qualcuno per la prima ed ultima volta, nell'occasione del matrimonio.

In Curitiba che è città di 30.000 anime non si fanno 50 comunioni per anno. Ed i preti? Cercano denaro e spassi, e poi! ... e poi! Che Iddio salvi questo Brasile!²⁷⁵

É notório, que o sacerdote considerava a maneira como os imigrantes italianos praticavam a fé católica superior a forma como os brasileiros viviam a religião. Ele evidencia em seu discurso que isso acontecia por culpa do clero nacional, que não estimulava a prática sacramental. Enquanto os colonos buscavam constantemente os sacramentos dispensados pelos

²⁷⁵ Eu creio que Deus na sua misericórdia dispôs desta emigração italiana no Brasil para suscitar neste povo aquela fé que semeada um dia pelo suor e pelo sangue dos padres da Companhia de Jesus perdeu quase todo vestígio. Não se conhece aqui a prática da religião. Um em cada cem vai ouvir missa quando é dia de festa, ninguém se aproxima dos Santíssimos Sacramentos, e somente um ou outro pela primeira e última vez por ocasião do matrimônio. Em Curitiba que é cidade de 30.000 almas não se fazem 50 comunhões por ano. E os padres? Querem dinheiro e folga, e depois! e depois! Que Deus salve esse Brasil! (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de outubro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 42.

padres, sobretudo a comunhão dominical, os nacionais não se apegavam a eles, e manifestavam a sua crença católica de outras maneiras. Essa nossa afirmação fica mais evidente ao lermos a seguinte constatação de Colbacchini: “...tutto richiama la fede al SS. Sacramento, fede che pur troppo non si riscontra in questi paesi, dove si fa più conto di un S. Benedeto (nero) alto 10 centimetri che N. S. Sacramentato, che quasi per tutto è Dio ignoto”²⁷⁶.

Podemos afirmar, portanto, que para Colbacchini só havia um modelo de catolicismo, aquele centrado nos sacramentos, e era esse que ele deveria manter entre os imigrantes, e assim, mais tarde, esses últimos poderiam transformar também a maneira como os nacionais praticavam a religião católica. Dessa forma, com a ajuda dos colonos, a Igreja alcançaria mais facilmente o seu objetivo de romanizar o catolicismo brasileiro.

Com esse intuito, o referido missionário passou a exercer a direção espiritual das colônias italianas da região pregando a vivência contínua das práticas sacramentais católicas. Assim, os imigrantes italianos foram organizados por ele em torno de capelas comunais onde quem ditava as normas de conduta era o sacerdote católico. Ou seja, era o padre, representante e portador da voz de Deus quem detinha a autoridade, e conseqüentemente criava modelos de comportamento que deveriam ser adotados pelos colonos.

Dessa maneira, o ponto alto das visitas aos núcleos coloniais, onde o sacerdote podia propagar o seu discurso, tanto através da palavra como por meio dos ritos, eram os encontros religiosos nas capelas. Nesses encontros, eram realizadas as missas e praticados os sacramentos, de forma que o religioso podia falar a todos os fiéis, e na mesma oportunidade se dedicar há alguns de maneira individual. Assim, tanto o discurso feito à coletividade por meio da homilia da missa, como o discurso mais direto, exercido via sacramentos, eram realizados.

Por meio do sacramento do Batismo o missionário podia falar diretamente aos pais e padrinhos. Através do sacramento do Crisma, que se dava após as aulas de catecismo, falava às crianças e adolescentes. Pelo ato do matrimônio e da preparação para o casamento discursava aos jovens e às famílias. Dessa forma, Colbacchini podia propagar seu pensamento ultramontano e definir os modelos de comportamento de bons e maus italianos para todos os indivíduos que integravam aquele grupo social. Portanto, podemos afirmar que os sacramentos funcionavam como mecanismos de controle de conduta e ao mesmo tempo promoviam um modelo específico de italianidade.

²⁷⁶ ... tudo faz referência ao Santíssimo Sacramento, fé que infelizmente não se encontra por estes lugares, onde se dá mais atenção a um São Benedito (negro) de 10 centímetros de altura que ao Nosso Senhor Sacramentado, que quase por todos é o Deus ignorado. (Tradução nossa). COLBACCHINI a ROLLERI, 25 de julho de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 68.

Entre os ritos sacramentais, os que eram mais enfatizados pelo catolicismo ultramontano com conotações tridentinas, e que por essa razão foram os mais adotados pelo sacerdote italiano, eram os da comunhão e da confissão. Segundo o mesmo, era principalmente nesses dois que, tanto os leigos quanto os padres brasileiros, deixavam a desejar. O primeiro fazia com que os fiéis participassem frequentemente da missa, e como consequência, ouvissem o discurso do sacerdote de forma continuada. O segundo, permitia ao mesmo controlar o comportamento dos sujeitos de maneira individual. Ambos caminhavam juntos, já que para uma boa comunhão a regra católica mandava que primeiro fosse realizada uma boa confissão.

A crença, por parte dos fiéis, de que a comunhão e a confissão eram indispensáveis para a conquista da salvação, tornava essas práticas obrigatórias para o bom e fiel católico, e por essa razão esses sacramentos eram os mais valorizados, pois assim era possível impor regras e modelos de comportamento. Podemos identificar essa valorização presente no discurso de Colbacchini por meio do seguinte trecho de uma das correspondências enviada pelo referido sacerdote ao seu superior, monsenhor Scalabrini:

Il giorno di S. Pietro femmo la inaugurazione della Chiesa di Agua Verde che per decreto Vescolvile è scelta come sede parochiale di tutte queste Colonie. Il concorso riuscì pieno. Circa 2000 italiani parteciparono alla funzione. La festa continuò tre giorni e nel terzo, domenica, fuorono quasi 300 le SS. Comunioni, e sarebbero state più che un doppio se ci fossero stati altri confessori. La Chiesa riuscì veramente bellina. Misura 24 metr. per undici e con volto a calce, dipintivi i simboli della Eucaristia.²⁷⁷

Percebemos que, ao relatar as festividades da inauguração da igreja da colônia Água Verde, o ponto que o missionário mais enfatizou foi o número expressivo das comunhões e confissões realizadas durante o evento. Da mesma maneira, vemos que ele descreve que a nova igreja da colônia havia sido decorada com pinturas que faziam referência ao sacramento da comunhão. Este último fato demonstra, que o discurso do religioso também era reforçado por meio das pinturas e demais artes sacras presentes nos templos católicos que o sacerdote inaugurou junto das colônias italianas da região.²⁷⁸

²⁷⁷ No dia de São Pedro fizemos a inauguração da Igreja de Água Verde que por decreto episcopal foi escolhida como sede paroquial de todas as colônias daqui. A participação foi grande. Cerca de 2.000 italianos participaram das atividades. A festa durou três dias, e no terceiro, domingo, foram quase 300 as Santíssimas Comunhões, e seriam mais que o dobro se tivesse existido outros confessores. A igreja ficou verdadeiramente graciosa. Medindo 24 X 11 metros teve a abóboda pintada com os símbolos da Eucaristia. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 03 de julho de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 65.

²⁷⁸ Como exemplo podemos citar também as estátuas do Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora que o missionário italiano adquiriu para as capelas das colônias. A primeira foi destinada para a citada Igreja sede do Água Verde, pois com essa devoção o religioso scalabriniano acreditava impulsionar ainda mais a frequência à Eucaristia. Cf. AZZI, 1927. Op. Cit., pp. 229-232.

Outra informação importante, sempre presente no discurso de Colbacchini, e posta também no extrato de fonte apresentado anteriormente, é a regra católica de que o domingo deve ser reservado como dia da semana que devia ser dedicado à participação nas celebrações religiosas. Dessa forma, os colonos que se dedicavam a semana inteira aos trabalhos agrícolas reservavam boa parte de seu dia de descanso ao cumprimento das suas obrigações cristãs. Assim, percebemos que por meio deste discurso havia um controle sobre o tempo e os afazeres semanais dos sujeitos, de modo que os imigrantes italianos eram conduzidos a preencher suas existências somente com o trabalho e as atividades na capela rural, ou seja, seguiam a máxima do catolicismo *ora et labora*.

Portanto, o domingo e outros dias de descanso deviam ser dedicados à Deus e não às desordens e às festividades mundanas, de forma que mesmo o lazer e a diversão do bom católico, e conseqüentemente do bom italiano, deviam ser vivenciados nas dependências da Igreja e não em lugares profanos. Nessa direção, percebemos que o discurso do representante do catolicismo que estamos investigando ultrapassava os fatores espirituais e religiosos, visando controlar e regular aspectos de ordem cultural e social da vida cotidiana dos sujeitos.

Por meio, dessa nossa análise, da maneira como o padre Pietro Colbacchini pretendia moldar a vida dos imigrantes italianos da região através da contínua prática dos sacramentos católicos, cremos ficar evidente o porquê defendemos que a atuação do missionário influenciou muito na construção da identidade etnocultural do referido grupo étnico. Apoiamos a ideia de que a italianidade pautada no catolicismo difundida pelo referido religioso criou uma marca identitária na qual o bom italiano devia ser necessariamente um bom católico, obediente e praticante.

Porém, para que todo esse esforço alcançasse seu objetivo, o missionário considerava necessário separar as colônias italianas das paróquias brasileiras, ou seja, era preciso que os imigrantes não se submetessem a liderança espiritual dos padres locais. Esse desejo em grande parte devia-se ao mal comportamento moral dos clérigos brasileiros, que muitas vezes não respeitavam o celibato e mantinham mulheres, e até mesmo filhos, junto a casa paroquial. Sobre essa realidade Colbacchini escreve ao Internúncio Spolverini:

Un certo R.mo P. José Joaquim do Prado (figlio sacrilego di Sacerdote) era Paroco di Coritiba, e dava tanti scandali che la fede del popolo ebbe a patire gravissimo danno. Non assiste alle confessione, ed ai nostri italiani che ne lo richiedavano rispondeva: não seja louco, não precisa de confissão!!! In 8 minuti diceva Messa, dico in otto minuti, di che io fui testimonio. Prendeva caffè prima della Messa – donne in casa, sotto titolo di figliade, - vecchio, paralitico, avaro all'ultimo eccesso – lupo nell'ovile. [...] Qui invece perché il partito liberale lo chiede, il Vescovo lo concede come Pastore di un popolo tanto necessitoso!

Mgr. Mocenni mi diceva che la Chiesa del Brasile è un cadavere; ogni giorno più accerto la di lui frase.

[...] Il vicario di S. José dos Pinhaes, che morì, aveva donna e figli in casa, conosciuti da tutti (anche del Vescovo) e prima gli aveva dato altri scandali, e questa donna ultima era moglie con marito vivo... La Chiesa cadente – paramenti laceri e immondi – tutto in pessimo stato.

Ora il Prado andrà a spargere la cenere sulla sepoltura di quella disgraziata Parocchia!²⁷⁹

Na carta apresentada, escrita ao representante da Santa Sé no Brasil, o padre italiano cita dois exemplos, que se deram na região de Curitiba, do que ele considerava como comportamentos imorais dos clérigos brasileiros. Refere-se aos maus padres como lobos no redil, pois além de não zelarem pela Igreja e pela prática dos sacramentos, mantinham mulheres e também filhos em casa, ou seja, transgrediam a regra do celibato. Contudo, o que causava ainda mais indignação em Colbacchini era o fato de que isso acontecia com o conhecimento de todos, sobretudo do bispo local. Inclusive escreveu, que o mesmo mantinha o padre José Joaquim do Prado na função de pároco por exigência do partido liberal. Diante desses fatos, o missionário italiano vai passar a confrontar e desqualificar cada vez mais as autoridades eclesásticas brasileiras, classificando a Igreja do Brasil como um cadáver.

Portanto, a solução seria criar uma paróquia étnica somente para os imigrantes italianos, sem a má influência do clero brasileiro. Porém, isso não era possível devido à distância dos núcleos coloniais, e ao fato de que muitos deles eram colônias mistas, ou então, estavam localizados em meio à população luso-brasileira. Diante desta realidade, o padre Colbacchini propôs ao bispo da Diocese de São Paulo, à qual pertencia a paróquia de Curitiba, a criação de uma Capelania Curada para os italianos, de modo parecido à que havia sido criada para os poloneses da região. Segundo Francesconi, essa ideia era defendida também pelo superior Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini, que já havia solicitado até mesmo ao papa, por meio

²⁷⁹ Um certo Revmo. Pe. José Joaquim do Prado (filho sacrílego de sacerdote) era pároco de Curitiba, e dava tantos escândalos que a fé do povo sofreu gravíssimo dano. Não atendia as confissões, e aos nossos italianos que lhe solicitavam respondia: não seja louco, não precisa a confissão!!! Em 8 minutos rezava a missa, digo oito minutos, coisa que eu fui testemunha. Tomava café antes da missa – tinha mulheres em casa, sob o título de afilhadas, - velho, paralítico, avaro ao último excesso – um lobo no redil. Aqui ao invés, porque o partido liberal o pede, o Bispo o aceita como Pastor de um povo muito necessitado! Monsenhor Mocenni me dizia que a Igreja do Brasil é um cadáver; cada dia mais confirmo a frase dele. O Vigário de São José dos Pinhais, que morreu, tinha mulher e filhos em casa, conhecidos por todos (também pelo Bispo) e antes ele já havia dado outros escândalos, e essa última mulher era casada com marido vivo... A Igreja caindo – paramentos dilacerados e imundos – tudo em péssimo estado. Agora o Prado irá espalhar as cinzas sobre a sepultura daquela desgraçada Paróquia. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 27 de novembro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 81-82.

da Propaganda Fide, que os italianos fossem assistidos espiritualmente pelos missionários da sua congregação e não pelo clero das paróquias locais.²⁸⁰

O bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, após receber vários pedidos referentes a instalação de uma capelania curada para os italianos em Curitiba, incumbiu a tarefa de organizá-la ao padre João Evangelista Braga, que ocupava o cargo de Vigário Geral Forense no Paraná.²⁸¹ A autoridade eclesiástica alegava que o referido clérigo, legítimo responsável por aquela jurisdição, resolveria a questão com maior proeza por conhecer melhor a realidade daquela paróquia e das colônias paranaenses. Porém, acreditamos que Dom Lino também não quis decidir a respeito da capelania porque era uma discussão que girava em torno da questão territorial. Segundo aponta Terragni, os bispos brasileiros evitavam ao máximo tratar das divisões espaciais para não se indispor com os seus párocos, isso porque o que estava por trás das dimensões territoriais era o controle da população, sobretudo, das taxas pagas pelos sacramentos.²⁸²

Por sua vez, Colbacchini considerava a atitude do referido bispo como um desprezo e um descaso, tanto para com a sua pessoa e o seu ministério, como para com a assistência religiosa aos imigrantes italianos. De qualquer forma, o decreto elaborado pelo então Vigário Geral no Paraná, foi aprovado e assinado pelo bispo paulista em 14 de fevereiro de 1888. O primeiro artigo deste documento episcopal definia a organização da Capelania Curada Italiana da seguinte maneira:

1. Fica criada uma espécie de Capelania Curada ou eclesiástica, provisória como aquela por Nós estabelecida na Província do Paraná, desta nossa Diocese, entre os catholicos poloneses, e deve formar-se dos catholicos imigrados da Itália e seus filhos domiciliados nos ex-núcleos coloniais ora emancipados que são os seguintes: Dantas ou Água Verde, Santa Felicidade, Campo Comprido, e Alfredo Chaves da Parochia de Nossa Senhora da Luz de Corityba; Antonio Rebouças ou Timbutuva e Jugica Mendes da Parochia de Nossa Senhora da Piedade de Campo Largo; Santa Maria do Novo Tyrol, Murici e Zacarias da Parochia do Patrocínio de São José dos Pinhaes da comarca eclesiástica de Corityba da Província do Paraná, deste Bispado, que de sua muito livre e espontânea vontade, se quiserem inscrever como applicados ou jurisdicionados nesta Cappelania.²⁸³

²⁸⁰ FRANCESCONI, Mario. **Storia della congregazione scalabriniana**. Vol.III (1888-1905). Roma: Centro Studi Emigrazione, 1973, pp. 40-42.

²⁸¹ Lembremos que ainda nessa época o Paraná fazia parte da diocese paulista e que não possuía um bispo próprio, mas somente um Vigário Geral Forense. Este último tratava-se de um cargo específico dado a um padre, que designado pela autoridade episcopal ficava responsável pela referida jurisdição.

²⁸² TERRAGNI, Giovanni. **Scalabrini e la congregazione dei missionari per gli emigrati**. Aspetti istituzionali 1887-1905. Roma: autorinediti, 2014, p. 115.

²⁸³ Portaria de 14 de fevereiro de 1888, referente à Capelania Italiana, transcrita no Livro 2 da Vigararia Geral Forense, p. 118. Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

No entanto, esse decreto episcopal que instituiu a Capelania Curada Italiana na Província do Paraná, que possuía no total 27 artigos, causou muita revolta no missionário Pietro Colbacchini. Apesar de, como ele queria, ter sido nomeado oficialmente como responsável pela referida capelania, o mesmo percebeu que tanto sua jurisdição e o seu poder haviam sido reduzidos por meio do documento, o que na sua opinião causaria graves danos a manutenção da catolicidade entre os italianos instalados na região de Curitiba.

Um primeiro motivo que causava indignação no sacerdote italiano é que o decreto classificou a capelania como provisória, e de acordo com o seu desejo devia ser permanente. A segunda falha do documento é que, além de não falar dos limites das colônias que foram citadas, ele havia deixado de fora metade dos núcleos compostos por imigrantes de origem italiana localizados no entorno da capital paranaense, como também excluía os italianos fixados no meio urbano. Nessa direção, Colbacchini, que almejava impor seu discurso a todos os italianos da região vai escrever: “È necessario estendere a tutti i nuclei, o dirò a tutti gli Italiani, il beneficio che sarebbe limitato a pochi.”²⁸⁴

Um terceiro ponto, que revoltava o religioso, era que o texto que estabeleceu a capelania afirmava que os italianos da região teriam que inscrever-se na mesma se houvessem livre e espontânea vontade. Sobre esse ponto o padre vai se manifestar da seguinte forma:

Qual è italiano religioso, che non voglia godere i vantaggi di appartenere alla missione italiana che gli somministra tutti i mezzi di salute? Se mai questo punto avea bisogno di restrizione, doveva essere così formulata: “ – meno quegli Italiani che si dichiarassero di voler continuare a star soggetti ai Paroci brasileri”, e, forse, non ce ne sarebbe stato uno solo, specialmente fuori dalla città. La eccezione, che forse non esisterebbe, è presa in più considerazione della regola.²⁸⁵

Percebemos, que o que incomodava Colbacchini era que o decreto permitia que os imigrantes italianos escolhessem pertencer ou não a capelania recém-criada, ou seja, podiam optar de serem liderados religiosamente e moralmente por ele ou pelos párocos brasileiros. Dessa forma, o missionário italiano entendia que seu projeto de forjar a italianidade dos imigrantes por meio da catolicidade estava sendo ameaçado.

Outro ponto que reduziu o poder do religioso italiano, é que segundo o referido documento as faculdades que ele possuía como Missionário Apostólico da Propaganda Fide,

²⁸⁴ É necessário estender a todos os núcleos, ou melhor, a todos os italianos o benefício que estaria limitado a poucos. (Tradução nossa). COLBACCHINI e SPOLVERINI. Cinque anni di Missione agli Italiani nella Diocesi di S. Paolo e Paraná in Brasile, 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 158.

²⁸⁵ Qual é o italiano religioso, que não queira gozar das vantagens de pertencer a missão italiana que lhe administra todos os meios de saúde? Se neste ponto havia necessidade de restrição, devia ser assim formulada: “ – menos aqueles Italianos que declarassem querer continuar a estar sujeitos aos Párocos brasileiros”, e, talvez não teria tido um só, especialmente fora da cidade. A exceção, que talvez não existiria, recebeu mais consideração que a regra. (Tradução nossa). Idem.

adquiridas diretamente junto a Santa Sè, não valeriam mais a partir daquela data, pois seriam substituídas pelo que constava na dita portaria. Dessa maneira, o religioso de caráter ultramontano intransigente, que desejava estar submisso somente a Roma, foi colocado abaixo da autoridade do Vigário Geral Forense no Paraná. De modo que, ele não poderia mais inaugurar capelas e cemitérios, nem dispensar os jovens noivos da declaração e do pagamento da taxa de estado livre, e muito menos continuar a prestar atendimento espiritual aos brasileiros, e muitos outros atos dos quais ele se julgava no direito de fazê-lo.

O fato é, que depois da instalação da Capelania Italiana Curada, no ano de 1888, Colbacchini se indispôs ainda mais com as autoridades eclesiásticas locais, sobretudo com os padres que ocuparam o cargo de Vigário Geral Forense, pois entendia que esses últimos barravam o seu projeto. O missionário italiano várias vezes mencionou que os vigários gerais forenses do Paraná eram seus inimigos declarados, pois além de não desejarem a sua presença, também eram contrários a existência de uma capelania que separasse os italianos das paróquias brasileiras. A esse respeito, vai afirmar o seguinte sobre o padre Braga e a redação do texto da portaria de 14 de fevereiro:

È detto per primo essere stato il Vicario Gen. Foraneo quello che ha mostrato al Vescovo la convenienza e necessità di formare una Cappelania Italiana, mentre per l'opposto egli fece del suo possibile per impedir-la, e fu obbligato a rediger-la o formular-la dal Vescovo per le replicate ed urgenti istanze che io continuava a fargliene.²⁸⁶

Entendemos que, por ter sido redigida por um dos Vigários Gerais Forenses, e talvez ainda a contragosto e por insistência do missionário italiano, o referido decreto procurou fortalecer o poder da dita autoridade eclesial no Paraná, em detrimento do religioso estrangeiro. Na nossa compreensão, o que passou a existir foi uma disputa de poder entre as lideranças religiosas, mas ambas acreditavam estar colaborando com o processo de romanização proposto pela Igreja da época. Se por um lado, o missionário italiano acreditava que por meio da europeização, ou seja, da italianidade iria romanizar o catolicismo brasileiro, do outro, as autoridades eclesiásticas locais imaginavam contribuir com o processo por outro viés, o da rígida hierarquização. Cremos que essa divergência acentuou ainda mais a disputa já existente.

²⁸⁶ Foi dito antes ter sido o Vigário Geral Forense quem mostrou ao Bispo a conveniência e necessidade de formar uma Capelania Italiana, enquanto que pelo contrário ele fez o seu possível para impedi-la, e foi obrigado a redigi-la ou formulá-la pelo Bispo devido aos seguidos e insistentes pedidos que eu continuava a fazê-lo. (Tradução nossa). *Ibidem.*, pp. 157-158.

Porém, queremos destacar que um dos maiores motivos por trás dos desentendimentos era mesmo a questão econômica referente a quem ficaria com o chamado “direito de estola”.²⁸⁷ Isso porque os párocos brasileiros viam com maus olhos a vinda do clero estrangeiro, pois teriam que dividir com eles a renda que provinha das taxas recebidas pela administração dos sacramentos nas colônias.²⁸⁸

Diante dessa realidade, cremos que o clero do entorno de Curitiba pressionava o Vigário Geral Forense local, para que este afastasse Colbacchini da região, ou ao menos, diminuísse sua jurisdição, ou seja, sua área de atuação juntos dos colonos, para que conseqüentemente, esses últimos ficassem dependentes das suas paróquias. Nossa suposição é que esse foi o principal motivo de muitas colônias que possuíam imigrantes italianos terem ficado de fora da Capelania Curada organizada pelo padre João Evangelista Braga.

Por esta razão, o religioso italiano reclamava insistentemente à autoridade episcopal de São Paulo que a portaria fosse revisada, mas a resposta de Dom Lino era sempre a mesma, que tudo devia continuar como o seu representante no Paraná havia estabelecido. Sendo assim, o referido padre Braga, que em meados de 1888 se tornou secretário do bispo paulista, vai ser tachado em muitas cartas escritas por Colbacchini como seu declarado adversário, como na que escreve a Spolverini em junho de 1889:

La causa di tutti i mali, è il P. Braga che continuò sempre a calunniare la mia persona, presso il Vescovo e gli altri, ponendo in ridicolo la missione agli Italiani ecc. [...] se la S. Sede, nel modo il più energico non provvede, se al Conego Braga, non vien tolta la maschera della ipocrisia e deposto dal suo carico, e sospeso dai ministeri, come merita; se la S. Sede non mi dà facoltà speciali che possano essere riconosciute e rispettate dai Vescovi, la mia missione è qui finita.²⁸⁹

²⁸⁷ O direito de estola se referia ao sustento financeiro da paróquia confiada a cada sacerdote. A receita advinha justamente das cobranças de taxas referentes aos batismos, casamentos, pedidos de celebrações de missas para os fiéis defuntos, dizimos entre outros. SCARPIM, Fábio A. A atuação do missionário scalabriniano Pietro Colbacchini e o confronto entre catolicismo brasileiro e imigrantes no final do século XIX. In: **Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História**: lugares dos historiadores velhos problemas e novos desafios. Florianópolis: Anpuh, 2015. v. 1. p. 5.

²⁸⁸ Segundo uma estatística referente ao número de batizados, casamentos e óbitos da paróquia de Curitiba no ano de 1889, divulgada no jornal A REPUBLICA, de 03 de maio de 1890, podemos ter uma noção da porcentagem das taxas que eram provenientes da realização dos sacramentos junto aos núcleos de imigrantes italianos e poloneses instalados na região. Cerca de 25% do total, ou seja, ¼ provinha das colônias formadas por estes estrangeiros. (Ver ANEXO 5).

²⁸⁹ A causa de todo mal é o Pe. Braga que continuou sempre a caluniar a minha pessoa, perante o Bispo e os outros, pondo em ridículo a missão italiana, etc. [...] se a Santa Sé, de modo enérgico não intervém, se ao Cônego Braga, não for tirada a máscara da hipocrisia e deposto do seu cargo, e suspenso dos ministérios, como merece; se a Santa Sé não me dá faculdades especiais que possam ser reconhecidas e respeitadas pelos Bispos, a minha missão aqui acabou. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 08 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 138-139.

Notamos, que o missionário italiano acreditava que ele não tinha apoio do bispo pois era caluniado por seu secretário, o já referido pe. Braga. Tanto que recorria ao representante da Santa Sé, solicitando que ela intervisse, depondo o referido brasileiro do seu cargo e de sua função de clérigo. E, ao mesmo tempo, solicitava faculdades especiais para si que fossem reconhecidas pelos bispos.

Percebemos claramente, que na verdade Pietro Colbacchini não aceitava se submeter às autoridades eclesiásticas brasileiras e almejava estar submisso diretamente ao alto clero Romano, do qual ele se considerava um legítimo representante. Da mesma forma, o sacerdote entendia que sua missão não poderia ficar limitada espacialmente pelo decreto episcopal, tanto que fará várias visitas a São Paulo, pois pretendia organizar o atendimento religioso para os milhares de imigrantes italianos que haviam se estabelecido também naquela província. Por conta desse seu desejo, se indispôs também com o Cônego Barroso, o Vigário Geral de lá:

Credetti, non necessario, ma conveniente, presentarmi oggi a questo Vicario Gen., essendo assente e molto lontano il Vescovo. Egli mi trattò pessimamente; non volle concedermi l'esercizio di ministero per questa Prov. sotto pretesto che la mia Portaria ha valore solo per la Prov. del Paraná, e perche io gli dicea con tutto il rispetto le mie ragioni, mi disse mille impertinenze, che sono un usurpador, un especulador, un napolitano, ecc.²⁹⁰

Além da limitação espacial imposta, o que mais incomodava o religioso italiano era o fato de ser considerado pelas autoridades eclesiásticas brasileiras como um padre “napolitano”.²⁹¹ Tanto que diante de tal acusação, o mesmo se viu obrigado em responder ao Vigário Geral da Província de São Paulo de que era um digno Missionário Apostólico e Superior da Missão Italiana e que não podia permitir ser confundido com sacerdotes vindos para o Brasil somente para ganhar dinheiro.²⁹² Porém, o alto clero brasileiro entendia que os religiosos italianos, sem nenhuma exceção, ou seja, independentemente de sua origem ou congregação, deveriam se submeter as autoridades eclesiásticas locais e não diretamente à Roma. Da mesma maneira, na contramão do que desejava Colbacchini, os bispos no Brasil

²⁹⁰ Acreditava, não necessário, mas conveniente, apresentar-me hoje a este Vigário Geral, estando ausente e muito longe o Bispo. Ele me tratou pessimamente; não quis conceder-me o exercício do ministério para esta Província sob pretexto que a minha Portaria tem valor somente para a Província do Paraná, e porque eu lhe dizia com todo o respeito as minhas razões, me disse mil impertinências, que sou um usurpador, um especulador, um napolitano, etc. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 3 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 133

²⁹¹ Segundo Scarpim, havia, por parte da Igreja no Brasil, uma certa antipatia pelo clero italiano que era alimentada por conta de muitos sacerdotes oriundos do Sul da Itália, chamados indistintamente de napolitanos, que enxergavam a vinda para a América como uma oportunidade de enriquecimento, pois transgrediam o celibato e se valiam da batina somente para obter benefícios e rendas financeiras. SCARPIM, Fábio A. 2015. Op. Cit., p. 5.

²⁹² Conf. COLBACCHINI a MOLINARI, 3 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit. p. 132.

defendiam a ideia de que os imigrantes deveriam receber o mesmo tratamento que os nacionais e que teriam que se acostumar com o catolicismo brasileiro, e não o contrário.

Nessa direção, compreendemos que havia uma disputa de projetos referentes a forma de como os italianos receberiam assistência religiosa, se por meio de padres da mesma origem ou de párocos brasileiros. Consequentemente, entendemos que o forjar da identidade etnocultural desses imigrantes estava em jogo, já que muitos deles, mesmo antes de imigrar, apoiavam o seu sentimento de pertença etnocultural no seu modo de viver a catolicidade.

Já para Colbacchini, o que estava em jogo era a fé dos seus conterrâneos, tanto que, enquanto permaneceu no Paraná ele continuou os seus embates com os demais vigários gerais que para lá foram designados. Sendo assim, depois do já citado padre Braga e do seu sucessor, padre Antonio Joaquim Ribeiro, o sacerdote italiano estabeleceu uma forte discórdia com a pessoa do padre Alberto José Gonçalves. Este último, foi designado para a função de padre colado²⁹³ da Paróquia Nossa Senhora da Luz em Curitiba ainda no ano de 1888 e, em 1890 assumiu o posto de Vigário Geral Forense.²⁹⁴

No caso do pe. Alberto, além da contínua disputa de poder referente a jurisdição, ou seja, para saber quem controlava as capelas das colônias italianas da região, o embate irá se agravar ainda mais por dois motivos: primeiro, pelo fato de que o referido clérigo brasileiro mesclava sua função de sacerdote com a carreira política e, segundo, porque o mesmo tinha pretensões de ocupar o cargo de bispo da nova diocese de Curitiba que estava para se criar.

A disputa se intensificou quando, em 16 de dezembro de 1890, Dom Lino Deodato, bispo paulista, emitiu uma portaria concedendo faculdades extraordinárias a pe. Alberto. Uma das determinações concedia poderes totais ao referido Vigário Geral para que ele controlasse o atendimento religioso nas capelas estabelecidas junto aos núcleos coloniais de estrangeiros na região de Curitiba. Este documento afirmava isso por meio das seguintes palavras:

Attendendo a urgentíssima necessidade em que achão as diversas parochias do Estado do Paraná, d'esta diocese de São Paulo, onde existem nucleos coloniais com capellães curas das respectivas nacionalidades, de uma providencia energica e prompta, que determine a jurisdição parochial ou seja de taes capellães ou dos vigarios propriamente ditos, fasendo-se cessar os conflitos e acabar de vez com as dissidencias, recriminações e odiosidades que infelizmente reinam entre os referidos curas e os grupos facciosos a que se ligam, com grave escandalo dos fieis, violação da disciplina

²⁹³ Vigário colado ou padre colado foi o título de um cargo da Igreja Católica portuguesa e brasileira. Os vigários colados eram sacerdotes indicados para assumir em caráter permanente uma paróquia canônica e legalmente constituída. O cargo existiu durante o período monárquico, quando estava em vigor o sistema do padroado, em que Igreja e Estado compartilhavam responsabilidades na administração da vida religiosa e civil, e foi extinto com a proclamação da República no Brasil e depois em Portugal.

²⁹⁴ Cf. BALDIN, Marco Antônio. **O pacificador beligerante**: Alberto José Gonçalves um padre na política paranaense da 1ª República (1892-1896). Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca, 2006.

ecclesiastica e serias dificuldades para a administração diocesana. Havemos por bem de conceder ao Revdo Pe. Alberto José Gonçalves, Vigário Geral Forense do referido Estado do Paraná, por tempo de 6 meses, se antes não mandarmos o contrário, plenos poderes tanto quanto podemos delegar-lhe, afim de que faça a alludida reforma, dependente de nossa ulterior aprovação...²⁹⁵

Diante do que declarava o documento exposto, Colbacchini se via mais uma vez obrigado a se submeter a uma autoridade eclesiástica brasileira, o que lhe causava muita indignação, devido ao seu caráter de ultramontano intransigente. Nessa direção, diferentemente do que almejava por meio dessa última portaria, que era o cessar com os conflitos entre os capelães estrangeiros e os vigários locais, Dom Lino verá a disputa se acirrar ainda mais no Paraná. O sacerdote italiano irá descrever a situação ao seu colega de congregação pe. Rolleri da seguinte forma:

Ora però, no so se potrebbero continuare q. missione, perchè io stesso sto aspettando la soluzione di certi ordini dati dal Vescovo al nuovo Vicario Generale, che ora è il Paroco di Curityba, per prendere una decisione, che potrebbe essermi imposta dal dovere, ma sarebbe funestissima a questi poveri italiani. Si tratterebbe di rimettere le Colonie sotto la immediata giurisdizione e direzione dei relativi paroci, concedendosi, solo per favore, ai Cappelani delle Colonie (e s'intende inclusive polacchi e Italiani) di poter confessare e comunicare e assistere agli infermi, e battezzare e maritare solo con previa licenza scritta dei Parochi riservando a questi ultimi tutti i diritti delle tasse ecclesiastiche imposte per questi atti.²⁹⁶

Esta última carta, deixa claro mais uma vez que o interesse pelo controle do atendimento religioso nos núcleos de imigrantes estava sim relacionado ao recebimento do pagamento das taxas referentes a ministração dos sacramentos católicos. Entendemos que, por seguirem um catolicismo que considerava a prática sacramental como caminho de salvação, os colonos poloneses e italianos, eram vistos como fiéis com grande potencial em manter o sustento das paróquias. Nessa direção, pe. Alberto tinha uma forte razão para acabar com as capelarias dos estrangeiros em Curitiba, tanto que existe uma frase, que segundo Baldin é atribuída a ele: “Já

²⁹⁵ CARVALHO, Lino Deodato Rodrigues de. Portaria de Faculdades extraordinárias concedida ao Revmo. Pe. Alberto José Gonçalves, 16 de dezembro de 1890. In: Livro II de Registros da Vigararia Geral Forense, 1886 – 1890, Folha Avulsa. Arquivo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

²⁹⁶ Agora porém, não sei se poderá continuar esta missão, porque eu mesmo estou dependendo da resolução de certas ordens dadas pelo Bispo ao novo Vigário Geral, que agora é o Pároco de Curitiba, para tomar uma decisão, que poderá me ser imposta por dever, mas será funestissima a estes pobres italianos. Se trataria de colocar as Colônias sob a imediata jurisdição e direção dos respectivos párocos, concedendo-se, somente por favor, aos Capelães da Colônias (e se entende inclusos os polacos e Italianos) de poder confessar e comunicar e assistir aos enfermos, e batizar e casar somente com prévia licença escrita dos Párocos reservando a estes últimos todos os direitos às taxas eclesiásticas impostas por estes atos. (Tradução nossa). COLBACCHINI a ROLLERI, 12 de janeiro de 1991. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 296-297.

*é tempo de acabar com os europeus, todos devem tornar-se brasileiros, sob todos os aspectos. Não precisamos de padres e paróquias de outras nacionalidades”.*²⁹⁷

Acreditamos, portanto, que o plano do citado vigário geral, era ficar com todos pagamentos dos sacramentos ministrados aos imigrantes, de forma que os missionários estrangeiros que atuavam nas colônias não tivessem como se manter e se retirassem da região. Ao tratar da imposição do pe. Alberto em ficar com os lucros advindos das colônias Colbacchini irá escrever: “Vi entra in buona dose anche l’aumento che egli farebbe di rendita nella riscossione dei diritti parochiali, quasi non gli bastassero i circa 12 a 14 contos che, col suo dolce far nulla, egli guadagna annualmente dai suoi presenti parochiani”.²⁹⁸

Diante da situação, Pietro Colbacchini irá afirmar que se as capelas das colônias italianas passassem para a direção dos párocos brasileiros, a missão dele não teria como continuar. Ainda mais porque estas ficariam sob a liderança espiritual de pe. Alberto, a quem o religioso italiano classificava, não somente como um péssimo padre, mas um verdadeiro lobo no redil. Essas palavras contrárias do missionário italiano em relação ao Vigário Geral do Paraná foram várias vezes remetidas às autoridades da Igreja na Itália, sobretudo quando este manifestou o desejo de tornar-se o primeiro bispo do Paraná, o que segundo o estrangeiro arruinaria a catolicidade dos italianos ali instalados.

Como já citamos anteriormente, tal julgamento de Colbacchini se dava em partes pela forte atuação na política que o referido padre brasileiro mantinha. Sobre suas especulações políticas, diante da eleição de Generoso Marques como governador do Estado do Paraná, o italiano irá escrever ao Internúncio Spolverini:

Il. P. Alberto aderì al nuovo Governo subito dopo l’elezione del Presidente Dr. Generoso Marques, contro il quale diceva tutto il male possibile in prima, ed al quale fece poi il più lusinghiero elogio e congratulazioni nel giornale in qualità di Vicario Generale Forense. Ecco come sono gli uomini in questo paese.²⁹⁹

Portanto, além da disputa por jurisdição, o que desabonava mais ainda a pessoa do padre Alberto e o seu ministério, perante o ultramontanismo do religioso italiano era o seu

²⁹⁷ BALDIN, Marco Antônio. Op. Cit., p. 160.

²⁹⁸ Ele está considerando muito também o aumento que terá com a renda do recolhimento dos direitos paroquiais, como se não lhe bastasse os cerca de 12 a 14 contos que, com o seu fazer nada, ele ganha dos seus atuais paroquianos. (Tradução nossa). COLBACCHINI a COCCHIA, 6 de novembro de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 335.

²⁹⁹ O pe. Alberto aderiu ao novo Governo logo depois da eleição do Presidente Dr. Generoso Marques, contra quem dizia todo o mal antes, e ao qual desejou depois grande elogio e felicitações na qualidade de Vigário Geral Forense. Veja como são os homens neste país! (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 8 de setembro de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 328.

envolvimento na política. Para Colbacchini, os clérigos que participavam ativamente da política, principalmente como candidatos, estavam em desobediência com a Igreja, pois não seguiam à orientação do papa Leão XIII, que com o advento da República teria ordenado aos integrantes do clero brasileiro que não aderissem à partidos políticos.

Nessa direção, o missionário religioso sentia-se na obrigação de denunciar a conduta do brasileiro, ainda mais depois que o mesmo demonstrava interesse em ser designado bispo para a nova diocese de Curitiba. Neste contexto, irá escrever ao Cardeal Simeoni em Roma, deplorando o comportamento do então Vigário Geral do Paraná e pároco de Curitiba.

L'attual Vicario della Capitale-Curitiba che in sè aduna anche il carico di Vicario Gen. Forense, è peggio che una nullità, nel grave posto che occupa. Conta 32 anni di età. [...] È buon parlatore, ma privo di sano criterio e digiuno delle scienze teologiche. È vanitoso fino all'eccesso. Davanti a lui (cosa frequente in un brasileiro) non vi ha neppure il Papa. Egli si preconizza a tutti come il futuro vescovo del Paraná, dicendo che nessun'altro può avere le qualità che a lui danno la preferenza. È cosa questa che non può credersi da chi sa con quanta prudenza cammina la S. Sede nella nominazione dei Vescovi, e conosce solo un poco le qualità negative di questo soggetto. Però nelle difficoltà in cui deve versare la S. Sede per riuscire a creare questa nuova diocesi e darle un Pastore, potrebbe avvenire che il nome di questo Vicario (R.mo. P. Alberto Gonçalves) fosse esibito alla S. Sede non mancando egli di protezione, specialmente dal Vescovo di S. Paulo. È per questo che sento il dovere di prevenire confidenzialmente V.E. la condotta da lui tenuta nei tre anni di sua dimora in Curitiba, non fu certo tale da ispirare fiducia.³⁰⁰

Portanto, ao desqualificar a pessoa do pe. Alberto perante às autoridades eclesiásticas Romanas, Colbacchini acreditava estar fazendo um favor tanto para a Igreja, como também para os imigrantes da região de colonização italiana do Paraná, pois ambos estariam livres de que o citado clérigo se tornasse o primeiro bispo de Curitiba. Nessa direção, defendemos a ideia de que o sacerdote italiano tinha esperança que a nova autoridade episcopal a ser nomeada ficaria ao seu lado e defenderia o seu projeto para as colônias italianas, mas para isso era necessário afastar a possibilidade do seu rival ocupar o novo cargo.

A disputa entre os dois clérigos irá perdurar pelos anos seguintes sem haver uma definição. Nossa hipótese é que por questões políticas, tanto as eleições de 1892, na qual se elegeu deputado

³⁰⁰ O atual Vigário da Capital Curitiba que em si duplica também o cargo de Vigário Geral Forense é pior que nada, mesmo importante posto que ocupa. Tem 32 anos de idade. [...] É bom orador, mas privado de são critério e ignorante das ciências teológicas. É vaidoso até ao excesso. Diante dele (coisa frequente em um brasileiro) não existe nem mesmo o Papa. Ele se apresenta a todos como o futuro bispo do Paraná, dizendo que nenhum outro pode ter as qualidades que a ele dão a preferência. Isso é algo que não se pode crer a quem sabe com quanta prudência a Santa Sé trata da nomeação dos Bispos, e conhece somente um pouco as qualidades negativas deste sujeito. Porém nas dificuldades nas quais deve se encontrar a Santa Sé para conseguir criar esta nova diocese e dar-lhe um Pastor, poderia acontecer que o nome deste Vigário (Rvmo. Pe. Alberto Gonçalves) fosse exibido a Santa Sé já que a ele não falta proteção, especialmente do Bispo de São Paulo. É por isso que sinto o dever de prevenir confidencialmente Vossa Eminentíssima que a conduta tida por ele nos três anos de sua estada em Curitiba não foi por certo tal para inspirar confiança. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SIMEONI, 25 de outubro de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 330

estadual, como a eclosão da Revolução Federalista, e também o fato de Colbacchini ter adquirido certa simpatia e proteção junto aos novos governantes do Paraná, o pe. Alberto protelou a decisão de tomar a direção das capelas italianas.

Porém, no ano de 1894, podemos dizer que após diversos embates, ambos alcançaram em parte o seu objetivo de afetar o projeto alheio. A vitória do religioso italiano, e consequentemente, a derrota do vigário do Paraná, se dará pela não nomeação deste último, e sim de Dom José de Camargo Barros, como primeiro Bispo de Curitiba. Diante do fato, o missionário comunicava o seu Superior:

Dopo tanta aspettazione finalmente oggi sono venuto a sapere che il Vescovo del Paraná eletto è Mgr. Barros attualmente Parroco di Santa Ifigenia in S. Paolo. Di lui io so solamente che era in voce zelante in S. Paolo quando fui là e non dubito che abbia tutti i requisiti per ben avviare una Diocesi tanto bisognosa come questa del Paraná.

[...] Certo non ritarderà la sua andata in Roma. Se il nuovo Vescovo vorrà apprezzare i vantaggi che da questa missione Italiana ne ritarranno tante migliaia de Italiani, che senza questa resterebbero senza i mezzi della religione, e per lo stimolo del buon esempio quelli che pure i nazionali ne potranno ricavare, bisognosi come sono di imparare la pratica della religione, non può essere che non si mostri tutto propenso a noi e ci porga i mezzi morali per consolidare quello che si è fatto e stabilirlo e perpetuarlo.³⁰¹

Percebemos, que Colbacchini tinha esperança de que o novo bispo de Curitiba viesse apoiar a sua permanência como responsável pela assistência religiosa junto aos imigrantes italianos no Paraná, como também o seu projeto de romanizar o catolicismo brasileiro com a ajuda dos colonos. Enfim, o missionário acreditava que com a chegada da nova autoridade eclesial ele teria liberdade de ação na região de colonização italiana do entorno da capital paranaense.

Contudo, isso não foi possível, pois no início de 1894 o religioso scalabriniano sofreu várias ameaças e um atentado de morte que o obrigaram a abandonar, mesmo a contragosto, a sua missão junto aos italianos dos arredores de Curitiba. O motivo da saída de Pietro Colbacchini não se deu devido aos encontros com o clero local, mas sim pela proibição que o mesmo impunha aos imigrantes de origem italiana de não participar das tropas que se

³⁰¹ Depois de muita espera finalmente hoje vim a saber que o Bispo eleito para o Paraná é o Monsenhor Barros atualmente Pároco de Santa Efigênia em São Paulo. Sobre ele eu sei somente que era considerado zeloso em São Paulo quando eu estive lá e não duvido que tenha todos os requisitos para bem encaminhar uma Diocese tão necessitada como esta do Paraná. [...] Por certo não demorará a sua visita a Roma. Se o novo Bispo deseja apreciar as vantagens que por meio desta missão Italiana regeneram tanto milhares de Italianos, que sem esta ficariam sem os meios da religião, e pelo estímulo do bom exemplo aquelas que também os nacionais puderam aproveitar, necessitados como são de aprender a prática da religião, não pode ser que não se mostre todo propenso a nós e nos ofereça os meios morais para consolidar aquilo já se fez, estabeleçê-lo e perpetuá-lo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, agosto de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 374.

formavam por conta da Revolução Federalista.³⁰² Porém, essa seria uma vitória para o pe. Alberto e os párocos locais que também desejavam a direção das capelas dos núcleos de imigrantes, e por isso, há tempo queriam que o italiano deixasse a região.

Diante da perseguição que sofria, no mês de agosto daquele ano, o líder religioso dos imigrantes italianos no Paraná teve que retornar para sua terra natal. Entretanto, nossa hipótese é que o referido sacerdote não se daria por vencido, pois acreditava que sua saída da direção do atendimento espiritual dos colonos de origem italiana do entorno de Curitiba seria somente temporária e, que quando a Revolução Federalista terminasse ele poderia retornar para a região e dar continuidade ao seu projeto. Esse seu desejo fica explícito no trecho da carta a seguir:

Proprio in questo di dello Spirito Santo, ho risolto definitivamente il mio ritorno in Brasile, giacché l'ostacolo della inferma salute, almeno nella maggior parte, è tolto. Ho scritto oggi stesso al Vescovo di Curityba D. José de Barros Cardoso, offrendole, per ciò che posso a prò degli Italiani del Paraná e Sta. Caterina. Vedremo se le rivalità e gelosie del noto P. Alberto Gonzalves (che tuttora, per necessità, è tenuto nel posto di Vicario Generale in quella Diocesi) basteranno a distogliere quel buon Vescovo dall'accettare la mia offerta.³⁰³

Portanto, ao escrever para Dom José, bispo de Curitiba, Colbacchini demonstra seu imenso desejo de retornar ao comando das colônias italianas paranaenses. Mas ao mesmo tempo, afirma estar ciente que a autoridade episcopal já devia ter sido influenciada pelo seu conhecido arquirrival, o pe. Alberto, que há muito tempo o queria distante do Paraná. O que o sacerdote italiano não sabia é que desde meados de 1895, tanto o referido bispo como o citado vigário geral já haviam informado ao representante da Santa Sé, que por sua vez também investigava a atuação de Pietro Colbacchini no Brasil, que não desejavam que o mesmo retornasse para a agora Diocese de Curitiba.

A respeito do Pe Colbacchini vou dizer o que penso. Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, porque desencontramos sobre o mar. [...] Há aqui algumas igrejas e capelas que mostram que é um padre zeloso, porém segundo tenho ouvido dizer, é bastante orgulhoso e muito independente mesmo a respeito da autoridade ecclesiastica. Sei que D. Lino, o Conego Barroso, vigário geral, os Pe Braga, Ribeiro e Alberto, necessivamente Vigarios Foraneos deste Estado tiveram muitas e muitas

³⁰² O atentado que rendeu a saída de Colbacchini da missão italiana em Curitiba será melhor apresentado no tópico seguinte, onde discutiremos sua posição contrária ao envolvimento dos imigrantes italianos com os partidos políticos.

³⁰³ Exatamente neste dia do Espírito Santo, resolvi definitivamente o meu retorno para o Brasil, já que o obstáculo da enferma saúde, ao menos na maior parte, passou. Escrevi hoje mesmo para o Bispo de Curitiba D. José de Barros Cardoso (Camargo), oferecendo-lhe aquilo que posso fazer em favor dos Italianos do Paraná e de Santa Catarina. Vejamos se as rivalidades e ciúmes do conhecido pe. Alberto Gonçalves (que ainda, por necessidade, foi mantido no cargo de Vigário Geral naquela Diocese) bastarão para atrapalhar o bom Bispo de aceitar a minha oferta. (Tradução nossa). COLBACCHINI a CAVAGNIS, junho de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 451.

contrariedades com o procedimento delle. [...] Por minha parte, francamente digo apreciarei muito que ele não volte. + José Bispo de Curitiba.³⁰⁴

Nesta carta, o bispo de Curitiba declara que não gostaria que o missionário scalabriniano retornasse para sua diocese. Afirma que um dos motivos para expressar seu desejo era a fama de independência, ou seja, de insubmissão do religioso italiano. Nessa direção, afirma que as autoridades eclesiásticas da região, citando o nome das que se relacionaram com ele, tiveram muitas desavenças devido ao seu mal procedimento. Da mesma forma, ao escrever para o representante da Santa Sé, o pe. Alberto irá se posicionar contrário ao retorno do sacerdote:

O Pe. Pedro Colbachini ...; fez diversas capelas e era sollicito no trabalho em bem das almas, mas por causa do seu gênio inacessível e summamente orgulhoso, ocupando-se demasiadamente de sua pessoa tornou-se incompatível com quase todas as colônias e também com muitos nacionais. Como autoridade de usar com sua pessoa de certas asperesas por causa de sua linguagem demais altiva e arrogando-se sempre uma autoridade que não tinha. ... posso acrescentar que os colonos absolutamente não desejam o regresso dele.³⁰⁵

Por sua vez, o vigário geral que sempre foi contrário a presença de Colbacchini na região de Curitiba, usou como estratégia para afastar de vez o padre italiano a afirmação de que os colonos também não desejavam mais o seu retorno. Sendo assim, o missionário scalabriniano foi impedido de voltar ao comando da direção religiosa dos imigrantes italianos do Paraná. E ao retornar para o Brasil em 1896, dirigiu-se para a região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. Porém, mesmo distante o sacerdote procurará controlar a atuação dos padres que irão substituí-lo no atendimento espiritual dos colonos de origem italiana fixados no entorno da capital paranaense.

Cremos, ter evidenciado, por meio da exposição das fontes, o embate vivido por Pietro Colbacchini contra o modelo de catolicismo brasileiro e, sobretudo, com as suas autoridades eclesiásticas. Percebemos, através dessa análise que a concepção de catolicismo que havia no Brasil, mesmo tentando se adequar às novas diretrizes Romanas, chocava-se com os interesses do missionário italiano. Este último, que desejava estar em total consonância com a Santa Sé, acreditava que devia propagar o seu modelo de catolicismo a todos imigrantes italianos, como também a população autóctone, não se conformando que os seus conterrâneos fossem dirigidos pelo clero nacional.

³⁰⁴ Carta de Dom José de Camargo Barros ao Internúncio Apostólico Monsenhor Gotti. Curitiba, 29 de março de 1895. *Archivio Segreto Vaticano*, 77, Fasc. 374, pp. 157-158, Lettera 27.

³⁰⁵ Carta de Pe. Alberto José Gonçalves ao Internúncio Apostólico Monsenhor Gotti. Curitiba, 06 de abril de 1895. *Archivio Segreto Vaticano*, 77, Fasc. 374, p. 150, Lettera 26.

Já o episcopado brasileiro almejava aderir a romanização impondo uma rígida hierarquização e, para que isso se concretizasse acreditava que era preciso acabar com a independência das capelanias criadas para o atendimento dos imigrantes, deixando o clero estrangeiro submisso as paróquias locais. Percebemos que, no caso estudado, o projeto de catolicismo brasileiro tirou vantagem apenas aparentemente, pois acreditamos que no tempo que esteve na região de Curitiba, cerca de 8 anos, Colbacchini conseguiu imprimir nas colônias italianas o modelo de catolicismo romanizado que ele defendia.

Da mesma forma, a vinda de inúmeros outros sacerdotes italianos para atender os imigrantes da referida origem fixados no entorno da capital paranaense, pertencentes a outras congregações que também apoiavam a vivência sacramental como forma de expressão da catolicidade, deram continuidade ao projeto iniciado pelo padre cujo o discurso estamos analisando aqui. Cremos, que nesse sentido, a presença do clero italiano, sobretudo, depois da passagem de Colbacchini, e o seu forte confronto com o modelo de catolicismo brasileiro, deixou uma marca identitária em boa parte dos imigrantes por ele assistidos, como também nas comunidades católicas das ex-colônias italianas da região de Curitiba que por ele foram atendidas.

3.3 A luta contra os inimigos da catolicidade imigrante

Pretendemos apresentar aqui, no terceiro tópico deste capítulo, as críticas de Pietro Colbacchini às situações que ele considerava prejudiciais à manutenção do modelo de italianidade que o mesmo propagava e visava manter por meio da religiosidade católica. Da mesma maneira, queremos evidenciar os embates do referido padre contra as práticas dos imigrantes consideradas como imorais, e que na visão dele se constituíam como verdadeiras inimigas da identidade italiana apoiada na representação de bom católico, obediente e praticante.

Nessa direção, vamos evidenciar a rigidez com que o religioso exercia seu governo pastoral na intenção de forjar a identidade etnocultural dos imigrantes italianos por meio dos bons costumes e do regramento imposto pela prática da religião. Da mesma forma, temos a intenção de perceber algumas das resistências que existiram ao seu discurso por parte dos colonos fixados na região de colonização italiana do Paraná.

Segundo o sacerdote, entre os inimigos do modelo de italianidade ligado à catolicidade estavam os fazendeiros, a maçonaria, os partidos políticos, o protestantismo, o patriotismo

exacerbado, os padres napolitanos, a prática da blasfêmia, o ambiente urbano, a bebedeira, os bailes e as festas e, o frequentar as *vendas*.

Ao chegar ao Brasil e se instalar primeiramente junto às colônias das fazendas de café na província de São Paulo em 1885, Colbacchini identificou uma forte oposição dos latifundiários à sua atuação religiosa. Diante do fato, o missionário passou a encarar os fazendeiros como inimigos do modelo de religião católica que ele pretendia ofertar aos imigrantes. Neste sentido, escreve a um de seus colegas, o padre Mantese, fazendo a seguinte declaração:

Per le colonie di fuori (che tutte visitava di tre in tre mesi) meno in due i cui proprietari avevano gusto della mia opera, dovea fare il bene per forza. Era, il mio, uno stato precario che non potea continuare. Non potea costituire una vera missione adatta ai bisogni di tanta gente, perché dovea stare al capriccio di Padroni i quali non aveano la maggior parte altra religione da quella del denaro. Essi amavano che i loro coloni fossero religiosi perché non rubassero, del resto vedevano a malincuore il poco tempo che perdevano al lavoro per andare alla Chiesa.³⁰⁶

Portanto, o missionário declarava que ao tentar realizar sua missão entre os imigrantes italianos instalados nas fazendas de café teve grande dificuldade, pois não contava com o apoio da maioria dos fazendeiros. Segundo o mesmo, esses últimos não gostavam que os colonos deixassem de trabalhar para se dedicar às atividades religiosas, por isso viam com reprovação a presença do sacerdote nas fazendas. Também entendemos, que a crítica de Colbacchini deve-se ao fato de que nessa situação ele ficaria dependente da autoridade do fazendeiro, ou seja, disputaria com esse o controle dos imigrantes, de modo que a propagação de seu discurso ficava então comprometida.

Outra forte crítica, que o religioso fez aos proprietários das fazendas, foi em relação às “*vendas*”, as casas de comércio, instaladas em suas propriedades. Segundo ele, esses estabelecimentos levavam os colonos ao endividamento, e conseqüentemente, os deixavam privados de liberdade, pois eram impedidos de deixar aquela propriedade enquanto não pagassem o que deviam. Essa situação foi denunciada pelo referido padre em 1895, ao escrever seu relatório sobre as condições da imigração italiana no Brasil.

³⁰⁶ Nas colônias de fora (todas que eu visitava de três em três meses) menos duas cujos proprietários gostavam da minha obra, precisava fazer o bem por força. Era, o meu, um estado precário que não podia continuar. Não podia constituir uma verdadeira missão voltada para as necessidades de tanta gente, porque dependia do capricho dos Patrões os quais não tinham, a maior parte, outra religião do que aquela do dinheiro. Esses amavam que os seus colonos fossem religiosos para que não roubassem, de resto viam de malgrado o pouco tempo que faltavam ao trabalho para ir à Igreja. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887. In: TERRAGNI, Op. Cit., p. 23.

Queste *vendas* sono un vero tranello per gli inesperti coloni e offrono ai loro proprietari, che sono spesso gli stessi *fazendeiros* occasione a lauti guadagni. I poveri coloni, a cui non par vero questa libertà di provvedersi di ogni cosa bisognevole, non giungendo a prevedere le conseguenze dannose della troppa facilità di comperare senz'obbligo di pronto pagamento, non contenti di ciò che strettamente loro abbisogna, si provvedono anche del superfluo gravando così, senza saperlo, la loro partita per modo che il pattuito salario di alcuni anni appena basterà a soddisfare poi il debito.³⁰⁷

Esta situação de endividamento, que acarretava a dependência dos colonos para com o fazendeiro, levou o missionário italiano a concluir que eles viviam numa espécie de escravidão:

Sono tali le arti usate da certi *fazendeiros* per obbligare i coloni a non disertare dalle loro terre ed allogarsi con altri patroni, e molto più per rendere loro impossibile di rimpatriare, che dimostrano come veramente i nostri emigrati sieno ivi soggetti ad una specie di schiavitù. In non poche *fazendas* i coloni, come gli antichi schiavi che sono venuti a sostituire, non possono mai uscire dai possedimenti del padroni. Non si permettono visite di parenti od amici, dimoranti in altre *fazendas*, proibito di portarsi alla Chiesa, anche nei giorni di festa, per non trovarsi a contatto coi loro connazionali, e perfino sovergliata la loro corrispondenza postale, e tradito il segreto.³⁰⁸

Entendemos que esse contexto, sobretudo, o impedimento de oferecer assistência religiosa de modo intenso e regular, foi também um forte motivo que levou Colbacchini a preferir o Paraná como área de atuação. Da mesma maneira, os fatores expostos fizeram com que o mesmo sugerisse às autoridades italianas que a emigração devia ser destinada para os estados meridionais do Brasil: “io limiterei la emigrazione italiana agli Stati del Paraná e di Rio Grande do Sul, e in parte a quello di S. Caterina”.³⁰⁹ Porém, dos três, o mais indicado pelo religioso era o território paranaense, citando em seus relatórios até mesmo descrições do viajante Saint-Hytaire, que classificou o Paraná como “il paradiso del Brasile”.³¹⁰

³⁰⁷ Essas vendas são uma verdadeira armadilha para os inexperientes colonos e oferecem aos seus proprietários, que são frequentemente os próprios fazendeiros ocasião de enormes lucros. Os pobres colonos, a quem parece mentira a possibilidade de adquirir tudo quanto precisam, não prevendo as consequências danosas da grande facilidade de comprar sem a obrigação do pagamento imediato, não contentes com aquilo que realmente é necessário, adquirem também o supérfluo impedindo assim, sem saber, a sua partida pelo fato de que o salário referente a alguns anos apenas bastará para pagar a dívida. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. *Intorno alle condizioni presenti dell'emigrazione italiana negli Stati Uniti del Brasile*, 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 589.

³⁰⁸ São tais as artes usadas por certos fazendeiros para obrigar os colonos a não desertar de suas terras e serem contratados por outros patrões, e muito mais para tornar impossível a eles o repatriar, que demonstram como verdadeiramente os nossos emigrados estão ali sujeitos a uma espécie de escravidão. Em não poucas fazendas os colonos, como os antigos escravos que vieram substituir, não podem nunca sair das propriedades do patrão. Não se permitem visitas de parentes ou amigos, moradores de outras fazendas, é proibido ir à Igreja, também nos dias de festa, para não fazer contato com os compatriotas, e por fim são vigiadas as suas correspondências postais, e impedido o segredo. (Tradução nossa). *Ibidem.*, p. 590.

³⁰⁹ Eu limitaria a emigração italiana para os Estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, e em parte aquele de Santa Catarina. (Tradução nossa). *Ibidem.*, p. 603.

³¹⁰ Paraíso do Brasil. *Ibidem.*, p. 605.

Contudo, em terras paranaenses, mesmo estando livre dos obstáculos impostos pelos fazendeiros paulistas para realizar sua missão junto dos imigrantes italianos, o missionário encontraria outros inimigos que dificultariam a implantação de uma italianidade pautada na catolicidade. Na compreensão do sacerdote um desses adversários seria a forte presença da maçonaria. Nessa direção, em 10 de Maio de 1888, Colbacchini vai escrever ao seu recém-chegado colaborador, o padre Francisco Bonato³¹¹, o seguinte:

Voi dite che Corityba non è una Zurigo protestante, ed io vi so dire che è molto peggio; è una Ninive atea e pagana. A Zurigo, la educazione del popolo, fa che sieno rispettate le opinioni; qui la ignoranza e la massoneria credono di aver diritto di ridersi di tutto e di tutti. Alla vs. presenza non si dirà niente né si mostrerà segno di disprezzo, ma poi nei circoli e nei negozii si trae pretesto per metere in ridicolo il nostro ministero.³¹²

Atea e pagã, cheia de ignorância e maçonaria, assim Curitiba era descrita pelo religioso italiano ao seu colega com a intenção de convencê-lo a se afastar do centro urbano da capital paranaense e se ocupar somente de suas obrigações junto dos colonos fixados na área rural. Na verdade, Colbacchini considerava que os habitantes do meio urbano, tanto os brasileiros como os italianos liberais aí instalados, eram uma péssima influência para os indivíduos de origem italiana, inclusive para o referido padre Bonato, pois, acreditava que muitos deles eram maçons, e conseqüentemente, anticlericais.

Por essa razão, sempre que sofria alguma perseguição, por parte dos imigrantes que faziam oposição a sua atuação e a sua concepção de italianidade, o missionário scalabriniano associava este comportamento com o suposto envolvimento com a maçonaria. Isto fica evidente na carta enviada ao seu superior em 11 de janeiro de 1889:

L'agitazione è tanto grande che la mia prudenza ed il mio sopravento, quasi non bastano a frenare per impedire disordini, che sarebbero fatali per questa missione. Le autorità promettono, ma si mostrano fiacche; sono sotto l'incubo della Massoneria che è quella che governa in questi paesi. Molti degli avversari, si gloriano dell'onorifico titolo di massoni. Sono della lega "Giuseppe Garibaldi", e non mi possono perdonare

³¹¹ Padre Francisco Bonato, natural de Valstagna – Vêneto, chegou ao Paraná no início de 1888. Veio por influência de sua irmã que havia imigrado anos antes e estava instalada na colônia do Água Verde. Foi acolhido por Colbacchini como seu ajudante, tornando-se capelão das colônias italianas de Campo Largo, onde no mesmo ano se instalou sua família, recém-chegada da Itália, o que será motivo de crítica por parte do missionário scalabriniano. Cf. GABARDO, Diego e MACHIOSKI, Fábio L. El Pretin Gobeto: A história de Pe. Francisco Bonato, primeiro pároco de Colombo. In: MASCHIO, Elaine C. F. (Org.). Op. Cit. pp. 79-103.

³¹² Você diz que Curitiba não é uma Zurich protestante, eu sei te dizer que é muito pior; é uma Nínive atea e pagã. Em Zurich, a educação do povo que sejam respeitadas as opiniões; aqui a ignorância e a maçonaria creem ter direito de rir de tudo e de todos. Em sua presença não se dirá nada, nem se mostrará sinal de desprezo, mas depois nos grupos e nos negócios usam de qualquer pretexto para expor ao ridículo o nosso ministério. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 10 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 55.

l'insuccesso per loro avuto della erezione di una casa scuola che intendevano fare per rovinare la gioventù italiana.³¹³

Portanto, ao descrever sobre a perseguição que sofria por parte dos italianos liberais instalados no meio urbano de Curitiba e que eram ligados à Sociedade Giuseppe Garibaldi, Pietro Colbacchini irá enfatizar que isso se dava, pois, os mesmos estavam à serviço da maçonaria. Nesse sentido, o referido padre procurará manter seu ajudante, Francisco Bonato, afastado dos imigrantes de origem italiana que habitavam o centro da cidade. Este último, por sua vez, fazia resistência à ordem imposta e não via nenhum problema em manter amizades e relacionar-se com os conterrâneos fixados no meio urbano, e por isso será muitas vezes repreendido pelo diretor da missão italiana.

Siete stato visto da Mattana a bere con lui ed assistire al di lui sporquiloquio (sic). Questo fatto è un codicillo ed una conferma della accusa che il Pe. Alberto vi fece presso al P. Polacco di Campo Comprido, qualificandovi *um padrinho a toa que bebe e brinca com os seus italianos (de màa vida) nas tavernas escandolezando a todos!* Sono queste le parole che di voi mi vennero riferite, con vostro e mio grande dolore. Quello che mi spiace è che non sono calunie, perché di ciò ne avete dato motivo tante volte, ad onta della proibizione che avevate di portarvi in città, e specialmente di tenervi in relazione com quell'empio che chiamate vostro amico.³¹⁴

Percebemos, que Colbacchini, havia proibido seu colaborador de se dirigir à cidade, para que esse não mantivesse contato com os italianos liberais. Porém, pe. Bonato continuou a visitar periodicamente o centro urbano de Curitiba, inclusive frequentando várias vezes o estabelecimento de Baldassare Mattana³¹⁵, e conservando uma estreita relação de amizade com o citado imigrante, pois ambos eram oriundos da mesma cidade vêneta, a comuna de Valstagna na Província de Vicenza.³¹⁶

³¹³ A agitação é muito grande que a minha prudência e a minha posição, quase não bastam para frear e impedir desordens, que seriam fatais para esta missão. As autoridades prometem, mas se mostram fracas; estão sob pressão da maçonaria que é quem governa nesse lugar. Muitos dos adversários, se gloriam do honorífico título de maçons. São eles do grupo “Giuseppe Garibaldi”, que não podem me perdoar do insucesso por eles obtido na ereção de uma casa escolar que pretendiam fazer para arruinar a juventude italiana. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de janeiro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 101.

³¹⁴ Foste visto com Mattana a beber com ele e assistir ao seu mal comportamento. Este fato é a prova e a confirmação da acusação que Pe. Alberto vos fez junto ao Pe. Polaco de Campo Comprido, classificando-o como um padrinho à toa que bebe e brinca com os seus italianos de má vida nas tavernas escandalizando a todos! São estas as palavras que sobre vós me foram referidas, para vossa e minha grande dor. Aquilo que mais me desagrada é que não são calúnias, porque para isso deste motivo tantas vezes, contrariando a proibição que tinhas de dirigir-se a cidade, e especialmente de manter contato com aquele ímpio que chamas de vosso amigo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 13 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 56.

³¹⁵ Segundo notícia do jornal GAZETA PARANAENSE de 13 de janeiro de 1887, o imigrante italiano Baldassare Mattana possuía uma casa de comércio situada na esquina da Rua São Francisco e a travessa do Rosário.

³¹⁶ A cidade de origem do imigrante Baldassare Mattana pode ser confirmada por meio da lista de matrícula dos membros da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi a que tivemos acesso (ver ANEXO 3).

Acreditamos, que a proibição do diretor da missão italiana se dava pelo fato do referido imigrante possuir uma *venda*, onde eram comercializadas bebidas e haviam jogos, mas sobretudo porque Mattana era um dos membros da Sociedade Giuseppe Garibaldi, que conforme notícia veiculada em um jornal da época chegou a ocupar o cargo de vice-presidente da referida associação étnica no ano de 1894.³¹⁷

Diante da desobediência, o superior da missão passou a fazer constantes repreensões à Bonato, sobretudo, ameaçando impedir sua atuação junto dos colonos italianos da região, pois, o mesmo não poderia, devido seu mal comportamento, fazer parte da Congregação Scalabriniana: “Se volete appartenere alla Congregazione, dovete rassegnarsi a non por più piede nella città di Corityba, a meno che il Superiore non vel permetta”.³¹⁸

Nesse sentido, Colbacchini se opôs a entrada de padre Francisco Bonato na ordem dos padres scalabrinianos, escrevendo várias vezes ao próprio Scalabrini, a fim de convencê-lo que o referido clérigo não estava apto, devido a sua desobediência e ao seu apego familiar, a fazer parte do instituto religioso fundado por ele.

Quanto a D. Franc. Bonato, ad onta del desiderio di V. Eccell. Rma e mio, non si può ricevere (almeno per ora) nella Congregazione, stante l'attaccamento che ha per parenti e l'impegno che si prende per i loro temporale. Mi fece una dichiarazione la più esplicita, in una ultima sua lettera, di voler pure sottometersi alla mia direzione per ciò che riguarda (come egli scrive) allo spirituale ed al morale, ma che, per altre cose, egli intende fare da sè. Per questo e per altri segni che m'a dato, posso arguire che della vita religiosa non ha ancora appreso l'abici, perciò non è prudente né del nostro interesse, aggregarlo (almeno per ora) all'Istituto.³¹⁹

Fica evidente, que o missionário italiano, cujo discurso estamos investigando, pretendia dirigir todos os aspectos da vida dos religiosos que se dispusessem a fazer parte da missão da qual ele estava à frente, inclusive ditar quais os grupos e ambientes sociais que podiam ser frequentados. Por isso, mesmo o padre Bonato declarando que pretendia estar submisso a sua direção no que dizia respeito ao espiritual e a moral, Colbacchini considerava que o referido clérigo não estava apto a entrar na Congregação Scalabriniana.

³¹⁷ A REPUBLICA. Curitiba, 1 de agosto de 1894.

³¹⁸ Se quieres pertencer a Congregação, debes resignar-se a não mais colocar os pés na cidade de Curitiba, a menos que o Superior vos permita. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 25 de maio de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 59.

³¹⁹ Quanto ao padre Francisco Bonato, contrariando o desejo de Vossa Excelência Reverendíssima e meu, não se pode receber (ao menos neste momento) na Congregação, devido ao apego que tem pelos parentes e ao empenho com que se dedica as coisas temporais. Me fez uma declaração a mais explícita, em sua última carta, de querer sim submeter-se a minha direção naquilo que se refere (como ele escreve) ao espiritual e à moral, mas que, para outras coisas, ele entende que deve decidir sozinho. Por isso e por outros sinais que me deu, posso afirmar que para a vida religiosa não adquiriu ainda os hábitos, por isso não é prudente nem do nosso interesse, agregá-lo (neste momento) ao Instituto. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de agosto de 1888. TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 69.

Entendemos, por meio desta afirmação, que o diretor da missão italiana no Paraná tinha a intenção de moldar também o comportamento sociocultural dos padres que viessem a trabalhar com ele, pois na sua concepção, os clérigos deviam ser os primeiros a viver a moral católica a fim de dar exemplo aos demais imigrantes instalados na região de Curitiba. Sendo assim, se dependesse de Pietro Colbacchini muitos outros sacerdotes também não tomariam parte da sua missão e nem da congregação fundada pelo bispo Giovanni Battista Scalabrini, sobretudo, os chamados napolitanos, ou seja, aqueles provenientes do sul da Itália, não deviam ser aceitos na referida ordem religiosa. Sobre esta questão ele escreve já em uma de suas primeiras cartas destinadas ao superior em Piacenza:

Per provvedere ai bisogni dei nostri Italiani dell'America, non ci vuol meno di una Cong.ne di Missionari, e la inibizione assoluta che altri Sacerdoti Italiani, specie napoletani, abbiano ad introddursi in mezzo a questo gregge dove ora fanno (eccetto pochi) più da lupi che da pastori.³²⁰

Além dos padres napolitanos, Colbacchini era também contrário à entrada, no novo instituto religioso ao qual passou a pertencer, de padres muito jovens ou que tivessem prestado serviço militar.³²¹ Este fato demonstra claramente, como ele tentava impor sua compreensão ultramontana na recém-criada ordem scalabriniana. Porém, o fundador da congregação, Monsenhor Scalabrini era portador de uma visão mais conciliadora, caracterizada como transigente em relação ao que defendia o ultramontanismo da época, tanto que aceitava também sacerdotes “napolitanos” como seus religiosos, como foi o caso de Pe. Giuseppe Venditti enviado para o Brasil no início da missão junto dos imigrantes italianos no Espírito Santo.³²²

Para o missionário que atuava no Paraná esse era um dos grandes erros cometido pelo fundador dos scalabrinianos, que na sua opinião devia buscar sacerdotes para suas fileiras nas regiões setentrionais da Itália, sobretudo, no Vêneto, como defende no trecho de carta a seguir enviado ao seu superior em abril de 1889: “... si che i Sacerdoti veneti dovrebbero meglio degli altri prevedere i bisogni in cui devono trovarsi migliaia de persone che di là vennero a popolare questi paesi.”³²³

³²⁰ Para prover as necessidades dos nossos Italianos na América, não precisa menos que uma Congregação de Missionários, e a inibição absoluta que outros Sacerdotes Italianos, especialmente napolitanos, venham se introduzir no meio desse rebanho onde até agora se comportam (exceto poucos) mais como lobos do que como pastores. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de dezembro de 1887. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 39.

³²¹ COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de dezembro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 89.

³²² Cf. SIGNOR, Lincea M. **João Batista Scalabrini e a migração italiana**. Porto Alegre: Pallotti, 1986; e RIZZARDO, Redovino. **Raízes de um povo**. Porto Alegre: EST, 1990.

³²³ Sim que os Sacerdotes venetos deveriam melhor que os outros prover as necessidades nas quais devem se encontrar milhares de pessoas que de lá vieram para povoar estas regiões. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de abril de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 116.

Para Colbacchini, a atitude de Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini de aceitar padres oriundos das regiões meridionais italianas, assim como outras ações consideradas menos intransigentes e liberais, afastavam os bons clérigos vênnetos de conotação ultramontana de sua ordem religiosa. Nessa direção, escreve ao seu colega Pe. Rolleri afirmando: “Io sapeva che il Clero, specialmente Veneto, non prenderebbe parte nella ns. Cong.ne. Corre voce colà che la Istituzione di Mr. Scalabrini abbia odore di liberalismo, da che fuggono come il diavolo dall’acqua santa, i sacerdote veneti”.³²⁴

Sendo assim, enquanto esteve à frente da missão scalabriniana no Paraná, Pietro Colbacchini não aceitou padres oriundos do sul da Itália como seus coadjuvantes. Em 1889, quando a congregação lhe ofertou a ajuda de um sacerdote originário da Comune de Bovino, localizada na Província de Foggia na Região italiana da Puglia, o mesmo afirmou categoricamente: “Quanto a me, quello di Bovino, non lo accetterei, solo per il peccato originale che porta”.³²⁵

Portanto, para Colbacchini os padres napolitanos se igualavam aos clérigos brasileiros, e da mesma maneira representavam uma ameaça ao seu projeto de manutenção da italianidade por meio da vivência radical dos bons costumes e da moral católica. Por essa razão, o missionário irá combater e denunciar o mal comportamento desses sacerdotes que também se fizeram presentes na região de colonização italiana do Paraná, como foi o caso do pe. Domenico Piacenti, que foi pároco de São José dos Pinhais, sobre o qual escreveu ao Internúncio Spolverini em novembro de 1890:

Un certo Sacerdote – D. Domenico Piacenti (napolitano!) – venne qui da 5 mesi in qualità di Coadiutore del Vigarìo di Curitiba, ma in attesa di una Parrocchia. Egli stesso mi disse... Che la sua famiglia aveva debiti a pagare e che per questo ritornò in Brasile al fine di ottenere una parrocchia *rendosa*... La ottenne, infatti, ed una importantissima e sommamente bisognosa di buon Pastore. Appena entrato in Parrocchia per avidità di denaro pose l’anarchia, ossia tentò di porla, nelle tre Colonie Italiane appartenenti alla sua Parrocchia che insieme ad altre, di altre parrocchie, costituiscono la parrocchia italiana a me affidata. Egli pubblicò dall’altare che egli era paroco anche degli italiani, che il P. Colbacchini non avea più che fare con loro, e giunse a dire che i matrimoni da me fatti, sono nulli.³²⁶

³²⁴ Eu sabia que o Clero, especialmente Veneto, não tomaria parte na nossa Congregação. Corre boato lá que a Instituição de Monsenhor Scalabrini tem odor de liberalismo, do que fogem como o diabo da água benta, os sacerdotes venetos. (Tradução nossa). COLBACCHINI a ROLLERI, 15 de julho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 202.

³²⁵ Quanto a mim, aquele de Bovino, não o aceitarei, somente pelo pecado original que carrega. (Tradução nossa). COLBACCHINI a ROLLERI, 06 de março de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 110.

³²⁶ Um certo Sacerdote – Pe. Domenico Piacenti (napolitano!) – veio pra cá faz 5 meses na qualidade de Coadjutor do Vigarìo de Curitiba, mas na espera de uma Paróquia. Ele me mesmo me disse... Que a sua família tinha dívidas a pagar e que por isso retornou ao Brasil a fim de obter uma paróquia lucrativa... A obteve de fato, e uma importantíssima e muito necessitada de bom Pastor. Apenas chegado na Paróquia, por cobiça de dinheiro impôs a anarquia, o seja, tentou implantá-la, nas três Colônias Italianas pertencentes a sua Paróquia que junto a outras, de

Percebemos, por meio do exemplo exposto, que além da imagem moral dos sacerdotes italianos, a disputa com os padres chamados de napolitanos, assim como aquela que se dava com o clero brasileiro, também dizia respeito a questão da jurisdição, ou seja, quem ficaria responsável pelos imigrantes, e conseqüentemente, receberia deles as taxas referentes aos pagamentos pela ministração dos sacramentos. Da mesma forma, o missionário scalabriniano entendia que os referidos clérigos provenientes do sul da Itália, assim como os sacerdotes brasileiros, só estavam preocupados com a renda paroquial e deixavam de lado a assistência espiritual e as correções morais, sendo assim, os considerava como verdadeiros inimigos para a manutenção da catolicidade imigrante.

Além da forte oposição da entrada de padres napolitanos na Congregação Scalabriniana, Colbacchini também divergia em outros aspectos com o seu Superior. Segundo Azzi, a intransigência deste último não se coadunava com a mentalidade de Scalabrini, que por sua vez, pretendia restabelecer uma aliança entre os italianos patriotas e a fé católica através do equilíbrio entre ambas. Já, na concepção do primeiro, os patriotas italianos deveriam se submeter às diretrizes da Igreja, ou seja, a catolicidade deveria se sobrepôr a pátria e não se submeter a ela.³²⁷

Nesse sentido, o sacerdote scalabriniano irá defender a ideia de que os imigrantes deveriam conservar o amor pátrio por meio do bom comportamento e da prática da religião, e não através de um patriotismo exagerado. Sobre essa questão, afirmou categoricamente ao seu superior que “coltivare l’amor patrio italiano, diventare oltre che pericoloso, ridicolo per questa gente fuggita dalla sua terra per estrema miseria e per disgusti della persecuzione che il ns. Governo fa alla religione che professano.”³²⁸

Nesta última declaração, notamos claramente um forte ressentimento do religioso em relação ao governo italiano, considerado por ele como inimigo da religião daqueles que foram, também por esse motivo, obrigados a emigrar para manter a sua fé. Nessa direção, entendemos que Colbacchini irá incentivar os imigrantes italianos a preservar em primeiro lugar a catolicidade, e só depois, ainda como consequência desta primeira atitude, e sem fanatismo, o amor à pátria de origem. Sendo assim, ao escrever para os colonos vai declarar o seguinte:

outras paróquias, constituem a paróquia italiana a mim confiada. Ele anunciou no altar que ele era pároco também dos italianos, que o Pe. Colbacchini não tinha mais nada a ver com eles, e acrescentou que os matrimônios feitos por mim são nulos. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 7 de novembro de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 291.

³²⁷ AZZI, Rioldo. In: DE BONI, Luiz A (Org.). Op. Cit., p. 76.

³²⁸ Cultivar o amor pátrio italiano, seria além de perigoso, ridículo para esta gente fugida de sua terra por causa da extrema miséria e por desgosto devido a perseguição que o nosso Governo faz a religião que professam. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 22 maio de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 130.

Anch'io vi insegno di amare la patria, e preferire ad ogni altra la nazione in cui siete nati, ma non giungerò mai ad imponi come dovere che alla patria vostra abbiate a sacrificare i vostri temporali vantaggi e meno poi l'interessi supremi delle vostre anime. Anche restandovi nell'America voi potete e dovete favorire la vostra patria, e darle lustro o vantaggio, col farla stimare a mezzo dei vostri santi costumi, della vostra vita intemerata, della vostra sagace attività, e collo scambio del vostro commercio.³²⁹

Percebemos, portanto, que o missionário italiano defendia que o amor à pátria de origem devia sim ser mantido pelos imigrantes, porém, não por meio de um patriotismo de cunho nacionalista e exacerbado, mas sim pelo bom exemplo dado pela prática da religião, da moralidade e da dedicação ao trabalho. É nítido, nessa última exposição, que o sacerdote através do seu discurso contribuiu para a propagação da ideia clássica propagada pelos membros da instituição católica de que os imigrantes italianos se caracterizavam como exemplo de bons católicos morigerados e laboriosos.

Nessa direção, outra preocupação de Colbacchini, desde que chegou ao Paraná, foi afastar os colonos de origem italiana do protestantismo, a fim de manter a catolicidade como principal marca deste grupo étnico. Esta última questão é apontada por ele em uma de suas primeiras cartas dirigidas ao pe. Mantese:

Ora sono 10 ore di notte e continuo fino alla fine, dovendo domani mettermi in viaggio per una Colonia di Tirolesi distante tre giornate di cavallo, che non ho ancora visitato. Mi dicono che un ministro protestante fu a tentare quella Colonia stabilita da 13 anni e che mai vidde un missionário, e che non pochi deficiarono della fede. Il luogo chiamasi Sanghy. Andrò ed il Signore e la Vergine SS. mi ajuteranno.³³⁰

Portanto, a passagem de um ministro protestante na Colônia do Assungui³³¹ é relatada como algo perigoso pelo referido sacerdote, pois o evento podia induzir aos colonos de origem italiana a abandonar a fé católica trazida pelo grupo étnico no momento da emigração. Entendemos, que o padre italiano considerava a situação perigosa para a manutenção da

³²⁹ Também eu vos ensino a amar a pátria, e preferir entre todas as outras a nação na qual nasceram, mas nunca chegarei a impor como dever que pela pátria vossa tenham que sacrificar as vossas vantagens temporais e menos ainda os interesses supremos de vossas almas. Também permanecendo na América vós podeis e deveis favorecer a vossa pátria, e dar-lhe brilho ou vantagem, fazendo-a estimada por meio dos vossos santos costumes, da vossa vida imaculada, do vosso trabalho sagaz, e com o intercâmbio de vossos negócios. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. Guida spirituale per l'emigrato nell'America, 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., 658.

³³⁰ Agora são 10 horas da noite e continuo até o fim, tendo amanhã que me colocar em viagem para uma Colônia de Tiroleses distante três jornadas a cavalo, que ainda não visitei. Me dizem que um ministro protestante foi tentar aquela Colônia fundada a 13 anos e que nunca viu um missionário, e que não poucos perderam a fé. O lugar se chama Assungui. Irei e o Senhor e a Virgem Santíssima me ajudarão. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1886. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 27-28.

³³¹ Esta colônia mista, formada por imigrantes europeus e posteriormente famílias brasileiras, foi fundada no ano de 1860, e não em 1873, conforme afirma Colbachini. Cremos que a referência a esta última data se refira a chegada dos indivíduos oriundos da península italiana ao núcleo colonial, os citados tirolezes.

catolicidade dos seus conterrâneos devido à característica mista daquele núcleo, que contava com imigrantes alemães, ingleses e franceses, e também pela ausência de um representante da Igreja Católica entre os italianos estabelecidos a considerável distância da capital.

Porém, o que mais consumia o tempo e a energia do religioso, e fazia com que ele manifestasse a rigidez de seu discurso ultramontano intransigente, era o combate aos pecados, ou seja, aos maus costumes e desvios morais existentes entre os imigrantes italianos. Conforme defende Possamai, por meio da imposição de uma moral puritana os clérigos tentavam regrad o comportamento dos colonos e imprimir-lhes uma imagem de bom católico. Sendo assim, o mesmo autor vai afirmar que, a moral católica não era uma qualidade inerente do imigrante italiano, mas algo imposto, ou seja, construído por meio do regramento clerical.³³²

Nessa direção, Colbacchini irá dedicar boa parte do seu discurso e da sua ação para impor regras morais entre os colonos. Essa prática se dará por meio de um governo pastoral pautado na vigilância e na punição que almejava a disciplinarização e a normatização do grupo social ao qual o sacerdote católico pretendia impor um modelo de italianidade.³³³

Podemos perceber, ao analisar o discurso do sacerdote italiano, que para ele os principais desvios de conduta que deviam ser combatidos eram a bebedeira e a blasfêmia, que se davam principalmente ao frequentar os bailes e as *vendas*. De acordo com Scarpim, historiador que também analisou parte dos escritos de Pietro Colbacchini, este último apontava justamente as *vendas*, os bailes, as ocasiões de jogos e as bebidas como os mais sérios problemas a serem combatidos nas colônias italianas, pois eram eles que propiciavam momentos de fuga às normas religiosas, à sanidade, à moral e aos bons costumes católicos.³³⁴

Sendo assim, a luta contra esses desvios morais devia ser permanente para que fosse impressa na mentalidade coletiva dos imigrantes italianos a noção de que para pertencer ao referido grupo etnocultural era preciso manter a postura de bom católico, praticante e obediente. Esse combate realizado pela autoridade religiosa acontecia por meio de repreensões e proibições orais feitas à coletividade através das homilias da missa, mas também e, principalmente de maneira individual, por meio do sacramento da confissão. Essa estratégia de

³³² Cf. POSSAMAI, Paulo. Op. Cit., 2004, pp. 179-189.

³³³ Essa nossa afirmação está pautada nos estudos do filósofo Michel Foucault, sobretudo na terceira parte de sua obra *Vigiar e Punir*. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

³³⁴ Ao analisar o comportamento dos imigrantes e seus descendentes nas colônias italianas instaladas no município de Campo Largo, Scarpim identificou que os bailes, o alcoolismo e os jogos formavam uma espécie de *triade maligna* que, segundo os sacerdotes, desviava os colonos da moral católica. SCARPIM, Fabio Augusto. **O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – Paraná, 1937-1965)**. Tese (Doutorado em História) – UFPR, Curitiba, 2017, pp. 287-288.

ação é perceptível na seguinte instrução que Colbacchini faz ao escrever à Bonato em 2 de junho de 1888:

Sebbene non si possa giudicare reo di grave pecc. colui che pronuncia in vano il nome di Dio o di Maria o di cose sante, perché la bestemmia è “verbum contumeliosum in Deum”, tuttavia si deve combattere questo abuso che spesso per le circostanze o dell’ira, o dello scandalo giunge ad essere peccato grave. Dire in Chiesa che il proferir Ostia, Sacramento, Corpo, Cristo, Madonna, o per Dio, per la Madonna ecc. non è peccato grave, sarebbe vera imprudenza, come sarebbe errore dire che è peccato mortale. Nelle confessioni è necessario esortare, e se fa bisogno, star duri colla assoluzione, quando il vizio fosse inveterato, e non si vedesse la volontà disposta a dimmetterlo.

Quanto ai disordini del bere, siate pur rigoroso, e non dite che il bere così da diventare un po’ brillo (allegro come dicono) non è peccato, essendo già in quello stato uscito l’uomo dallo stato normale di sua buona ragione. L’abuso del vino e della caciassa è troppo frequente fra i nostri, speci, fra i vostri.³³⁵

Por meio do trecho desta carta enviada ao seu colaborador, percebemos que a homilia e, principalmente, a confissão eram os instrumentos utilizados pelo missionário scalabriniano para combater rigorosamente a prática da blasfêmia e da bebedeira, que como o mesmo aponta, eram frequentes entre os imigrantes italianos vindos para o Paraná. A respeito do primeiro desvio de comportamento de bom católico, o referido padre afirma que se fosse percebido que o vício estava arraigado o indivíduo não deveria receber a absolvição, o que o manteria na condição de pecador até que o mesmo mudasse de comportamento.

Sobre a segunda transgressão, o sacerdote revela que o abuso do vinho e da cachaça era comum entre os colonos de origem italiana, e que também devia ser combatido de forma rigorosa. Para este caso, se o indivíduo praticasse a embriaguez de forma constante e o vício do mesmo se tornasse conhecido por todo o grupo étnico, ou seja, fosse ele reconhecido como um pecador público, a punição podia chegar a exclusão dos sacramentos, como fica evidente no que é relatado por Colbacchini a seguir:

L’altro giorno parlando confidenzialmente con lui di una certa persona che teneva scuola, in passato, nella Colonia di Santa Maria Novo Tyrol, e mostrandogli che non meritava la confidenza che egli gli diede nell’occasione che si portò in quella Colonia, per essere egli pubblicamente conosciuto come un malvaggio e bevone, egli mi disse che avea avuto da lui promessa da confessarsi a Pasqua. Ed io a lui: che confessarsi a

³³⁵ Se bem não se possa julgar réu de grave pecado aquele que pronuncia em vão o nome de Deus ou de Maria ou das coisas santas, porque a blasfêmia é “palavra que insulta a Deus”, todavia se deve combater este abuso que frequentemente pelas circunstâncias ou da ira, ou do escândalo chegam a ser pecado grave. Dizer na Igreja que proferir Hóstia, Sacramento, Corpo, Cristo, Nossa Senhora, ou por Deus, por Nossa Senhora, etc. não é pecado grave, seria verdadeira imprudência, como seria errado dizer que é pecado mortal. Nas confissões é necessário exortar, e se preciso, ser duro com a absolvição, quando o vício estiver arraigado, e não se ver vontade disposta de renunciá-lo. Quanto as desordens do beber, seja também rigoroso, e não diga que o beber somente para ficar um pouco aceso (alegre como dizem) não é pecado, sendo que naquele estágio saiu já o homem do estado normal de sua boa razão. O abuso do vinho ou da cachaça é bastante frequente entre os nossos, especialmente, entre os vossos. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 02 de junho de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 63.

Pasqua, gli replicai; è cosa facile confessarsi, ma è necessario l'emendarsi; Io l'ho provato da molto tempo, ma continuamente egli a dare i soliti scandali, l'ultima volta, non gli ho dato i Sacramenti.³³⁶

Ao denunciar a falta de rigidez de um outro clérigo, que havia visitado a Colônia Santa Maria do Novo Tirol, o missionário scalabriniano revela que um certo imigrante italiano, que mantinha uma escola no dito núcleo colonial, era conhecido como um pecador público, pois era um “malvado e beberrão”.³³⁷ De acordo com o relato exposto, o referido imigrante já tinha sido exortado várias vezes, mas como não mudava de comportamento, Colbacchini decidiu pela sua exclusão dos sacramentos. cremos que essa decisão também levou em consideração tratar-se de uma pessoa pública, pois o professor daquela colônia, exatamente pela função que exercia, não podia dar mal exemplo aos demais colonos, sobretudo, às crianças daquela localidade.

Portanto, torna-se evidente para nós, que por meio do seu discurso pautado na disciplinarização o sacerdote italiano impunha por meio da obediência aos seus ensinamentos morais e religiosos um modelo de italianidade a ser vivido através das práticas e costumes promovidos pelo catolicismo. Percebemos também, que além das repreensões orais, a forma encontrada para punir e combater os desvios de conduta era a exclusão dos sacramentos católicos, o que fica evidente ao fazermos a leitura do extrato da carta que apresentamos a seguir:

Fra i nostri Coloni di tutti i nuclei era così invalso l'uso del frequentare le *vende* (osterie) specialmente nelle feste, che era divenuto come un bisogno per tutti grande e piccoli. [...] Per farla finita mi sono risolto di non ammetter più ai SS. Sacramenti gli abituati alla *venda*...³³⁸

Acreditamos que, por meio dessas ações, o padre Pietro Colbacchini, mesmo diante de frequentes resistências, conseguia impor um modelo de identidade étnica fortemente pautado na moral católica, que era assumido como representação da italianidade pela maioria dos

³³⁶ Um outro dia falando confidencialmente com ele de uma certa pessoa que mantinha escola, no passado, na Colônia de Santa Maria do Novo Tirol, e mostrando-lhe que não merecia a confiança que ele lhe deu na ocasião em que se dirigiu àquela Colônia, por ser ele publicamente conhecido como um malvado e beberrão, ele me disse que tinha dele uma promessa de confessar-se na Pasqua. E eu disse a ele: que confessar-se a Pasqua, lhe repliquei; é coisa fácil se confessar, mas é necessário endireitar-se; Eu o experimentei por muito tempo, mas continuou ele a dar os mesmos escândalos de sempre, a última vez não lhe dei os Sacramentos. (Tradução nossa). COLBACCHINI a ROLLERI, 06 de março de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., 110.

³³⁷ Acreditamos que Colbacchini está se referindo a pessoa de Giovanni Battista Marconi, imigrante italiano que por muitos anos exerceu a função de professor ao manter uma escola particular na Colônia Santa Maria do Novo Tirol. Segundo o jornal A Republica de 11 de dezembro de 1889, o mesmo recebeu do governo uma subvenção anual para exercer a instrução primária no citado núcleo colonial.

³³⁸ Entre os nossos Colonos de todos os núcleos havia se tornado costume frequentar as vendas (bares) especialmente nas festas, o que era visto como uma necessidade por todos, adultos e jovens. Para acabar com isso resolvi não mais admitir nos Santíssimos Sacramentos os habituados à venda... (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 10 de janeiro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 371.

imigrantes dessa origem instalados ao redor de Curitiba. Porém, defendemos que esse processo de identificação por meio da prática religiosa, não se dava facilmente, mas sim por meio de uma luta contra os vícios a fim de forjar na região de colonização italiana do Paraná uma identidade pautada na figura idealizada do bom católico. cremos que isso fica evidente na seguinte declaração que o sacerdote fez ao seu superior:

Sembravano miracoli le cose avvenute qui nel breve tempo di tre anni. Allora quasi nessuno s'importava più di religione, i vizii comuni, per modo che chi non si ubriacava e non bestemmiava, era tenuto come un uomo da nulla; il costume avea perduto il velo di ogni pudore, e i balli e le tresche erano cosa di ogni casa, senza dire del resto. Ora Chiesa in ogni parte (16 già costruite) non più si ode nelle colonie una bestemmia, né si vede brancolar per le strade un ubriaco; il costume ridotto a tale risservatezza che un giovane non ardisce accostarsi ad una ragazza, sebbene con buone intenzioni, senza prima interpellare il mio consiglio. Tal docilità in tutti nell'accomodarsi alle mie decisioni, da impedire litigi, a da far regnare una pace veramente cristiana nelle famiglie e nelle Colonie, tal fervor di pietà da esser necessario spesse volte di frenarlo; tal frequenza di Sacramenti, da consumare qui e colà circa 500 particole ogni settimana.³³⁹

Ao escrever para Scalabrini, a fim de demonstrar a eficácia de seu ministério em meio aos italianos do entorno de Curitiba, Colbacchini relata a retomada miraculosa dos bons costumes nas colônias depois de três anos em que estava se dedicando a assistência religiosa das mesmas. Porém, entendemos que mais uma vez o missionário fez conclusões um tanto quanto exageradas ao afirmar que havia acabado totalmente com os bailes e as brigas e com a prática da blasfêmia e da embriaguez entre os seus conterrâneos. Assim como, ao declarar que todos os jovens antes de se aproximarem de uma moça recorriam aos seus conselhos, ou ainda, que todos os colonos aceitavam com docilidade as suas decisões.

Essa nossa afirmação, de que havia exagero na declaração do religioso, se dá por meio da análise dos próprios escritos do padre scalabriniano, que tratarão constantemente sobre esses assuntos. Entendemos que as repetidas exortações contrárias a esses vícios e desvios morais contidas em suas cartas, revelam que eles continuavam a ser praticados constantemente pelos colonos italianos da região. Estamos afirmando, portanto, que os imigrantes italianos, mesmo

³³⁹ Pareciam milagres as coisas que se deram aqui no breve tempo de três anos. Antes quase ninguém se importava mais com a religião, os vícios eram comuns, de modo que quem não se embriagava e não blasfemava, era tido como um homem de nada; o costume tinha perdido todo tipo de pudor, e os bailes e as brigas eram coisas presentes em todo lugar, sem dizer o resto. Agora Igreja por toda parte (16 já construídas) não mais se ouve nas Colônias uma blasfêmia, nem se vê cambalear pelas estradas um bêbado; o costume se reduziu a tal observância que um jovem não ousa se aproximar de uma moça, mesmo com boas intenções, sem antes pedir o meu conselho. Tal docilidade de todos em aceitar as minhas decisões, para impedir brigas, e para fazer reinar uma paz verdadeiramente cristã nas famílias e nas Colônias; tal fervor de piedade é tanto que por vezes chega a ser necessário freá-lo; tal frequência nos Sacramentos, consumindo aqui e acolá cerca de 500 partículas toda semana. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 06 de maio de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 122.

participando das atividades religiosas promovidas pelo missionário junto às capelas das colônias, não eram tão dóceis e submissos, ou seja, por muitas vezes transgrediam sim os bons costumes e as regras impostas pela autoridade eclesiástica. Em outras palavras, defendemos que se havia o combate a determinados comportamentos é porque havia certa resistência e desvios constantes por parte dos italianos ao modelo de bom católico, morigerado e obediente pregado pelo sacerdote.

A fim de demonstrar como a repetição das exortações era necessária e se dava durante todo o período, e até mesmo depois, que Colbacchini permaneceu à frente do atendimento religioso das colônias italianas do Paraná, vamos apresentar na sequência dois momentos em que o missionário teve de reiterar o combate a esses inimigos da boa moral católica imigrante. O primeiro momento se deu no discurso promovido por ele a toda coletividade italiana reunida na colônia de Santa Felicidade por ocasião da sua despedida de Curitiba em 1894, que como veremos adiante foi forçada pelo embate que o mesmo teve contra os partidos políticos durante a Revolução Federalista. Naquela ocasião o sacerdote exortou a todos os imigrantes italianos por meio das seguintes palavras:

Ed è per questo che in quest'ultima occasione che io vi parlo, solenne insieme e mestissima per me e per molti di voi, vi grido ancora una volta per quanto mi sento cuore di padre per voi, per quanto desidero il vostro bene: Fuggite le vende! Fuggite le vende! Voglio dire astenetevi da quei luoghi nei quali o vi trovereste con pericolose compagnie, o in occasione di intemperenze, di scialaqui, di disordini.

Se vi preme la vostra anima, la vostra salute, il vostro decoro, la pace e felicità nelle vostre famiglie, rinunciate a quei divertimenti, che, non sono punto necessari, e che per se stessi e per motivi particolari alle circostanze vostre, vi tornerebbero di sommo pericoloso. Non vi fidate di voi. Chi si approssima al fuoco si riscalda. Da quei luoghi dove si beve e si tracanna, si giuoca e si bestemmia, si danza e si fa onta al pudore, statevene lontani come fareste da un lazzaretto di lebbrosi. La lebbra voi contrereste per l'anima ed insieme per il corpo. [...] Fuggite le vende e fuggirete il demônio.³⁴⁰

Percebemos, que no momento em que o missionário scalabriniano precisou deixar a região de colonização italiana do Paraná, depois de oito anos prestando assistência religiosa aos imigrantes aí instalados, o mesmo continuava exortando os seus conterrâneos a respeito dos

³⁴⁰ É por isso que nesta última ocasião em que eu vos falo, solene e ao mesmo tempo muito triste para mim e para muitos de vós, vos grito ainda uma vez fortemente aquilo que sinto no coração como vosso pai, e por quanto desejo o vosso bem: Fugam das vendas! Fugam das vendas! Quero dizer, abstenham-se daqueles lugares nos quais encontrareis com companhias perigosas, ou em ocasião de intemperanças, de esbanjamentos, de desordens. Se apreciam a vossa alma, a vossa saúde, o vosso decoro, a paz e a felicidade nas vossas famílias, renunciem a estes divertimentos, que não são necessários, e que por si mesmos ou pelos motivos particulares das vossas circunstâncias, se tornariam um grande perigo para vós. Não confiem em vos mesmo. Quem se aproxima do fogo se queima. Daqueles lugares onde se bebe e se traga, se joga e se blasfêmia, se dança e ofende o pudor, fiquem longe como ficariam de um lazareto de leprosos. Lá vocês contrairiam a lepra para a alma e também para o corpo. [...] Fugam das vendas e fugirão do demônio. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. Discorso di congedo, 29 de julho de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p.572-573.

mesmos desvios de conduta que passou a combater quando chegou em Curitiba em 1886. Entendemos, portanto, que tais pecados, como a bebedeira, a blasfêmia, o frequentar bailes e *vendas*, não haviam sido extirpados, pelo contrário continuavam recorrentes entre os colonos italianos da região. Na nossa compreensão, isso revela como os imigrantes exerciam certa resitência ao discurso moral e religioso de Colbacchini.

Por outro lado, notamos como o referido missionário, de caráter ultramontano intransigente, insistia na luta de moldar a identidade étnica dos imigrantes italianos por meio dos bons princípios morais católicos. Nessa direção, mesmo após o seu retorno para Itália, o padre Pietro Colbacchini irá agir para manter e continuar a propagar o seu discurso religioso entre os colonos de origem italiana do Paraná. Com esse intuito, irá mandar imprimir a referida homilia proferida por ocasião da sua despedida para que ela fosse distribuída nas colônias italianas do Paraná, como pede ao padre Francisco Bonato em setembro de 1894:

Avrete ricevuto non so se 5 o 6 pacchi del Discorso. Voi distribuitene le copie a chi vi agrada e credete ne possa avere il diritto. Io l'ho stampato perché tutti i buoni abbiano una memoria di me. Ne ho fatto tirare 600 copie, per cui se ne mancheranno dopo i vostri e quelli mandati ad altri, ve ne potrò ancora spedire.³⁴¹

É notório, que o religioso desejava que todos os imigrantes italianos lessem continuamente o conteúdo do seu discurso de despedida, pois nele continham exortações para que os mesmos se afastassem dos inimigos dos bons costumes, e assim mantivessem a boa moral católica como sua marca identitária. Ao escrever diretamente para o colono Giuseppe Vendramini de Santa Felicidade, irá enfatizar: “Leggi e pratica il Discorso di congedo.”³⁴²

³⁴¹ Recebeste não sei se 5 ou 6 pacotes do Discurso. Distribua as cópias a quem vos agrada e crês que possa ter direito. Eu as imprimi para que todos os bons tenham uma lembrança de mim. Fiz tirarem 600 cópias, para aqueles que faltar depois do vossos e aqueles outros a quem mandei, poderei expedir mais. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 26 de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 385.

³⁴² Leia e pratique o Discurso de despedida. COLBACCHINI a VENDRAMINI, 24 de novembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 394.

FIGURA 3 – CAPA DO “DISCORSO DI CONGEDO” DE 1894³⁴³



Com o mesmo objetivo, de moldar a conduta dos italianos imigrados, Colbacchini, durante o tempo que permaneceu no seu país de origem, antes de retornar para o Brasil, entre os anos de 1895 e 1896, se dedicou a escrever uma obra para servir de manual prático para o bom católico, que nas palavras dele seria um “guida di salute per l’anima e per il corpo, dovendo egli far le veci del missionario.”³⁴⁴ O sacerdote scalabriniano redigiu boa parte dessa obra, que chamou de “Guia espiritual para o emigrado italiano na América”, para reteirar as regras de comportamento aos colonos de origem italiana instalados do outro lado do oceano.

³⁴³ Acervo do Arquivo Geral SCalabriniano em Roma.

³⁴⁴ Um guia para a saúde da alma e do corpo, que deve fazer a vez do missionário. COLBACCHINI, Pietro. Guida spirituale per l’emigrato italiano nell’America, 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 625.

FIGURA 4 – CAPA DA “GUIDA SPIRITUALE PER L’IMIGRATO ITALIANO” DE 1896³⁴⁵



Sendo assim, mais uma vez, os inimigos morais da catolicidade imigrante, como a blasfêmia, a embriaguez, os desvios sexuais, o frequentar as *vendas* e os bailes serão atacados, dessa vez de maneira mais detalhada, pois o referido manual, assim como o seu autor afirmou, precisava fazer a vez do missionário.³⁴⁶ A fim de exemplificar o conteúdo da citada obra, segue um trecho a respeito do rigoroso combate feito aos bailes contido nela:

Perciò dovete fuggire dagli spassi del mondo, e soprattutto da quelli che vi potrebbero esporre a pericolo di contaminar ela vostra anima, e di toglierle la sua pace. Non prendete mai parte ai balli, qualsiansi l'occasioni per cui si fanno, e le circostanze del luogo e delle persone. Se poi avete una qualche autorità, impedir dovete ad ogni costo che in casa vostra si tengano festini, fosse pure per le nozze di un vostro figlio o figlia.³⁴⁷

³⁴⁵ Acervo do Arquivo Geral Scalabriniano em Roma.

³⁴⁶ Cf. SCARPIM, Fábio Augusto. Um guia para a saúde do corpo e da alma: o ideal de catolicidade defendido pelo padre Pietro Colbacchini para as regiões de colonização italiana no Sul do Brasil. *Rever*, vol.15, nº1, Jan/Jun 2015, pp. 93-110.

³⁴⁷ Por isso deveis fugir dos espaços do mundo, e sobretudo daqueles que poderiam expor ao perigo de contaminar a vossa alma, e de acabar com a sua paz. Não participem nunca dos bailes, qualquer que seja a ocasião para que sejam feitos, as circunstâncias do lugar e das pessoas. Se possuírem autoridade, devem impedir a todo custo que em vossas casas se tenham festinhas, mesmo que seja para comemorar o noivado de vosso filho ou filha. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. *Guida spirituale per l'emigrato italiano nell'America*, 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. *Op. Cit.*, p. 647.

Na nossa compreensão, a exortação permanente almejada pelo sacerdote por meio do seu guia espiritual demonstra que os imigrantes italianos faziam contantes resistências ao regramento imposto pela moral católica. Por exemplo, se o religioso escreve que os bailes não poderiam se dar nem mesmo nas casas das famílias por ocasião do noivado dos filhos, é por que essa era uma das ocasiões em que os colonos aproveitavam para transgredir a regra e realizar uma festa regada a música e danças.

Da mesma maneira que fez com a homilia citada anteriormente, Colbacchini tratou logo de fazer cópias do referido manual para que fossem entregues a todos os colonos fixados no entorno da capital paranaense. Compreendemos que assim, o sacerdote queria dar continuidade ao seu projeto de imprimir a catolicidade como principal marca da identidade etnocultural dos imigrantes italianos instalados na região de Curitiba.

A fim de concluir esta parte da nossa análise, queremos evidenciar ainda, mais uma luta que o sacerdote travou: aquela contra um último inimigo do seu modelo de italianidade, os partidos políticos, pois, esse embate foi o responsável pela expulsão do missionário do Paraná no ano de 1894. Segundo afirma Rizzardo, foi por fazer rígida oposição à incorporação dos colonos nas tropas que se formavam durante a Revolução Federalista, nas quais já haviam se alistado diversos italianos liberais, que o referido padre passou a ser ainda mais hostilizado naquele contexto revolucionário que tomou conta da região.

O mesmo autor afirma, que alguns políticos queriam arregimentar os imigrantes com o intuito de os levar a tomar parte ativa na revolução, mas o “pe. Pedro” opôs-se a tais tentativas, chegando, numa só vez, a facilitar a fuga de sessenta homens, que já tinham sido obrigados a trocar a enxada pelo fuzil.³⁴⁸ Por essa razão, os liberais tramaram a morte do padre por meio de um atentado que ocorreu no dia 17 de fevereiro de 1894. O sacerdote italiano narra o acontecimento ao seu superior da seguinte forma:

Finalmente corrodo le corrispondenze dopo 6 mesi di sospensione per causa di questa guerra fratricida che ha desolato questo Paraná. [...] La mia vita fu a sommo rischio. La notte del 17 febbrajo per opera di un' indegno italiano, bandito da Italia, collonelo delle forze rivoluzionare, uomo sceleratissimo, furono assaltate le mie residenze di Agua Verde e di S.ta Felicidade, nell'intento di uccidermi, perché io ritraeva gli Italiani dall'arrolarsi sotto le bandiere di quel furbante che si era dato alla rivoluzione per aver modo di formare un'orda di assassini. I primi ad arruolarsi furono circa 50 italiani anarchici di Curityba, gente fuggita dalla giustizia italiana e che stava aspettando il momento per depredare e far le peggior cose. Quell'empio sapeva così ben dire che allucinava questi ignoranti coloni e li traeva facilmente alle sue reti, se non era che io, visto il pericolo, non li avessi avvisati e disilusi. Due mesi ho dovuto

³⁴⁸ RIZZARDO, Redovino. João Batista Scalabrini. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 273.

vivere nascosto in fitta boscaglia e difeso da gente armata. Le ricerche di quei masnadieri per avermi furono continue, ma non giunsero al loro fine.³⁴⁹

Ao relatar o atentado promovido contra sua vida, devido ao fato de que por meio de seu discurso Colbacchini convencia os colonos de origem italiana da região de Curitiba a não participar dos partidos políticos, e das tropas que se formavam com o advento da Revolução Federalista, o missionário irá culpar um certo imigrante, que classifica como “indigno e bandido italiano”, de ser o responsável em promover tal perseguição. Não foi possível, por meio de nossa pesquisa, saber exatamente a quem o sacerdote se referia, somente podemos perceber que se tratava de um italiano pertencente ao grupo de imigrantes do meio urbano, com características liberais e anticlericais.

Nossa hipótese, é que mais uma vez o padre italiano estivesse se referindo a um dos membros da Sociedade Giuseppe Garibaldi, ainda mais porque sabemos que nesse período, com o fracasso da Colônia Cecília na região de Palmeira, o grupo de liberais que se organizava em torno da referida sociedade étnica, passou a ser composto também por muitos imigrantes com ideais anarquistas que de lá remigraram para capital paranaense.³⁵⁰

Mesmo não podendo saber ao certo a mando de quem Pietro Colbacchini sofreu o atentado contra sua vida, sabemos que a perseguição feita a sua pessoa pelos liberais o obrigou a deixar a missão italiana que havia constituído no Paraná e o fez retornar, mesmo que a contragosto, para Itália.

Mas, como o tão intransigente sacerdote conseguiu escapar da morte planejada pelos seus opositores, e conseqüentemente, pode voltar são e salvo para sua terra natal? Alguns relatos contidos em memoriais de dois núcleos coloniais italianos da região, Santa Felicidade e Vila

³⁴⁹ Finalmente correm as correspondências depois de 6 meses de suspensão por causa desta guerra interna que tem desolado este Paraná. [...] A minha vida correu maior risco. Na noite de 17 de fevereiro por obra de um indigno italiano, bandido na Itália, coronel das forças revolucionárias, homem perigosíssimo, foram assaltadas as minhas residências do Água Verde e de Santa Felicidade, na intenção de me matar, porque eu impedia os Italianos de colocar-se debaixo as bandeiras daquele enganador que se envolveu com a revolução para ter como formar uma orda de assassinos. Os primeiros a se inscreverem foram 50 italianos anárquicos de Curitiba, gente fugida da justiça italiana e que estava esperando o momento para depredar e fazer coisas piores. Aquele ímpio sabia tão bem falar que iludia estes ignorantes colonos e lhes atraía facilmente as suas redes, se não fosse eu, vendo o perigo, os avisasse e os desiludisse. Dois meses tive que viver escondido em meio ao bosque e defendido por gente armada. As procuras destes assassinos para me encontrar foram contínuas, mas não conseguiram seu objetivo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de maio de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 372.

³⁵⁰ Sobre a vinda de muitos indivíduos com conotações anarquistas para Curitiba encontramos a seguinte notícia já no final de 1892: “Anarchistas. Sob esta epigraphe publicou hontem o ‘Diário do Commercio’ a deliberação tomada pelo Sr. Ministro da Justiça, autorizando a deportação dos anarchistas que apparecerem na Capital Federal. E os daqui que estão inundando a nossa Curitiba? A REPUBLICA, nº 833, quinta-feira, 15 de dezembro de 1892. A respeito da presença anarquista em Curitiba conf. VALENTE, Silza Maria Pazello. **A presença rebelde na cidade sorriso: contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920.** Londrina: Ed. UEL, 1997.

Colombo (antiga colônia Alfredo Chaves), elaborados por meio de entrevistas orais concedidas por imigrantes e seus descendentes, revelam o seguinte:

Por boa sorte, enquanto eles tramavam a conspiração e designavam as pessoas que, naquela noite, deviam executá-la, estava ali escutando um amigo do Padre, um certo Francesco Busato de Vila Colombo. Com urgência ele se dirigiu para a colônia para avisar do iminente perigo que incumbia. Embora já fosse noite, o Padre, com toda a pressa, mandou arrear um bom cavalo, entregou um crucifixo à doméstica (Luigia Micheletto) dizendo-lhe: “Com este não tema nada” e, escoltado por alguns colonos, fugiu para os lados de Vila Colombo. [...] Depois de vinte dias voltou para casa, mas não o deixavam tranquilo porque o General dos liberais, tendo conhecimento de seu retorno, o mandou chamar e o obrigou a formar, na colônia, um corpo de guardas se quisesse garantir a vida e os bens dos colonos. [...] Assim, voltou a ficar em perigo a vida do Padre, o qual, embora sabendo estar escoltado e defendido pelos bons colonos, decidiu voltar para a Itália...³⁵¹

Pe. Pietro Colbacchini – 1894 - Um acontecimento imprevisto abala a comunidade italiana ordeira e laboriosa de Colombo: um fugitivo marcado para morrer está pedindo abrigo. É um italiano, um padre: Padre Colbacchini, que teria feito ele? Durante um bom tempo uma casa de família de Colombo é transformada em Igreja, porque ali se instalou o fugitivo que num ímpeto de zelo apostólico enfrentou os desmandos da autoridade civil em Curitiba. Foi por acaso que sentados num ‘restaurante’ da praça Tiradentes dois italianos de Colombo escutaram o plano dos assassinos. Voando em sua charrete Francisco Busato e seu companheiro João Tosin correram até Santa Felicidade avisar o Padre Colbacchini do perigo que corria.³⁵²

Por meio dos dois relatos apresentados, podemos perceber que o missionário scalabriniano contou com a ajuda dos seus fiéis colonos para assim conseguir escapar com vida do atentado promovido contra ele pelos italianos liberais. Da mesma forma, é possível saber quem foram os imigrantes, que ficaram sabendo do plano para executar o religioso, e que agiram em sua defesa, avisando-o e providenciando rapidamente para ele um esconderijo seguro. Tratam-se dos italianos Francesco Busato e seu companheiro Giovanni Tosin.

Porém, o que é mais curioso para nossa investigação histórica, é que os citados imigrantes que eram colonos pertencentes ao núcleo rural Alfredo Chaves da Vila Colombo, só puderam alertar o sacerdote, do perigo emitente que o mesmo corria, porque ouviram sobre o atentado enquanto estavam em um negócio, ou seja, em uma *venda*, localizada no centro urbano de Curitiba. Portanto, só foi possível livrar o padre Colbacchini da morte, porque dois dos seus bons e fiéis católicos estavam transgredindo as regras de não permanecer muito tempo no ambiente urbano e não frequentar as *vendas* para onde constantemente se dirigiam os italianos com características liberais e anticlericais.

³⁵¹ MARTINI, Pe. Giuseppe. Origem e desenvolvimento da colônia Santa Felicidade, Paraná. Santa Felicidade, 18 de março de 1908. In: GEREMIA & VIVIAN, Pes. Mário & Ervino. **Santa Felicidade – Curitiba, o início de uma bela história**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 29.

³⁵² BUSATO, José. Outubro de 1995. **Centenário da Paróquia Nossa Senhora do Rosário**. Colombo: Associazione Trevisani nel Mondo, 1995, p. 7.

Apoiados nesse último exemplo, queremos afirmar mais uma vez, que mesmo os imigrantes italianos que eram considerados bons católicos quebravam as regras impostas pela autoridade sacerdotal. Entendemos que a figura do colono Francesco Busato caracteriza bem essa realidade, pois além de frequentar as proibidas *vendas*, o mesmo também se envolveu com a política, como apotaremos a seguir. Contudo, mesmo contrariando a autoridade de Pietro Colbacchini, conservava com este uma relação de amizade.

Compreendemos, portanto, que até mesmo o referido sacerdote aceitava a certos desvios cometidos por alguns de seus fiéis, o que demonstra que a italianidade propagada por ele, não era aceita de forma passiva, mas sim se dava perante um processo de negociação entre ele, como promotor do discurso, e os imigrantes italianos, que ressignificavam o mesmo conforme os seus interesses.

3.4 A construção da italianidade entre representação e resistências

Na última parte deste capítulo, tentaremos dar voz aos imigrantes, ou seja, procuraremos, através de alguns exemplos citados nas cartas escritas por Pietro Colbacchini, perceber como os mesmos se comportaram diante da imposição do modelo de italianidade apoiado na catolicidade ultramontana, que foi propagado pelo discurso do referido sacerdote, e ao qual nos dispusemos a analisar na presente pesquisa. Pretendemos evidenciar como se deram as formas de adesão e de resistência a esse modelo, ou seja, de que forma os imigrantes fizeram uso desta forma de representação identitária que se apoiava na religião.

Nessa direção, queremos evidenciar como a apropriação dessa identidade era negociada, pois mesmo os imigrantes que a assumiam não se apegavam a ela em sua totalidade, ou da forma como pretendia Colbacchini, e como já vimos anteriormente faziam resistências ao seu discurso. Portanto, almejamos apresentar como os italianos que se instalaram em Curitiba, por meio de estratégias de identidade adotadas para se adequar ao novo espaço social e alcançar seus objetivos e interesses, foram capazes de negociar com as representações de italianidade que os cercavam, e dessa maneira mantiveram o caráter transitório e plural de sua identidade.

Um primeiro caso que queremos apresentar é um exemplo de resistência às imposições e correções morais feitas pelo sacerdote aos imigrantes de origem italiana. Trata-se do rápito de uma jovem brasileira por um italiano, como podemos conferir na narrativa a seguir:

Nell'anno passato, trovandomi io in Chiesa nella Colonia Alfredo Chaves, una donna italiana mi presentò una giovenetta tredicenne che piangendo chiedeva il mio ajuto per liberarsi dalla brutalità di un certo Vincenzo Lapolla, calabrese, che dopo averla rubata a sua madre, sei mesi avanti, la maltratava in tutte le guise. Feci il mio dovere, e fatta chiamare la sua madre a lei la consegnai colle dovute raccomandazioni. Intanto io era partito della Colonia, quando tornò dai boschi (è mercante girovago) il detto Vincenzo, e non trovata la fanciulla o sapendo della cosa, divenne furibondo contro me giurando che mi avrebbe ucciso.³⁵³

Notamos claramente, por meio do trecho exposto, que o sacerdote foi avisado do desvio de conduta do citado imigrante por meio de uma fiel daquela referida colônia. Entendemos que esta italiana, que não sabemos o nome, como boa católica, pautava sua identidade étnica nos ensinamentos morais e religiosos, tanto que denunciou o caso do rápito da jovem brasileira ao maior representante deste modelo de italianidade, o padre. Ao fazer tal denúncia cremos que a imigrante estava aderindo e reproduzindo o discurso ultramontano do líder religioso, pois agiu no sentido de contribuir com o controle e a vigilância moral da coletividade italiana.

Da mesma maneira, é possível perceber que Colbacchini, fazia questão de marcar a origem regional do autor do citado desvio de conduta, escrevendo que Vincenzo Lapolla era um calabrês, ou seja, era oriundo do sul da Itália, fato que aumentava o preconceito do clérigo para com o seu comportamento. Por sua vez, este último ao se revoltar contra o missionário revelou se opor ao discurso controlador que definia os italianos como bons católicos e morigerados. Tal característica, e o desejo de vingança, fez com que o citado imigrante se juntasse ao grupo de italianos do meio urbano, que também eram inimigos declarados de Pietro Colbacchini, e procurasse com o apoio destes pôr fim a vida do missionário.

Essa aproximação pode ser identificada por meio do relato sobre o andamento do caso que o padre scalabriniano fez ao seu superior afirmando o seguinte: “... stante la sua schiatta, calabrese, la sua empietà e le seduzioni che riceverà; Si revelò manifestamente che la sua era ira di religione, e che egli era il mancipio di tre o quattro persone italiane, atee nella città, che vivo o morto mi vogliono via di qua.”³⁵⁴ Da mesma forma, declarou a um de seus colegas de

³⁵³ No ano passado, encontrando-me na Igreja da Colônia Alfredo Chaves, uma mulher italiana me apresentou uma jovencinha brasileira de treze anos que chorando solicitava minha ajuda para libertar-se da brutalidade de um certo Vincenzo Lapolla, calabrês, que depois de a ter roubado de sua mãe, seis meses antes, a maltratava de todas as formas. Fiz o meu dever, e mandei chamar sua mãe e a ela a entreguei com as devidas recomendações. No entanto, eu havia partido da Colônia, quando voltou dos bosques (pois é um mascate) o dito Vincenzo, e não encontrando a menina ou sabendo do acontecido, ficou furioso contra mim jurando que teria me matado. (Tradução nossa). COLBACCHINI a ROLLERI, 30 de dezembro de 1888. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 94.

³⁵⁴ Diante a sua linhagem, calabrês, seu caráter ímpio e as seduções a que se deixou levar; Se revelou claramente que a sua ira era contra a religião, e que ele estava submisso a três ou quatro outros italianos, ateus da cidade, que vivo ou morto queriam me tirar daqui. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de janeiro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 103.

congregação: “... devo accrescere le cautele per ripararmi dalle insidie di lui e dei suoi complici (sono Calabresi, e fra questi un Sacerdoti!)”³⁵⁵

Estas últimas declarações, sobre Vincenzo Lapolla, vão confirmar que o referido imigrante se aproximou dos italianos com características liberais instalados no meio urbano de Curitiba. Porém, ao reafirmar a origem calabresa de Lapolla e seus cúmplices, Colbacchini vai também fazer questão de relatar que havia a presença de um sacerdote entre eles. Para nossa pesquisa estas revelações são muito importantes, pois apontam para a existência de uma multiplicade de representações de italianidade e catolicidade entre os imigrantes da referida origem étnica que vieram para as terras paranaenses.

Entendemos, que o fato de negar a representação identitária imposta pelo modelo de catolicismo ultramontano, adotada sobretudo pelos vênets instalados nas colônias rurais, e se aproximar do grupo com características liberais, não quer dizer que o imigrante calabrês não pudesse viver o catolicismo de outra maneira, tanto que tinha ligação com outro sacerdote católico, supostamente da mesma origem regional que a sua. Essa realidade demonstra que o processo de identificação vivido pelos imigrantes italianos não respeitava a um simples binarismo, pois, por meio do caso apresentado observamos um exemplo que não se encaixava totalmente como anticlerical, mas também não aceitava viver sob o ultramotatismo pregado por Pietro Colbacchini.

Um segundo caso de resistência ao discurso católico do missionário scalabriniano que queremos apresentar, que também rendeu um atentado contra a sua vida, está relacionado a assistência sacramental que o mesmo exercia na região de colonização italiana do Paraná. O acontecimento se deu no ano de 1889, quando o religioso visitava um dos núcleos coloniais do litoral paranaense.

... nel giorno 11 per accondiscendere al desisderio dei Coloni de S. Luiz, là mi portai a passar due giorni con loro. Volle combinazione che da presso la casa che dovea ospitarmi, m'incontrassi col famoso José Albino, quel tizio che per 15 giorni stette costì in Corityba sulle mie traccie per ammazzarmi. Non le posso dire quanto di rabbia egli disfogò contro di me: ad ogni modo mi voleva gettare di sella, dicendo che era venuto il momento della sua vendetta, con le bestemmie più orrende. Due volte mi aferrò per il braccio; due volte mi abbrancò nel collo, ma io resistetti conservandomi nella maggior quiete. Fuggì ed egli mi inseguì fino alla casa Vagnoni. Là entrato, egli pure entrò, e per tre o quattro ore resti sotto l'incubo di quella belva vorace. La gente di là, mezza cotta dalla caciassa, sebbene se ne stava pronta a diffendermi, non ardi di

³⁵⁵ ... devo aumentar as cautelas para me proteger das insídias dele e de seus cúmplices (são Calabreses, e entre eles um Sacerdote!). (Tradução nossa). COLBACCHINI a ROLLERI, 06 de fevereiro de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 107.

impedire questi fatti, perchè quel malvaggio, più colle sue bravate, che colla sua forza, ha saputo incutere spavento a tutti di quella Colonia.³⁵⁶

Dias depois, já estando são e salvo em viagem à província de São Paulo, ao relatar o caso ao seu superior, o scalabriniano revelou qual teria sido o motivo de tanto ódio que ocasionou este segundo atentado contra sua vida.

In viaggio presi febbri biliose, forse in causa del malo incontro fatto in Paranaguà di un uomo (lombardo) che mi afferrò per il collo e diceva di volermi uccidere, perchè due anni or sono, sua moglie venne a confessarsi da me.³⁵⁷

Os trechos das cartas apresentados nos revelam que, dentre a maioria dos italianos instalados no núcleo colonial São Luiz, havia um que não desejava a presença do missionário católico. Segundo a descrição do sacerdote já há algum tempo este imigrante o estava perseguindo com a intenção de matá-lo, pelo fato de sua mulher ter se confessado com ele dois anos atrás. Nossa hipótese é que na referida confissão Colbacchini tenha aplicado alguma correção de ordem moral que veio a interferir no relacionamento do casal, talvez ocasionando uma separação, não sabemos. Contudo, o fato demonstra como o padre agia para impor regras de comportamento aos indivíduos por meio deste sacramento católico, e ao mesmo tempo como alguns imigrantes não aceitavam esta ação que visava controlar e disciplinarizar o grupo étnico por meio de normas de conduta.

É possível notar também, que mais uma vez o sacerdote italiano faz questão de marcar a procedência regional do transgressor da ordem, informando que se tratava de um imigrante lombardo, como se estivesse dizendo que não era um dos colonos oriundos da sua região de procedência, o Vêneto. Entendemos, que estes últimos, por serem a maioria e se concentrarem nas colônias rurais, eram o principal alvo do discurso do religioso, que os queria ter como exemplo, e conseqüentemente, como ajuda para implantar o seu projeto de romanização do catolicismo em terras brasileiras.

³⁵⁶ ... no dia 11 para atender o desejo dos Colonos de São Luiz, lá me dirigi para passar dois com eles. Aconteceu que próximo a casa em que deveria me hospedar eu encontrasse o famoso José Albino, aquele mesmo que por 15 dia permaneceu em Curitiba atrás das minhas pegadas para me matar. Não lhe posso dizer quanta raiva ele despejou contra mim: de todas as formas queria me derrubar da sela, dizendo que tinha chegado o momento da sua vingança, com as blasfêmias mais horrendas. Duas vezes me segurou pelo braço; duas vezes me puxou pelo pescoço, mas eu resisti e me mantive na maior calma. Fugí e ele me seguiu para a casa dos Vagnoni. Lá entrei, mas ele também entrou, e por três ou quatro horas fiquei diante do pesadelo daquela besta foraz. As pessoas de lá, já sob efeito da cachaça, mesmo prontos a me defender, não ousaram impedir este fato, porque o malvado, mais com suas palavras, que com sua força, soube incutir medo a todos daquela colônia. (Tradução nossa). COLBACCHINI a MOLINARI, 22 de maio de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 129.

³⁵⁷ Em viagem adquiri fortes febres, talvez por causa do terrível encontro que aconteceu em Paranaguá com um homem (lombardo) que me segurou pelo pescoço e ameaçava me matar, porque dois anos fazem, sua mulher foi se confessar comigo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 07 de junho de 1889. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 136.

Uma outra forma que os imigrantes encontravam de se opor ao discurso de Pietro Colbacchini era a tentativa de denegrir a sua imagem de sacerdote, sobretudo, acusando o mesmo de manter sua função somente para obter uma fonte de renda muito lucrativa através do atendimento espiritual nas colônias. Um exemplo deste tipo de oposição à atuação do missionário pode ser percebido no trecho da carta que ele enviou ao padre Bonato em 23 de agosto de 1890:

Venne a mia notizia che certo Merchiorato Antonio impiegato nella sega e molino di Iudica Mendes de Sa, parla molto di me (certo sotto l'impulso del suo padrone) e giunge a dire che egli sa di cosa certa che in quest'anno ho io mandato alla mia famiglia la somma de 18 conti di reis. Fate il favore di chiamarlo, alla prima occasione, e di dirgli da mia parte che se egli potrà provare aver io mandato un reis alla mia famiglia in tutto il tempo dacché mi trovo in America (6 anni) io gli darò a premio un conto per lui. Fategli conoscere la parte infame che egli rappresenta con queste calunie che presso i semplici seminano scandalo e portano grave pregiudizio alla riputazione che io devo godere per ottenere il fine del mio ministero. Ditegli che egli ha più bisogno di Dio che Giudica Mendes, e che non ischerzi, perché Iddio è il vendicatore delle ingiuste offese fatte ai suoi ministri... ad onta che io gli perdoni, se al più presto e pubblicamente, cioè a presenza di testimoni, non confesserà essere stato di sua invenzione l'affare dei 18 conti, o di averlo appreso da persona mal disposta contro di me.³⁵⁸

Notamos, que no caso apresentado, um dos colonos do núcleo Mendes de Sá de Campo Largo, de nome Antonio Merchiorato, espalhava a notícia que o padre italiano juntava dinheiro, por meio da função que exercia junto aos imigrantes, para enviar aos seus familiares na Itália. Da mesma maneira, deduzimos que a ação do referido colono foi denunciada ao sacerdote por aqueles italianos que viam nele o legítimo representante da italianidade apoiada no discurso religioso, e por essa razão, não queriam ver a sua imagem e o seu ministério serem denegridos.

Fica entendido também, que Colbacchini associava a atitude do referido imigrante ao fato do mesmo ser empregado do coronel Jugica Mendes³⁵⁹, com o qual, como é possível

³⁵⁸ Fiquei sabendo que um certo Antonio Merchiorato empregado na serraria e moinho de Jugica Mendes de Sá, fala muito mal de mim (certamente sob influência de seu patrão) e anda dizendo que ele sabe com toda a certeza, que neste ano eu mandei para minha família a soma de 18 contos de reis. Faça o favor de chamá-lo, na primeira oportunidade, e de dizê-lo em meu nome que se ele puder provar ter eu mandado um só réis a minha família em todo esse tempo no qual eu encontro na América (6 anos) eu lhe darei um conto como prêmio. Faça-o conhecer a parte infame que ele representa com estas calúnias que junto dos mais simples semeiam o escândalo e trazem graves prejuízos à reputação que eu devo gozar para obter a finalidade do meu ministério. Diga-o que ele tem mais necessidade de Deus que de Jugica Mendes, e que não brinque, porque Deus é o vingador das injustas ofensas feitas aos seus ministros... ao contrário que eu o perdoe, se o mais rápido e publicamente, isto é, na presença de testemunhas, ele não confessar ser sua invenção essa história dos 18 contos, ou de tê-la ouvido de pessoa má disposta contra mim. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 23 de agosto de 1890. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 284-285.

³⁵⁹ A colônia Mendes de Sá, também conhecida como Rondinha, foi fundada às margens da Estrada de Mato Grosso por iniciativa particular dos irmãos Cel. José Olyntho e Cap. João Antonio Mendes de Sá. A área inicial de 280 hectares foi dividida em 35 lotes que foram adquiridos por italianos e poloneses. Conf. SCARPIM, Fábio A. 2017, Op. Cit.

perceber através do exposto, o sacerdote tinha certas divergências. Cremos que essas divergências deviam se dar por conta da disputa pelo controle dos imigrantes pertencentes à referida colônia, sobretudo por questões políticas, pelo fato do citado coronel pertencer ao partido republicano, ao qual eventualmente, queria agregar, contra a orientação do padre italiano, também os colonos pertencentes àquele núcleo.

Em outro extrato de carta, escrita já depois do seu retorno para a Itália, conseguimos notar que a mesma estratégia para denegrir a imagem do missionário scalabriniano, perante os imigrantes da região, era adotada também pelo grupo de italianos instalados no meio urbano. Neste trecho escreve o sacerdote: “Qui non ho trovato né i 100 né i 40 contos, che il Mattana e compagni belli, sostengono aver io mandato avanti”.³⁶⁰ Portanto, ao se referir ao imigrante Baldassare Mattana, que, como já vimos anteriormente, pertencia ao grupo ligado a Sociedade Giuseppe Garibaldi, como também aos seus companheiros, o religioso revela que os italianos anticlericais do meio urbano também o acusavam de atender espiritualmente as colônias somente com o intuito de acumular riquezas.

Talvez tal acusação tivesse fundamento no fato do missionário ter adquirido com dinheiro próprio uma propriedade na Colônia de Santa Felicidade, a qual, rapidamente, procurou vender para a comissão daquela comunidade religiosa depois de seu afastamento da missão de Curitiba, como podemos conferir a seguir:

Come ho scritto a Marco, sarà molto conveniente (e misura di economia) che i fabb. comperino la mia residenza di S. Felicidade. Credetelo che il prezzo è mitissimo, perché a me costò molto più. Sola la casa, oltre i lavori gratuiti, mi costò sopra due contos. [...] Non per il mio interesse, ma per quello della missione, vorrei che la Colonia non lasciasse passar l'occasione di quest'acquisto. Io poi ho bisogno di vendere quella casa per impegni che tengo. Se potessi fare, l'avrei donata alla missione. [...] Marco è mio Procuratore, ha pieni poteri, che se la intendino con lui.³⁶¹

Portanto, o próprio Colbacchini revelou em seus escritos que possuía bens particulares em seu nome e que queria vendê-los para a comissão da comunidade religiosa de Santa Felicidade. Da mesma maneira, ele informou ter deixado um dos imigrantes, que identificamos como Marco Mocellin, por este ser citado em várias outras cartas, responsável por cuidar de

³⁶⁰ Aqui não encontrei nem os 100 nem os 40 contos, que o Mattana e seus fiéis companheiros, sustentam eu ter desviado. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, outubro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 389.

³⁶¹ Como escrevi a Marco, será muito conveniente (e medida de economia) que os fabriqueiros comprem a minha residência de Sta. Felicidade. Cria que o preço está baixíssimo, porque a mim custou muito mais. Só a casa, tirando os trabalhos gratuitos, me custou mais de dois contos. [...] Não por meu interesse, mas pelo da missão, queria que a Colônia não deixasse passar a oportunidade desta aquisição. Eu também tenho necessidade de vender aquela casa por dívidas que tenho. Se pudesse fazer, a teria doado para missão. [...] Marco é meu Procurador, tem plenos poderes, que se entendam com ele. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 20 de abril de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 420.

seus interesses econômicos. Esse fato deixava uma brecha para que os colonos também suspeitassem que ele estivesse interessado em acumular riquezas enquanto exercia sua liderança espiritual nas colônias italianas. Diante de tal suspeita, antes de retornar para o Brasil em 1896, o missionário tratou de escrever um testamento no qual declarava a Congregação Scalabriniana sua herdeira universal: “... lascio mia erede universale la Congregazione dei Missionari di S. Carlo di Piacenza, non solo di quanto resterà dei miei beni immobili e mobili che possiedo in Bassano, ma altresì di quanto fossi per possedere nei luoghi delle mie missione, al tempo della mia morte.”³⁶²

Assim, como no último exemplo apresentado, muitas das resistências ao discurso promovido pelo religioso de caráter ultramontano que estamos investigando, foram possíveis de ser identificadas depois que o mesmo deixou Curitiba, em 1894. Nesse período, enquanto a Congregação Scalabriniana preparava novos missionários para enviar ao Paraná, ficou à frente da missão italiana da região o já citado padre Francisco Bonato. Sendo assim, várias cartas de Pietro Colbacchini foram dirigidas a ele, a fim de ditar as regras de como ele devia continuar o atendimento espiritual junto aos imigrantes italianos. Nesta direção, Bonato recebia a seguinte exortação em setembro de 1894:

Non dovevate poi benedire la venda dello Smaniotto, perché non si possono benedire le case del demonio. Fu la vostra una scandalosa debolezza! [...] Non trattate cogli empì, perché sarà più il vostro danno, che il loro vantaggio. Sono simulatori furbi che vi trarrebero in qualche pastoja. Trattate bene con tutti, ma non vi fidate del canto della Sirena.³⁶³

É possível notar, por meio deste pequeno trecho, duas formas de oposição ao discurso de Colbacchini. Uma primeira foi exercida pelo citado colono Smaniotto, que além de manter uma venda em uma das colônias italianas da região, não via nenhum mal que a mesma recebesse a visita de um sacerdote, para que este benzesse o seu estabelecimento comercial. Este fato revela que nem todos os imigrantes fixados nas colônias aderiam às imposições feitas pelo scalabriniano. A segunda forma de oposição, se dá por parte do próprio padre Bonato que não se recusou em atender ao pedido do referido imigrante.

³⁶² “... deixo como minha herdeira universal a Congregação dos Missionários de São Carlos de Piacenza, não somente do que restará dos meus bens imóveis e móveis que possuo em Bassano, mas o quanto puder possuir nos lugares das minhas missões, antes da minha morte. (Tradução nossa). COLBACCHINI, Pietro. Pro memoria, 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 473.

³⁶³ Não devias ter benzido a venda do Smaniotto, porque não se pode benzer as casas do demônio. Foi a vossa uma escandalosa fraqueza! Não se misture com os ímpios, porque será maior o vosso dano, que a vantagem deles. São dissimulados espertos que vos traíriam em qualquer banquete. Se dê bem com todos, mas não confies no canto da Sereia. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 20 de setembro de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 383.

Mais uma vez também, é perceptível que havia uma rede de informantes presente nos núcleos coloniais italianos, que na nossa compreensão, aderiram de tal forma ao ultramontanismo implantado pelo missionário scalabriniano, que mesmo o representante deste discurso tendo retornado para a Itália, faziam com que ele ficasse sabendo dos desvios de conduta que aconteciam entre os imigrantes no Paraná. Tanto isso era verdade, que este último, mesmo estando do outro lado do oceano, escreveu várias vezes na tentativa de controlar, não só o comportamento dos colonos, mas sobretudo, do sacerdote que lhe substituíra.

Um das sérias acusações, feitas ao padre Francisco Bonato neste período, foi de ter aceitado celebrar missa no oratório particular do imigrante Basilio Bacalfi. Este último, apesar de ser um dos pioneiros do núcleo colonial de Santa Felicidade, aderira ao grupo de italianos com características liberais que se concentrava na parte urbana da capital paranaense. Já em 1891, enquanto ainda estava em Curitiba, ao escrever ao internúncio Spolverini reclamando da invasão de sua jurisdição por parte do vigário local, o já citado pe. Alberto, o missionário scalabriniano relatava o caso da seguinte maneira:

... egli accettò di portarsi a S.a Felicidade a celebrare una Messa (con molta festa brasileira) nell'Oratorio vicino alla Chiesa nuova proprietà del negoziante Basilio Bacalfi (mio dissidente), oratorio che non ha nessun motivo di esistere ora che si funzionerà la Chiesa nuova, e che anzi deve necessariamente essere sopresso per i gravi scandali che causa.³⁶⁴

Portanto, nessa descrição o sacerdote italiano faz questão de afirmar que o imigrante Basilio Bacalfi divergia do seu discurso ultramontano, tanto que providenciou um oratório particular, mesmo habitando ao lado da Igreja da Colônia de Santa Felicidade. Para ele essa atitude, além de uma ofensa, era uma grande ameaça, pois, o modelo de catolicismo vivido por Bacalfi poderia influenciar também os demais colonos daquele núcleo. Em maio de 1895, escrevendo de sua terra natal a Bonato, Colbacchini voltou a combater o oratório particular do referido imigrante:

Ho sentito con vivo dispiacere che voi vi siate mostrato così debole da accettare l'invito di celebrare Messa dal Basilio. La scusa di averne domandato al Vescovo la licenza non fa che aggravare la vostra colpa, perché il vostro dovere sarebbe stato di persuadere al Vescovo la convenienza di soprimire quell'Oratorio. [...] Vi devo avvertire che fra gli italiani di Curitiba si è formata una loggia massonica che fa di tutto

³⁶⁴ ... ele aceitou ir a Sta. Felicidade celebrar uma Missa (com muita festa brasileira) no Oratório vizinho a nova Igreja de propriedade do negociante Basilio Bacalfi (meu dissidente), oratório que não tem nenhum motivo de existir já que agora funcionará a Igreja nova, e que ao contrário deve necessariamente ser suprimido pelo graves escândalo que causa. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 26 de outubro de 1891. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 332.

per arruolare i coloni dei vari nuclei; il Basilio ed altri già si sono iscritti. Pensate se possiamo sperar bene da chi há giurato di distruggere religione e Dio.³⁶⁵

Percebemos, que o missionário se revoltou com o seu substituto, pois este último ao invés de combater o modelo de catolicismo vivido pelo imigrante Basilio Bacalfi, deu-lhe uma grande demonstração de apoio e legitimidade, ao aceitar celebrar uma missa no seu oratório particular. Entendemos, que na compreensão do scalabriniano essa ação podia ser desastrosa, pois incentivaria os demais colonos a abandonar o modelo de catolicismo implantado por ele na região.

Nesta direção, o sacerdote ultramontano via a necessidade de Bonato convencer o Bispo que o referido oratório particular devia ser interdito. A maior razão para isso, seria o envolvimento de Bacalfi com os italianos do meio urbano, ligados à Sociedade Giuseppe Garibaldi, a qual Colbacchini continuava acusando de ser uma loja maçônica que agia para destruir a verdadeira religião de Deus. Nesse sentido, compreendemos, que para o missionário os colonos do núcleo Santa Felicidade corriam grande perigo, pois, alguns dos seus membros já haviam aderido ao projeto dos imigrantes italianos com conotações liberais fixados no centro da capital paranaense.

Outro motivo para tal preocupação deve-se ao fato de que, assim como o núcleo do Água Verde, a referida colônia era muito próxima da parte urbana de Curitiba. Por isso, o religioso via a necessidade de que o discurso de italianidade pautado na catolicidade fosse mais acentuado nessas colônias que em outras, como exorta Bonato em meados de 1895:

Mi parlate della Cap. Daldin. Non era proprio del caso di visitarla con tanto daffare che avevate nelle Colonie, e poi come sapete non è provisionata. Perché siete stato un mese intero senza visitare S.ta Felicidade? In tanto tempo il diavolo sa fare il suo interesse.³⁶⁶

Notamos claramente, que Pietro Colbacchini pedia que seu substituto preferisse prestar assistência religiosa no núcleo de Santa Felicidade, do que na Colônia Mergulhão de São José dos Pinhais, onde localizava-se a capela Daldin. Acreditamos, que ele considerava que a

³⁶⁵ Soube com muita insatisfação que vós se mostraste tão fraco em aceitar o convite para celebrar Missa no Basilio. A desculpa de ter pedido licença para o Bispo somente aumenta a vossa culpa, porque o vosso dever teria sido convencer ao Bispo a conveniência e necessidade de suprimir aquele Oratório. [...] Vos devo advertir que entre os italianos de Curitiba se formou uma loja maçônica que faz de tudo para cooptar os colonos dos vários núcleos; o Basilio e outros já se inscreveram. Pense se podemos esperar bem de quem jurou destruir a religião e Deus. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, maio de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 426-427.

³⁶⁶ Me faleis da Capela Daldin. Não era necessário que a visitasse com o tanto de afazeres que tens nas Colônias, e mais como sabes não é provisionada. Porque ficou um mês sem visitar Santa Felicidade? Em tanto tempo o diabo saber agir em seu interesse. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, maio de 1895b. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 427.

primeira corria maior risco que a segunda, pois possuía mais imigrantes e estava muito próxima dos italianos liberais, que na opinião dele estavam a serviço do inimigo de Deus.

Da mesma forma, percebemos que havia uma preocupação permanente do missionário e um pedido constante para que o discurso católico fosse reforçado a todo momento. Cremos que isso revela que a maioria dos imigrantes italianos continuava vulnerável aos desvios de conduta e as demais formas de representação de italianidade existentes, pois, não assumiam completamente e definitivamente a moral religiosa como sua marca identitária, ao menos não da forma como almejava o sacerdote ultramontano.

Nessa direção, escreveu o seguinte a Bonato em junho do mesmo ano: “State allegro in Domino, e fate del vostro possibile, perché venendo i Padri non si scandalizzano nel trovare tanti ferri di cavallo nelle imposte delle porte e dei balconi delle case dei nostro coloni (oh poveri noi!!!)”.³⁶⁷ Portanto, nesta última descrição, ao tratar da vinda dos padres que tomariam a frente da missão italiana em Curitiba, o scalabriniano revela que um outro desvio da catolicidade presente entre os colonos, e que precisava ser combatido, era apego às superstições, como por exemplo, o uso de ferraduras de cavalo nas casas, crendo que isso traria sorte. Esta declaração demonstra como os colonos não se submetiam totalmente ao discurso religioso, e inclusive, mantinham tradições que eram contrárias as regras de comportamento de bons católicos ditadas pela religião.

Sendo assim, havia a necessidade do reforço permanente da catolicidade, na tentativa de garantir que a mesma fosse a forma de representação de italianidade adotada pelos imigrantes. No nosso entendimento, essa insistência se dava exatamente por existirem muitas resistências e desvios que eram manifestados tanto pelos discursos contrários, como também por parte dos próprios colonos. Foi o que constatou Colbacchini durante o último ano que esteve à frente da missão italiana no Paraná:

Quello anzi che è stato osservato da molti, e che io constato ogni giorno, si è che i coloni ultimi venuti da Italia, e pure dalle Diocesi venete e dalla nostra, si mostrano meno religiosi dei primi quivi stanziati, e sono oggetto per loro di scandalo, specie per le bestemmie e scurrilità di costumi.³⁶⁸

³⁶⁷ Permanece alegre no Senhor, e faça o vosso possível, para que chegando os Padres não se escandalizem ao encontrar tantas ferraduras de cavalos nas portas e varandas das casas dos nossos colonos (oh coitados de nós!!!). (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 13 de junho de 1895. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 428.

³⁶⁸ O que foi observado por muitos, e que eu constato todo dia, é que os últimos colonos vindos da Itália, também das Dioceses vênetas e da nossa, se mostram menos religiosos de que os primeiros aqui instalados, e são objeto de escândalos para eles, especialmente pelas blasfêmias e grosseria dos costumes. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 14 de fevereiro de 1893. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 361.

Neste último trecho de carta que apresentamos, o padre italiano afirma que havia uma parcela dos imigrantes, que ele identifica como os últimos que se fixaram na região, que realmente não se mostrava tão adepta ao catolicismo como os primeiros que se instalaram no Paraná. Da mesma forma, talvez pela primeira vez, o sacerdote irá admitir que tal resistência à religião por parte dos recém-chegados se dava também por parte dos colonos oriundos da região do Vêneto. Esse fato fazia com que o missionário entendesse que o seu discurso ultramontano, que pretendia que a catolicidade fosse a marca identitária dos imigrantes italianos, precisasse ser constantemente reforçado.

Acreditamos que essa constatação, de que os imigrantes viviam diante do perigo permanente de perder a fé, foi um dos motivos que levou Pietro Colbacchini a retornar para o Brasil em 1896, depois de dois anos de permanência em sua terra natal. Na ocasião, mesmo tendo como destino o Rio Grande do Sul e sabendo que o bispo de Curitiba não desejava sua volta, ele resolveu visitar as colônias italianas paraaenses.

Segundo os seus relatos sobre sua passagem pela região de colonização italiana do Paraná, onde por cerca de oito anos havia propagado o seu discurso religioso, os imigrantes estavam descontentes com o novo atendimento espiritual que estavam recebendo. Tal descontentamento, de acordo com o sacerdote, se devia ao tratamento moderado e transigente dos novos padres que haviam assumido a missão italiana. Nesse sentido, ele prontamente vai escrever a Monsenhor Scalabrini denunciando o proceder dos seus novos substitutos:

Ora le esporrò le mie nuove impressioni sullo stato di queste Colonie, dopo la visita delle principali. Del bene, grazie a Dio ne è restato. Però ho trovato i fanciulli molto indietro nella dottrina. Questi Padri si limitano a far insegnare per mezzo di maestri la dottrina, e credono ciò basti. [...] La predicazione che fanno ai grandi (specie il P. Francesco) non corrisponde al bisogno degli uditori. Così non si correggono dei loro vizii, e la bestemmia, l'ubriachezza, gli sconci parlari, col resto, sono ridivenuti vizii generali. [...] Il Vescovo mi scriveva che a mezzo di questi missionari si è fatta la pace nelle Colonie; come io prevedevo, era quella pace che non è pace. I cattivi non fanno chiassi perché nessuno li combatte.³⁶⁹

De acordo com este relato, o scalabriniano considerava que os seus colegas de congregação, que agora eram responsáveis pela missão italiana em Curitiba, deixavam muito a

³⁶⁹ Agora lhe contarei as minhas novas impressões sobre o estado desta Colônias, depois de visitar as principais. Algum bem, graças a Deus, restou. Porém encontrei as crianças muito atrasadas na doutrina. Estes Padres se limitam a querer ensinar por meio de professores a doutrina, creêm que isto basta. [...] A pregação que fazem aos adultos (especialmente o Pe. Francesco) não corresponde a necessidade dos ouvintes. Assim não se corrigem dos seus vícios, e a blasfêmia, a embriaguez, as palavras indecentes, e todo o resto, tornaram os vícios generalizados. [...] O Bispo me escrevia que por meio desses missionários se havia alcançado a paz nas colônias; como eu previa, era aquela paz que não é paz. Os maus não causam confusão porque ninguém os enfrenta. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 09 de dezembro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 489-490.

desejar, pois, além de não ensinarem a doutrina as crianças e suas pregações não corrigirem os desvios de comportamento dos colonos, os mesmos não combatiam os maus. Sobretudo, ele criticou a pessoa do padre Francesco Brescianini, que havia sido designado, desde 1895, como o novo superior para a referida missão. Nesse sentido, Colbacchini aproveitou-se de um desvio moral cometido por Brescianini, para uma última vez tentar convencer, tanto o bispo local, como o seu superior, que ele devia reassumir a direção do atendimento espiritual dos italianos do Paraná. Tal tentativa pode ser percebida no trecho da carta que foi dirigida a Scalabrini:

Oltre mille lamenti dei migliori dei Coloni di S.a Felicidade e d'altre colonie contro il P. Brescianini mi venne esposto un fatto che in questi ultimi giorni ha occupato con gravissimo scandalo la Colonia tutta. Si venne a sapere, a mezzo prima di una fanciulla, e poi per confessione della stessa complice, sebbene innocente, che il P. Brescianini da circa un'anno addietro commise per tre volte in varie epoche la leggerezza di baciare una donna giovane in casa della quale egli si portava per medicarne il marito ammalato. La donna spontaneamente venne da me a pregarmi di riconsigliarla col marito, che più non vuol convivere con lei perché non può smettere il sospetto sopra di un'ultimo figlio avuto. [...] Egli non nega i fatti perché sono troppo provati, ma ripete che non si ricorda di baci. [...] Tornai dal Vescovo martedì... gli mostrai la mia buona disposizione di prestarmi presso V. Ecell. per sostituire con qualche altro buon Padre il Brescianini, se ne offese fortemente; mi disse che si maravigliava che io ardisse di intervenire negli affari della sua Diocesi; che il Vescovo era lui, e che neppure il Vescovo di Piacenza poteva prendere disposizione senza consultarlo.³⁷⁰

Portanto, percebemos que, o missionário ultramontano ao tomar conhecimento do delito cometido pelo novo superior da missão italiana de Curitiba, e desejando permanecer no Paraná, vai agir no intuito de tentar retornar a função que antes era sua. Nesse sentido, ele procurará delatar o caso do beijo do padre Brescianini, tanto para o seu superior, como para o bispo local, na esperança que esses entendessem ser necessário o seu retorno para o cargo de superior da missão italiana em terras paranaenses. Porém, Dom José de Camargo Barros, como já discutimos anteriormente, já havia decidido que não queria a presença ultramontana de Pietro Colbacchini em sua Diocese, e tratou logo de por fim nesta última tentativa do missionário de permanecer na região.

³⁷⁰ Entre as várias reclamações feitas pelos melhores Colonos de Sta. Felicidade e das outras colônias contra o Pe. Brescianini me foi exposto um fato que nestes últimos dias causou gravíssimo escândalo em toda Colônia. Se descobriu, por meio de uma criança, e depois pela confissão da própria cúmplice, se bem que inocente, que o Pe. Brescianini cerca de um ano atrás cometeu a leveza de beijar uma jovem mulher em casa da qual ía para medicar o marido doente. A mulher espontaneamente veio a mim implorando que eu a reconciliasse com o marido, que não quer mais conviver com ela porque não deixa de suspeitar sobre um último filho que tiveram. [...] Ele não nega os fatos porque tem muitas provas, mas repete que não se lembra dos beijos. [...] Me dirigi ao bispo terça-feira... e lhe mostrei a minha boa disposição de pedir a Vossa Excelência para substituir com um outro bom padre à Brescianini, ele se ofendeu fortemente; me disse se espantava que eu pretendesse intervir nas questões de sua Diocese; que o Bispo era ele, e que nem mesmo o Bispo de Piacenza podia dispor sobre o assunto sem consultá-lo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SCALABRINI, 02 de outubro de 1896. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 476-477.

Não conseguindo se fixar novamente entre os italianos de Curitiba, o religioso scalabriniano se dirigiu para o seu novo destino, que eram as colônias do Rio Grande do Sul, onde procurou também implantar o seu modelo de italianidade pautado no catolicismo ultramontano. Contudo, não desistiu de tentar controlar por meio de cartas a ação dos padres que ficaram à frente do atendimento religioso das colônias italianas no Paraná. Nessa direção, continuou a escrever frequentemente ao padre Bonato, que a partir de 1895, assumiu a direção dos núcleos coloniais da região de Colombo, que no referido ano foram separados da capelania italiana dirigida pelos padres scalabrinianos. Em uma de suas últimas missivas, destinada a este sacerdote no início de 1900, escreveu:

In Brasile non siamo in Italia, come voi giustamente dite. Combattere la massoneria, è darle vita e metterla nella lotta contro di noi. Qui tutti fanno quel che vogliono in fatto di religione, e dobbiamo di ciò ringraziare il Signore. Convertire i massoni è opera solo di Dio, non nostra, e se tentassimo questo, no faressimo che dar loro importanza ed averli a nemici.³⁷¹

Nesta carta, percebemos que o padre Colbacchini continuará a criticar a forma de como a religião era vivida no Brasil, sobretudo, vai evidenciar novamente a forte presença da maçonaria no país como principal obstáculo para atuação dos sacerdotes católicos. Porém, notamos que a essa altura o missionário apresentava um discurso mais moderado do que aquele que costumava ter, tanto que aconselha ao padre Bonato de não combater diretamente aos maçons, pois, isso só lhes daria importância e aumentaria a inimizade entre eles.

Acreditamos que o religioso, que muitas vezes combateu e incentivou o combate a maçonaria no Paraná, não havia mudado de opinião, mas diante da constante luta que havia travado, estava dando sinais de cansaço. Tanto é, que na última carta escrita para Francisco Bonato, em 04 de janeiro de 1901, escreve: “Non posso lasciare di a voi dare la notizia della mia vicina partenza da questo Brasile. [...] Cogli anni s’accrescono gli acciachi e finché sono in tempo ho deciso di tornare in circostanze migliore per l’anima e per il corpo...”³⁷² Porém, o seu desejo de retornar definitivamente para Itália não se concretizou, pois, depois de vários embates e enfrentamentos, que lhe renderam vários atentados contra a vida nas colônias

³⁷¹ No Brasil não estamos na Itália, como vós justamente disse. Combater a maçonaria, é dar-lhe vida e colocá-la na luta contra nós. Aqui todos fazem aquilo que querem em termos de religião, e devemos agradecer ao Senhor por isso. Converter os maçons é obra somente de Deus, não nossa, e se tentássemos isto, não faríamos mais que dar-lhes importância e tê-los como inimigos. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 01 de janeiro de 1900. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 525.

³⁷² Não posso deixar de vos dar a notícia da minha partida deste Brasil. [...] Com os anos aumentam as doenças e enquanto estou com tempo decidi retornar para circunstâncias melhores para a alma e para o corpo. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 04 de janeiro de 1901. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 540.

italianas do entorno de Curitiba, veio a falecer no dia 30 de janeiro na localidade de Nova Bassano, na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul.

3.4.1 A negociação, a transitoriedade e a pluralidade da identidade imigrante

Antes de encerrarmos a presente dissertação, queremos apresentar ainda uma pequena análise a fim evidenciar que havia certa negociação e transitoriedade no processo de constituição da identidade imigrante. Nessa direção, pretendemos apresentar o comportamento de dois colonos de origem italiana que foram citados nos escritos do sacerdote cujo discurso aqui analisamos. São eles os italianos Francesco Busato e Sebastiano Moletta, ambos oriundos da região do Vêneto.

Pudemos acompanhar durante a pesquisa, sobretudo no primeiro tópico deste capítulo, que estes dois imigrantes se envolveram na defesa do padre Pietro Colbacchini como o verdadeiro representante da italianidade da qual eles afirmavam pertencer por meio da fé católica. Entretanto, ao procurarmos informações sobre esses dois imigrantes italianos, descobrimos que ambos já haviam até mesmo se naturalizado cidadãos brasileiros. A fim de ilustrar nossa afirmação, segue abaixo o pedido de naturalização do imigrante Francesco Busato:

Francisco Busato, filho de Antonio Busato, natural do reino da Itália, casado, proprietário, de 32 anos de idade, residindo neste distrito há mais de 2 anos e tendo a intenção de nele permanecer quer naturalizar-se cidadão brasileiro, e por isso vem requerer a V. Ex. que lhe mande passar a respectiva carta de naturalização, tomando-lhe o juramento de fidelidade à Constituição do Império. Curitiba, 19 de março de 1883.³⁷³

Segundo a documentação, encontrada no Arquivo Público do Paraná, a naturalização de Francisco Busato foi concedida no dia 10 de abril de 1883 e o seu juramento a Constituição do Império do Brasil se deu aos 30 de setembro de 1884, portanto, anos antes do protesto apresentado anteriormente, no qual o referido imigrante saiu em defesa do modelo de italianidade defendido por Colbacchini. Esse fato, segundo nossa compreensão, demonstra a pluralidade da identidade deste italiano que se instalou em Curitiba, que mesmo tendo se naturalizado cidadão brasileiro se envolvia em disputas simbólicas na intenção de defender a preservação do seu sentimento de pertença étnica.

³⁷³ CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, Livro 702, Ano 1883, fl.23.

Ao investigarmos ainda mais a trajetória do indivíduo imigrante em questão, descobrimos que o motivo que o levou a se naturalizar brasileiro foi seu interesse pela política. Segundo as atas de instalação da intendência da Vila de Colombo, antiga colônia Alfredo Chaves, Francisco Busato foi nomeado fiscal da mesma já em 05 de fevereiro de 1890, e assumiu a sua presidência em 11 de novembro de 1891.

Esse fato nos mostra que, apesar de considerar o padre Pietro Colbacchini o legítimo representante da sua italianidade, Busato não obedecia na íntegra as suas ordens. Isso porquê, como já vimos, o referido sacerdote orientava os imigrantes italianos a não se envolverem na política dos brasileiros, como podemos perceber na orientação feita por ele no trecho de um de seus discursos dirigido aos fiéis: “Vivete in pace con loro, come ospiti in loro casa, ma senza involgervi nelle loro questioni e nei partiti politici, che non fanno per voi, e che vi apporterebbero gravi danni.”³⁷⁴.

Ao constataremos o envolvimento de Francisco Busato, italiano naturalizado brasileiro, na política local, e conseqüentemente a sua desobediência àquele que o mesmo considerava o representante da sua italianidade, percebemos que a identidade dos imigrantes italianos em Curitiba não era fixa, rígida e imutável, mas sim que ela permaneceu em deslocamento, em trânsito, obedecendo aos arranjos sociais dos diversos grupos que compunham a nova sociedade, ou seja, o processo de identificação não se deu por meio da obediência a um discurso único, e sim através de certa negociação.

É o que percebemos também ao investigarmos mais de perto a trajetória do outro imigrante italiano citado acima. Segundo documentação encontrada no Arquivo Público do Paraná, o colono de origem italiana Sebastiano Moletta também se naturalizou brasileiro, e comparecendo na Secretaria do Governo Provincial no dia 30 de outubro de 1884, jurou reconhecer o Brasil por sua pátria e fidelidade à Constituição e mais leis do Império. Porém, mesmo tendo se naturalizado cidadão brasileiro, este último também se envolveu na defesa de Colbacchini como o legítimo representante da identidade italiana em Curitiba. Tanto que foi apontado como um dos organizadores do protesto em favor do referido sacerdote e contrário a declaração feita por seu opositor Ernesto Guaita, agente consular e líder do grupo nacionalista ligado à Sociedade Garibaldi.

Entretanto, ao investigarmos a trajetória do imigrante italiano Sebastiano Moletta, pudemos descobrir que o mesmo se juntou ao grupo ligado à referida sociedade poucos anos

³⁷⁴ Vivam em paz com eles, como hóspedes da casa deles, mas sem envolver-vos nas disputas deles e nos partidos políticos, que não servem para vós, e que vos trariam graves danos. (Tradução nossa) COLBACCHINI, Pietro. Discorso di congedo, 29 de julho de 1894. In: TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 570.

depois das disputas simbólicas a respeito da italianidade promovida por meio dos protestos e abaixo assinados que evidenciamos no início deste capítulo. Este fato se confirma ao encontrarmos no resultado das eleições para os cargos de dirigentes da *Società Italiana di Beneficenza Giuseppe Garibaldi*, realizadas no dia 29 de julho de 1894, o nome de Sebastiano Moletta eleito como conselheiro da referida sociedade étnica.³⁷⁵

Isso explica o fato de que em determinado momento, meados de 1891, Colbacchini começa a se referir a Moletta como sendo seu opositor, escrevendo: “Per la terra della Chiesa di Agua Verde, insorgono sempre nuove difficoltà, e mi dispiace che le maggiori vengono per parte di quel Sebastiano Moletta (...) ed i suoi partigiani.”³⁷⁶ Ou quando declara ao pe. Bonato que o referido colono era a pessoa mais perigosa para a missão italiana: “Voi siete andato in cerca delle pecorelle smarrite, e per la vostra semplicità vi pare di averle ricondotte all’ovile, come p. es. il Moletta, che è la persona più dannosa alla missione”.³⁷⁷

Entendemos que, ao assumir esse e depois aquele discurso, ao se aproximar deste e depois daquele grupo, passando de defensor a opositor do padre Pietro Colbacchini, o imigrante italiano investigado estava vivendo o seu novo processo de identificação etnocultural. Compreendemos assim que, ao cruzar as fronteiras identitárias impostas de maneira artificial pelos discursos que eram promovidos pelos grupos sociais com os quais o referido italiano estava em contato, o mesmo demonstra que sua identidade permaneceu em movimento, pois apresentava um caráter móvel e plural.

³⁷⁵ Resultado publicado no Jornal A REPÚBLICA. Curitiba, 04 de agosto de 1894, p. 3.

³⁷⁶ Sobre as terras da Igreja do Água Verde, surgem sempre novas dificuldades, e me desagrada que as maiores venham da parte daquele Sebastiano Moletta (...) e dos seus companheiros. (Tradução nossa). COLBACCHINI a SPOLVERINI, 11 de maio de 1891. In; TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., pp. 311-312.

³⁷⁷ Vós fostes a procura das ovelhas perdidas, e pela vossa ingenuidade, vos parece que as reconduziu ao redil, como por exemplo o Moletta, que é a pessoa mais danosa para a missão. (Tradução nossa). COLBACCHINI a BONATO, 08 de agosto de 1895. In; TERRAGNI, Giovanni. Op. Cit., p. 432.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente pesquisa nos proporcionou verificar que realmente a religião católica exerceu um papel fundamental no processo de identificação etnocultural vivido pelos imigrantes italianos que se estabeleceram em terras paranaenses. Porém, o que procuramos evidenciar, ao longo do trabalho, tanto por meio da revisão historiográfica, mas sobretudo, através da análise das fontes, foi como se deu esse processo, ou seja, como os estrangeiros da referida etnia se comportaram diante do discurso religioso quando se viram obrigados a reconstruir o sentimento de italianidade em um novo contexto social.

Foi possível perceber, que a prática do catolicismo foi usada para estabelecer uma marca étnica, ou seja, ela se tornou um signo utilizado para definir a identidade etnocultural dos imigrantes de origem italiana. Nessa direção, a vivência católica foi estabelecida como uma fronteira para identificar e diferenciar o grupo étnico na região de colonização italiana do Paraná. Nesse sentido, podemos considerar que a religiosidade praticada pelos colonos italianos foi um elemento unificador, mas ao mesmo tempo, diferenciador.

Entretanto, defendemos que esse processo não se deu naturalmente, mas sim de forma direcionada, por meio da imposição do modelo discursivo promovido pela Igreja e suas autoridades religiosas, no caso estudado, o sacerdote Pietro Colbacchini. Assim, procuramos evidenciar como este agente religioso, que identificamos como produtor de um discurso específico, pois, se considerava tanto o legítimo representante da verdadeira catolicidade, como também, da verdadeira italianidade, agiu para impor o seu modelo de representação étnica.

Dessa maneira, conseguimos notar que o processo de identificação etnocultural se construiu diante de um discurso de alteridade, no qual o referido religioso impunha a necessidade da afirmação de um “nós”, constituído pelos italianos católicos, ou melhor pelos bons católicos que vieram da península italiana, diante dos “outros”, que eram os indivíduos não católicos, ou ainda, os que praticavam a religião de uma outra forma. Entendemos, que a apropriação desse discurso aponta para a procura de algo que proporcionasse um sentimento de pertença, desencadeada por uma crise de identidade vivida pelo trauma do deslocamento migratório. Portanto, compreendemos, que os próprios imigrantes buscavam construir uma alteridade, por isso se reapropriaram do modelo de italianidade proposto pelo discurso ultramontano de Colbacchini, que defendia que a identidade etnocultural dos colonos italianos devia ser constituída por meio da prática de um modelo específico de catolicismo.

É importante evidenciar nesse momento, que os imigrantes italianos, cumpriram um papel fundamental nesse processo, porque a maioria já havia adquirido um *habitus* religioso em sua terra de origem: eram católicos praticantes, que tinham como bens de salvação a contínua prática dos sacramentos. Esses indivíduos, ao se instalarem no Brasil, a fim de manter a religiosidade que trouxeram consigo, precisaram da presença de um sacerdote especializado, que proporcionasse meios para darem continuidade na sua maneira de praticar a fé católica.

Em outras palavras, esses imigrantes precisaram de um indivíduo que fosse portador do capital simbólico capaz de garantir a manutenção do exercício de suas práticas religiosas. Essa necessidade dos imigrantes incentivou a atuação de Colbacchini, que pretendia manobrar os colonos italianos, aproveitando-se do apego que tinham à religião, a fim de realizar o projeto de recristianização e de combate à sociedade moderna, como também de romanização do catolicismo brasileiro. Esses projetos faziam parte da compreensão ultramontana que a instituição Católica adquiriu naquele período.

Dessa forma, o discurso religioso específico propagado pelo citado representante do ultramontanismo, ao definir o estereótipo ideal de imigrante italiano como sendo aquele praticante da religião católica, proporcionou a criação de uma fronteira identitária, que por sua vez, permitiu ao referido grupo de estrangeiros viver seu processo de identificação. Nessa direção, ao vivenciarem a catolicidade os imigrantes estabelecidos na região de colonização italiana do entorno da capital paranaense estavam buscando encontrar uma representação discursiva para a sua etnicidade.

Contudo, pudemos perceber que essa forma de representação da italianidade precisou combater outros modelos, contrários a esse discurso católico específico, que também disputavam a adesão dos imigrantes italianos que se estabeleceram na região. Portanto, foi possível verificar que, mesmo a maioria desses estrangeiros tendo assumido a catolicidade como marca identitária, esse processo se deu em meio a disputas de poder, negociações e resistências.

Sobretudo, identificamos que houve a presença de um modelo de italianidade pautado no amor à pátria de origem e no nacionalismo que surgiu durante o contexto histórico de unificação da Itália. Constatamos que essa outra forma de representação da identidade étnica italiana também esteve presente entre os italianos que se instalaram em Curitiba, principalmente entre os imigrantes dessa origem que se fixaram no centro urbano da capital paranaense.

Diante disso, vimos que esses dois modelos de representação de italianidade tiveram que disputar entre si os imigrantes dessa etnia que se alocaram na região. Assim, percebemos

que, mesmo estando em terras estrangeiras no além-mar, criou-se um binarismo apoiado nessas duas formas de expressar a identidade étnica italiana, uma espécie de reflexo do processo de disputa que se deu entre a Igreja e o Estado italiano pós-unificação.

Porém, ao detectarmos a existência desses dois modelos de italianidade, o católico ultramontano de Colbacchini e o nacionalista defendido por parte dos italianos com conotações liberais e anticlericais, não estamos afirmando que essas foram as únicas formas de representação etnocultural adotadas pelos colonos dessa origem. Pelo contrário, ao analisarmos as fontes, percebemos que os imigrantes italianos reais não definiram sua identidade com base nesse binarismo, constituído por essas fronteiras fixas.

Nessa direção, procuramos defender ao longo do texto a ideia de que a identidade do sujeito imigrante não pode ser caracterizada como estável e única, pelo contrário, ela é definida pelas características de transitoriedade e pluralidade. Buscamos nos orientar pelo debate pós-estruturalista, procurando problematizar a questão da formação da identidade como um processo histórico, afastando-nos da ideia de que as identidades são rígidas, essencializadas e naturalizadas.

Da mesma maneira, buscamos nos afastar da concepção que defende que a construção da identidade obedece a oposições binárias, baseada somente na inclusão e na exclusão, na formação de grupos completamente fechados a transformações sociais. Pelo contrário, acreditamos que nenhum grupo de indivíduos está fechado em uma identidade unidimensional e que a fluidez que se presta a diversas interpretações ou manipulações é uma característica do processo de identificação. É isso que cremos ter constatado ao evidenciar as resistências e as negociações, promovidas pelo grupo de imigrantes italianos que investigamos, diante do discurso religioso imposto por Colbacchini.

Percebemos, que esses indivíduos não obedeceram a um simples binarismo no momento em que reconstruíam sua identidade etnocultural, mas que eles circularam entre os modelos de identificação elaborados pelos grupos sociais com os quais estavam em contato. Sendo assim, a identidade desses imigrantes não se fixou, mas transitou entre os modelos de italianidade e catolicidade, e por meio desse movimento assumiu um caráter intersubjetivo e plural.

Entre os diferentes modelos de italianidade que foram impostos pelos grupos, o do meio rural classificado como camponês/vêneto/católico e o do meio urbano visto como liberal/italiano/nacionalista, existiram inúmeras outras combinações que definiram a transitoriedade e a pluralidade da identidade desses imigrantes. Tanto que pudemos constatar a

existência de imigrantes italianos católicos presentes no meio urbano, inclusive, pertencentes ao grupo definido como liberal e anticlerical.

Da mesma forma, percebemos que houve imigrantes que mesmo pertencendo às colônias rurais simpatizavam com o modelo de italianidade defendido pelos nacionalistas. Mais ainda, pudemos ver que alguns desses imigrantes de origem italiana se fizeram cidadãos brasileiros, mas continuaram se envolvendo em disputas simbólicas na intenção de legitimar sua italianidade. Como também encontramos imigrantes que cruzavam as fronteiras identitárias, pertencendo em um primeiro momento a um, e posteriormente a outro, tipo de italianidade.

Portanto, constatamos que devido ao seu caráter móvel, a identidade do sujeito imigrante possibilita ao mesmo viver um processo de identificação permanente. Dessa forma, concluímos que por meio de estratégias e táticas de identidade, adotadas para se adequar ao novo espaço social, e conseqüentemente, alcançar seus objetivos e interesses pessoais, os imigrantes conseguiram fazer uso das diferenças, ou seja, foram capazes de negociar com as múltiplas representações identitárias que os cercavam, e dessa maneira mantiveram o caráter transitório e plural de sua representação étnica.

Nessa direção, defendemos a ideia de que os imigrantes italianos não podem ser definidos como um grupo homogêneo, muito menos como um conjunto de indivíduos absolutamente normatizados pela religião católica, pois, na sua coletividade foi possível perceber uma pluralidade de sujeitos, portadores de múltiplas formas de se identificar, tanto com a italianidade, como também com a catolicidade.

Creemos ser importante destacar, que o que possibilitou essas constatações que estamos apresentando foram duas estratégias que desenvolvemos durante a pesquisa, que se deram por meio da metodologia da análise do discurso. A primeira delas foi a de procurarmos encontrar os contra discursos, sobretudo, as resistências em meio ao próprio discurso de Colbacchini. Uma segunda, foi a de investigarmos o comportamento individual de alguns dos imigrantes que foram citados nos escritos do sacerdote ou se envolveram nas disputas ocorridas entre os modelos de representação étnica.

Gostaríamos de evidenciar também, que temos consciência que muitos aspectos abordados ao longo deste trabalho, não foram aprofundados como mereciam. Porém, acreditamos, que conseguimos apontar para novos temas de investigação a respeito da presença italiana no Paraná. Dentre essas temáticas, que podem dar origem a novos estudos, gostaríamos de elencar as seguintes: a investigação das especificidades dos grupos de imigrantes oriundos

das áreas meridionais da Itália, como por exemplos os calabreses; uma análise mais apurada sobre a composição dos italianos que se estabeleceram no meio urbano de Curitiba; um estudo sobre o clero italiano que atuou no Paraná, elencando os diferentes comportamentos e discursos; uma investigação mais atenta sobre as revoltas que ocorreram nas colônias italianas do litoral, que levaram a maioria dos imigrantes dessa origem a remigrar para o planalto curitibano, e por fim; a realização de um estudo biográfico sobre a figura histórica de Pietro Colbacchini. Ou seja, entendemos que ainda há inúmeras possibilidades para avançar na compreensão do que foi o fenômeno da imigração italiana em terras paranaenses e brasileiras.

FONTES

Cartas do Padre Pietro Colbacchini

COLBACCHINI a BONATO, 10 de maio de 1888.
COLBACCHINI a BONATO, 13 de maio de 1888.
COLBACCHINI a BONATO, 25 de maio de 1888.
COLBACCHINI a BONATO, 02 de junho de 1888.
COLBACCHINI a BONATO, 23 de agosto de 1890.
COLBACCHINI a BONATO, 20 de setembro de 1894.
COLBACCHINI a BONATO, 26 de setembro de 1894.
COLBACCHINI a BONATO, outubro de 1894.
COLBACCHINI a BONATO, 20 de abril de 1895.
COLBACCHINI a BONATO, maio de 1895.
COLBACCHINI a BONATO, maio de 1895b.
COLBACCHINI a BONATO, 13 de junho de 1895.
COLBACCHINI a BONATO, 08 de agosto de 1895.
COLBACCHINI a BONATO, 01 de janeiro de 1900.
COLBACCHINI a BONATO, 04 de janeiro de 1901.

COLBACCHINI a CAVAGNIS, junho de 1896.

COLBACCHINI a COCCHIA, 6 de novembro de 1891.

COLBACCHINI al CONSOLE DI SAN PAOLO, 26 de setembro de 1892.

COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1886.
COLBACCHINI a MANTESE, junho de 1886.
COLBACCHINI a MANTESE, 18 de agosto de 1886.
COLBACCHINI a MANTESE, 28 de fevereiro de 1887.
COLBACCHINI a MANTESE, 29 de junho de 1887.
COLBACCHINI a MANTESE, 21 de agosto de 1887.

COLBACCHINI a MOLINARI, 22 de maio de 1889.
COLBACCHINI a MOLINARI, 3 de junho de 1889.

COLBACCHINI a ROLLERI, 25 de julho de 1888.
COLBACCHINI a ROLLERI, 30 de dezembro de 1888.
COLBACCHINI a ROLLERI, 06 de fevereiro de 1889.
COLBACCHINI a ROLLERI, 06 de março de 1889.
COLBACCHINI a ROLLERI, 15 de julho de 1889.
COLBACCHINI a ROLLERI, 12 de janeiro de 1891.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de outubro de 1887.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de dezembro de 1887.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 10 de março de 1888.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de maio de 1888.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de agosto de 1888.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de dezembro de 1888.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de janeiro de 1889.

COLBACCHINI a SCALABRINI, 24 de janeiro de 1889.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 11 de abril de 1889.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 06 de maio de 1889.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 22 maio de 1889.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 07 de junho de 1889.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 26 de setembro de 1892.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 10 de janeiro de 1894.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 21 de maio de 1894.
COLBACCHINI a SCALABRINI, agosto de 1894.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 02 de outubro de 1896.
COLBACCHINI a SCALABRINI, 09 de dezembro de 1896.

COLBACCHINI a SIMEONI, 25 de outubro de 1891.

COLBACCHINI a SPOLVERINI, 24 de maio de 1888.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 27 de novembro de 1888.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 3 de junho de 1889.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 8 de junho de 1889.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 18 de junho de 1889.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 23 de junho de 1889.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 21 de julho de 1890.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 7 de novembro de 1890.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 30 de abril de 1891.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 11 de maio de 1891.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 8 de setembro de 1891.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 26 de outubro de 1891.
COLBACCHINI a SPOLVERINI, 14 de fevereiro de 1893.

COLBACCHINI a VENDRAMINI, 24 de novembro de 1894.

Relatórios e outros escritos do Padre Pietro Colbacchini

COLBACCHINI a SPOLVERINI. Cinque anni di Missione agli Italiani nella Diocesi di S. Paolo e Paranà in Brasile, 1889.
COLBACCHINI, Pietro. Le condizione degli emigrati nello stato del Paranà in Brasile, 1892.
COLBACCHINI, Pietro. Discorso di congedo, 29 de julho de 1894.
COLBACCHINI, Pietro. Intorno alle condizione presenti dell'emigrazione italiana negli Stati Uniti del Brasile, 1895.
COLBACCHINI, Pietro. Guida spirituale per l'emigrato italiano nell'America, 1896.
COLBACCHINI, Pietro. Pro memoria, 1896.

Jornais

A REPUBLICA. Curitiba , 11 de dezembro de 1889.
A REPUBLICA. Curitiba, 03 de maio de 1890.
A REPUBLICA. Curitiba, 24 de setembro de 1892.

A REPUBLICA. Curitiba, 15 de dezembro de 1892.

A REPUBLICA. Curitiba, 01 de agosto de 1894.

A REPUBLICA. Curitiba, 04 de agosto de 1894.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 17 de novembro de 1877.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 5 de dezembro de 1877.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, 05 de maio de 1880.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 16 de julho de 1883.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 22 de setembro de 1883.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 13 de janeiro de 1887.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 30 de julho de 1887.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 11 de agosto de 1887.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 21 de agosto de 1887.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 25 de agosto de 1887.

Documentos oficiais da Igreja

PAPA PIO IX, *Quanta Cura*, 18 de dezembro de 1864.

Documentos oficiais do Governo do Paraná

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ. Ano de 1877. Arquivo Público do Estado do Paraná.

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ. Ano de 1879. Arquivo Público do Estado do Paraná.

CORRESPONDÊNCIA OFICIAL DA PROVÍNCIA DO PARANÁ. Ano de 1883. Arquivo Público do Estado do Paraná.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE FRANCISCO LIBERATO DE MATOS, apresentado na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, em 7 de janeiro de 1858.

RELATÓRIO apresentado à Assembléia Legislativa do Paraná no dia 4 de junho de 1879 pelo Presidente da Província Exm^o Sr. Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas Filho. Curitiba: Typographia Perseverança, 1879.

Outras fontes

ATESTADO DE ÓBITO DO PADRE ANGELO CAVALLI. Arquivo do Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro.

CARTA DE DOM JOSÉ DE CAMARGO BARROS ao Internúncio Apostólico Monsenhor Gotti. Curitiba, 29 de março de 1895.

CARTA DE PE. ALBERTO JOSÉ GONÇALVES ao Internúncio Apostólico Monsenhor Gotti. Curitiba, 06 de abril de 1895.

CARVALHO, Lino Deodato Rodrigues de. Portaria referente a criação da Capelania Italiana de Curitiba, 14 de fevereiro de 1888.

CARVALHO, Lino Deodato Rodrigues de. Portaria de Faculdades extraordinárias concedida ao Revmo. Pe. Alberto José Gonçalves, 16 de dezembro de 1890.

CENTENÁRIO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. Colombo: Associazione Trevisani nel Mondo, 1995.

MARTINI, P. Giuseppe. Origine e sviluppo della colônia Santa Felicidade. Curitiba: 1908.

PROSPECTO DAS COLÔNIAS ITALIANS DO PARANÁ. Arquivo da Cúria Diocesana de São Paulo.

TELEGRAMA a SUA MAESTÀ RE D'ITALIA. Curitiba, 20 de setembro de 1892. Arquivo da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTOÉ, Valeriano. Napolitanos “nuvens de gafanhotos”. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Vol. 3. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

ALVIM, Zuleika M. F. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)**. Brasiliense: 1986.

_____. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVECENKO, N. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: Da Belle époque a era do rádio**. Vol.3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. Companhia das Letras, 2008.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **O Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana 1895-1995**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

ANDREAZZA, Maria L. & NADALIN, Sergio O. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 11 (1): 61-87, jan/jun, 1994.

_____. & _____. **Imigrantes no Brasil: Colonos e Povoadores**. Curitiba: Nova Didática Editora, 2000.

AZZI, Riolando. **A igreja e os migrantes**. Vol.1. A imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil, 1884-1904. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. Fé e Italianidade: a atuação dos Escalabrinianos e dos Salesianos junto aos imigrantes. In: DE BONI, Luiz A. (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Vol. II. Porto Alegre: EST, 1990.

_____. **O estado leigo e o projeto ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994.

BALDIN, Marco Antônio. **O pacificador beligerante: Alberto José Gonçalves um padre na política paranaense da 1ª República (1892-1896)**. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca, 2006.

BALHANA, Altiva Pilati. **Santa Felicidade**: um processo de assimilação. Curitiba: João Haupt & CIA, 1958.

_____.; MACHADO, Brasil P. e WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná**. 1º vol. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.

_____. **Famílias Coloniais**: Fecundidade e descendência. Tese (Doutorado em História) – UFPR, Curitiba, 1977.

_____. **Santa Felicidade, uma paróquia vêneta no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978.

_____. Imigração italiana no Paraná Curitiba: **Revista Panorama**, 1978.

_____. História Demográfica do Paraná. In: Westphalen, Maria Cecília (Org.). **Un Mazzolino de Fiori**. Vol I. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

_____. Religião e Imigração no Brasil Meridional. In: Westphalen, Maria Cecília (Org.). **Un Mazzolino de Fiori**. Vol III. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

BENEDUZI, Luis Fernando. **Imigração italiana e catolicismo**: entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BIASOLI, Vitor O. F. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

BOSCHILIA, Roseli. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Cores da Cidade: Riachuelo e Generoso Marques. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 23, n. 110, mar. 1996.

_____. **Modelando condutas**: a educação católica em colégios masculinos (Curitiba, 1925-1965). Tese (Doutorado em História) – UFPR, Curitiba, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAVANHA, Jussara Nena. **Colônia Alessandra**. Curitiba: Progressiva, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.

_____. **À beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **Origens culturais da Revolução Francesa.** Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. **O italiano da esquina:** imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST Edições, 2008.

CUCCHINI, Chiara. **A proposito di agenti di emigrazione:** la vicenda di Don Angelo Cavalli – Parroco, agente ed emigrante (1872-1879). Tesi di Laurea – Corso di Storia Contemporanea. Universidade de Padova, 1996.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **Vigiar e punir.** Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

_____. **Segurança, Território e População:** curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRANCESCONI, Mario. **Storia della congregazione scalabriniana.** Vol.III (1888-1905). Roma: Centro Studi Emigrazione, 1973.

FRANZINA, Emilio. **A grande emigração:** o êxodo dos camponeses italianos do Vêneto (1876-1902). Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GEREMIA & VIVIAN, Pes. Mário & Ervino. **Santa Felicidade – Curitiba, o início de uma bela história.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GROSSELI, Renzo Maria. **Dove cresce l'araucaria:** dal Primiero a Novo Tirol. Trento: Effe e Erre, 1985.

_____. **Vencer ou morrer:** camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

GOOCH, John. **A unificação italiana.** São Paulo: Editora Ática, 1991.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBBSBAWM, Eric. **A era do capital.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

JEDIN, Hubert. **Manual de Historia de la Iglesia.** Tomo VII, La Iglesia entre la revolución y la restauración. Barcelona: Editorial Herder, 1978.

KÜNG, Hans. **A igreja católica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um Imigrante Italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. **A preservação da identidade cultural em um grupo imigrante italiano curato de Colombo, Paraná, 1888 – 1910**. Monografia (Graduação em História) – UFPR, Curitiba, 2004.

_____. **A prática da religião católica e a preservação da identidade étnica italiana no Município de Colombo, Paraná, 1878-2008**. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) - UTP, Curitiba, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MANOEL, Ivan Aparecido. **O pêndulo da história: Tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá: EDUEM, 2004.

_____. & ANDRADE, Solange R. de (Orgs.). **Identidades Religiosas**. Franca: UNEPS/FHDS S; Civitas Editora, 2008.

MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

_____. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de italianità e brasilità (1875 – 1930)**. Tese (Doutorado em Educação) - UFPR, Curitiba, 2012.

_____. (Org.). **Memórias de uma colônia italiana: Colombo – Paraná (1878-2013)**. Porto Alegre: EST Edições, 2013.

_____. **Escolarização Pública e Imigração Italiana: A constituição do ensino elementar das colônias ao município (1882 – 1912)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

MERLOTTI, Vânia B.P. **O mito do padre entre os descendentes italianos**. Caxias do Sul: EST/UCS, 1976.

MOLETTA, Susete. **Da Itália para o Brasil**. Porto Alegre: EST, 2002.

NADALIN, Sérgio Odilon. **A origem dos noivos nos registros de casamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba: 1870-1969**. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 1974.

_____. **Paraná:** ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e Italianidades:** jogos de poder no Médio Vale do Itajaí-Açu e no Sul de Santa Catarina. Tese (Doutorado em História) – UFSC, Florianópolis, 2005.

POSSAMAI, Paulo César. **Dall'Italia siamo partiti:** a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2004.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998.

RAMBO, Arthur B. A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional. In: DREHER, Martin N. (Org.). **Populações rio-grandenses e modelos de igreja.** Porto Alegre: Edições EST, 1998.

RANZI, Maria Sirlei Fischer. **Alemães católicos:** um estudo comparativo de famílias em Curitiba (1850-1919). Tese (Doutorado em História) – UFPR, Curitiba, 1996.

REMOND, René (Org.). **Por uma História Política.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1996.

RIZZARDO, Redovino. **João Batista Scalabrini.** Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Raízes de um povo.** Porto Alegre: EST, 1990.

RODARI, Gianni. **Il Treno delle Filastrocche.** Roma: Ed. di Cultura Sociale, 1952.

SABBATINI, Mario. **I Veneti in Brasile.** Edizioni Dell'Accademia Olimpica, Vicenza, 1977.

SANTIN, Silvino. Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil.** Vol. 3. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

SCARPIM, Fábio Augusto. **Bens simbólicos em laços de pertencimento:** família, religiosidade e identidade étnica em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo-PR, 1878-1937). Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2010.

_____. Um guia para a saúde do corpo e da alma: o ideal de catolicidade defendido pelo padre Pietro Colbacchini para as regiões de colonização italiana no Sul do Brasil. **Rever,** vol.15, nº1, Jan/Jun 2015, pp. 93-110.

_____. A atuação do missionário scalabriniano Pietro Colbacchini e o confronto entre catolicismo brasileiro e imigrantes no final do século XIX. In: **Anais Eletrônicos do XXVIII**

Simpósio Nacional de História: lugares dos historiadores velhos problemas e novos desafios. Florianópolis: Anpuh, 2015. v. 1.

_____. **O mais belo florão da igreja:** família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – Paraná, 1937-1965). Tese (Doutorado em História) - UFPR, Curitiba, 2017.

SIGNOR, Lincea M. **João Batista Scalabrini e a migração italiana.** Porto Alegre: Pallotti, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Wlaumir Doniseti de. **Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante.** Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: O Caso Idalina. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Imigração italiana e Igreja: ultramontanismo e neo-ultramontanismo. In: DREHER, Martin N. (Org.). **500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional.** Porto Alegre: Edições EST, 2002.

STADLER, Cleusi Teresinha Bobato. **Colônia Bella Vista:** um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos em Imbituva-PR. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2015.

SUTIL, Marcelo. **Arquitetura Italiana na construção de Curitiba.** Curitiba: M.V. G. Meschino, 2006.

TAMANINI, Paulo Augusto. Silêncio que fala - discurso de disciplinarização na formação religiosa institucional. In: FLORES, Maria Bernardete R.; BRANCHER, Ana Lize. (Org.). **Historiografia 35 anos.** Florianópolis: Letras Contemporâneas Oficina Editorial Ltda, 2011.

TERRAGNI, Giovanni. **Scalabrini e la congregazione dei missionari per gli emigrati.** Aspetti istituzionali 1887-1905. Roma: autorinediti, 2014.

_____. **P. Pietro Colbacchini con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901.** Corrispondenza e scritti. Napoli: Grafica Elettronica, 2016.

TOMAZ, Antonio. **Colônia Imperial Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra:** 120 anos de história: genealogia. Curitiba: Editare, 1998.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico.** São Paulo: Nobel, 1988.

VALENTE, Silza Maria Pazello. **A presença rebelde na cidade sorriso:** contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920. Londrina: Ed. UEL, 1997.

VECHIA, Ariclê. **Imigração e Educação em Curitiba (1853-1889).** Tese (Doutorado em História) – USP, São Paulo, 1998.

VIEIRA, Matheus Machado. "**Viciadas e perversas ou honestas e respeitadas?**" A representação do matrimônio, da mulher e da família no discurso religioso e judiciário: Ponta Grossa (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2014.

VILLA, Deliso. **Storia Dimenticata**. Porto Alegre: EST, 2002.

WERNET, Augustin. **A igreja paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o aggiornamento e o solidão**: práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965). Tese (Doutorado em História) – UFSC, Florianópolis, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1 - ESCRITOS DO PADRE PIETRO COLBACCHINI (1886-1901)

CARTAS		
ANO	QUANTIDADE	NUMERAÇÃO NA TRANSCRIÇÃO DE TERRAGNI
1886	2	1 – 2
1887	8	3 - 10
1888	34	11 – 44
1889	59*	45 – 103
1890	28	104 – 131
1891	33	132 – 164
1892	11	165 – 175
1893	8	176 – 183
1894	27	184 – 210
1895	32	211 – 242
1896	47	243 – 289
1897	5	290 - 294
1898	9	295 – 303
1899	8	304 – 311
1900	14	312 – 325
1901	4	326 – 329
TESTEMUNHOS DE SUA MORTE		
1901	5	330
RELATÓRIOS		
1892/1895	2	331/333
HOMILIA		
1894	1	332
GUIA ESPIRITUAL		
1896	1	334

*Contém também pequenos relatórios e memoriais sobre sua atuação.

HINO DE GARIBALDI

VA FUORI D'ITALIA, VA FUORI STRANIER



Alza con all'armi

Si s'oppon le tombe, si levano i morti,
I Martiri nostri son tutti risorti;
Le spade nel pugno gli allori alle chiome,
La fiamma ed il nome — d'Italia sul cor
Corriamo, corriamo, su, giovani schiere,
Su al veggio per tallo le nostre bandiere
Su tutti col ferro, su tutti col fuoco,
Su tutti col nome — d'Italia nel cor,
Va fuori d'Italia, va fuori che è l'ora
Va fuori d'Italia, va fuori o stranier.

La terra de' fuori, dei suoni dei carmi
Ritorni qual'era la terra dell'armi,
In cento catene ci avvinser la mano...
Ma ancor di Legnano - sa i ferri brandir.
Bastone Tedesco l'Italia non doma,
Non crescono al giogo le stirpi di Roma
Più Italia non vuole straniero tiranni
Già troppi son gli anni - che dara il servir.
Va fuori d'Italia, va fuori che è l'ora
Va fuori d'Italia, va fuori, o stranier.



Let case d'Italia son fatto per noi;
È là sul Danubio la casa dei tuoi;
Tu i campi ci guasti; in il pane e' involi;
I nostri figliuoli — per noi li vogliam,
Son l'Alpi e i due mari d'Italia i confini
Col carro del fuoco rompiam gli Appennini;
Distrutto ogni segno di vecchia frontiera
La nostra bandiera — per tutto innalziam
Va fuori d'Italia, va fuori che è l'ora
Va fuori d'Italia, va fuori, o stranier.

Sian mute le lingue, sian procte le braccia
Soltanto al nemico volgiamo la faccia;
E tosto oltre i monti n'andrà lo straniero
Se un solo pensiero — l'Italia sarà.
Non basta il trionfo di Barbare spoglie
Si chiudan ai ladri d'Italia le soglie
Le genti d'Italia son tutte una sola
Son tutte una sola - le cento Città.
Va fuori d'Italia, va fuori che è l'ora
Va fuori d'Italia, va fuori, o stranier.

Va fuor la Cittade d'Italia regina
Finora dappressa da inganni e rapina
Che mentre la stirpe dei Borboni
Sol d'armi e cannoni - fu ricca città
La terra del genio per te non e fatta
Per te che l'infanzia ocora tua schiatta
Va fuggi l'invola, o la giusta vendetta
Dal Cielo t'aspetta - Va, fuggi va va.
Va fuori d'Italia, va fuori che è l'ora
Va fuori d'Italia, va fuori, o stranier.

L.6.

ANEXO 3 - MATRÍCULA DE SÓCIOS DA SOCIEDADE GIUSEPPE GARIBALDI

Società Italiana di Beneficenza Giuseppe Garibaldi – Matricola dei Soci						
Número d'ordine	Nome e Cognome	Età anni	Paese	Data del Entrata	Data del Uscita	
1	Antonio Carnasciali	36	Pisa (Pisa/Toscana/Italia Centrale)	19 Novembre 1883		Negoziante
2	Domenico de Luca	35	Camerota (Salerno/Campania/Italia Meridionale)	“	“	“
3	Andrea Petrelli	34	Rotondella (Matera/Basilicata/ Italia Meridionale)	15 Giugno 1884		Muratore
4	Gabriele Carnasciali	35	Pisa (Pisa/Toscana/Italia Centrale)	19 Novembre 1883		Negoziante
5	Giuseppe Reboli	34	S. Pietro di Barbozza-Valdobbiadene (Treviso/Veneto/Italia Setentrionale)	22 “	“	“
6	Luigi de Luca	37	Camerota (Salerno/Campania/Italia Meridionale)	“	“	Lattiniere
7	Olivo Carnasciali	5	Coritoba (Paraná/Brasile)	“	“	Studiante
8	Rainieri Carnasciali	-	Coritoba (Paraná/Brasile)	“	“	“
9	Angelo Vendramin	38	Treviso (Treviso/Veneto/Italia Setentrionale)	“	“	Muratore
10	Giuseppe Carli	53	Rivalta-Rodigo (Mantova/Lombardia/Italia Setentrionale)	12 Dicembre 1883		Agricoltore
11	Ferdinando Carli	47	Rivalta-Rodigo (Mantova/Lombardia/Italia Setentrionale)	“	“	Muratore
12	Enrico Palermo	26	San Fili (Cosenza/Calabria/Italia Meridionale)	20 “	“	+ 1 Agosto 1892
13	Pietro Manfredini	33	Cremona (Cremona/Lombardia/Italia Setentrionale)	“	“	Calzolaio
14	Francesco Castellani	32	San Fili (Cosenza/Calabria/Italia Meridionale)	1 Febbraio 1884		Agricoltore
15	Santo Blasio	28	San Fili (Cosenza/Calabria/Italia Meridionale)	“	“	Falegname
16	Giovanni Bleggi	24	Riva del Garda-Tirolo (Trento/Trentino-A.-A./ Italia Set.)	15 Maggio 1884		Sarto
17	Biagio Falci	50	Casaletto Spartano (Salerno/ Campania/Italia Merid.)	20 Novembre 1884		Lattiniere
18	Pietro Posdecimo	29	[Im]Bigolino- Valdobbiadene (Treviso/Veneto/Italia Set.)	29 “	“	Sarto
19	Pietro Lazzarotti	42	Vicenza (Vicenza/Veneto/Italia Setentrionale)	“	“	Muratore
20	Baldassare Mattana	37	Valstagna (Vicenza/Veneto/Italia Setentrionale)	20 Novembre 1885		Negoziante
21	Antonio Lettieri	20	Sapri (Salerno/Campania/Italia Meridionale)	8 Giugno 1886		“
22	Luigi Malvasori	36	Sesto ed Uniti (Cremona/Lombardia/Italia Setentrionale)	7 Agosto 1886		“
23	Pietro Scarmoncin	55	Valstagna (Vicenza/Veneto/Italia Setentrionale)	15 “	“	-
24	Giovanni Vello	34	Feltre (Belluno/Veneto/Italia Setentrionale)	4 Settembre “		Falegname
25	Antonio Monastieri	34	Belluno (Belluno/Veneto/Italia Setentrionale)	30 Aprile 1887		“
26	Giovanni Sperandio	37	Vittorio Veneto (Treviso/Veneto/Italia Setentrionale)	1 Maggio 1887		“
27	Luigi Salomon	31	Treviso (Treviso/Veneto/Italia Setentrionale)	20 “	“	Negoziante
28	Eugenio Bardelli	35	Como (Como/Lombardia/Italia Setentrionale)	“	“	“
29	Edoardo Canziani	28	Como (Como/Lombardia/Italia Setentrionale)	“	“	Muratore
30	Pietro Bianco	22	Verona (Verona/Veneto/Italia Setentrionale)	“	“	Scalpellino

ANEXO 4 – PROCEDÊNCIA REGIONAL DOS MEMBROS DA SOCIEDADE ITALIANA GIUSEPPE GARIBALDI

Procedência regional dos membros da Sociedade Italiana Giuseppe Garibaldi					
Parte da Itália	Região	Província	Número	Total por região	%
Setentrional 18	Veneto	Treviso	5	11 = 37 %	60,5%
		Vicenza	3		
		Belluno	2		
		Verona	1		
	Lombardia	Mantova	2	6 = 20%	
		Cremona	2		
		Como	2		
Trentino Alto Adige	Trento	1	1 = 3,5%		
Meridional 8	Campania	Salerno	4	4 = 13%	26,5%
	Calabria	Cosenza	3	3 = 10%	
	Basilicata	Matera	1	1 = 3,5%	
Central 4	Toscana	Pisa	4	4 = 13%	13%

ANEXO 5 – ESTATÍSTICA DA PARÓQUIA DE CURITIBA ANO DE 1889

SACRAMENTOS REALIZADOS	NÚMERO TOTAL	NÚMERO E PORCENTAGEM NAS COLÔNIAS POLACAS	NÚMERO E PORCENTAGEM NAS COLÔNIAS ITALIANAS	NÚMERO E PORCENTAGEM EM AMBAS AS COLÔNIAS
Batizados	1339	194 -14,5%	180 – 13,5%	374 – 28%
Casamentos	264	29 – 11%	33 – 12,5%	62 – 23,5%
Óbitos	576	61 – 10,5%	53 – 9,5%	114 – 20%
TOTAL	2179	284 – 13%	266 – 12%	550 - 25% = ¼

• Fonte: A REPUBLICA, 03 de maio de 1890.

